



UNIVERSIDADE
CATÓLICA
PORTUGUESA

DISPOSITIVOS DIGITAIS COMO OS NOVOS
BABYSITTERS: MEDIAÇÃO PARENTAL E PRÁTICAS
DIGITAIS EM FAMÍLIAS COM CRIANÇAS DOS 3 AOS
6 ANOS

Dissertação apresentada à Universidade Católica
Portuguesa para obtenção do grau de Mestre em
Ciências da Comunicação – Internet e Novos Media

Por

Catarina Nascimento Piçarra de
Oliveira Retancha

Faculdade de Ciências Humanas

Outubro de 2023



UNIVERSIDADE
CATÓLICA
PORTUGUESA

DISPOSITIVOS DIGITAIS COMO OS NOVOS
BABYSITTERS: MEDIAÇÃO PARENTAL E PRÁTICAS
DIGITAIS EM FAMÍLIAS COM CRIANÇAS DOS 3 AOS

Dissertação apresentada à Universidade Católica
Portuguesa para obtenção do grau de mestre em
Ciências da Comunicação – Internet e Novos Media

Por

Catarina Nascimento Piçarra de
Oliveira Retancha

Faculdade de Ciências Humanas

Sob orientação de Professora Doutora
Patrícia Dias

Resumo

Crescer numa sociedade digital é crescer envolto de estímulos que moldam o dia-a-dia dos indivíduos e a forma como se relacionam. A vida em família foi impactada pela conjuntura digital e os meios digitais desenham hoje as suas rotinas. Nesta realidade, as crianças são expostas aos meios digitais desde cedo e são utilizados como os seus *babysitters*. Pela sua atualidade e complexidade esta é uma temática pertinente a ser explorada.

Esta investigação pretende procurar compreender como decorrem os processos de mediação parental nas famílias entrevistadas, entender o que está por detrás destes processos, assim como as motivações associadas à disponibilização dos dispositivos digitais às crianças. Para além disto, tenciona também compreender-se como se expressa o *babysitting* através dos meios digitais.

Para isto, desenhou-se uma metodologia que consiste na análise temática de entrevistas semiestruturadas realizadas a 10 famílias, a figuras parentais e às crianças, em que se verifique a utilização de meios digitais.

Em torno dos objetivos desenhados para esta investigação, formulou-se a pergunta de partida “*Como decorrem os processos de mediação parental e se expressa o babysitting através de meios digitais em crianças dos 3-6 anos?*” à qual se obteve resposta.

Face aos resultados obtidos, compreende-se que a mediação parental se expressa através da disponibilização dos meios digitais às crianças, através da implementação de medidas e regras sobre os usos, mas também através da própria perspetiva dos pais face aos meios digitais que impacta a sua ação para com eles, e também a participação conjunta entre pais e crianças na utilização dos dispositivos. Compreende-se também que em todas as famílias se verifica, ou já se verificou outrora, o papel de *babysitter* desempenhado pelos meios digitais, mesmo nas famílias que não reconhecem recorrer a essa prática. O *babysitting* expressa-se através da disponibilização dos meios digitais com intuito de entreter a criança, e atua sobre esta como um substituto temporário do papel parental.

Palavras-chave: Meios digitais; mediação parental; *babysitting*; *babysitters* digitais; pais; crianças.

Abstract

To grow up in a digital society is to grow surrounded by stimuli that shape the individual's day to day and the way they relate with each other. The family life was impacted by the digital structure and the digital media draw today their routines. In this reality, children are exposed to digital media since early age, and these are used as their babysitters. For its current characteristic and complexity this is a relevant theme to be explored.

This investigation looks to understand how the parental mediation processes occur in the families interviewed, what's behind those processes, as well as the motivations to make the digital media available to children. Furthermore, this investigation intends to understand how the babysitting expresses itself through digital media.

The methodology consists in a thematic analysis of 10 semi-structured interviews with families, parents and children, who use digital media.

It was possible to answer to the question elaborated. In light of the results, it's possible to understand that de parental mediation expresses itself through the way the parents make the digital media available to them, through the rules applied to the digital uses, through the parents' perspective about the digital media that impacts their action with it, and also the co participation of parents and kids in the use of digital media. It's possible to understand that the digital media act, or used to act, as babysitters in the families, even those that don't recognize it. Babysitting expresses itself through the way parents make the digital media available in order to make them entertained, and here the digital media act as a temporary substitute for the parental role.

Keywords: Digital media; parental mediation; babysitting, digital babysitters; parents; children.

Agradecimentos

O processo de realização desta dissertação foi complexo, extenso e muito exigente, e por isso a conclusão da mesma surge como uma etapa cumprida que colocou à prova a minha resiliência.

Pude contar com o carinho, apoio, de pessoas que são especiais na minha vida, o que foi uma grande ajuda ao longo deste percurso.

À minha família, principalmente aos meus pais e irmã, pela força e motivação, e por nunca me terem permitido desistir.

A todos aqueles que durante esta etapa me fizeram sorrir e se riram comigo, me apoiaram, motivaram e me deram a mão.

À minha orientadora, Prof.^a Doutora Patrícia Dias pelo apoio, disponibilidade e por não ter desistido de mim.

Todos foram essenciais para conseguir alcançar este objetivo.

A minha sincera gratidão a todos eles.

ÍNDICE

INTRODUÇÃO	7
Parte I – Enquadramento Teórico	9
Capítulo 1 – A vida na Sociedade digital.....	9
1.1 Sociedade Digital.....	9
1.2. Família num mundo digital	20
2.2. O Brincar	42
Capítulo 3 – Pais, filhos, e os novos <i>babysitters</i>	50
3.1. Mediação Parental	50
3.2. Incentivo para o uso de meios digitais	59
3.3. Os meios digitais como <i>babysitters</i>	64
Parte II – Estudo Empírico.....	70
Capítulo 4 – Metodologia	70
4.1. Objeto de estudo, objetivos e questões de investigação	70
4.2. Posicionamento Científico.....	71
4.3. Estratégia Metodológica	71
4.4. Amostra e Técnicas de Recolha de Dados.....	72
4.5. Técnica de análise de dados	75
Capítulo 5 – Apresentação e discussão dos resultados.....	81
5.1. Caracterização da amostra.....	81
5.2. Apresentação e discussão dos resultados obtidos das Entrevistas aos Pais.....	83
5.3. Apresentação e discussão dos resultados das Entrevistas às Crianças	114
Limitações do Estudo	128
Conclusão	129
Referências Bibliográficas	135
ANEXOS	145

Índice de Tabelas

Tabela 1	32
Tabela 2	76-78
Tabela 3	79-80
Tabela 4	81-83

INTRODUÇÃO

O mundo em que vivemos está em constante mudança, e a realidade de hoje apresenta alterações significativas face a anos prévios. O desenvolvimento tecnológico e digital tem sido motor de transformações na vida do ser humano, gerando impacto nas rotinas das famílias. Nisto, as interações estabelecidas entre os membros das famílias, e a relação entre estes, poderão ser, de certa forma, mediadas e caracterizadas através da influência de meios como os digitais. Às figuras parentais reconhece-se o papel de principal figura cuidadora das crianças. No entanto, entende-se que estas suas funções têm vindo a ser partilhadas por algo que cada vez mais parece ter a sua própria identidade: os meios digitais. As crianças que nascem envoltas numa conjuntura de realidade digital crescem impactadas por estímulos desde cedo. A conjuntura de uma sociedade digital trouxe consigo novas formas de ser, estar, brincar, e a infância das crianças de hoje é significativamente diferente da de gerações anteriores. Hoje, os brinquedos como as bonecas, os carros, partilham espaço com os meios digitais, e os *babysitters* partilham agora palco de ação com os *babysitters* digitais.

A pertinência desta temática entende-se pela característica emergente da mesma, pelo facto de ser algo que cada vez mais se verifica, mas também pela sua complexidade que aborda não só relações e interações humanas como as próprias relações humanas em torno de um aparelho digital.

O principal objetivo desta investigação consiste em explorar e tentar compreender de que forma ocorrem os processos de mediação parental nas famílias entrevistadas, o que é que os impacta ou condiciona e como é que é atribuído pelos pais e desenhado o papel de *babysitter* desempenhado pelos meios digitais em torno das crianças. Deste modo, esta investigação guiar-se-á pela seguinte pergunta de partida: *Como decorrem os processos de mediação parental e se expressa o babysitting através de meios digitais em crianças dos 3-6 anos?*

Aliado a isto, esta investigação irá ainda incidir foco noutras questões que pretendem contribuir para uma melhor compreensão da temática: *De que modo as características das famílias e dos pais geram impacto no papel desempenhado pelos meios digitais no meio familiar e nos seus usos?; Quais as preocupações e regulações dos pais para com os usos dos meios digitais pelas crianças; Quais os momentos em que a disponibilização dos meios digitais às e incentivo para seu uso é maior?; Os meios digitais são considerados*

babysitters crianças pelas famílias?. Estas são, assim, as questões a que esta investigação se propõe a refletir sobre e responder.

A estrutura desta investigação apresenta-se dividida em duas partes distintas, sendo a Parte I referente ao enquadramento teórico e a Parte II referente ao estudo empírico e metodologia. A parte I é constituída por três capítulos, sendo que o capítulo 1 apresenta uma contextualização da sociedade digital onde se pretende compreender o lugar do indivíduo, especialmente da criança, nesta, e como são impactados por essa conjuntura. Explora ainda a temática das estruturas das famílias, o papel das figuras parentais no bem-estar e desenvolvimento das crianças, os significados partilhados entre os membros das famílias, e incide também foco no ecossistema digital das famílias e nas interações entre os meios digitais e os indivíduos. O capítulo 2 incide sobre o impacto dos desenvolvimentos tecnológicos e digitais na infância e no brincar das crianças. Por fim, o capítulo 3 possui uma abordagem mais específica e próxima da temática em questão, abordando o conceito da mediação parental e as estratégias aplicadas nesse contexto, explora também as motivações dos pais associadas à disponibilização que fazem dos meios digitais às crianças, mas também a própria utilização dos meios digitais como meios de incentivo em torno de ações, destacado através de teorizações de Skinner (1974/2002). Este capítulo foca ainda o conceito de *babysitting*, procura defini-lo e compreender a associação deste aos meios digitais e como decorre a ação destes dispositivos digitais enquanto *babysitters* no meio familiar e em torno das crianças.

A parte II desta investigação encontra-se estruturada em dois capítulos. No capítulo 4, é apresentada a metodologia de investigação, o objeto de estudo, os objetivos, as questões de investigação, o posicionamento científico e a técnica de recolha de dados. No capítulo 5 insere-se a caracterização da amostra e é realizada a apresentação e discussão dos resultados obtidos através das entrevistas aplicadas a 10 famílias. Neste capítulo, são então apresentados os dados recolhidos através das entrevistas com as figuras parentais e com as crianças, e são discutidos e interligados com as questões de investigação.

Parte I – Enquadramento Teórico

Capítulo 1 – A vida na Sociedade digital

1.1 Sociedade Digital

A ideia em torno daquilo que é a sociedade é constante objeto de estudo, devido à complexidade deste fenómeno e a tudo o que envolve, principalmente por não apresentar um cariz, e características, estáticas ao longo do tempo. Nomeadamente, MacIver e Page (1950) referem-se à mesma como uma estrutura de relações e interações, constituída por normas e ações de cooperação mútua entre diversos grupos de indivíduos. O indivíduo representa uma parte fulcral daquilo que constitui uma sociedade, pois esta não pode existir, de forma independente, sem o mesmo. Por sua vez, o próprio indivíduo necessita da estrutura de uma sociedade e das condições que apresenta, pois é esta que estabelece as normas sob as quais este deve agir, em torno de si próprio e dos outros, assim como em relação ao meio em que se insere. Copp (1992), discute, também, a sociedade enquanto conceito e estrutura. O autor afirma que as sociedades não são sistemas fechados e isolados daquilo que as rodeia, visto que podem ser influenciadas por características de diferentes realidades e ser também, de certa forma, parte delas. O mundo encontra-se envolto em diferentes sociedades, cada uma delas constituída por estruturas e fatores específicos que influenciam os hábitos, as decisões e os estilos de vida dos seus integrantes, assim como constroem a identidade de cada sociedade e a caracterizam interna e externamente (Urry, 1998). Outra peça determinante face às características de uma sociedade, é o tempo (Copp, 1992, p. 204), cujas consequências da sua evolução têm sido, nos últimos anos, responsáveis por significativas transformações, no que diz respeito a aspetos técnicos, económicos, sociais, tecnológicos, entre outros. Estas transformações, nomeadamente, associadas a desenvolvimentos tecnológicos, impactaram a vida do Homem e moldaram a conjuntura das sociedades do mundo. Toffler (1980) à data da sua obra, refletiu acerca do clima de mudança que se fazia sentir, espoletado, direta e indiretamente, por fenómenos marcantes na história como as revoluções agrícola e industrial, que trouxeram adições à vida humana, como o trabalho mecanizado, desenvolvimento técnico, produção em massa e um acesso mais facilitado a bens e produtos (Hobsbawm, 1969; Toffler, 1980; Datheim, 2003; Cavalcante & Silva, 2011). Estes acontecimentos em cadeia deram aso a novos modos de vida proporcionados pela energia elétrica, e ao surgimento de aparelhos como o telefone, que consequentemente

abriram caminho a um mundo de novas oportunidades comunicacionais, cujas repercussões são sentidas hoje (Dathein, 2003). A partir desta reflexão, e motivado pela sua posição futurista, Toffler (1980) mostrou crer no advento de uma nova realidade, uma sociedade pós-industrial predominantemente tecnológica, produto dos avanços técnicos previamente mencionados. O autor acreditava que nesta sociedade vindoura, o Homem ver-se-ia rodeado de aparelhos e estímulos tecnológicos de modo que a interação com estes e com o meio que os rodeia seria constante (Toffler, 1980). Segundo ele, elementos como “as casas e os carros” (1980, p. 352), usufruiriam das características desta nova sociedade, e possuiriam uma ligação eletrônica que permitiria a potencialização do seu funcionamento, gerando um ambiente de comunhão entre o Homem e a tecnologia. Esta ideia de uma era de mudanças tecnologicamente geradas, e a caracterização do seu impacto na emergência de uma nova realidade, é algo também mencionado por outros autores que descrevem a previsão de algo semelhante, atribuindo-lhe terminologias diferentes, como é o caso de McLuhan e do seu conceito de aldeia global. Este foi utilizado por McLuhan (1962) com o intuito de descrever o poder do impacto tecnológico que permitiria a quebra de barreiras físicas e temporais através da comunicação e originaria um mundo interligado, mais próximo e alcançável, como se de uma aldeia se tratasse (Gibson & Murray, 2012). McLuhan acreditava que os meios tecnológicos estavam a transformar as relações humanas e os seus processos de comunicação, de maneira que interligavam o mundo numa só unidade e possibilitavam uma mais rápida e fácil difusão de informação (Hensby, 2011, p. 17). Assim, esta noção de aldeia global era expressa no sentimento de unidade produzido pelas tecnologias que permitiam que o mundo estivesse conectado em torno da comunicação e informação. Muitos dos efeitos do desenvolvimento técnico e tecnológico referidos por Toffler (1980) e McLuhan (1962), sentiram os seus traços a ser desenhados em alturas de grande mudança na história. Por isto, é extremamente importante reconhecer a existência de um fator evolutivo, e de ligação entre o passado e o presente, nos alicerces da história, principalmente em momentos de profundas mudanças, como é o caso da era industrial, cujos efeitos são refletidos na estruturação das sociedades do mundo, que desde então têm evoluído progressivamente em torno de uma mecanização da vida do ser humano (Fonseca, 1967; Corfield, 2009; Ogunniyi, 2012). Tendo isto em consideração, tanto McLuhan como Toffler parecem ter apresentado uma previsão sólida do que viria a ser a realidade do mundo de hoje.

Lupton (2015) afirma que a sociedade característica da realidade do século XXI é digital, e, tal como o nome indica, é extremamente influenciada por tecnologias e estímulos digitais que moldam as relações e os estilos de vida dos seus integrantes. Nesta sociedade, o predomínio dos meios digitais é confirmado pelas transformações verificadas, não só no meio social, mas também em áreas como a economia e o comércio, que cada vez mais se ajustam a estes moldes e às suas práticas. A visão de Lupton (2015) pode, ainda, reforçar aquilo que foi mencionado pelos autores previamente referidos, pois afirma que estas transformações não ocorreram de forma imediata, visto que são produto de um processo de evolução progressivo, que contou com mudanças estruturais nas variadas sociedades do mundo, aliadas ao desenvolvimento de novos aparelhos e meios de comunicação. Segundo Redshaw (2020), uma das características mais vincadas da sociedade digital em que vivemos diz respeito ao facto de “pessoas por todo o mundo estarem agora conectadas através de novos dispositivos” (p. 426). Vive-se num “ambiente intelectualizado conectado a redes globais (...) que substitui a energia por informação enquanto a principal fonte de vida humana” (Ledvin & Mamlok, 2021, p. 12). Para além disto, a conjuntura da sociedade atual permite ainda que a “distância não seja um obstáculo à comunicação” (Bauman, 2003, p. 62). A teorização de McLuhan não possuía necessariamente pretensões de prever a realidade futura, pois o autor acreditava que o mundo já correspondia a uma aldeia global, contudo são vários os autores que transpõem este seu conceito para o mundo de hoje. Mesmo sem o saber, McLuhan parece ter previsto aquilo que seria a realidade tecnológica do século XXI, que devido a múltiplos e constantes progressos técnicos, envolve a sua população numa rede de conectividade invisível que permite uma ligação e interação entre as pessoas do mundo, assim como um maior alcance da informação (Moreno, 2013). Esta realidade, podendo ser caracterizada como predominantemente tecnológica e digital, cresceu lado a lado de um processo de digitalização da informação que introduziu aparelhos como o computador, ou o telefone, otimizados para operar em largas redes de conectividade. Segundo Lindgren (2017), “as nossas vidas, as nossas relações, a nossa cultura, e a nossa sociabilidade são digitalizados e afetados através de processos digitais” (p.7). Este processo de digitalização consiste na “transformação de variadas ações, previamente físicas ou analógicas, em sistemas de dados digitais” (Dufva & Dufva, 2019, p. 18). Assim, e tendo em conta a natureza desta nova realidade, é importante reconhecer que esta se encontra profundamente dependente daquela que é a maior rede da atualidade, a Internet (Chaouchi & Bourgeau, 2018, p. 1). Esta rede, inicialmente utilizada para fins

“militares e de pesquisa” (Redshaw, 2020, p. 425) trouxe alterações significativas à nossa forma de estar e comunicar em sociedade. Na década de 1980, os computadores começaram a ser desenvolvidos para serem adaptados e utilizados no meio doméstico, que para além de propósitos de tratamento de informação, visavam fins de lazer, o que neste último parâmetro, levou à criação de jogos incorporados nos computadores, permitindo com que muitas crianças e jovens ganhassem contacto com os aparelhos e desenvolvessem as aptidões inerentes (Athique, 2013). O crescimento da Internet foi notório, e entre a década de 1990 e o início dos anos 2000, esta e os seus constituintes, foram reconhecidos como um novo meio de comunicação (Rosa, 2012, pp. 106-107). Este crescimento da Internet é reforçado por Formosinho e Reis (2019):

“A ‘rede de redes’ tinha já em 1988 cerca de 60.000 sistemas centrais, em 1992 abria-se à exploração comercial e viria a assimilar 21 mil redes em 1995, com 40 milhões de usuários e 2 milhões de computadores em 68 países. Porém havia de atingir rapidamente os 200 milhões de computadores em rede no ano de 1999 e desde então, o número de utilizadores não tem parado de crescer, atingindo, em 2011, os dois biliões de subscritores.” (Formosinho e Reis, 2019, p. 481).

A Internet, em conjunto com as funcionalidades a ela associadas, apresenta-se como um sistema global de acesso público que visa uma ação participativa dos seus utilizadores (Athique, 2013, pp. 13-14). Vivemos, hoje, numa realidade acelerada, num “mundo dinâmico, que se encontra em contínua e rápida mudança” (Levin & Mamlok, 2021, p. 1) e, também, a Internet não cessou de evoluir. A *World Wide Web*, parte integrante da Internet e conhecida como “o maior meio de informação do mundo” (Ibrahim, 2021, p. 20) conta no seu processo de evolução com a Web 1.0, Web 2.0, Web 3.0, e parece estar a alcançar uma nova etapa, a Web 4.0. Esta, apesar de ainda não reunir muitas certezas face à sua definição, é prevista de deter destaque entre “2020 e 2030, sendo associada com tecnologias como inteligência artificial, nanotecnologia” (Ibrahim, 2021, p. 20), assim como prevê ser um espaço onde “a mente humana e as máquinas podem interagir em simbiose” (Aghaei, Farsani & Nematbakhsh, 2012, p. 2). Ao mencionar a Internet, torna-se importante, também, mencionar outro conceito característico da sociedade digital. A *Internet of Things* (IOT) é um conceito que se encontra incorporado na Web 4.0 (Ibrahim, 2021, p. 20), e que já se verifica implementado em muitas situações do dia-a-dia, através do estabelecimento de uma ligação entre objetos e a Internet, conectando-os, originando assim um novo leque de oportunidades e soluções à vida na sociedade moderna (Kumar, Tiwari & Zymbler, 2019,

p. 1). Neste sentido, por exemplo, “drones que disponibilizam informação acerca de tráfego rodoviário” (Kumar, Tiwari & Zymbler, 2019, p. 2), “carros, máquinas, frigoríficos” (Haller, 2010, p. n/d), ao estarem ligados à internet, reforçam a ideia de um mundo conectado e digital, transformam rotinas e dão a conhecer novos conceitos como “*Smart city, Smart Homes*” (Kumar, Tiwari & Zymbler, 2019, p. 1). Esta, que cada vez mais é uma realidade no mundo desenvolvido, alinha-se assim com a ideia de Toffler, mencionada no início deste capítulo, quando este afirmou que a evolução do mundo caminhava para uma realidade de maior ligação entre o Homem e a tecnologia, onde “as casas e os carros” (1980, p. 352) beneficiariam dessa mesma ligação. Neste seguimento, é ainda relevante apresentar o conceito de Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC) que hoje se entendem como meios digitais. Assim, os meios digitais incluem aparelhos como os computadores, os *smartphones*, entre outros, que através do seu processo de digitalização dinamizaram a comunicação e a transmissão de informações, tornando ambos os procedimentos mais imediatos e de maior alcance (Afonso *et al.* 2010; Uzun, 2015; Ratheeswari, 2018). Para além disto, estes posicionam-se como um elemento central nesta realidade moderna, pois encontram-se envolvidas em atividades essenciais para o bom desenvolvimento e bem-estar em sociedade, inclusive, “a atividade económica, a produção de riqueza, o nível e a qualidade de vida” (Santinha, Marques, Castro, 2006, p. 80). É possível compreender, assim, que a “tecnologia digital é um pilar da Sociedade Digital” (Levin & Mamlok, 2021, p. 11), e que esta última se pode descrever como “uma sociedade caracterizada por informação que flui através de redes globais a velocidades sem precedentes” (Redshaw, 2020, p. 425).

Embora, até então, tenha sido mencionado o termo “sociedade digital” para descrever a conjuntura da realidade atual, existe alguma discussão em relação à escolha do termo que melhor se poderá adaptar à mesma. Enquanto para alguns autores, o termo “sociedade digital” reflete na plenitude a realidade do mundo atual que se encontra impactada por “ferramentas de comunicação em rede digital e plataformas, como a Internet e redes sociais” (Lindgren, 2017, p. 4), para outros, termos como “Sociedade pós-industrial, Sociedade de Informação, Sociedade em Rede” (Lindgren, 2017, p. 4; Redshaw, 2020, p. 425) poderão fazer mais sentido. Por sua vez, Silverstone e Osimo (2005) preferem a referência a uma sociedade comunicacional, que destaca a atividade de comunicação entre indivíduos como o elemento onde os meios tecnológicos mais exercem impacto. Surge ainda, a ideia de uma sociedade do conhecimento, derivada da

fácil acessibilidade à informação, e consequentemente, ao conhecimento (Schiavoni, 2008). Por sua vez, Castells, opõe-se aos termos anteriormente referidos, mencionando que o “conhecimento e informação” (Castells & Cardoso, 2005, p. 17) sempre foram fatores presentes na generalidade da realidade humana, e que o elemento a enaltecer é a “base microeletrônica” (2005, p. 17) das sociedades atuais, que impulsionou o surgimento de uma organização em rede. O sociólogo espanhol vê as sociedades da era da informação como conjunturas cujo funcionamento se encontra dependente de estruturas de redes, que constituem a base destas sociedades, e se expressam numa conectividade e interdependência entre variadas áreas e setores de atividade (Lupton, 2015). Segundo Castells (2005), o Homem vive sob as condições de uma sociedade em rede, uma estrutura aberta e global, desenvolvida em torno de redes cujo desempenho cabe às tecnologias digitais, e que são interconectadas e impulsionadas por “redes digitais de computadores que geram, processam e distribuem informação com base no conhecimento acumulado nos nós dessas mesmas redes” (Castells & Cardoso, 2005, p. 20), nomeadamente a maior rede da atualidade, a Internet (Castells, 2014). Uma caracterização à sociedade atual é também realizada por Van Dijck (2018) que a define com o termo “sociedade das plataformas”. Deste modo, a autora refere-se à realidade dos dias de hoje como “uma sociedade onde o tráfego económico e social é progressivamente canalizado por um ecossistema de plataforma *online* global que é conduzido por algoritmos e alimentado por dados” (Van Dijck, 2018, p. 4). Van Dijck refere as plataformas *online*, como “*Uber*, *Facebook*” (2018, p. 1), entre outras, como meios que proporcionam a aquisição de determinados serviços de uma forma mais eficiente e prática para o utilizador, sendo uma ponte auxiliar para a realização de variadas ações do quotidiano. O termo que utiliza para descrever esta realidade reflete-se na forma como estas “plataformas penetraram o coração das sociedades (...) enfatizam a relação entre plataformas *online* e estruturas sociais (...) plataformas enquanto parte integral da sociedade” (Van Dijck, 2018, p. 2). Embora com diferenças nas suas concetualizações, os termos previamente enunciados pelos respetivos autores, pretendem classificar uma sociedade onde a informação e as tecnologias digitais representam pilares importantes para a estruturação e funcionamento da mesma, sendo, por isso, denominações como “Sociedade Digital, Sociedade de Conhecimento, Sociedade de Informação, Sociedade em Rede, classificadas, muitas vezes, como sinónimos” (Dubinina, Gulyaeva & Kompaneeva, 2020, p. 36). Estas duas últimas, podem ser ainda vistas como diferenciadas pelo facto de que a Sociedade de Informação remete para a “automação computadorizada, enquanto a Sociedade em Rede

espelha as suas consequências” (Athique, 2013, p. 17). Mesmo com diferentes terminologias, parece existir um consenso face à ideia de que a sociedade atual é estruturada e influenciada pelo desenvolvimento nas áreas da comunicação e da eletrónica, maioritariamente em países desenvolvidos (Lupton, 2015). Hoje, somos parte de uma sociedade impactada por estímulos digitais, que reconhece à Internet o mesmo papel fundamental que a energia elétrica possuiu enquanto motor de “transformação tecnológica na Era Industrial” (Castells, 2014, p. 132). Ora, visto que a comunicação é parte essencial da atividade humana (Sen, 2015), quaisquer modificações face às formas de comunicar reproduzirão impacto na postura do Homem enquanto membro de uma sociedade. E, embora os meios de comunicação tradicionais tivessem sido, durante vários anos, os principais responsáveis pela transmissão e divulgação, em massa, de informação e cultura (Formosinho & Reis, 2011), isto alterou-se com a chegada dos meios digitais. Assim, os meios de comunicação tradicionais, que detinham o papel de principais agentes de transmissão de informação e de formação de opinião, partilham hoje muitas das suas funções com os novos *media* que permitem um acesso e divulgação de informação mais dinamizado, rápido, e de maior alcance, em comparação com estes (Silva, 2006). Esta partilha de protagonismo, entre o tipo de plataformas mencionadas, assinala mudanças nos processos e modelos de comunicação. Isto é, a Internet, juntamente com o seu sistema em rede, permite uma comunicação flexível, global e instantânea, capaz de transcender barreiras físicas e temporais, podendo ser, ainda, realizada em qualquer altura e através de diversos formatos (Castells, 2001). Para além disto, o cariz interativo deste novo meio de comunicação originou uma relação de proximidade entre o próprio e os seus utilizadores, concedendo-lhes a função de “*prosumer*”¹ (Toffler, 1980, p. 266), que a arquitetura dos meios tradicionais carecia. Deste modo, a realidade digital da atualidade quebrou os modelos de produção e distribuição de informação em formato *one-to-many* detidos pelos meios tradicionais, e que priorizavam uma comunicação unidirecional, dando lugar a um novo modelo de comunicação que se caracteriza pela sua estrutura *many-to-many*, que funciona a uma escala global, e no qual o recetor de informação, deixa de ser um mero espetador, e ganha uma posição mais ativa, quer a nível de distribuição ou produção da mesma (Mattos, 2013; Castells, 2014). 2010).

O impacto da rede digital em várias áreas integrantes da vida em sociedade, pode ver-se entendido no conceito de Galáxia Internet, enunciado por Castells, remetendo para

¹ O conceito *prosumer*, é a junção de palavras *consumer* e *producer* (consumidor e produtor) que pretende definir a nova posição que o cidadão exerce numa sociedade de cultura participativa (Toffler, 1980).

a obra *Galáxia Gutenberg* (1962) de McLuhan, que descreve o poder da imprensa e a sua difusão, de forma a equiparar o impacto dos dois momentos históricos (Castells, 2001). De forma semelhante, a teorização de uma sociedade formatada por redes e tecnologias de informação e comunicação, impactada nomeadamente pela Internet, é, ainda, compreendida na visão de Van Dijck (2012), que afirma que nas sociedades do mundo atual, a socialização e as relações interpessoais fizeram do seu palco de ação os meios tecnológicos e a sua comunicação em rede, acabando estes por se sobrepor à dinâmica envolvente na interação de teor físico.

Uma das funcionalidades associadas à Internet, relaciona-se com o facto de permitir com que muitas das ações realizadas pelo Homem sejam adaptadas para o mundo digital, como escrever, ler, comunicar, e, portanto, pode dizer-se que esta possibilita uma certa “extensão da vida humana” (Castells, 2001, p. 139) para uma multiplicidade de plataformas conectadas à rede. Por sua vez, esta ideia poderá relacionar-se com uma teorização mais antiga, enunciada por McLuhan, que refere que os meios de comunicação causam um forte impacto na vida do Homem, moldam-no e enaltecem os seus diferentes sentidos, sendo vistos, pelo autor, como extensões do corpo humano (1964, p. 21). Esta proximidade entre o Homem e os meios tecnológicos e digitais, característica da realidade atual, é, ainda, visível na conduta tomada no espaço digital. Isto porque, este “local”, sem tempo ou espaço específico, ao possibilitar interações ausentes de corpos físicos, permite um certo anonimato e uma certa liberdade na criação de uma outra realidade preferida pelos utilizadores, contudo, o tipo de comportamento que cada um possui *online* encontra-se dependente de fatores contextuais exteriores ao digital (Lloyd, 2005; Castells, 2001). Estes aspetos mostram que o Homem enquanto elemento integrante de uma sociedade, apresenta-se num posicionamento diferente face a gerações anteriores, sendo que integra uma realidade onde os seus comportamentos, ações e interações são mediados e “monitorizados por meios digitais” (Lupton, 2015, p. 33), enquanto se encontra, ao mesmo tempo, envolto numa relação imersiva e de conectividade com o mundo (Athique, 2013, p. 18). Assim, o Homem insere-se, hoje, numa realidade onde a informação e os processos de comunicação transcendem barreiras geográficas, e tendo em conta que o acesso à rede onde estes circulam pode ser feito através de dispositivos portáteis como *smartphones*, verifica-se ainda uma saturação constante de conteúdo informativo e estímulos digitais (Torres, Mazzoni, Alves, 2002; Athique, 2013). Esta intensidade e “abundância de informação” (...) levam a que “na realidade digital, a condição mais importante para a existência não seja o nosso conhecimento, mas a nossa capacidade de

prestar atenção” (Levin & Mamlok, 2021, p. 5). Para além disto, a relação entre o Homem e os meios digitais desenrola-se sob laços estreitos, na medida em que a sua convivência é constante e frenética. Segundo Bauman (2018), enquanto indivíduos membros desta sociedade digitalizada passamos cada vez mais tempo em frente a ecrãs, “nunca estamos afastados deles, levamos os ecrãs connosco para onde quer que vamos. Se nos esquecemos deles sentimo-nos como se nos faltasse uma peça de roupa” (p. 134), sentimo-nos despidos. Os estímulos provenientes dos telemóveis e as infinitas possibilidades que nos disponibilizam, mantêm-nos sempre ocupados, à procura do próximo conteúdo com o qual interagir, permitindo-nos comunicar com o mundo estando estáticos ou em movimento. Esta mobilidade inerente aos telemóveis permite-nos, assim, estarmos “constantemente conectados” (Bauman, 2003, p. 59).

Esta constante conectividade é um fator importante para se viver, interagir e participar na sociedade digital, tirando o maior usufruto das suas possibilidades. Isto porque na sociedade atual, “respostas e reações demoradas são irrelevantes. A racionalidade da sociedade em rede depende da ideia de que uma comunicação eficaz não pode ser alcançada se não existir atividade constante” (Levin & Mamlok, 2021, p. 10). Ou seja, se a conexão à rede é interrompida, a participação na conjuntura da sociedade digital cessa, pois “silêncio equivale a exclusão” (Bauman, 2003, p. 35). Os dispositivos digitais, e a própria Internet, revelam-se cada vez mais indispensáveis, tanto no que diz respeito à gestão da vida do indivíduo como das organizações (Van Dijck, 2012). A facilidade na aquisição de informação e na prática de comunicação, assim como o seu caráter instantâneo, provocam efeitos na forma como cada indivíduo se posiciona na sociedade, se relaciona com outros, e se entende a si mesmo (Levin & Mamlok, 2021, p. 3). A praticabilidade no acesso à informação, permite que “qualquer indivíduo com acesso à Internet possa escolher o conteúdo que deseja” (Levin & Mamlok, 2021, p. 8) o que vai fazer com que cada um tenha uma participação mais ativa na forma como olha o mundo e os outros. Ora, isto traz à tona um aspeto também característico da sociedade em que vivemos: a individualização. Com uma liberdade informativa e comunicativa ampla (Levin & Mamlok, 2021, p. 10) e uma oportunidade de escolha diversificada concedida pela sociedade digital, o ser humano percorre uma estrada desenhada por si, na qual segue o percurso que priorizar. Esta “individualização do espaço cultural humano permite, assim, que as pessoas tenham a oportunidade de escolher o conteúdo nos seus estudos, trabalho, entretenimento” (Levin & Mamlok, 2021, p. 9). Nos últimos anos, tem-

se verificado um cada vez maior uso da Internet por parte das crianças. Estas, inseridas em contextos diversos, e maioritariamente englobadas em conjunturas de países desenvolvidos (“embora se verifique uma crescente ocorrência em países em desenvolvimento” (Carr, Byrne & Livingston, 2016, p. 9)) recorrem cada vez mais à Internet e aos dispositivos móveis, e dependem destes, para ver satisfeitos os seus “direitos e necessidades relacionados com a educação, informação, comunicação, brincar, e com as relações familiares” (Carr, Byrne & Livingston, 2016, p. 21). Embora seja conhecida esta ideia, existe ainda uma incapacidade por parte de “políticas internacionais e nacionais da Internet em ter em conta as distintas necessidades e direitos das crianças” (UNICEF, 2017, p. 130). Isto porque, a Internet é ainda olhada pelos “legisladores, reguladores” (Carr, Byrne & Livingstone, 2016, p. 9) como um meio onde os utilizadores são sobretudo adultos, e desse modo, as normas e políticas desenvolvidas procuram proteger, maioritariamente, os interesses dessa faixa etária. Sendo que as crianças possuem necessidades diferentes de figuras adultas, e tendo em consideração que estas primeiras passam por “processos cruciais ao seu desenvolvimento humano, não podem ser tratadas como adultos” (Carr, Byrne & Livingstone, 2016, p. 7). Apesar disto, existe uma confiança face às capacidades da Internet, “e de outras TIC em melhorar o acesso de muitas crianças ao conhecimento, informação (...) mas também existe uma preocupação face ao acesso à Internet e aos riscos que pode trazer à criança, surgindo necessidade à sua proteção” (Carr, Byrne & Livingstone, 2016, p. 9) Isto porque, tendo em conta o previamente mencionado, “muitas das experiências das crianças na Internet envolvem conteúdo e serviços feitos à medida de consumidores adultos, expondo-os a conteúdos, contactos, condutas, potencialmente prejudiciais” (Carr, Byrne & Livingstone, 2016, p. 17)

A liberdade de circulação de informação, a abundância de conteúdo e facilidade de comunicação associadas à Internet, fazem desta um meio apelativo mas também lhe conferem a necessidade de um certo cuidado a navega-la. É importante compreender que este “mar de informação não está limpo e inclui vários tipos de dados, informação manipulados” (Levin & Mamlok, 2021, p. 5) entre outros aspectos que ao estarem acessíveis a crianças, por si só já “vulneráveis” (Livingstone & O’Neill, 2014, p. 8), podem constituir perigo. Este perigo torna-se tanto maior quanto menor ou mais carenciada for a estrutura de apoio dada à criança pelas suas figuras parentais, ou mesmo por “professores” (Carr, Byrne & Livingstone, 2016, p. 17). Assim como é “inapropriado

assumir que os utilizadores da Internet são sobretudo adultos, é também inapropriado assumir que as crianças são todas média-experientes e possuem o apoio social” (Carr, Byrne & Livingstone, 2016, p. 22) suficiente para conseguir utilizar a Internet de forma segura. A relação que as crianças desenvolvem, assim, com a Internet, encontra-se dependente de variados fatores, tais como um, já mencionado, apoio por parte das figuras parentais e um conhecimento das mesmas acerca do meio digital, mas também o próprio contexto de vida da criança, o meio em que se insere, e a sua condição “socioeconómica” (Carr, Byrne & Livingstone, 2016, p. 22) podem ter um papel relevante e definidor. Para além disto, devido ao cada vez mais constante e intensivo uso dos meios digitais pelas crianças, muitos são os pais que se mostram preocupados com os riscos do mundo *online*, assim como pelo tempo que os mais novos dedicam ao mesmo (UNICEF, 2017, p. 99).

Neste seguimento, e colocando em destaque a preocupação referente aos perigos do meio digital, e da Sociedade Digital, para a criança, torna-se importante mencionar o papel da Convenção sobre os Direitos das Crianças (*Convention on the Rights of the Child*, CRC) enquanto sua zeladora. Esta concede:

(...) “all children equal civic, political, cultural, economic and social rights, including the right to access information and the right to education, and specifically emphasizes that some rights commonly thought of in relation to adults (for example, participation and assembly) also apply to children. In addition to those rights, including in human rights frameworks, the CRC recognizes children’s unique needs, capacities, and vulnerabilities. Thus, it states that children have the right to development and play; it specifies in detail their rights to protection from all forms of violence, abuse and exploitation, and it emphasizes their right to be brought up in a protective and caring family environment” (Byrne, Carr & Livingstone, 2016, p.18).

O estabelecimento de uma ligação entre o documento acima mencionado com a posição da criança no meio digital é feita através da apresentação de um conjunto de direitos apelidados de três P’s. Neles estão integrados, “direitos à proteção, que visam proteger a criança de maus-tratos, negligência (Livingstone & O’Neill, 2014, p. 5), “garantindo a sua dignidade, sobrevivência e desenvolvimento” (Byrne, Carr & Livingstone, 2016, p. 18), assim como “direitos à provisão, que dizem respeito a recursos necessários para que a educação das crianças permita o desenvolvimento de todo o seu potencial, sendo importante a aquisição de habilidades digitais” (Livingstone & O’Neill, 2014, p. 7), “e direitos à participação que permitem com que as crianças se envolvam nos

processos que afetam o seu desenvolvimento, permitindo-lhes um papel ativo na sociedade” (Byrne, Carr & Livingstone, 2016, p. 18). Apesar disto, segundo Livingstone e O’Neill (2014), existe uma certa dificuldade em ver reconhecidos e garantidos alguns dos direitos acima mencionados. E, neste sentido, ainda é necessário percorrer um longo caminho para que as crianças do mundo digital tenham a sua participação no mesmo assegurada, possuam as habilidades e conhecimentos necessários para que a sua ação *online* decorra em segurança, e para que se vejam protegidas e asseguradas por uma sólida estrutura de apoio.

A realidade tecnológica do mundo atual, apresenta-se, ainda, diferenciada entre aqueles mais privilegiados, que se enquadram em estruturas sociais e económicas favoráveis ao acesso e uso da Internet, e aqueles cujas condições os afastam desta realidade. Tendo em conta que a Internet possui um papel fundamental em variadas áreas da sociedade, e o acesso à mesma permite o usufruto dos benefícios e oportunidades do meio digital, aqueles incapazes de aceder ou se integrar neste meio, verão o seu desenvolvimento, enquanto elementos de um mundo informacional e digital, afetado (Tapscott, 1998; OCDE, 2019). Embora a Sociedade Digital constitua o modelo que representa a vida do Homem na atualidade, não representa uma estrutura seguida na plenitude pela totalidade da população mundial. Contudo, mesmo não possuindo a estrutura económica, social, ou as capacidades educacionais e digitais para se integrar na rede digital, “toda a humanidade, esteja onde estiver e quem quer que seja, está condicionada, nos aspetos fundamentais da sua existência por aquilo que acontece nas redes globais e locais” (Castells, 2005, p. 19). O mundo atual não se encontra igual àquilo que era anos antes da revolução tecnológica e digital, nomeadamente antes da Internet se apresentar como um pilar fundamental para o desenvolvimento de uma sociedade que valoriza a comunicação e a informação. Assim, a Sociedade Digital em que vivemos, revela, ainda, transformações importantes a mencionar, e o seu peso encontra-se medido nas transformações que gerou sob as famílias, as suas estruturas, hábitos, valores, e relações familiares.

1.2. Família num mundo digital

A palavra “família” atribui às suas raízes a expressão em latim *famulus*, um termo que surgiu na antiguidade romana, com o significado de “servidor” (Carvalho, 2010,

p.13), ou criado, e que pretendia descrever um sistema comandado por uma figura autoritária que exercia o seu poder sob os membros integrantes (Silveira, 2000).

A família enquanto sistema caracteriza-se como universal, contudo, embora constitua uma forma de organização presente no mundo, não se estrutura da mesma maneira em culturas e realidades diferentes (Brown, 1948; Georgas, 2003). Esta ligação da família enquanto sistema, ou instituição, com a realidade em que se insere, espelha-se na constatação da própria ser capaz de influenciar a vida em sociedade, sendo as características da mesma e do seu ambiente familiar também influenciadas pela cultura e o meio que a envolve (Brown, 1948). De um ponto de vista generalizado, a família diz respeito a um conjunto de indivíduos que possuem conexões entre si, e cujas relações são moldadas por regras, valores, e pela influência do meio que os envolve (Sampaio, 1984).

Numa abordagem jurídica, a família é constituída através de fatores como “o parentesco, a afinidade e a adoção” (Dias, 2012, p. 35). Segundo Narvaz e Koller (2006), a “família não é algo biológico, algo natural ou dado, mas produto de formas históricas de organização entre os humanos” (p. 49), acrescentando que as alterações verificadas nas famílias e nas suas estruturas são resultado da evolução dos tempos.

Esta é, ainda, considerada como um sistema fulcral para o estabelecimento de relações e interações interpessoais, que contribuem para “o desenvolvimento do ser humano” (Alarcão & Gaspar, 2007, p. 90). Este mesmo sistema tem sido matéria de interesse de diversas áreas, e enquanto motivo de estudo, um dos seus pontos de foco tem consistido na tentativa de compreender os “efeitos de mudança social na família, assim como a própria contribuição da família para a transformação social” (Organização Mundial de Saúde, 1978, p. 5). O conceito de família tem sido, também, ao longo do tempo, alvo de debate por reunir pouco consenso na sua definição, devido à sua complexidade e mobilidade, pois numa análise histórica é possível serem verificadas variadas alterações na sua estrutura (Weigel, 2008). Estas alterações estão normalmente relacionadas com motivos culturais, “políticos, sociais e económicos” (Carvalho, 2010, p. 13).

Durante muitos anos, a família enquanto instituição estabeleceu uma ligação com as origens do seu conceito, e manteve em si um certo elemento de autoridade, pertencente à figura masculina e paterna integrante da mesma. Neste sentido, e numa perspetiva ocidental, o homem detinha no contexto familiar uma posição autoritária, que o ditava como responsável pela própria, pelos seus membros, e pela subsistência do grupo, que era garantida através dos rendimentos provenientes do trabalho deste considerado chefe

de família. Esta representação de vida familiar, consistia, desta forma, um sistema desigual, pois enquanto à figura do pai era atribuído um papel de poder, à mulher e figura maternal cabia a detenção de um papel submisso, responsável pela realização de tarefas domésticas, assim como do bem-estar do lar e das relações entre os seus membros (Barreto & Rabelo, 2015; Pateman, 1993; Coelho, 2004). Neste sentido, o casamento enquanto instituição, celebrou, durante muito tempo, o contrato de estabelecimento de família que detinha em si desigualdades na repartição dos papéis familiares, e onde à mulher cabiam, principalmente, responsabilidades domésticas e de reprodutibilidade (Araújo, 2002). Este tipo de organização familiar integrava, assim, a ideia tradicional, e os papéis tradicionais, que diziam respeito àquilo que uma família deveria ser na realidade ocidental do século XX. Esta, constituída principalmente por duas figuras parentais, o pai e a mãe, e os seus filhos, era entendida como um “grupo conjugal” (Lauwe & Lauwe, 1965, p. 476), que se configurava não só pelas relações de parentesco entre si, como também pelo espaço físico e relações económicas partilhadas.

Numa realidade mais próxima, em Portugal, e sob o regime do Estado Novo, este modelo de uma família tradicional, com valores autoritários e religiosos, era incentivado e considerado como um pilar importante da estrutura social da época (Grilo, 2011). Apesar de tudo isto, o papel da mulher descrito no modelo de família tradicional, também compreendido como “família nuclear” (Dias, 2011, p. 143), acompanhou a evolução dos tempos, e sofreu alterações que obrigaram a uma reorganização dos papéis sociais dos membros integrantes dos grupos familiares. O mundo em mudança, no final do século XIX, contava com a mão-de-obra feminina em alguns setores e ramos de atividade da sociedade, nomeadamente em serviços lojistas ou em áreas relacionadas com as telecomunicações, no entanto, estas eram tarefas especialmente alocadas a mulheres, pois ainda nesta altura, estas dificilmente integravam trabalhos vistos como mais exigentes, principalmente destinados à figura masculina. Uma progressiva liberdade da mulher, embora com ainda alguns entraves, foi, mais tarde, acompanhada de uma valorização da criança, celebrada através da cessação de variados regimes de trabalho infantil no mundo ocidental, em meados dos anos 50 (Hobsbawm, 1994, p. 248).

Este tipo de trabalho era bastante comum, e até normalizado, pois servia como estratégia de apoio ao rendimento da família, e garantia, assim, que as principais preocupações da mulher enquanto mãe de família dissessem respeito à manutenção do

espaço doméstico. Contudo, o desenvolvimento técnico e tecnológico permitiu o desenvolvimento de equipamentos que facilitavam as lides domésticas e salvavam tempo às figuras femininas, que podiam, assim, usufruir cada vez mais de uma conjuntura que lhes apresentava um maior número de oportunidades de integração no mercado de trabalho (Hobsbawm, 1994; Silveira, 2000; Cox, 2007). As alterações referentes ao papel da mulher no ambiente familiar, e consequentemente na sociedade, devem, também, a sua eclosão aos movimentos feministas, presentes ao longo da história da humanidade, que foram, e continuam a ser, forças combatentes face às desigualdades sociais, e que na década de 1960 impulsionaram a decretação de direitos que outrora dificilmente seriam aplicados à mulher submissa, como o direito ao divórcio e ao aborto (Hobsbawm, 1994).

Inevitavelmente, estes movimentos levaram também a mudanças face ao papel da figura paterna na conjuntura familiar, que viu perder o seu título autoritário em prol de um maior equilíbrio e igualdade entre os papéis desempenhados em família (Zanetti & Gomes, 2009). Um equilíbrio na repartição e na gestão do poder em ambiente familiar, sobrepõe-se, em nível de importância, à detenção de uma postura autoritária exclusiva apenas de um membro integrante desse mesmo meio, pois enquanto o primeiro promove o bem-estar em família, o segundo poderá gerar situações de conflito capazes de prejudicar as relações no ambiente do lar (Ferreira, 2015). Neste contexto, verificam-se também alterações no significado do casamento, que enquanto ato de consolidação emocional da família, passa, também, a celebrar uma união de intimidade, com base na escolha individual do casal, e que valoriza o amor romântico e a “compreensão empática e respeito mútuo baseado em uma maior igualdade” (Hita, 2005, p. 115)

Os movimentos de apelo à mudança, assim como as repercussões dos fenómenos da industrialização e urbanização, geraram transformações nas sociedades do mundo, nomeadamente no que diz respeito aos hábitos e práticas do Homem, e às suas funções enquanto membro de uma sociedade e de um sistema familiar. A família enquanto instituição não se revela estática, e num mundo em mudança, onde as suas sociedades são alvo de variadas mudanças, quer económicas, sociais, tecnológicas, a própria instituição também se altera e se adapta à imagem dos novos tempos (Esteves, 1991). Na atualidade, aquele que era visto como o modelo da família tradicional, e que hoje se apresenta mais igualitário a nível de direitos e responsabilidades, não detém a classificação de modelo único, e vê-se a partilhar o seu espaço com novas estruturas familiares que apresentam diferentes dinâmicas e valores. Neste sentido, a nova arquitetura de modelos familiares pode apresentar as seguintes designações:

“As uniões de facto, que se tratam de uma realidade semelhante ao casamento, no entanto não implicam a existência de qualquer contrato escrito; As uniões livres, que não são muito diferentes das uniões de facto, apenas nestas nunca está presente a ideia de formar família com contratos; As famílias recompostas, são constituídas por laços conjugais após o divórcio ou separações; As famílias monoparentais, compostas pela mãe ou pelo pai e os filhos; (...) As famílias homossexuais constituídas por duas pessoas do mesmo sexo com ou sem filhos” (Dias, 2011, p. 143).

É, assim, possível compreender que as estruturas familiares da realidade atual possuem uma maior flexibilidade, e um cariz mais dinâmico em comparação com aquele que era o modelo familiar tradicional muitos anos antes. Neste sentido, pode ainda, exercer-se a comparação entre um certo teor autoritário que outrora configurava o homem como o único representante e chefe de família, e hoje, como é acima referido por Dias (2011), esta responsabilidade individual pode também passar para a mãe em famílias monoparentais. Para além disto, atualmente também, tem-se verificado uma maior frequência de modelos familiares referentes a “uniões de facto (...), famílias monoparentais, famílias recompostas, famílias transnacionais, e famílias unipessoais” (Pedroso & Branco, 2008, p. 55). Isto poderá ver-se justificado por motivos como, o crescimento de conflitos entre os casais, que se encontra associado a um aumento dos divórcios, e portanto, possibilita estruturas de parentalidade singular, mas também poderão ver-se relacionados fatores como a “diminuição da taxa de nupcialidade (...) a redução da natalidade, os processos migratórios e fenómenos como a globalização” (Pedroso & Branco, 2008, p. 55). Esta visão pode ser, de certa forma, corroborada por Bäckström (2018), que afirma que as estruturas familiares na realidade portuguesa, atravessam um período de transformações, e exibem uma redução da taxa de natalidade assim como uma, também, redução do número dos seus membros constituintes. Entre 1983 e 2019, verificou-se uma diminuição da dimensão média dos agregados familiares portugueses, passando de valores de 3,3 para 2,5 respetivamente, o que não só espelha uma redução na constituição das famílias, hoje menores, como uma também redução do número de membros integrantes de uma habitação familiar (INE/PORDATA, 2020a).

Para além disto, Portugal tem, também, apresentado nos últimos anos, um aumento do número de famílias monoparentais, assim como um aumento do número de indivíduos que se encontram a “viver sós” (Bäckström, 2018, p. 27). No seguimento da baixa natalidade, a autora acrescenta que se tem verificado um aumento do número de

famílias nas quais, os casais optam por não ter filhos, mas que caso tenham, este consta como o único filho dos mesmos, podendo esta escolha ser justificada por motivos económicos. Este fator, referente ao número de filhos presentes num agregado familiar, pode influenciar o regime de prioridades da família, no que diz respeito a aspetos como a atenção dada, mas também à distribuição de investimentos no que concerne áreas como a “educação e a saúde” (Nações Unidas, 2017, p. 2). Cada vez mais, também, são muitos os casais que optam por ter filhos mais tarde, visto que a realidade acelerada e exigente do século XXI pode implicar uma maior dedicação a oportunidades de trabalho e ao percurso profissional de cada elemento do casal, que acaba, assim, por não possuir tanta disponibilidade face àquilo que envolve a decisão de ter um filho (Papalia, Olds & Feldman, 2006, p. 572). As autoras salientam, ainda, os desenvolvimentos técnicos e tecnológicos da realidade atual, e o seu impacto no processo de gerar uma nova vida, afirmando que hoje, “casais estéreis podem ter filhos por métodos tecnológicos que eram desconhecidos na geração anterior” (2006, p. 571).

As alterações nas estruturas familiares são também visíveis num conceito de parentalidade que se expressa mais abrangente, e que tem contado com uma redução do peso do fator biológico, enquanto elemento de construção e estruturação da mesma. Este fator biológico tem vindo, assim, a partilhar o seu espaço e a sua relevância com outros aspetos, que ditam que uma família pode ser constituída por laços de sangue, mas também por relações de parentalidade adotivas, assim como por relações onde o papel de pais é representado por outro membro da família, ou da comunidade envolvente (Almond, 2008, p. 2; Nações Unidas, 2013, p. 14). Apesar de se verificar, nos últimos tempos, uma emergência de modelos familiares com múltiplas particularidades diferentes entre eles, aquele que se mantém em maior predominância na realidade ocidental é o “modelo de família nuclear” (Pedroso & Branco, 2008, p. 55). Mesmo com predominância generalizada, é importante realçar que a família nuclear, constituída por “duas gerações, os pais e os filhos” (Georgas, 2003, p. 4), é um modelo recusado em diversas realidades, nomeadamente, “em muitas culturas africanas, asiáticas, e latino-americanas, o lar de família extensa é a forma tradicional” (Papalia, Olds & Feldman, 2006, p. 571). Mesmo com o advento de novos e diferentes modelos familiares, é importante referir que a base do seu conceito é a mesma, ou seja, diz respeito a um “conjunto de pessoas consideradas como unidade social, como um todo sistémico, onde se estabelecem relações entre os seus membros e o meio exterior” (Dias, 2011, p. 141). A ideia de família, como instituição integrante de várias culturas e adaptada a cada uma delas, apresenta na sua generalidade,

não só, alterações na sua estrutura, como também nas funções que possui. A família detém como algumas das suas funções, o seu estabelecimento num local, numa habitação, que será partilhado pelos seus membros, que lhes deverá providenciar conforto, e onde se estabelecerão relações e interações. Para além disto, cabe também à família ser capaz de produzir rendimento para satisfazer as necessidades básicas dos seus membros. Ao longo da história, tem sido notada uma maior importância e preocupação por parte da sociedade e da família, face à educação das crianças e ao seu bem-estar, o que alimenta a importância das relações de afeto, fazendo com que às famílias caiba também, a função de providenciar conforto, apoio e proteção às mesmas (Georgas, 2003, p. 4). Com o passar dos anos, têm-se verificado alterações na forma como a criança é vista num contexto de estrutura familiar, assim como naquilo que estas e as figuras parentais respetivas representam no mesmo contexto. Na sequência da valorização da criança, esta começou a ver a sua individualidade reconhecida na família, sendo entendida como um elemento recetor de “amor e apoio” (Mintz & Kellogg, 1988, p. 191) por parte das figuras parentais. Numa ideia geral, e estabelecendo ligação com realidades passadas, existe hoje uma maior preocupação em garantir o bem-estar e a felicidade dos filhos, e muitos pais afirmam desejar uma relação de proximidade com os mesmos (Coleman, 2018, p. 52). Isto traduz-se num maior envolvimento dos pais na vida das crianças, na medida em que, em casos onde é possível, estes procuram acompanhá-las e ajudá-las em várias fases da sua vida, oferecendo-lhes, desde cedo, apoio, tanto educacional como “financeiro e emocional” (Coleman, 2018, p. 56) que se prolonga à idade adulta e por tempo indeterminado. Os filhos, podem assim, de certa forma, ser vistos como um investimento para a vida. A criança e a estrutura familiar onde se insere, possuem uma relação de dependência longa enquanto desempenham papéis diferenciados. A família posiciona-se em torno da criança como um meio que pretende garantir, sobretudo, a sua “sobrevivência” (Bjorklund & Gardiner, 2007, pp. 337-338). Esta propõe-se, assim, à partida, a ser um suporte que prepara a criança para o mundo que a envolve concedendo-lhe “um ambiente propício ao desenvolvimento de competências necessárias para navegar a paisagem da sociedade humana” (Bjorklund & Gardiner, 2007, pp. 353). A criança usufrui dos laços familiares, da “proteção e carinho” (Brannen & O’Brien, 1996, p. 14) idealmente aliadas às funções de figuras parentais, enquanto, ao mesmo tempo, é entendida para os pais e para a família como o mais importante “objecto de amor, um capital humano” (Brannen & O’Brien, 1996, p.14), assim como um elemento essencial para a continuidade de gerações futuras (Bjorklund & Gardiner, 2007, p. 354).

Segundo Almond (2008), alguns estudos indicam que o bem-estar das crianças e as suas necessidades possuem maior probabilidade de serem satisfeitas e potencializadas num ambiente familiar onde o matrimónio se mantenha entre as figuras parentais. Contudo, esta ideia não deverá ser generalizada, pois casamentos infelizes são uma realidade, e nesses casos, a criança será afetada, preferindo conviver com os pais em separado do que num ambiente doméstico instável (Wagner, Falcke & Meza, 1997). Outro aspeto importante diz respeito à função da família enquanto sistema de socialização dos membros que a integram, principalmente no que diz respeito às crianças. Ora, atualmente, este papel encontra-se dividido entre o ambiente familiar e as estruturas formais de ensino, que cada vez mais é um fator presente e contributivo para os processos de aprendizagem e desenvolvimento dos mais novos (Lauwe & Lauwe, 1965).

Contudo, embora tenha sido alvo de mutações, o papel da família mantém-se fulcral para o desenvolvimento da criança, visto que o ambiente familiar constitui, à partida, o primeiro contacto que esta tem com o mundo, e por isso, é decisivo na sua formação de valores e atitudes. O meio familiar consiste, também, numa plataforma essencial pois é através dele que a criança adquire a sua própria identidade (Alarcão, & Gaspar, 2007; Pessoa & Costa, 2014). Neste âmbito, poderá ser pertinente estabelecer uma ligação com a Teoria Ecológica de Bronfenbrenner, que possui como foco o desenvolvimento humano, neste caso, o desenvolvimento das crianças, e as nuances sobre como este é impactado por laços relacionais e interações, assim como pelos diferentes meios onde estes se estabelecem (Johnson, 2008; Ahuja, 2010). Esta teoria foi alvo de variadas alterações ao longo dos anos, nomeadamente a sua própria nomenclatura que passou a “Teoria Bioecológica” (Härkönen, 2008, p. 2) após o autor decidir valorizar os fatores biológicos do indivíduo enquanto elementos também influentes no seu próprio desenvolvimento. O autor afirma que existe uma ligação de influência mútua entre o indivíduo e o ambiente que o rodeia, e vê a sociedade, e os diferentes contextos nela inseridos, como fatores de peso para o processo de desenvolvimento da criança (Härkönen, 2008, p. 3; Rosa & Tudge, 2013, p. 243). Como já foi referido, em muitos casos o primeiro contexto com o qual a criança entra em contacto, e o mais regular, é o familiar, estabelecendo, assim, as suas primeiras interações com os seus pais, ou outras figuras que exerçam o poder paternal, sendo fortemente impactada pelos mesmos. Mas, ao longo do seu crescimento a criança alargará as suas relações, desenvolvendo processos de interação mais complexos, sendo, assim, impactada e influenciada por diferentes indivíduos que não exclusivamente as figuras parentais, mas figuras como “irmãos ou

outros familiares” (...) “colegas, professores ou mentores e amigos chegados” (Bronfenbrenner & Morris, 2006, p. 798). Nisto, a teoria define a existência de diferentes sistemas que impactam direta e indiretamente a criança, desde contextos mais imediatos como “casa, sala de aula” (Bronfenbrenner, 1979, p. 3), a mais distantes, como questões económicas, socioculturais, entre outras (Johnson, 2008; Härkönen, 2008). Deste modo, no que diz respeito ao desenvolvimento da criança, e à questão de formação de valores e atitudes previamente mencionada, compreende-se a existência de diversos ambientes que se “influenciam mutuamente” (McNeal, 2007, p. 42). e atuam em conjunto sob o indivíduo em questão. A criança é, assim, moldada consoante as regras e valores que lhe são incutidos desde cedo, sendo estes posteriormente e possivelmente reforçados, no ambiente escolar por professores, por exemplo, e a estes adicionados outros novos como resultado da interação da criança com diferentes meios ao longo da sua vida (Bronfenbrenner & Morris, 2006, p. 816; McNeal, 2007, p. 299). Para além disto, tendo em conta a multiplicidade de contextos capazes de impactar a criança, em conjunto com o peso das suas características biológicas, é possível verificar diferenciações significativas em crianças pertencentes a contextos distintos. Alguns estudos incidentes sob a criança e os “contextos do seu comportamento e desenvolvimento” (Bronfenbrenner, 1979, p. 17), selecionam como aspetos pertinentes para a investigação a própria constituição da estrutura familiar, nomeadamente, a sua dimensão e tipo de família, mas também aspetos como “a classe social” (Bronfenbrenner, 1979, p. 17). Embora Bronfenbrenner (1979, p. 259) afirme que estes fatores se revelam algo insuficientes para análises cujo foco seja o desenvolvimento da criança, estes continuam a ser parte do contexto que a envolve, e por isso relevantes. Ou seja, reconhecendo a importância do meio familiar para a formação de valores e atitudes, e tendo, por exemplo, em consideração a evolução do conceito de família e as alterações adjacentes, é importante ter, também, em conta a variedade de contextos e as suas especificidades, pois estes são capazes de moldar, de forma diferente, cada criança e distinguir as suas realidades (Mackay, 2005, p. 111; Tudge, Merçon-Vargas, Liang & Payir, 2016).

As transformações verificadas nas estruturas familiares confirmam a evolução dos tempos, e espelham o mundo da atualidade, que se encontra envolvido por cada vez mais constantes transformações. Esta realidade fluída, e em constante mudança, é categorizada por Bauman como “Modernidade Líquida” (2000, p. 12). O sociólogo e filósofo polaco, referencia o estado líquido da matéria como metáfora para caraterizar a realidade atual,

que, segundo ele, é descrita pela sua mobilidade e instabilidade (Bauman, 2000). Na medida de exercer uma comparação com esta metáfora, o autor utiliza o estado sólido da matéria, e consequentemente a modernidade sólida, referindo que este termo descreve a estabilidade, a racionalidade, e que não se iguala à modernidade líquida pois esta é “representada pela incerteza, pelas formas flexíveis de trabalho e organização, (...) pela globalização, e sobretudo pelo processo de individualização” (Alves, 2002, p. 96). Esta individualização consta como parte das características das sociedades do mundo atual, que devido às mutações tecnológicas e ao cariz fortemente digital que possui, transformou a comunicação e as interações num processo que destaca o indivíduo e as suas preferências pessoais (Castells, 2001).

Ao seguir a teorização de Bauman acerca da modernidade líquida, é possível estabelecer uma ligação da mesma com as transformações ocorridas nas estruturas familiares, o que permite caracterizar as famílias da atualidade como “famílias líquidas” (Pedroso & Branco, 2008, p. 54). Estas famílias são um espelho da realidade do mundo desenvolvido, tecnológico e em transformação. Na atualidade, as famílias líquidas são visíveis na escolha do seu local de habitação, que, aos olhos da história, tem consistido na permuta da simplicidade de uma habitação por uma vida familiar inserida em edifícios imponentes, característicos da modernidade e do seu ritmo acelerado e instantâneo. Este mesmo ritmo, caracteriza também, e impacta, as famílias da atualidade, que muitas das vezes, vêem a dinâmica das relações no meio familiar afetada, isto em situações em que, por exemplo, se ambas as figuras parentais estiverem em ativo no mercado de trabalho, haverá possivelmente menos tempo para dispensar para com os filhos (Lauwe & Lauwe, 1965, p. 483). O próprio tempo é um factor relevante na sociedade atual e visível nas relações interpessoais da família moderna, que envolvidas numa modernidade líquida, se modificam e tomam novas formas numa realidade de rapidez e instantaneidade. Neste seguimento, as relações e interações humanas ganharam, também, um olhar crítico por parte de Bauman que trouxe outro conceito à equação: amor líquido (2003). Bauman utiliza este conceito como matéria de reflexão face à fragilidade das relações interpessoais e intrapessoais numa sociedade moderna. Segundo o autor, as relações humanas adaptaram-se à efemeridade dos tempos modernos, sendo vistas como incertas, instáveis, sob as quais a ideia de compromisso duradouro outrora associada tem vindo a partilhar espaço com uma satisfação de necessidades e sensações temporárias. Esta preferência por uma facilidade, praticabilidade, em torno de interações interpessoais traduz-se, ainda, na utilização incessante de meios digitais para comunicar. A comunicação digital, *online*, e

através de redes sociais, reforça o conceito de amor líquido, pois auxilia e permite a interação humana, através de um espaço confortável para o utilizador, onde a conexão com o outro pode ser iniciada ou terminada sempre que desejado. Neste sentido, Bauman (2003) reforça a maleabilidade das relações humanas na atualidade, assim como a fragilidade destes mesmos laços, revelando que as relações têm passado a ser referidas como “conexões” (p. xi). Neste seguimento, o paradigma da sociedade tecnológica que envolve a realidade do século XXI, permite a divulgação e o uso de meios digitais, cada vez mais especializados, transportáveis, focados no seu utilizador, e que inevitavelmente, pelo seu cariz e funcionalidades apelativas, levarão a que o seu uso cause alterações nas rotinas, nos hábitos e nas interações no meio familiar (Lauwe & Lauwe, 1965).

1.3. Meios digitais no seio familiar

No contexto de um mundo transformado por mudanças sociais e pelo impacto da nova conjuntura tecnológica, surgiram novas formas de estar e de comunicar. O ser humano conheceu novas técnicas de trabalho, novos hábitos, e viu a sua componente familiar, e daqueles à sua volta, a alterar-se e diversificar-se. O ambiente familiar viu alterações na sua organização, e sentiu o seu ecossistema a ser impactado pelos meios digitais.

Estes, cada vez mais portáteis, fáceis de transportar, e “adaptáveis às necessidades individuais” (Katz, Moran, Ognyanova, 2017, p. 313), são hoje um elemento constante no dia-a-dia do Homem, assim como na vida do lar. Nos últimos anos, os meios digitais têm-se apresentado como elementos cada vez mais incorporados no ambiente do lar, na medida em que são quase vistos como parte deste: caracterizam-no e impactam-no, assim como às relações que nele se estabelecem (Church, Weight, Berry, MacDonald, 2015).

Com uma progressiva maior diversidade de novas tecnologias digitais, pequenas e com funcionalidades diferentes, torna-se, ainda, possível verificar cenários especialmente característicos da realidade atual, onde “enquanto a família se junta para ver televisão, pode ao mesmo tempo, estar a conversar através do telemóvel, ouvir música através do *ipod*, ou mesmo recorrer à internet” (Padilla-Walker, Coyne, Fraser, 2012, p. 426) através de plataformas como o computador. Esta multiplicidade de plataformas, pode, atualmente, ver as suas variadas funções incorporadas apenas num só aparelho ou dispositivo. Esta convergência, define-se, segundo Jenkins (2006), como o “fluxo de

conteúdo que atravessa variadas plataformas de *media*, a cooperação entre múltiplas indústrias de *media*, e o comportamento migratório das audiências desses *media*, que irão a qualquer lado para encontrar o tipo de experiências de entretenimento que desejam” (2006, p. 2). Deste modo, hoje, os *smartphones* são considerados um dos equipamentos de maior preferência, pois concentram em si, funções que vão para lá da realização de chamadas telefónicas, permitindo tirar fotografias, aceder à internet e a variadas plataformas digitais, jogar videojogos, entre outras funções, que antes eram detidas por aparelhos como as máquinas fotográficas e os computadores (Uzun, 2015; Jenkins, 2006).

Tendo isto em vista, estes dispositivos móveis são ainda considerados extremamente úteis no meio familiar, e nas próprias relações da família, pois possuem funcionalidades que contribuem para uma melhor “organização das suas tarefas diárias” (Brito, 2017, p. 32), assim como possibilitam uma conexão constante, e um sentimento de maior proximidade entre os membros integrantes. Com isto, surge uma cada vez maior vontade de adquirir, e enquadrar no meio familiar, aparelhos digitais capazes de proporcionar um maior conforto, e uma maior agilidade à vida dentro do mesmo (Athique, 2013). Numa Sociedade Digital, onde os processos de comunicação e a informação, ocorrem e circulam predominantemente através da Internet, aqueles que não têm acesso a esta, estarão, de certa forma, excluídos de uma participação ativa na vida digital e informacional (Tapscott, 1998). Através de estudos conduzidos pela OCDE (2019), referentes a dados de países a ela pertencentes, é possível compreender um crescimento nos acessos à *internet* no meio doméstico, entre os primórdios do século XXI e a atualidade, embora ainda se verifique uma percentagem significativa de países onde as habitações não beneficiam destas oportunidades. Neste contexto, Portugal, membro integrante da OCDE, apresenta também uma evolução no que diz respeito aos acessos à internet, e a meios como o computador, nos agregados domésticos.

Agregados domésticos privados			
Anos	Com Computador	Com ligação à Internet em casa	Com ligação à Internet através de banda larga
2002	26,9	15,1	X
2003	38,6	21,7	7,9
2004	41,3	26,2	12,3
2005	42,5	31,5	19,7
2006	45,6	35,2	24,0
2007	48,3	39,6	30,4
2008	49,8	46,0	39,3
2009	56,0	47,9	46,2
2010	59,5	53,7	50,3
2011	63,7	58,0	56,6
2012	66,1	61,0	59,7
2013	66,7	62,3	61,6
2014	68,0	64,9	63,4
2015	71,1	70,2	68,5
2016	X	74,1	73,0
2017	71,5	76,9	76,4
2018	X	79,4	76,9
2019	X	80,9	78,0

Fonte: INE, PORDATA, 2019

Tabela 1 – Acessos à internet em agregados domésticos

Como é possível verificar através da tabela acima apresentada, verificou-se um aumento gradual dos acessos à internet pelas famílias portuguesas, entre 2002 e 2019. Este poderá justificar-se por planos de inserção de políticas de incentivo à literacia digital². Este é visto como pouco satisfatório para caracterizar os conhecimentos aplicados à realidade tecnológica, pois tendo em conta que a sociedade atual se encontra impactada por uma cultura de convergência, onde “os *mass media*, caracterizados por terem grandes audiências e pela produção e disseminação centralizadas, coexistem com um ambiente digital multimédia caracterizado pela disseminação da informação em rede (...)” (Santos, Azevedo, Pedro, 2015, p. 28), o termo “mediático” parece ser na, generalidade, mais adequado.

Deste modo, estas políticas que surgiram no início do século, no seguimento da Cimeira de Lisboa, possuíam o intuito de desenvolver a sociedade portuguesa, investindo no conhecimento e na informação. As medidas em torno deste objetivo consistiram nas seguintes propostas: Tornar a “internet mais barata, rápida e segura; investir nas pessoas e nas qualificações; estimular a utilização da internet;” (Coelho, 2007, pp. 9-10). Embora esta iniciativa não tenha obtido o desenvolvimento profundo que desejava, por

² A literacia digital é entendida como a “capacidade de compreender e utilizar informação em múltiplos formatos através de uma variedade de fontes, quando é apresentada *via* computadores” (Paul Gilster, 1997, apud Spires, Paul, Kerkhoff, 2018)

dificuldades financeiras, reconheceu a importância de uma sociedade de acesso mais democratizado, no que diz respeito à informação e conhecimento, e abriu a porta para novos investimentos nas áreas das TIC, assim como, na sua integração nos meios domésticos portugueses (Coelho, 2007). Neste sentido, o projeto referente ao computador Magalhães, surgiu em 2008, com o intuito de distribuir computadores, de valores reduzidos, a crianças, para que estas pudessem desenvolver as suas competências digitais, tanto no meio escolar como no meio familiar. O que se verificou com a implementação desta iniciativa, foi que a prevalência dos usos dados a estes computadores era realizada no meio doméstico, e que a maioria das famílias que realizaram a aquisição dos mesmos, se encontravam em situações carenciadas, que de outra maneira, dificilmente teriam acesso a estes aparelhos (Silva, Coelho, Fernandes, Viana, 2011). Deste modo, esta iniciativa contribuiu para uma certa redução nas desigualdades de acessos às TIC, podendo constituir fator justificativo para o aumento do número de computadores nos agregados familiares portugueses, representado na Tabela1.

Os dados presentes na Tabela1, face ao aumento, tanto do uso do computador como dos acessos à internet no ambiente do lar, podem ser, ainda, justificados por um aumento do rendimento médio das famílias portuguesas, entre o início dos anos 2000 e a atualidade (INE/PORDATA, 2020b). Ainda no âmbito de estudos, um inquérito europeu aferiu que uma grande percentagem do uso dado aos meios digitais no meio familiar português, nomeadamente os computadores, cabe à camada da população mais jovem, principalmente às crianças (Ponte, 2012). Por sua vez, Given *et al.*, (2014), afirmam que se verifica um número significativo de famílias, onde os computadores são geralmente utilizados por figuras adultas, e os dispositivos como os tablets, pelas crianças, no entanto, na maioria dos casos esta faixa etária mais infantil usufrui de “aparelhos delineados para adultos e geralmente interage com estes em zonas comuns da habitação” (2014, p.1). Esta ideia é reforçada por McPlake, Plowman e Stephen (2013), que através de estudos, compreenderam existir uma cada vez maior variedade de meios digitais no ambiente do lar, muitos deles adquiridos como brinquedos para as crianças, no entanto, estas, em muitos casos, não interagem apenas com aqueles meios que para elas são destinados, visto que dão uso, também, a aparelhos que inicialmente estariam direcionados a adultos. Na generalidade do meio familiar, destacam-se meios como, “a televisão digital, o telemóvel, a internet e o computador” (Livingstone, 2007, p. 926). Para além disto, as consolas de jogo também costumam integrar o ambiente doméstico (Chaudron, Di Gioia, Gemo,

2018). Sendo cada vez mais parte integrante da vida das famílias, os meios digitais inseridos em cada meio familiar irão, inevitavelmente, impactar a forma como os seus membros interagem entre eles e o espaço em que se inserem. É importante compreender que este processo de domesticação das TIC não ocorre da mesma maneira para todas as famílias, isto porque a relação entre estes dois elementos está dependente de variadas condicionantes, tais como, o rendimento económico, a classe geracional e a cultura (Padilla-Walker, Coyne, Fraser, 2012, Kennedy, Wellman, 2007, Silva, Coelho, Fernandes, Viana, 2011). Na raiz do seu conceito, “domesticação” pressupõe controlo, apropriação, e quando associado às novas tecnologias, pretende refletir acerca da relação do Homem com as TIC, nomeadamente a forma como com elas interage, e as inclui e adapta ao seu ambiente doméstico (Haddon, 2011; Brito, Dias & Oliveira, 2018). Segundo Silva (2013), “o processo de domesticação consiste na aquisição de um objeto, integração à rotina doméstica e atribuição de valores simbólicos” (p. 84).

Este processo de domesticação espelha ainda aquilo que são as famílias e o espaço doméstico moderno. Segundo Philippe Ariès (1975), a vida familiar exposta ao espaço público viu-se evoluir, a partir do século XV, para uma valorização da intimidade e da vida privada. Neste sentido, hoje verifica-se um maior reconhecimento do espaço privado como local de estabelecimento, interação e comunicação entre a família, que foi acompanhado de uma apropriação, e adaptação, de meios de acesso público que configuram agora o ecossistema digital do espaço doméstico, impactando o mesmo e as relações familiares nele existentes. Ao referir este processo de domesticação de vários meios tecnológicos, que nos últimos anos têm transformado a paisagem do ambiente familiar, é importante frisar um deles, cujo destaque chegou muito antes.

A televisão, quando se tornou parte integrante do meio doméstico, trouxe consigo os traços e o poder das imagens do cinema, que se passavam a ajustar a um meio mais pequeno e pessoal. Esta, alterou muitos dos hábitos das famílias, que possuíam agora na privacidade das suas habitações, um meio audiovisual que os reunia em torno da informação e do entretenimento (Athique, 2013). Atualmente, a televisão continua a ser um meio que reúne a família num espaço comum, principalmente “durante e/ou após a hora de jantar” (Ponte et al., 2017, p. 6), sendo que é também, um dos favoritos das crianças. Embora a televisão seja um meio que reúne, ainda, muito do tempo e da atenção das crianças, esta vê-se a partilhar o seu espaço com o tablet, que, nos últimos tempos, tem vindo a ganhar a preferência dos mais novos (Brito & Dias, 2017a). A cada vez maior

variedade de meios digitais nos ambientes familiares, verificada na maioria dos casos em famílias de classe média e alta, tem alterado os hábitos de convívio das famílias assim como o espaço onde assistem, ou interagem com os meios que possuem. Nisto, a fácil mobilidade dos aparelhos digitais, assim como a sua genética individualista, com intuito de satisfazer os desejos e necessidades pessoais de cada um, gerou, consequentemente, uma cultura de individualização no lar. Hoje, os computadores ao serem portáteis não precisam de estar integrados num espaço específico, pois podem ser transportados e utilizados em qualquer tipo de divisão (Livingstone, 2005). Segundo Livingstone, numa outra sua obra (2007), a saturação dos meios de comunicação nos espaços domésticos levou a que os quartos dos membros da família se transformassem numa nova divisão de lazer e entretenimento. Isto é, o tempo que anteriormente era passado em família, em frente à televisão, quando esta possuía uma posição fixa, compete agora, não só com a possibilidade de uma multiplicidade de aparelhos televisivos por divisões, como com a cultura convergente associada aos meios digitais e que permite ver televisão através dos ecrãs dos *smartphones*. Este fenómeno, denominado de “*Bedroom Culture*” (Livingstone, 2007, p. 2) é visível em Portugal, e a sua conjuntura encontra-se em destaque a nível europeu, pois é considerado “um dos países onde mais crianças e jovens declaram aceder à internet nos quartos” (Ponte, Jorge, Simões, Cardoso, 2012, p.24). Embora esta conjuntura do quarto transformado num ambiente privado, fortemente mediático e digital, enunciado por Sonia Livingstone (2007), pareça sugerir situações de isolamento, estas não se assumem, necessariamente, como consequência direta. Segundo Livingstone (2007) e Castells (2014), nesta conjuntura não se verifica uma automática substituição das interações físicas, ou uma cessação dos processos de comunicação, mas sim uma amplificação dos mesmos, e que ao serem mediados pela *internet*, permitem inclusive, maiores e mais diversas oportunidades de socialização. No entanto, Brito e Dias (2017b), reconhecem que uma comunicação mediada por aparelhos digitais não se apresenta tão vantajosa e “rica como uma comunicação cara-a-cara” (p. 180). Para além disto, a presença, cada vez mais constante, de meios digitais nos quartos das crianças e jovens, pode gerar impacto nas suas rotinas, nomeadamente no seu sono e no tempo que passam neste seu espaço a interagir com os meios à sua disposição, que acaba por ser maior do que se não os tivessem (Uhls, 2015; Larson, Green & Cordell, 2011). Contudo, são as crianças com idade superior a nove anos, e os jovens adolescentes, que parecem disfrutar de passar mais tempo nos seus quartos a interagir com os meios digitais, pois as crianças de idade inferior à indicada revelam maior interesse em passar o seu tempo de lazer nos

espaços comuns da habitação, partilhados pela família (Livingstone, 2007). Neste seguimento, os mais novos, de idade inferior a nove anos, são aqueles que necessitam de uma maior orientação, por parte das figuras parentais, para lidar com os meios digitais à sua disposição, pois ainda não são totalmente capazes de interpretar aquilo que estão a ver (Brito, Francisco, Dias & Chaudron, 2017). E isto acaba por permitir um maior controlo acerca do conteúdo a que são expostos, pois segundo um estudo da Ofcom (2018), a monitorização do uso dos meios digitais torna-se mais difícil à medida que as crianças vão crescendo. Este contacto das crianças com os meios digitais é cada vez mais uma constante na sociedade atual, verificando-se também que a interação entre ambos acontece cada vez mais cedo, com crianças de idades mais pequenas (Holloway, Green & Livingstone, 2013). É no ambiente doméstico, desenhado em torno das novas tecnologias, que as crianças têm, geralmente, o primeiro contacto com os meios digitais, onde a interação entre ambos é ditada por um conjunto de regras e hábitos, estabelecidos e transmitidos pelas figuras parentais. Isto é, a relação das crianças com os meios digitais no espaço doméstico é conduzida pelos pais e impactada pelas suas decisões, assim como pelo exemplo que dão, visto que constituem figuras de autoridade e de referência para as crianças e para a sua conduta. Esta realidade, predominantemente tecnológica e digital, impacta a criança que nela nasce desde cedo, envolvendo-a na conjuntura de uma rede de conectividade, que molda o seu crescimento, a sua infância, e os seus processos de comunicação, que se mostram diferentes face à vivência de crianças nascidas em gerações anteriores (Park, 2011; Brito & Dias, 2017c; Marsh, Plowman, Yamada-Rice, Bishop & Scott, 2016).

Capítulo 2 – Infância e Criança

2.1. Infância na realidade digital

Falar sobre a infância é falar sobre um conceito que desperta curiosidade à sua investigação, por se constituir complexo, “instável, ambíguo, ambivalente e difícil de normatizar” (Barbosa, Delgado & Tomás, 2016, p. 104). Este, que emergiu em volta das classes altas, no interior da burguesia, e que hoje se afirma como uma etapa do desenvolvimento humano, viu a sua significância alterar-se ao longo do tempo, impactado por diferentes conjunturas, visto que “a conceção destes períodos é produto das ideologias de cada época” (Miranda & Blanco, 2013, p. 33). Áries (1981) reflete sobre este conceito, e apresenta e discute uma realidade onde a ideia de infância e de criança careciam de reconhecimento. Segundo o autor, “na sociedade medieval (...) o sentimento de infância

não existia” (Áries, 1981, p. 156). Este, que “corresponde à consciência da particularidade infantil, essa particularidade que distingue essencialmente a criança do adulto” (1981, p. 156), não constava na generalidade do pensamento da época, permitindo, assim, uma proximidade dos significados daquilo em que consistia ser criança e ser adulto. Isto é, “a duração da infância era reduzida ao seu período mais frágil” (Áries, 1981, p. 10), mas a partir do momento em que a criança mostrava ser capaz de possuir novas capacidades, de exercer novas funções, passava a ser olhada como um adulto. Assim, “passados os cinco ou sete primeiros anos” (Áries, 1981, p. 186), a criança era colocada na “sociedade dos adultos e não se distinguia mais destes” (1981, p. 156). A noção aproximada dos sete anos de idade, enquanto elemento definidor da entrada da criança numa fase onde era assemelhada ao adulto, pode entender-se como sendo esta uma altura onde a criança detém uma maior compreensão da realidade, dos discursos à sua volta, o que se vê mencionado através da ideia de que “a Igreja Católica designou os 7 anos como a idade onde parecia haver um conhecimento da diferença entre o certo e o errado, a idade da razão” (Postman, 1982, pp. 13-14). Nisto, equiparada à figura adulta, a criança era vista como capaz de desempenhar tarefas, trabalhos, que estes também desempenhavam, e era através desse contacto e dessa partilha que os mais novos adquiriam muitos dos seus “valores e conhecimentos” (Áries, 1981, p. 10). Esta ideia que a sociedade da época, descrita por Áries (1981), detinha sob a criança era ainda visível no vestuário, que assim que fosse possível, deveria igualar o do adulto, apenas em tamanho menor (pp. 69-70). Na arte, também, a representação da criança, e da própria infância, foi, “até por volta do século XII” (p. 50), praticamente inexistente. Contudo, o fado da criança viu o seu rumo a ser moldado pelos avanços em torno do reconhecimento e conceção da infância, assim como por uma maior sensibilização em torno das crianças (Áries, 1981; Miranda & Blanco, 2013):

“A infância reduzia-se, outrora, ao curto espaço de tempo que mediava entre o nascimento e os sete anos, durante o qual as crianças exigiam ainda cuidados especiais de alimentação e proteção. As mudanças de sensibilidade que se começam a verificar a partir do Renascimento tendem a diferir a integração no mundo adulto cada vez para mais tarde, e a marcar, com fronteiras bem definidas, o tempo da infância, progressivamente ligado ao conceito de aprendizagem e de escolarização. Importa, no entanto, sublinhar que se tratou de um movimento extremamente lento, inicialmente bastante circunscrito às classes mais abastadas” (Pinto, 1997, p. 44).

O vestuário e a arte previamente mencionados, que espelharam as características da realidade envolvente, reproduziram estas mudanças atribuindo indumentárias específicas para as crianças, que as caracterizavam e individualizavam, e reconhecendo-as enquanto ser próprio, separado do adulto, representando-as em peças de arte. (Áries, 1981) Com uma maior representação, individual, na história da arte, muitos artistas valorizaram e expressaram, através das suas obras, a inocência que se fazia descobrir enquanto característica particular da criança (Mook, 2007, p. 141). Estas alterações, embora parecendo pouco significativas, constituíram traços importantes e símbolos da evolução dos tempos que contribuíram para o desenvolvimento e um maior conhecimento acerca da infância e da criança, permitindo uma conceção mais definida de ambos nos dias de hoje. Um dos eventos mais relevantes para o reconhecimento, definição e valorização da infância relaciona-se com o papel da escolaridade. A “escola medieval não era destinada às crianças, era uma espécie de escola técnica destinada à instrução dos clérigos” (Áries, 1981, p. 187), contudo, com a emergência de um sentimento de maior interesse e preocupação face à criança, aliada a “uma preocupação de isolar a juventude do mundo sujo dos adultos para mantê-la na inocência primitiva (...) a escola deixou de ser reservada aos clérigos para se tornar o instrumento normal da iniciação social, da passagem do estado de infância ao do adulto” (Áries, 1981, pp. 231-232). Isto, marca assim, uma separação vincada entre a realidade da criança e a do adulto, em que à primeira lhe é concedido um período destinado ao seu desenvolvimento e aprendizagem, com o objetivo de a preparar para o mundo por se considerar a criança como alguém que ainda “não estava madura para a vida” (Áries, 1981, p. 277). A ideia da existência de uma escola desenhada para a criança reflete, por si, a noção de um certo cariz especial, particular, reconhecido nos mais novos (Postman, 1982, p. 7). Esta relação próxima entre o mundo do ensino e a infância contribuiu, também, para um estreitamento de laços na família e uma maior valorização da criança nesse mesmo meio. Assim, pode dizer-se que a “família e a escola retiraram juntas a criança da sociedade dos adultos” (Áries, 1981, p. 277).

A separação da criança do adulto, e a definição das particularidades que os distinguem, foi, de certo modo também reforçada pela diferente noção de conhecimentos, nomeadamente a “capacidade de ler dos adultos face à incapacidade de ler” (Postman, 1982, p. 18) por parte dos mais novos. Assim, um dos requisitos necessários para a criança se desenvolver e se aproximar da fase adulta consistia em “aprender a ler (...) e para atingir isso precisaria de educação (...) assim, a civilização europeia reinventou as escolas

e ao fazê-lo, tornou a infância uma necessidade” (Postman, 1982, p. 36). Para além disto, numa visão geral, o adulto era considerado dotado de vastos saberes, sendo que muitos deles passaram a ser vistos como inadequados de serem apresentados, partilhados com as crianças (Postman, 1982, p. 15). Deste modo, a separação entre estes dois mundos deu-se também através do surgimento de um sentimento de vergonha, presente no contexto da infância na modernidade, que age aliado a certas limitações que o ser humano, adulto, decidiu impor de forma a proteger a criança. Isto é, uma das alterações notórias face à ideia que (pouco) se tinha, inicialmente, sobre a infância na antiguidade, diz respeito a uma maior preocupação e consideração relativas às crianças no sentido em que certas situações, assuntos, não lhes são expostos sem estas terem ainda a capacidade de as decifrar e discriminar. De certo modo, a infância pouco se afirmava no contexto da sociedade medieval devido à “ausência de literacia, ausência da ideia de educação, e ausência da ideia de vergonha” (Postman, 1982, p. 17).

Ora, neste seguimento, Postman (1982) reflete acerca do conceito da infância e apresenta um discurso preocupado face à realidade da sociedade em que se insere. Neste sentido, afirma acreditar que devido, principalmente, à evolução tecnológica, a ideia de infância está a desaparecer, e a ligação entre o mundo da criança e do adulto se apresenta mais próxima e vincada. O autor aponta os seus receios a meios como a televisão, referindo que esta possibilita uma variedade de conteúdo, que é, à partida, facilmente absorvido por quem o assiste. Assim, o conteúdo audiovisual disponibilizado, podendo ser nocivo, ou inadequado, para ser exposto às crianças, possui menos entraves à sua divulgação quando comparado com um conteúdo igualmente inadequado aos mais novos em formato de texto, num livro, pois requer a capacidade de leitura (Postman, 1982, p. xii; Mook, 2007, p. 150). Face a isto, Kramer (2000) apresenta as suas ideias introduzindo a seguinte questão: “É a ideia de infância que entra em crise ou a crise é a do Homem contemporâneo e de suas ideias no geral?” (p. 3). Kramer (2000) apresenta uma visão abrangente e crítica da sociedade em que se insere, afirmando não concordar com a visão fatalista de que a infância se está a extinguir. Acredita que essa visão parece querer “anular a possibilidade de mudança” (p. 12) e chama à atenção para as desigualdades do mundo, para as muitas pessoas, crianças, que vivem em situações de pobreza, medo, discriminação, referindo a importância de olhar a criança, compreendê-la, e assegurar a infância. Borges e Avila (2015) também abordam a questão apresentada por Postman, contrariando a sua proposta, substituindo a ideia de a infância estar em risco de se findar

com a crença de uma emergência de novas infâncias, adicionando que “as crianças nascidas nos anos 2000 estão chegando às escolas e é preciso que reconheçamos que são sujeitos diferentes daqueles nascidos em décadas anteriores” (p. 107). Até então, a maleabilidade e instabilidade associadas ao conceito de infância têm sido entendidas através de algumas das suas variações em alguns momentos da história. Contudo, torna-se importante compreender melhor as várias definições a ela associadas, colocando também em foco a criança e a forma como esta se posiciona no contexto de infância na sociedade atual. Para melhor compreender o conceito de infância é necessário reconhecer que este é impactado e moldado por diferentes realidades. Assim, esta é algumas vezes também entendida no plural, tendo em conta que “muitos são os tipos de infâncias e de crianças que devem ser reconhecidos legitimamente” (Borges & Avila, 2015, p. 103), e pode ser interpretada na generalidade como “algo biológico (...) sociocultural” (Miranda & Blanco, 2013, p. 33), como um conjunto de “construções histórico-sociais” (Borges & Avila, 2015, p. 106). Segundo Miranda e Blanco (2013), “o ser humano é um animal social graças, em parte essencial, à existência de uma infância, producto lógico da nossa evolução como espécie” (p. 33). A infância é, assim também, entendida como uma etapa de “vulnerabilidade” (OCDE, 2019, p. 16), que abriga a criança com o intuito de garantir o seu desenvolvimento e de a encaminhar à fase adulta (Norozi & Moen, 2016, p. 76). Norozi e Moen (2016) referem ainda que o momento em que uma “criança atinge a fase adulta, deixando a infância para a próxima geração, faz da infância um constituinte universal da sociedade” (p. 79).

Contudo, é importante mencionar o cariz privilegiado de uma infância segura, pois essa não é uma realidade global comum a todas as crianças. Quer seja por motivos históricos, políticos, económicos, sociais, culturais, muitas são as crianças que não passam pelo processo da infância, ou por um processo de infância capaz de as salvaguardar e beneficiar. Isto reforça a ideia de que diferentes realidades moldam a infância, pois esta é “homogénea, enquanto categoria social, por relação com as outras categorias geracionais, e heterogénea, por ser cruzada pelas outras categorias sociais (Sarmiento, 2005A, p. 20). Os fatores associados à realidade em que se encontram moldam as crianças e a sua infância. Contudo, por sua vez, a criança também impacta a realidade em que se insere (Sarmiento, 2005, p. 21). A criança é também impactada pelo “olhar adulto” (Gusmão, 1999, p. 48), que também as caracteriza, mencionando-as como indivíduos menos desenvolvidos, com “menos capacidades cognitivas, habilidades

intelectuais” (Norozi & Moen, 2016, p. 76). Para além disto, à criança é-lhe também associado o conceito de *infans*, ou seja, aquele que não fala (Kramer, 2000, p. 5).

Neste sentido, alguns autores reconhecem que existe uma certa negatividade associada à infância e à criança, contrariando-a:

“a infância não é a idade da não-fala: todas as crianças, desde bebés, têm múltiplas linguagens (gestuais, corporais, plásticas e verbais) por que se expressam. A infância não é a idade da não-razão: para além da racionalidade técnico-instrumental, hegemónica na sociedade industrial, outras racionalidades se constroem, designadamente nas interações entre crianças, com a incorporação de afetos, da fantasia e da vinculação ao real. A infância não é a idade do não-trabalho: todas as crianças trabalham, nas múltiplas tarefas que preenchem os seus quotidianos, na escola, no espaço doméstico e, para muitas, também nos campos, nas oficinas ou na rua. A infância não vive a idade da não-infância: está aí, presente nas múltiplas dimensões que a vida das crianças (na sua heterogeneidade) continuamente preenche” (Sarmiento, 2005, p. 25).

Mook (2007) adiciona ainda que “as crianças não deveriam ser definidas como adultos incompletos” (...) “são únicas à sua maneira” (p. 152). Sendo únicas, e caracterizadas por diferentes realidades, a criança de hoje possui uma infância moldada à medida de uma sociedade digital. A criança que cresce envolta numa realidade digital, desenvolve desde cedo as competências que a permitem incorporar-se na mesma. Existe, assim, a ideia de que hoje as crianças “crescem mais rapidamente e de que são mais capazes” (Mook, 2007, p. 153). Nisto, “as crianças de hoje não são como as de antigamente” (L’Ecuyer, 2017, p. 46). Vivem uma infância diferente impactada pela evolução dos tempos, contudo é imperativo que esta não se deixe influenciar totalmente pelos incentivos de instantaneidade e rapidez da realidade atual. Isto porque a infância não deve sucumbir a estas características, pois constitui uma etapa fulcral no desenvolvimento da criança e não deve ser acelerada de maneira nenhuma. É durante a infância que se verificam importantes desenvolvimentos na curiosidade da criança, na sua “imaginação (...) brincadeira” (L’Ecuyer, 2017, p. 97), e estas devem aprimorar-se a seu tempo. Quando procedendo a uma comparação entre a infância atual e aquela que se verificava há alguns anos, prévia ao desenvolvimento das tecnologias digitais, encontram-se mudanças significativas nas formas de estar, comunicar, brincar. Enquanto há uns anos, a infância era vivida pela criança em espaços exteriores, as brincadeiras partiam de brinquedos físicos, ou mesmo apenas da imaginação, hoje o cenário remete-se para o

interior da casa de cada um, onde as brincadeiras agora também digitais atribuem novos significados às vivências e ao crescimento das crianças. Apesar do visível impacto da conjuntura digital no mundo infantil, torna-se também importante mencionar que a infância não deixou totalmente para trás alguns traços agora antigos, sendo que muitos apenas se adaptaram e se incorporaram nos meios digitais (Borges & Avila, 2015, p. 110).

2.2. O Brincar

O mundo da criança na realidade tecnológica e digital atual vê-se envolto em novas representações de infância, distintas de gerações anteriores, mas que não surgem isoladas, sendo assim acompanhadas de novos olhares sob o conceito de brincar e alterações verificadas ao mesmo. Este conceito apresenta-se, na generalidade, como um fenómeno constante na vida humana, que detém modificações pois é produto do tempo e moldado por diferentes realidades. Deste modo, reconhece-se que o conceito de brincar “reflete e transmite valores culturais” (Yogman, Garner, Hutchinson et al., 2018, p. 7). Existe uma certa dificuldade em defini-lo sendo considerado, em comparação, mais fácil de identificar (Eberle, 2014, p. 217). Uma das razões motivadoras desta dificuldade concerne as relações humanas, a sua complexidade e o desafio de as expressar na sua exatidão por palavras (2014, p. 231). Eberle (2014) adiciona ainda:

“Play makes us more interesting and better adjusted in social circumstances; it is education for the public self. We are undeniably fitter and quicker when we play, and we are measurably duller and edgier when we do not. Play helps us blow off steam. But here again, to try to define play by naming its functions or listing its beneficial effects would be like trying to define art by where we hang it or by counting the brush strokes on a canvas.” (Eberle, 2014, p. 217).

Brincar é parte integrante do desenvolvimento do ser humano e da vida em sociedade. O ato de brincar, e aquilo que este envolve, revela gerar impacto na “estrutura do cérebro e no seu funcionamento” (Yogman, Garner, Hutchinson et al., 2018, p. 5) sendo capaz de estimular o desenvolvimento e aprimoramento de “processos de aprendizagem” (2018, p. 1). Para além disto, é ainda considerado um palco para a aquisição de ferramentas úteis e relevantes na realidade do “século 21 direcionadas para a resolução de problemas, colaboração e criatividade (...) sucesso na vida adulta” (2018, p. 2). Neste sentido, compreende-se também que a brincadeira permite à criança desenvolver o seu “pensamento crítico em relação a si e ao que lhe rodeia” (Araujo &

Reszka, 2016, p. 176). Ser curiosas está na sua natureza, e é através do brincar e “movidas pela curiosidade” (L’Ecuyer, 2017, p. 64) que adquirem e desenvolvem novos conhecimentos, competências e “aprendem a exercer a sua liberdade” (2017, p. 65).

A presença do brincar na vida do ser humano, mais especificamente da criança, é visível no dia-a-dia, nos hábitos, nas práticas, e é evidenciado em espaços criados, definidos para tal - como “parques” (Frost, Wortham & Reifel, 2012, p. 3) - e em espaços de significados lúdicos atribuídos em torno do conceito. A criança atribui significados a objetos, assim como também a espaços, e durante muito tempo, a natureza, o campo, locais não desenhados pelo Homem com intuito de providenciar entretenimento à criança, foram palco principal para os mais novos passarem o seu tempo livre e brincarem. Num resultado natural da evolução dos tempos, estes espaços viram-se a ser menos ocupados pelas crianças, que começaram a passar mais tempo dentro de suas casas (Barbosa, Delgado & Tomás, 2016, p. 117; Frost, Wortham & Reifel, 2012, pp. 285-286). A utilização de espaços exteriores para brincar, embora ainda se verifique, não se apresenta tão recorrente como outrora e não representa um palco de destaque onde as crianças passam a maior parte do seu tempo de lazer, justificando-se pela existência de alguns receios por parte dos seus pais ou figuras cuidadoras. Na atualidade, verifica-se uma certa preocupação por parte de figuras adultas face aos perigos que possam existir num meio exterior, não tão fácil de controlar, o que pode facilitar a que a segurança da criança seja comprometida. Esta ideia já se apresentava no início do século, mesmo antes de este ser alvo de tantas transformações, e onde Livingstone e Bovill (2002), no seu estudo, expuseram a informação de que “apenas 11% dos pais afirma que as ruas onde vivem são seguras para as suas crianças, comparado com” (p. 4) a maioria dos pais que afirma o oposto e revela alguma preocupação. Receios de que os mais novos se magoem, parecem ser suficientes para gerar uma certa aversão pelo exterior, e a preocupação de “cair de uma árvore (...) sujar a roupa” (L’Ecuyer, 2017, p. 78) serve de reforço a todas as outras preocupações, servindo a vontade dos pais de manterem os seus filhos longe de um meio exterior imprevisível e da necessidade de sentirem os seus filhos em segurança. Com isto, são alguns os pais que lhes compram certos brinquedos que acabam por solidificar o interior das habitações como o principal espaço de brincar da criança (McNeal, 2007, p. 48). Assim, os espaços de brincar modificaram-se e as brincadeiras também. Os piões, os berlindes, entendidos como brinquedos mais tradicionais, e os brinquedos físicos na sua generalidade, começaram a partilhar e a ceder espaço aos meios digitais que incorporam

em si hoje variadas formas de brincar. Neste seguimento, torna-se importante mencionar um conjunto de brinquedos que surgiu seguindo os desenvolvimentos da sociedade digital. O conceito de “*Internet of Toys* ou *IoToys* segue-se do desenvolvimento da *Internet of Things*” (Mascheroni, Holloway & Kupiainen, 2017, p. 4), e espelha a realidade digital através de brinquedos que possuem na sua constituição algum tipo de ligação em rede. Assim, alguns brinquedos tidos como tradicionais encontram-se a adaptar-se à realidade atual, explorando através da possibilidade de conectividade novas maneiras de brincar. Para além disto, os meios digitais são também entendidos como brinquedos (Dias & Brito, 2016, p. 60). A criança de hoje cresce envolta de tecnologias e estímulos que não existiam ou não se apresentavam tão vinculados em realidades antecessoras, e o seu quotidiano é inevitavelmente influenciado pela estrutura digital da sociedade atual (Marsh, Plowman, Yamada-Rice, Bishop & Scott, 2016, p. 243). Isto impulsiona e possibilita uma relação de proximidade e familiaridade com os meios digitais que se desenvolve, em muitos casos, desde cedo, visto que se tem verificado que “crianças até aos seis anos de idade cada vez mais utilizam dispositivos com conexão à *web*, nomeadamente dispositivos móveis, como *tablets* e *smartphones*” (Brito & Ramos, 2017, p. n/d). Os meios digitais são tão parte integrante da vida em sociedade, nos dias de hoje, que a presença e o encaixe dos mesmos na “vida das crianças parece ocorrer de forma natural” (Chaudron, Gioia & Gemo, 2018, p. 39), de tal modo que a utilização e o manuseamento destes dispositivos é “para muitas crianças tão natural quanto respirar” (Tapscott, 2008, p. 18). Esta particularidade contribuiu para a atribuição do termo *digitods* enquanto caraterizador das “crianças nascidas numa realidade digital pós o lançamento do *iPhone* e que dispõem de oportunidade de acesso a tecnologias de ecrã tátil desde que nasceram” (Holloway, Green & Stevenson, 2015, p. n/d). É importante compreender que as crianças “olham para estas tecnologias como um meio de entretenimento” (Brito & Ramos, 2017, p. n/d). O dispositivo e o ecrã “não são em si a brincadeira, são os meios pelos quais as conexões e as brincadeiras acontecem” (Couto, 2013, p. 910), e por isso, embora demonstrem mais agrado para com determinados formatos e dispositivos, aquilo que mais importa para os mais novos são as oportunidades de entretenimento que possibilitam.

Nisto, os mais novos possuem as suas preferências, que podem ser entendidas como os meios digitais com que mais brincam, dentro daquilo que os seus pais lhes disponibilizam. Revelam mostrar preferência pelos meios digitais que detêm maior “mobilidade como o

tablet e o *smartphone*” (Brito & Ramos, 2017, p. n/d), mas na generalidade, detêm o primeiro como o seu favorito. O *tablet* é considerado o meio digital, ou mesmo o “brinquedo” (Brito & Dias, 2016, p. 55) digital, preferido das crianças pela sua “portabilidade” (2016, p. 53), pelo seu funcionamento intuitivo, por possuir um “ecrã maior do que o *smartphone*” (Chaudron, Di Gioia & Gemo, 2018, p. 33) e pela grande variedade de conteúdo de entretenimento que possibilita (Brito & Dias, 2016, p. 53). Para além disto, o *tablet* é em alguns casos considerado no ambiente familiar um “dispositivo de família (partilhado entre os membros) ou mesmo uma propriedade individual da criança” (Chaudron, Di Gioia & Gemo, 2018, p. 33) o que pode, também, justificar esta preferência por parte dos mais novos. Outra das vantagens do *tablet* prende-se com o seu cariz lúdico pois possibilita às crianças jogar inúmeros jogos, podendo estas interagir com os mesmos com as mãos, com os dedos, o que se revela uma preferência face a outros dispositivos que não o permitem (Brito & Ramos, 2017, p. n/d). Isto verifica-se também no *smartphone*, que segundo Brito e Ramos (2017), no seu estudo, é um dispositivo de preferência “especialmente para crianças com menos de 3 anos, pois é mais fácil de manusear, é mais leve e mais pequeno” (p. n/d). O *smartphone* possibilita também variadas atividades de entretenimento para os mais novos, contudo, por ser entendido como um “dispositivo pessoal dos pais” (Brito & Ramos, 2017, p. n/d) em alguns casos, não possui, em geral, a mesma liberdade de uso que o *tablet*. As atividades geralmente em destaque através dos usos feitos pelas crianças nestes meios digitais são “jogar jogos e ver vídeos, geralmente de desenhos animados. O YouTube é uma das aplicações favoritas” (Brito & Dias, 2016, p. 53)

A televisão, embora tenha possuído outrora uma posição de maior destaque, hoje é ainda um dos meios que preenche o tempo de brincar das crianças (Livingstone & Bovill, 2002, p. 7). No espaço de brincar das crianças também se podem, ainda, incluir as “consolas e os computadores” (Chaudron, Di Gioia & Gemo, 2018, p. 33). No que diz respeito às consolas, estas são em alguns casos passadas entre gerações, “sendo dos adultos antes de serem dos seus filhos” (Brito & Ramos, 2017, p. n/d), e outras como a “*Wii* são compradas como entretenimento para toda a família” (Brito & Ramos, 2017, p. n/d). Embora seja um dispositivo que utilizem para brincar, não se verifica uma tão grande preferência pelas mesmas quando comparadas com o *tablet* e o *smartphone*, o que pode ser também entendido pelo gosto das crianças para com os ecrãs táteis previamente mencionado. Por sua vez, o computador, geralmente, também não possibilita a interatividade por ecrã tátil,

para além de apresentar mais desafios à sua utilização principalmente para com crianças mais novas (Chaudron, Di Gioia & Gemo, 2018). Assim, em alguns casos, estas utilizam mais o computador para brincar em situações em que “não têm acesso ao *tablet*, ao *smartphone*, ou à internet/rede Wi-fi, ou quando os jogos no *tablet* ou no *smartphone* não funcionam” (Brito & Ramos, 2017, p. n/d). O computador adquire maior frequência de uso pela criança para brincar quando é “a única tecnologia digital acessível no ambiente doméstico” (Chaudron, Di Gioia & Gemo, 2018, p. 33). Os meios digitais enquanto brinquedos expandem o mundo do brincar das crianças e exploram os seus sentidos através de estímulos em forma de “sons e cores” (Dias & Brito, 2016, p. 53) que cativam os mais novos e alimentam a sua curiosidade inata. Esta proximidade e frequente interação entre a criança e os meios digitais gera algumas preocupações.

L’Ecuyer (2017) apresenta o receio de que os estímulos provenientes dos meios digitais, de que a sua autonomia, e a sua capacidade de criar brincadeiras e de as disponibilizar para interação às crianças, possam condicionar o seu processo de “criatividade e imaginação” (p. 60). A autora afirma que “é importante que as brincadeiras escolhidas, na medida do possível, não precisem de pilhas nem tenham botões. As pilhas devem nascer de dentro da criança. Não é o brinquedo que deve funcionar, é a criança quem deve ter a iniciativa através da brincadeira.” (p. 63). Esta visão crítica dos meios digitais, e acima de tudo, do seu uso intensivo, é partilhada e complementada por Yogman *et al.*, (2018) que afirmam que a interação e brincadeira da criança com estes “retira tempo da brincadeira real” (p. 8) e que existe uma “melhor aquisição de aprendizagens de pessoa-para-pessoa do que de máquina-para-pessoa” (p. 9). Com isto, torna-se importante esclarecer a ideia daquilo que é entendido como a brincadeira real e aquilo que se opõe a esta, gerando a distinção. Os meios digitais trouxeram consigo a “brincadeira virtual que é realizada através da tecnologia em vez de objetos concretos (...) “que possui qualidades de algo real, mas que não o é” (Frost, Wortham & Reifel, 2012, p. 365). Ou seja, isto pode entender-se através da ideia de que hoje a criança em vez de apenas “brincar com um carro de brincar pode conduzir um virtual” (p. 365) através das opções que os meios digitais permitem. Segundo este raciocínio, a brincadeira é considerada real quando envolve algo que não é mediado por ecrãs, quando o brinquedo é apenas o objeto em si mesmo. Em suma, a brincadeira real parece remeter para um tipo de brincar mais tradicional, anterior aos meios digitais. Ora, mesmo numa realidade digital híperestimulada os indivíduos não se encontram sempre conectados (Couto, 2013, p.

910), muito menos as crianças. E mesmo que os meios digitais sejam parte integrante do dia-a-dia dos mais novos, e do seu brincar, isto não implica necessariamente uma extinção do uso de brinquedos ditos mais tradicionais. Marsh (2017) apresenta um estudo realizado em torno de uma “criança de três anos” (p. 27) que parece reforçar esta ideia, exibindo uma ligação entre o brincar real e virtual previamente mencionados. Neste estudo, a criança encontra-se a brincar no *tablet* através de uma aplicação baseada em desenhos animados. A dado momento, esta decide ir buscar os “brinquedos de plástico” (Marsh, 2017, p. 26) que possui e que fazem parte desse mesmo universo de desenhos animados, e começa, assim, a incluí-los na brincadeira com o *tablet*. Contudo, este passa para segundo plano, pois enquanto o dispositivo digital produz sons de incentivo à interação com o mesmo, a criança desvia a sua atenção para outro objeto e opta por “desenvolver uma narrativa paralela ao brincar com os brinquedos” (Marsh, 2017, p. 25). Deste modo, e neste momento de brincadeira, o *tablet* deixa de ser um elemento único e central, acabando por ser utilizado pela criança como ambiente parte da narrativa através da “música” (p. 25) que transmite e da atmosfera que cria. A criança não retira o *tablet* da brincadeira, mas mantém-no como elemento integrante que funciona em coesão com outros. A junção dos dois mundos é o que adiciona magia e complementaridade à brincadeira desta criança. Isto pode ser ainda corroborado por Given *et al* (2014), que no seu estudo verificam uma conjugação de dispositivos digitais com brinquedos enquanto elementos parte do momento de brincar, em que, num exemplo, a criança “brincava com uma boneca *Barbie* enquanto cantava em conjunto com um vídeo” (p. 6) da mesma. Com isto, compreende-se que embora os meios digitais façam parte do espaço de brincar das crianças de hoje, estes não são os únicos e não monopolizam necessariamente a atenção dos mais novos sobre eles. Para além disto, embora possuam conteúdos de entretenimento desenhados à medida da faixa infantil, nem sempre obtêm a resposta desejada por parte das crianças (Marsh, 2017, p. 28). A ideia de L’Ecuyer (2017) previamente mencionada face à preocupação dos meios digitais condicionarem as crianças e a sua liberdade de criar e imaginar, pode ser revisitada para discussão, pois aqui verifica-se, que estes dispositivos podem, por sua vez, incentivar a criança a explorar a sua imaginação, desenvolvendo histórias e criando outras novas. Assim como a infância não cessou de existir, o brincar também não. Reinventou-se e adaptou-se a uma realidade tecnológica e digital, trazendo consigo novas oportunidades ao mundo do brincar permitindo e apurando o desenvolvimento de competências nas crianças. Os meios digitais são uma valiosa adição ao brincar das crianças. Os mais novos, que as utilizam “maioritariamente em tempo de

lazer (...) para entretenimento” (Chaudron, Di Gioia & Gemo, 2018, p. 34) ao interagirem com estes encontram estímulos que alimentam as suas “necessidades de diversão (...) curiosidade, criatividade e vida social” (2018, p. 37). Para além disto, os meios digitais enquanto brinquedos não produzem apenas o valor de entretenimento, podendo também ser interpretados e utilizados como “um artefacto pedagógico” (V. dos Anjos, Alonso, & M. dos Anjos, 2018, p. 184), mesmo não sendo usados assim tão frequentemente com esse intuito (Dias & Brito, 2016, p. 56). Esta é, em alguns casos, a vertente preferida dos pais, seja num brinquedo digital ou num brinquedo físico, sendo assim aquilo que é entendido por “*edutainment*” (McNeal, 2007, p. 47) a premissa em volta de brinquedos que permitem aprender através do brincar. O aproveitamento destes brinquedos e dos benefícios que podem apresentar encontra-se “dependente da maneira como estes são utilizados” (V. dos Anjos, Alonso & M. dos Anjos, 2018, p. 184). O uso dado aos brinquedos está dependente dos próprios interesses das crianças, mas encontra-se sobretudo subjugado às intenções e ações das figuras parentais. São estas que, à partida disponibilizam os meios digitais às crianças e servem de ponto mediador para a interação. (Frost, Wortham & Reifel, 2012). Ou seja, é a estas figuras parentais que cabe a responsabilidade de definir que tipo de relação é que as crianças possuem com os meios digitais e com o seu próprio brincar. Neste sentido, algumas das preocupações dos pais, de que os meios digitais tomem muito do tempo dos seus filhos, ou que substituam o tempo que podia ser por elas passado ao ar livre a brincar, podem ser atenuadas por eles e a chave parece ser o equilíbrio (Frost, Wortham & Reifel, 2012). O brincar digital embora traga consigo novas oportunidades não substitui muitas outras brincadeiras que antecediam estes estímulos, sendo por isso importante que a brincadeira dita tradicional, sem ser mediada por meios digitais, seja também integrada no dia-a-dia das crianças. É importante que as crianças também brinquem com objetos concretos, que criem histórias com bolas ou bonecos, que corram, saltem, e que não o façam simplesmente pelo meio de um ecrã. Numa realidade digital, a brincadeira através dos meios digitais tem as suas vantagens, mas é o complemento dos dois polos que enriquece o momento do brincar da criança.

A fragilidade das crianças e a sua maior predisposição para serem influenciadas pelo ambiente e pelas pessoas que as rodeiam, nos seus “3 primeiros anos de vida” (Frost, Wortham & Reifel, 2012, p. 92), já é conhecida, assim como o acompanhamento que necessitam. Durante o brincar, isto não é exceção. Tendo em conta o vasto conteúdo

acessível possibilitado pelos meios digitais, assim como os perigos associados, é importante que as figuras parentais monitorizem, de alguma forma, o momento do brincar, estabeleçam regras, ou participem na brincadeira. Este último aspeto revela-se especialmente benéfico, pois não só estreita os laços familiares, como tendo em consideração que as crianças mais novas “aprendem muito por observação e participação” (McNeal, 2007, p. 294), uma brincadeira conjunta com aqueles que são para ela entendidos como os elementos de exemplo poderá facilitar uma aquisição de aprendizagens e desenvolvimento de competências (Yogman, Garner & Hutchinson *et al.*, 2018, p. 7). Apesar disto, é essencial que o momento de brincar da criança não esteja saturado de intervenções dos adultos ou de estratégias implementadas por estes com o intuito de moldar totalmente a criança e a sua brincadeira. É importante que esta usufrua da sua liberdade para brincar e que explore a sua criatividade sem ser necessariamente instruída para tal. Contudo, isto não deve reduzir a importância de implementação de alguns limites e regras para que o brincar nos meios digitais decorra sem percalços:

“The roles of adults are to be smart (get educated) about what constitutes excessive risk, that is, risk likely to result in serious injury or death; to see that children have extensive daily opportunities to play in challenging, stimulating places that promote creativity, learning, fitness, and motor development; to check carefully all consumer products that children play with and help children examine them for safety, without encouraging paranoia; to spend time with children ensuring that they develop both motor and cognitive skills that make them smarter, safer players” (p. 435)

Assim, entende-se que o processo de brincar da criança, sendo-lhe inato e uma necessidade sua complementar ao seu desenvolvimento, não lhe pertence na totalidade, não sendo verdadeiramente do seu controlo. As possibilidades de brincar que a sua curiosidade convida são variadas, contudo é a figura adulta que detém o poder e a responsabilidade de ditar como e se estas se concretizam. A mediação parental desempenha assim um papel essencial e apresenta-se como um elemento definidor no momento de brincar da criança, possuindo a chave capaz de delinear a sua liberdade assim como de garantir a sua salvaguarda.

Capítulo 3 – Pais, filhos, e os novos *babysitters*

3.1. Mediação Parental

Os meios digitais modificaram o mundo da criança, preenchendo-o com novas oportunidades, mas também com novos desafios. O contacto cada vez mais cedo com os meios digitais, a “vulnerabilidade” (Livingstone, Carr & Byrne, 2016, p. 11) associada às crianças especialmente em estágios de importante desenvolvimento, juntamente com a portabilidade destes aparelhos digitais, o seu manuseamento intuitivo e possibilidade de acesso a conteúdo vasto, iluminam questões face à segurança e bem-estar dos mais novos. Nesta contextualização, a grande variedade de meios digitais na realidade atual e um ecossistema digital mais diversificado no ambiente doméstico de muitas famílias, trazem uma certa dificuldade na gestão deste espaço tecnológico que não se verificava tão acentuada em realidades onde a televisão era o meio audiovisual em destaque para entretenimento e informação nas habitações (Nikken, 2018, p. 98; V. dos Anjos, Alonso & M. dos Anjos, 2018, p. 184). Neste sentido, este processo de uso dos meios digitais pelos mais novos tornou-se um motivo de apreensão para muitos pais, ou principais cuidadores, e tendo em conta a forte expressão dos meios digitais na vida em sociedade, na vida em família, e no impacto que revela no momento de brincar da criança, previamente mencionado, esta temática passou a ser também um item incluído nos parâmetros para a “educação” (Nikken, 2018, pp. 96-99). Os pais, ou figuras cuidadoras, representam um papel de extrema importância nos momentos de interação e nos processos de desenvolvimento da criança. Sendo estes, na generalidade, os elementos com quem a criança estabelece o seu primeiro contacto, membros integrantes e impactantes do seu espaço de desenvolvimento, são assim também um pilar importante na sua educação. Segundo Brites e Clark (2018):

“Children’s rights are bound up with the rights and responsibilities of the parents and caregivers with whom they live. (...) parents and caregivers are expected to exercise their parental responsibilities for keeping children safe and for nurturing children into adulthood (...)” (p. 81).

Num contexto de realidade digital, as responsabilidades das figuras adultas para com as crianças passam assim também pela educação associada ao uso de meios digitais, dotando os pais da função “de as guiar numa utilização segura e relevante em aprendizagens” (Brito, 2018, p. 21). Assim, estes aspetos mencionados trazem a palco a ideia de mediação parental. Simões (2012) caracteriza o termo mediação “como qualquer prática que direta ou indiretamente procure exercer algum tipo de influência sobre o modo como os outros

se relacionam com um meio de comunicação específico” (p. 121). O autor adiciona ainda que o termo “constitui uma atividade complexa e multifacetada, podendo assumir diferentes configurações e envolver vários agentes e recursos em simultâneo” (p. 141).

Assim sendo, o conceito de mediação parental dá destaque aos pais enquanto elementos influentes e decisores no uso dado aos meios digitais pelas crianças, assim como espelha as “práticas levadas a cabo pelos adultos e o poder que possuem de formatar o ambiente doméstico e mediático em torno das necessidades específicas e competências” (Livingstone, Mascheroni, Dreier, Chaudron & Lagae, 2015, p. 7) dos mais novos. As crianças, principalmente quando são mais novas, detêm a sua aprendizagem, em grande parte, por meios de “observação e participação” (McNeal, 2007, p. 294). Neste sentido, tendo em consideração o poder do papel das figuras parentais, as ações que praticam, os hábitos e regras que estabelecem no ambiente familiar, moldam as crianças e o seu comportamento. É importante também mencionar que, embora as figuras parentais sejam aqui entendidas como elementos de destaque, as crianças, e a sua conduta, é também moldada pela influência de outras figuras que as rodeiam e com quem interagem, como é o caso de “amigos e irmãos” (Simões, 2012, p. 123). Estes últimos, são em muitos casos, também olhados pelas crianças mais novas como uma referência, e, portanto, compreende-se que as suas ações causem também influenciem os mais pequenos (McNeal, 2007, pp. 74-75). No geral, ambos, quando em idades próximas, partilham “interesses e (...) uma espécie de *aproximação geracional*” (Simões, 2012, p. 123) capaz de impactar a interação das crianças com os meios digitais. Mas são as figuras parentais que representam um papel fulcral nos hábitos e práticas digitais das crianças através das estratégias de mediação parental que implementam. Simões (2012) apresenta a “mediação ativa” (p. 124) como um conjunto de “práticas que implicam a presença dos pais junto das crianças e jovens (...) ajudando-os em caso de dificuldade ou discutindo o que estes devem fazer numa situação problemática particular” (p. 124). De seguida, indica a “restrição ativa” (p. 125) como uma estratégia de mediação cujo foco se encontra no estabelecimento de limites, de “regras (...) que restrinjam os usos das crianças” (p. 125). Por sua vez, apresenta também a ideia de “monitorização” (p. 125) que remete para uma ação vigilante das figuras parentais em torno de, por exemplo, “a utilização que os seus filhos fizeram da internet, consultando (...) o histórico das atividades realizadas” (p. 125). Por fim, menciona a “mediação técnica” (p. 125) que descreve estratégias em que os adultos recorrem a determinadas ferramentas, programas, que permitem uma maior e mais detalhada supervisão sob as atividades das crianças nos meios digitais. Nikken e

Jansz (2006), reconhecem e apresentam também as mediações ativa e restritiva como estratégias associadas ao uso de meios digitais pelas crianças, adicionando ainda uma outra que se celebra pela partilha de momentos em conjunto, na família, de visualização, interação, com os meios digitais denominada de “co-utilização social” (p. 182). Os autores apresentam estes procedimentos de mediação parental a partir de estudos anteriores focando atividades de visionamento e interação com a televisão, sendo este o meio sob o qual o tema da mediação e a sua discussão primeiro incidiu (Valkenburg, Kremer, Peeters & Marseille, 1999), contudo, verifica-se que a sua menção se expande e continua a fazer sentido aplicada em torno de variados outros aparelhos, nomeadamente digitais (Nikken & Jansz, 2006, p. 183). Ora, os tipos de mediação parental aplicados diferem entre famílias, meios familiares, e são impactados por múltiplos fatores. Na teorização de Valcke *et al.*, (2010) entende-se uma ligação entre mediação parental e diferentes tipos de parentalidade, sendo estes influenciados entre si. Neste sentido, os autores apresentam os seguintes estilos parentais: “estilo parental permissivo, estilo parental *laissez-faire*, estilo parental autoritativo, estilo parental autoritário” (p. 456). Tal como o nome indica, o primeiro descreve um contexto em que as figuras parentais mostram atitudes de cedência para com os seus filhos, e onde não estabelecem normas vinculadas sob as quais estes se devam reger face ao uso de meios digitais. O segundo pretende descrever um conjunto de posicionamentos mais distante, em que as figuras parentais não desempenham um papel incisivo ou participativo no processo de utilização dos meios digitais. O terceiro, embora possua traços de rigor, diretrizes, detém uma abordagem compreensiva e algo flexível no sentido em que as figuras parentais concedem espaço para diálogo com os filhos, para ensiná-los, para introduzir alterações de estratégia que pareçam pertinentes, estabelecendo assim proximidade com os seus usos. O último diz respeito a uma abordagem mais firme e de maior controlo por parte das figuras parentais, em que as diretrizes que estabelecem face ao uso dos meios digitais surgem como imposições que não valorizam muito espaço “para diálogo” (p. 456).

Posto isto, os tipos de parentalidade presentes em cada família possuem um peso significativo na abordagem tomada pelos pais face aos meios digitais e às práticas digitais no ambiente familiar, e consequentemente em relação a estratégias de mediação parental e aos usos e comportamentos digitais, das crianças. Nisto, os tipos de parentalidade podem refletir-se nas estratégias de mediação parental (Livingstone & Helsper, 2008, p. 4), contudo as últimas contam ainda com outras condicionantes. As estratégias de

mediação parental, a sua inclusão no ambiente digital familiar e a escolha por detrás do tipo de aplicação das mesmas encontram-se, também, dependentes da visão que os pais detêm sob os meios digitais assim como “o valor que (...) atribuem aos” (Nikken, 2018, p. 97) mesmos. Num contexto em que as figuras parentais vejam a utilização dos meios digitais pelos seus filhos como um banco de oportunidades, benéfico para a criança e para a sua “educação futura (...), é mais provável que permitam o seu uso” (Marsh, 2014, p. 7). Isto também se traduz para os variados efeitos que, segundo os pais, os meios digitais possam provocar nos mais novos. Nikken e Jansz (2006) utilizam o exemplo dos videojogos para ilustrar a visão dos pais, e as suas abordagens, face ao tipo de impacto que acreditam que estes possam ter nas crianças. Na sua teorização, os autores mencionam que “pais que acreditam num impacto sobretudo negativo dos videojogos, controlam o comportamento dos seus filhos nos mesmos de forma rigorosa e irão frequentemente aplicar mediação ativa” (p. 185). Por sua vez, embora recorrendo também a estratégias de mediação ativa, uma visão mais “positiva face ao impacto dos videojogos” (p. 185), aumenta a probabilidade de ocorrerem momentos de partilha e interação com esses ou outros aparelhos digitais entre pais e filhos (p. 185). Ora, este último descreve uma outra estratégia de mediação: “*co-playing*” (2006, p. 198). Esta utilização em conjunto de meios digitais entre pais e filhos encontra-se dependente das perspetivas que as figuras parentais possuem face aos mesmos, sendo a sua probabilidade maior quando associada a uma apreciação favorável, assim como à sua frequência de uso dos próprios meios como a “televisão, videojogos, computadores e tablets (...)” (Connell, Lauricella & Wartella, 2015, p. 14). Verificam-se também alterações no posicionamento dos pais face aos meios digitais consoante as próprias competências digitais que possuem. Geralmente, figuras parentais que cresceram numa realidade já moldada pelo fator digital, ou que lidam com estes meios com frequência, possuem o hábito que lhes concede uma certa facilidade em funcionar com os mesmos, assim como possivelmente uma literacia digital mais desenvolvida que lhes concede, também, uma maior agilidade e conhecimento face à sua utilização (Livingstone, Blum-Ross, Pavlick & Ólafsson, 2018). No que concerne o conceito de mediação parental, a literacia digital desempenha um papel fulcral a “guiar (...) pais na seleção, uso, integração, e avaliação de tecnologia e média interativos” (National Association for the Education of Young Children & Fred Rogers Center [NAEYC, FRC] 2012, p. 9). Assim, quanto mais forem as competências digitais dos pais, quanto mais desenvolvida a sua literacia digital, mais harmonioso será o processo de gestão de uso dos meios digitais no meio familiar assim como a introdução e aplicação

de estratégias de mediação parental. Para além disto, a harmonia deste processo destacado às figuras parentais também se encontra algo dependente das aptidões que as crianças possuem em torno dos aparelhos digitais, pois quanto mais desenvolvidas “mais fácil é orientá-las na utilização dos equipamentos” (Nikken, 2018, p. 97). Relacionados com estes fatores destacam-se ainda aspetos como o “grau de escolaridade” (Ponte et al., 2017, p. 76) e o nível de rendimento da família (Livingstone et al., 2015, p. 5). Em famílias onde as figuras parentais possuam um menor grau de escolaridade existe uma maior probabilidade de possuírem competências digitais menos aprimoradas, inclusive “reconhecem as crianças como mais experientes ou competentes do que eles” (Brito, 2018, p. 40) no que concerne o manuseamento dos aparelhos e suas funcionalidades. Por sua vez, em contextos onde as figuras parentais possuam um maior “grau de escolaridade” (Ponte et al., 2017, p. 76) revelam, na generalidade, possuir também boas competências digitais, assim como, “manifestam mais preocupações e práticas restritivas em relação aos jogos digitais” (2017, p. 5), por exemplo, mas também a outros meios. Segundo Nikken (2018), ambientes familiares onde as figuras parentais possuam menor grau de escolaridade e detenham “níveis de (...) rendimentos mais baixos (...), recorre-se com mais frequência à mediação restritiva (...) enquanto” (p. 97) contextos opostos, onde se verifica um maior grau de escolaridade, “nível de rendimento mais alto (...) mostram uma maior capacidade para utilizar a mediação ativa” (p. 97). Livingstone *et al.*, (2015) corroboram esta ideia, adicionando uma abordagem que ainda não foi mencionada, referindo que em contextos familiares onde se verifica um nível de “rendimento menor, (...) um grau de escolaridade maior” (p. 5), compreende-se existir uma certa facilidade da parte de algumas figuras parentais em funcionar com os aparelhos digitais. Neste contexto, estas figuras possuem aptidões que permitem um sentimento de familiaridade com estes aparelhos, possibilitando em maior frequência a aplicação de estratégias de “mediação (...) ativa (...) embora (...) práticas restritivas” (p. 5) também se mantenham e sejam ainda comuns. Assim, verifica-se que neste estudo o nível de escolaridade, e/ou de conhecimento, desempenha um papel de destaque (p. 6). Para além disto, os autores referem ainda que em “famílias de maiores rendimentos e maior nível de escolaridade” (p. 5), ou conhecimento, existe uma maior probabilidade de se verificar uma “vasta variedade de práticas de mediação” (p. 5) e uma maior preocupação em traçar condições sob as interações das crianças com os aparelhos que utilizam. Reconhece-se ao longo deste estudo o papel fulcral das figuras parentais no desenvolvimento das crianças e na aquisição das suas práticas digitais. As interações no meio familiar, as relações entre os

membros da família, o tipo de família e a sua disposição também são fatores condicionantes na aplicação das estratégias de mediação parental e nas consequentes práticas digitais da família e da criança (Brito & Dias, 2016, p. 58). Em contextos “de famílias com mais filhos, ou (...) famílias monoparentais” (Nikken, 2018, p. 97) as figuras parentais poderão ser confrontadas com adversidades acrescidas no que concerne a gestão dos usos de aparelhos digitais no meio familiar, o controlo das interações das crianças com os mesmos, assim como consequentemente os processos de aplicação das estratégias de mediação parental. As figuras parentais expõem também a sua individualidade através das abordagens que utilizam, sendo que “mães tendem a ser mais restritivas no geral (...) enquanto os pais podem ser (...) menos rigorosos” (Dias *et al.*, 2016, p. 421) no que diz respeito à gestão e vigilância das atividades das crianças nos meios digitais. Numa abordagem geral, são também as “mães as mais permissivas ao uso pelas crianças dos seus próprios dispositivos” (2016, p. 421). O impacto das singularidades das figuras parentais nas estratégias de mediação parental num mesmo ambiente familiar já é perceptível, mas torna-se ainda mais evidente em situações onde os pais não partilham em conjunto o mesmo espaço habitacional com a criança. Quando existe uma situação de divórcio, ou “os pais estão separados” (Schubert & Eggert, 2018, p. 154), as crianças presentes nesse contexto são impactadas por diferentes espaços, disposições mediáticas distintas, sendo moldadas por práticas, hábitos, normas que nem sempre se estabelecem em sintonia entre as abordagens tomadas por cada figura parental. O próprio entendimento que os pais fazem dos seus filhos, das suas capacidades, atuação e presença no universo dos meios digitais também se revela um fator determinante de mediação. Verifica-se como dado comum em alguns estudos, a ideia partilhada pelas figuras parentais de que as crianças, principalmente de idades mais novas, não necessitarão de um controlo intenso ou estratégias de mediação mais incisivas onde o adulto estabeleça através da comunicação noções de segurança para os seus usos digitais. Isto explica-se pelo facto de alguns pais descreverem as interações das crianças de menor faixa etária com os meios digitais como uma atividade “inocente” (Brito, 2017, p. 207; Brito, 2018, p. 38), na qual consideram não serem desempenhados “comportamentos de risco” (Brito, 2017, p. 207), maioritariamente justificado pela ausência característica de determinadas competências em tenra idade. Na visão de algumas figuras parentais, o facto de as “crianças mais jovens (...) ainda não saberem ler nem escrever” (Brito, 2018, p. 38) coloca-as numa posição mais salvaguardada aquando da sua exposição ao conteúdo nos meios digitais, servindo ainda de estímulo para a implementação de abordagens, regras,

moldadas em torno das então características dos mais novos. Posto isto, em famílias com crianças de diferentes idades, que se encontram em diferentes fases de desenvolvimento, são também aplicadas diferentes estratégias de mediação (Brito, 2018, p. 38). Sob crianças de menor faixa etária, verifica-se que as figuras parentais podem aplicar estratégias de mediação como o auxílio na “instalação e exploração de aplicações” (Brito, 2017, p. 199) em meios digitais utilizados por estas, enquanto no que diz respeito a crianças das faixas etárias seguintes, as abordagens tomadas pelos pais registam uma maior atenção para a “fiscalização dos dispositivos (...), websites consultados e proibição da instalação de apps de redes sociais, pois para os pais o perigo reside no contacto com estranhos” (Brito, 2018, p. 38). Isto é reforçado pela ideia de que “crianças de 3-5 anos (...) utilizam a internet” (Ponte *et al.*, 2017, p. 60) com menor frequência do que crianças com idades a partir dos “6” (2017, p. 60). O tipo de gestão de usos dos meios digitais, decidida pelos pais, pode ser ainda moldada pelas ações das crianças nos mesmos ou por algo indesejado que tenha ocorrido durante as interações, caso esta seja exposta a conteúdo inadequado e prejudicial, por exemplo. Nestes casos tende a existir uma favorabilidade na adaptação da mediação e aplicação de “estratégias restritivas” (Chaudron, Di Gioia & Gemo, 2018, p. 74). Enquanto aspeto de foco na aplicação das estratégias de mediação parental, os pais parecem mostrar maior preocupação face ao “tempo” (Ponte *et al.*, 2017, p. 50) que as crianças, especialmente as mais novas (Livingstone & Helsper, 2008, p. 10; Dias *et al.*, 2016, p. 421), passam a interagir com os meios digitais do que em relação ao tipo de conteúdo que experienciam (Dias *et al.*, 2016, p. 421). Para responder a esta preocupação, as figuras parentais por vezes recorrem ao uso de “temporizadores para limitar” (Given *et al.*, 2014, p. 5) os usos digitais dos mais novos. Poderão também regular isto através do estabelecimento de determinados horários para a utilização dos dispositivos (Brito & Dias, 2017, p. 58; Haddon & Holloway, 2018, p. 116). Embora, em alguns casos, não seja o foco de mediação primário, o “conteúdo” (Brito & Dias, 2017b, p. 185) a que as crianças estão expostas nos meios digitais também gera alguns receios nas figuras parentais, de modo que procuram evitar que os filhos estejam expostos a “conteúdos inapropriados e violentos” (Ponte *et al.*, 2017, p. 6). Nestes contextos, as estratégias aplicadas poderão envolver, também, a utilização de ferramentas de “controlo parental ou apps para gerir os seus usos” (Livingstone, Blum-Ross, Pavlick & Ólafsson, 2018, p. 8). Em torno dos usos dos meios digitais, as figuras parentais demonstram algumas preocupações relacionadas com a saúde, nomeadamente no que diz respeito a “problemas de visão e utilização em excesso” (Dias *et al.*, 2016, p. 424).

Embora se verifique uma atuação interventiva por parte de muitos pais, assim como a utilização de métodos que valorizam uma maior proximidade entre estes e os filhos durante os momentos de uso dos meios digitais (Haddon & Holloway, 2018, p. 118), estas ainda não se estabelecem na sua plenitude. Compreende-se existirem algumas adversidades no que diz respeito à vigilância e controlo dos usos dos meios digitais pelas crianças, não sendo sempre possível monitorar todas as suas atividades “naqueles pequenos ecrãs” (Nikken, 2018, p. 99), em muito devido ao cariz individual e portátil que os distingue (2018, p. 99). Em muitos casos, as figuras parentais encontram-se divididas entre conceder às crianças o mundo de oportunidades “educacionais” (Dias *et al.*, 2016, p. 416) e de entretenimento possibilitado pelos meios digitais, e a necessidade e sentimento de proteção para que estas não sejam expostas aos riscos a estes associados (Dias *et al.*, 2016, pp. 416-417). Para além disto, sentem por vezes alguns receios em recorrer a certas abordagens de mediação parental que entendem podem ser algo invasivas “à privacidade da criança e causar um impacto negativo na (...) relação” (Dias *et al.*, 2016, p. 422) entre estes. Para muitos pais não é um processo exequível tentar deter a infinidade da realidade digital, das suas particularidades, nas abordagens que implementam. Por efeito de variadas condicionantes, seja por questões sociais, económicas, culturais, ou pelas aptidões digitais que possuem, nem sempre lhes é possível contornar os desafios associados à tarefa de “proteger e empoderar os seus filhos online” (Livingstone, Carr & Byrne, 2016, p. 24). Verifica-se que as competências que os pais possuem em torno da realidade digital são, em alguns casos, insuficientes para responder ao acompanhamento necessário para que os usos digitais das crianças as beneficiem e protejam (Naab, 2018, p. 93; Paus-Hasebrink, 2018, p. 54). Neste sentido, estas adversidades por vezes traduzem-se na ideia de ser “difícil encontrar e instalar as ferramentas certas para proteger os seus filhos (...) que apps e programas existem para crianças e como decidir se estas são apropriadas para a idade e estágio de desenvolvimento (...)” (Schubert & Eggert, 2018, p. 154). Alguns pais não reconhecem o impacto do “papel que desempenham (...) nas dinâmicas da vida familiar” (Schubert & Eggert, 2018, p. 153) assim como nas práticas digitais das crianças, e consecutivamente na sua proteção *online*. Isto pode ser entendido, de certa forma, através do ponto de vista de algumas figuras parentais que, em determinadas circunstâncias “acreditam que deixa de haver necessidade de educação mediática (...) na família (...) quando crianças integram a escola” (Paus-Hasebrink, 2018, p. 55), passando esta última a deter essa “responsabilidade” (p. 55). A mediação parental surge, na atualidade, aliada aos

processos de educação, e tal como eles, esta e as suas especificidades como a instrução de conhecimentos para o funcionamento com os meios digitais, é algo que, se possível, deve ser enquadrado na vida da criança desde cedo (Schubert & Eggert, 2018, p. 155). Esta abordagem é importante para dar resposta aos usos de meios digitais verificados em crianças de faixas etárias progressivamente mais novas (Brito, 2018, p. 21), como também deve ser mantida ao longo do crescimento destas e adaptada ao seu desenvolvimento, às suas competências e necessidades (Naab, 2018, pp. 94-96). Mesmo com o possível acompanhamento e oportunidades de desenvolvimento capacitadas pela escola, é importante que a comunicação sobre o uso dos meios digitais não cesse de existir no meio familiar. Sendo o meio familiar um contexto de forte impacto na formação e desenvolvimento da criança, sendo as figuras parentais elementos cruciais na educação, aquisição de valores e atitudes, o impacto de ambos na vida dos mais novos deve ser reconhecido e valorizado (Centers for Disease Control and Prevention [CDC], 2019, p. 6). Esta importância do papel dos pais enquanto agentes formadores é celebrada na convenção dos direitos da criança onde lhes é atribuída a “responsabilidade primária” (Livingstone, Carr & Byrne, 2016, p. 19) na educação dos mais novos. Posto isto, entende-se que o bem-estar da criança na realidade atual se espelha também no seu bem-estar digital, e às figuras parentais está associada a possibilidade de garantir as condições para que ambos se estabeleçam (National Association for the Education of Young Children & Fred Rogers Center [NAEYC, FRC], 2012, p. 10). Ora, o caminho para garantir “uma educação mediática de sucesso para ajudar as crianças a usar os média de forma competente a preencher as suas necessidades” (Schubert & Eggert, 2018, p. 155) passa também por essa conscientização de parte das figuras parentais face à importância do papel que desempenham. A comunicação surge, também, como uma peça chave definidora na aplicação das estratégias de mediação parental e no desenho dos resultados que produz. Segundo Park (2011), a “comunicação no espaço doméstico é importante para as crianças usarem os média” (p. 6) de forma informada. A forma como decorrem os processos de comunicação, como estes se definem em cada família, e como se celebram através da relação entre pais e filhos, produz efeito no “modo como as crianças usam os meios” (2011, p. 6) digitais e como estes usos são conduzidos pelos adultos. Abordagens concebidas principalmente em torno de restrições e imposições de limites em excesso parecem ser escudos fortes à exposição das crianças a riscos e conteúdos indesejados, contudo nem sempre produzem os resultados pretendidos (Park, 2011, p. 6). Em situações onde a mediação parental consiste sobretudo em estratégias de proibição,

onde o diálogo sobre os usos não é incentivado com regularidade, verifica-se alguma ineficiência na aplicação das mesmas, sendo que em alguns casos gera-se o efeito contrário e “as crianças ficam (...) curiosas” (Brito & Dias, 2017b, p. 186) face ao conteúdo que lhes foi restrito, o que as pode colocar numa posição de risco. Não sendo uma tarefa simples, condicionada por inúmeros fatores e conjunturas, entende-se que em casos em que possível, abordagens tomadas pelos pais que recorram à comunicação, e a estratégias de mediação que promovam a proximidade com as crianças e os seus usos, podem atuar como meio de combater os receios que possuem face à interação dos mais novos com os meios digitais. Estar presente, ou acompanhar de perto o uso que as crianças fazem dos meios digitais, podendo participar até nas atividades, é uma estratégia que se estabelece na comunicação, estreita os laços entre pais e filhos, e maximiza a aquisição de aprendizagens e benefícios (Park, 2011, p. 6; National Association for the Education of Young Children & Fred Rogers Center [NAEYC, FRC], 2012, p. 7). Os riscos associados ao uso dos meios digitais são parte desta realidade. Contorná-los, concebe-se num entendimento de ferramentas e estratégias que possam orientar como reagir e se posicionar diante destes (Nikken, 2018, p. 97). Compreende-se que isto se estabelece numa perspetiva idealizada, numa conjuntura de um mundo desigual. O contexto que envolve cada criança, as relações que estabelece com o meio e com as figuras que a rodeiam, incluem fatores determinantes na posição que esta ocupa na realidade digital. A “vulnerabilidade” (Livingstone & Byrne, 2018, p. 27) associada à criança é impactada por “circunstâncias” (2018, p. 27) e ações de figuras adultas, e pela condição dos seus direitos humanos e direitos digitais.

3.2. Incentivo para o uso de meios digitais

Os usos dos meios digitais pelas crianças são fortemente impactados pelas condições e pelo contexto que as rodeia, sendo sobretudo construídos e moldados pelos seus elementos cuidadores e pelas suas práticas, atitudes, abordagens e normas estabelecidas em torno dos mesmos. Como referido previamente, as crianças captam muitas das suas faculdades por observação (Bassedas, Huguet & Solé, 1999, p. 27), por influência das figuras que lhes são próximas, mas os princípios e noções transmitidos, especialmente pela conversação e interação, detêm um papel significativo no seu desenvolvimento e aquisição de saberes. Numa abordagem face ao uso dos meios digitais por estas, principalmente no contexto de ambiente familiar, as atitudes e práticas das

figuras parentais para com estes aparelhos são fator decisivo na relação dos mais novos com as tecnologias. Nisto, os pais são elementos importantes no estabelecimento da criança enquanto ser dotado da sua individualidade, possuem impacto no seu crescimento e detêm a responsabilidade de possuir um papel chave na aquisição das suas aprendizagens, atuando como figuras condutoras. Ou seja, o desenvolvimento e crescimento são mediados também por um conjunto de aprendizagens que constroem a identidade da criança na família numa realidade digital. É entendido que a “aprendizagem (...) é um dos fenómenos mais complexos da psique humana” (Díaz, 2011, p. 82). Pode compreender-se:

“como um processo mediante o qual o indivíduo adquire informações, conhecimentos, habilidades, atitudes, valores, para construir de modo progressivo e interminável suas representações do interno (o que pertence a ele) e do externo (o que está “fora” dele) numa constante interrelação biopsicossocial com seu meio e fundamentalmente na infância, através da ajuda proporcionada pelos outros.” (p. 83).

A conduta da criança, a criação e composição da sua identidade e personalidade, encontram-se dependentes de fatores que a envolvem, mas também daquilo que a constitui. As influências em seu redor detêm um poder significativo, contudo o impacto que estas revelam e o resultado que concebem é, também, determinado pelas particularidades inerentes, neste caso, a cada criança. O tipo e contacto do meio com as singularidades do ser humano é definidor de contextos e diferentes realidades (Díaz, 2011, p. 83).

Para além disto:

“As aprendizagens que incorporamos fazem-nos mudar de condutas, de maneiras de agir, de maneiras de responder, e são produto da educação que outros indivíduos, da nossa sociedade, planejaram e organizaram, (...)” (Bassedas, Huguet & Solé, 1999, p. 21).

Enquanto zeladores do seu bem-estar e peças fundamentais no seu desenvolvimento, as figuras parentais detêm a responsabilidade não só face às aprendizagens obtidas pelas crianças, como produzem influência no estabelecimento e desempenho do próprio processo de aquisição de aprendizagens nos mais novos, que causará impacto em determinados aspetos das suas vidas. A condução para as aprendizagens e a sua aquisição, delineiam a forma de a criança olhar o mundo, a sua realidade e como se posiciona nela, permitindo também uma consolidação de códigos morais, definindo conceitos em redor

daquilo que é entendido como certo ou errado conforme aquilo que lhe foi incutido. As aprendizagens e comportamentos das crianças são moldados pelas repercussões dos seus atos, aplicadas consoante o contexto em que vivem e através das figuras que tomam como exemplo e que desempenham papel de suas cuidadoras. Neste sentido, as ações tidas pelas crianças geram reações, neste caso nas figuras adultas, que despoletarão nos mais novos aprendizagens capazes de condicionar e impactar os seus “comportamentos futuros” (Heath, 2018, p. 125), reprimindo-os ou incentivando-os. Ora, isto encontra-se espelhado e englobado na teorização apresentada como Condicionamento Operante. Isto traz pertinência à menção de uma teoria denominada de Condicionamento Operante. Skinner (1974/2002) utiliza esta nomenclatura para se referir, então, a este processo no qual as figuras parentais, impulsionadas pela influência que possuem na vida das crianças, conduzem os comportamentos dos mais novos em torno daquilo que veem como pertinente e benéfico para determinado contexto na vida familiar, através da aplicação de estratégias que permitam a sua consolidação. Destas estratégias podem ser destacadas os “reforços” (Skinner, 1974/2002, p. 38), que podem ser entendidos como métodos que “aumentam a probabilidade de um comportamento ser repetido (...) podem ser tanto positivos ou negativos” (McLeod, 2007, p. 2). Skinner (1974/2002) esclarece:

“Um reforçador positivo fortalece qualquer comportamento que o produza: um copo d’água é positivamente reforçador quando temos sede e, se então enchemos e bebemos um copo d’água, é mais provável que voltemos a fazê-lo em ocasiões semelhantes” (p. 43).

Por sua vez, um reforço entendido como negativo associa-se a uma situação em que a ação é realizada com o intuito de eliminar, contornar, determinado fator que se apresenta como sendo, de alguma forma, incomodativo e prejudicial (McLeod, 2007, p. 3). Outra das estratégias pertinente de mencionar consiste na aplicação de certas punições, que se apresentam como um “oposto ao reforço” (2007, p. 3), que têm como determinação expressar o desagrado das figuras parentais para com determinadas ações praticadas pelas crianças, incentivando a um cenário em que estas sejam reprovadas e contidas. A utilização dos meios digitais pelas crianças envolve-se neste universo das suas aprendizagens, atitudes, comportamentos que alojam a sua raiz nas diretrizes estipuladas pelas figuras parentais, e nas ações de regulamentação, incentivo e condicionamento em torno das interações com estes aparelhos. Os meios digitais são, em certos casos, usufruídos no meio familiar como recurso para guiar as ações e comportamentos das crianças em torno de um caminho determinado e desejado pelos pais. Em contextos em

que os pais entendem que as crianças não cooperam, ou não estão a agir de acordo com as regras e indicações estabelecidas, estes utilizam os meios digitais como premissa de recompensa, como incentivo para que incorram no caminho de ação que pretendem. Recorrer a estes reforços reflete-se em diferentes abordagens que se diversificam consoante as características de cada família e dos seus membros (Heath, 2018, p. 122). Isto é, os incentivos utilizados para moldar os comportamentos das crianças estão relacionados com os seus gostos e experiências que estas sentem como favoráveis. Entende-se que “a felicidade é um (...) subproduto do reforço operante. As coisas que nos tornam felizes são as que nos reforçam” (Skinner, 1974/2002, p. 63). Tendo em conta o agrado das crianças em torno dos meios digitais e do conteúdo que possibilitam, a visão que partilham destes como um brinquedo, é possível entender que consideram os momentos de interação com estes como satisfatórios. Assim, compreende-se o seu efeito enquanto modelador de comportamento, pois considerando que valorizam o tempo e interação com os meios digitais, estes ao serem apresentados pelos pais às crianças como um resultado condicionado de uma ação, geram a possibilidade de um cenário em que crianças agirão em conformidade com aquilo que lhes permita obter essa experiência que estimam. Deste modo, em contextos em que os pais estabeleçam condicionantes como a ideia de que a criança poderá brincar com os meios digitais se e após arrumar o seu quarto, ou mesmo numa abordagem negativa, em que se não arrumar o seu quarto não poderá interagir com os meios digitais, verifica-se então a atribuição de um significado relevante pelas crianças aos mesmos aparelhos, capaz de produzir impacto na direção das suas atitudes. Aliado a isto, é importante notar também que abordagens tidas pelos pais que valorizam a proximidade, que façam as crianças sentir-se acarinhadas, ouvidas, compreendidas, detêm maior probabilidade de êxito enquanto estratégias de incentivo de determinadas atitudes (Heath, 2018, p. 122). Do mesmo modo que os meios digitais são utilizados como incentivos de determinada ação, são também utilizados pelos pais como meio de reprimenda. Em situações em que as figuras parentais expressam descontentamento face a atitudes das crianças, pode verificar-se uma cessação dos meios digitais temporariamente, ou uma redução de uso dos mesmos imposta às crianças. Quando as crianças agem de forma, considerada pelos pais, incorreta, estes podem atribuir condicionantes e restrições aos usos dos meios digitais pelos mais novos como um meio corretivo, que pretende demonstrar uma reprovação da ação e reduzir as hipóteses de esta voltar a ocorrer (Schubert & Eggert, 2018, p. 154; Blum-Ross & Livingstone, 2018, p. 183). A abordagem punitiva em torno dos meios digitais entende-se também através do

já mencionado agrado face ao uso destes pelas crianças. Assim, os pais reconhecem que a reprimenda acaba por possuir mais efeito quando é aplicada sobre algo que as crianças valorizam, e com o que, neste caso, gostam de brincar (Brito, 2017, p. 198). Tal como verificado com a mediação parental, punições e restrições podem nem sempre apresentar o resultado desejado pelos pais. Entende-se que a frequência de utilização de determinadas medidas punitivas e a sua intensidade podem induzir à consolidação de sentimentos hostis e de receio nas crianças, para além de que este tipo de abordagens pode dispor de dificuldades em moldar as atitudes dos mais novos face a intenções associadas, pois enquanto os “reforços dizem o que fazer, punições apenas dizem o que não fazer” (McLeod, 2007, p. 4). Para além disto, compreende-se que este modelo de abordagem pode, em algumas circunstâncias, atuar “como um reforço desse comportamento” (Heath, 2018, p. 128) considerado incorreto pelos pais. Assim, é importante que a abordagem tomada pelos pais neste sentido priorize o equilíbrio e evite uma intensa e recorrente atuação através de meios/recursos de sanção (2018, p. 128). Num panorama geral, uma estratégia que se revela eficiente a incentivar determinadas ações e restringir outras, celebra-se através da conversação e da utilização de discursos que valorizem a compreensão e harmonia entre as partes envolvidas (Skinner, 1974/2002; McLeod, 2007). Após o que foi aqui discutido, poderá entender-se, ou colocar-se a hipótese, que em situações como as apresentadas brevemente, as alterações nas atitudes e comportamentos das crianças se devam principalmente àquilo que estas implicam e suas repercussões. Isto é, neste contexto, pode ser compreendido que o cumprimento de regras, a prática de determinadas ações e abstenção de outras por parte das crianças se estabelece, pois estas aspiram a recompensa que as suas atitudes envolvem e temem a sua punição (Skinner, Skinner, 1974/2002, p. 56). Reconhece-se o mundo de possibilidades disponibilizado através dos meios digitais, as oportunidades de desenvolvimento a nível educacional e cognitivo que viabilizam, e que são ampliadas pela interação humana. As figuras parentais, na generalidade, entendem o potencial inerente, associado aos meios digitais, mas são os usos que estes fazem deles que lhes dão corpo e que os transformam entre os variados contextos de vida familiar. O recurso aos meios digitais enquanto elemento facilitador no meio familiar verifica-se nos processos de aplicação de normas, regras, desenvolvimento de aprendizagens. Contudo, detém destaque ainda numa outra abordagem, pertinente de explorar em seguida, que lhes confere um papel ativo nas dinâmicas familiares, através da atribuição de funções associadas à valorização dos meios digitais enquanto membros integrantes da família, ditada pelo seu potencial cuidador e

zelador que lhes concede, em certas situações, um palco de ação partilhado com as figuras parentais.

3.3. Os meios digitais como *babysitters*

Hoje conhece-se e atribui-se aos pais, ou figuras parentais, o principal papel de responsabilidade sob o desenvolvimento das crianças e garantia do seu bem-estar. Ao longo da história, o papel dos pais e da parentalidade alterou-se, aliado, também, à valorização da criança, e reconhecem-se tempos nos quais as responsabilidades hoje atribuídas aos pais não lhes cabiam. Estas, ou não lhes eram associadas, ou eram partilhadas por figuras a quem lhes eram atribuídas, e por quem eram então desempenhadas, funções educativas e cuidadoras. Com o advento dos traços da modernidade, os ritmos céleres, o tempo escasso, a participação das figuras parentais no mercado de trabalho, reforçaram o valor de figuras educadoras e cuidadoras capazes de auxiliar os pais e certas dinâmicas da vida familiar. Esta ideia poderia refletir-se, de certo modo, através da menção de “jardins de infância e creches” (Kamerman, 2006, p. 3), instituições escolares, devido à importância do papel que desempenham na educação e desenvolvimento da criança. Contudo, o auxílio requisitado pelas figuras parentais neste contexto, assente numa abordagem próxima e direta, frequente e personalizada, integrada no meio doméstico, apresenta-se através de *babysitting*. A ideia de *babysitting* exprime-se como uma abordagem e elemento “suplementar a creches e outros tipos formais de cuidados infantis” (Kawata, 2010, p. 23). Descreve um conjunto de ações e encargos, atribuídos e levados a cabo por um “*babysitter*” (Payne, Jamison & Snyder, 2018, p. 3), que visam garantir o bem-estar, “segurança das crianças” (2018, p. 8), e responder às suas necessidades num contexto de “ausência (...) indisponibilidade” (2018, p. 8) das figuras parentais. Nisto, recorrer a este meio de auxílio permite que mesmo que os pais se encontrem fora do espaço doméstico, exista uma certa asseguração de que os seus filhos não estão sozinhos e de que estão a ser cuidados, o que se revela uma preocupação significativa, principalmente em crianças mais novas (Götz, Bachmann & Hofmann, 2007, p. 35). Esta preocupação maior em garantir que as crianças mais novas são acompanhadas e cuidadas entende-se pelos seus estágios de desenvolvimento, e pela pouca autonomia, e maior necessidade de atenção e acompanhamento descritivos das fases iniciais (OCDE, 2019, pp. 16-17). O *babysitter* surge como um elemento “substituto” (Payne, Jamison & Snyder, 2018, p. 8) da representação parental em determinado ambiente familiar, que detém as suas funções e encargos por um certo limite

de tempo, e sobre quem as figuras parentais depositaram “confiança” (Morrow, 2008, pp. 116-119) para o cuidado com os seus filhos. A figura do *babysitter* espelha, assim, características, práticas e necessidades de muitas famílias na realidade moderna e digital. Como culminar dos avanços tecnológicos, as sociedades impactadas e moldadas por estímulos digitais, que preenchem a vida humana de novas possibilidades, agilizam, facilitam, determinadas tarefas e ações, e tomam outras, outrora de mão humana, como suas, apresentam uma cada vez mais clara simbiose entre o Homem e a tecnologia, visível na adaptação do conceito de *babysitting* a esta realidade. Numa realidade profundamente impactada por tecnologia cada vez mais capaz, as possibilidades de *babysitting* expandiram-se e o *babysitter* concebeu-se digital atuando através de ecrãs. A televisão surgiu como o primeiro meio tecnológico a adaptar-se ao conceito de *babysitting* e a desempenhar funções em seu nome. Estas, atribuídas ao meio pelas figuras parentais, aspiravam responder a necessidades do ambiente familiar e “temporariamente substituir interação parental com a criança” (Gantz, 1982, p. 3). O recurso à televisão enquanto *babysitter* faz-se notar em situações onde os pais sentem necessidade de recorrer a estratégias para entreter ou ocupar a criança para que consigam realizar determinados encargos, sejam profissionais ou associadas ao meio familiar, ou mesmo como meio para que os pais tenham momentos para “recarregar” (Gantz, 1982, p. 15) em contexto da realidade exigente e acelerada. Este *babysitter* é sobretudo utilizado para facilitar determinadas situações, como as acima referidas e também em momentos de “refeição” (Götz, Bachmann & Hofmann, 2007, p. 37), assim como para providenciar entretenimento à criança enquanto disponibiliza aos pais “tempo de acordo com as suas (...) necessidades” (2007, p. 36):

“Sometimes parents use this gained time for professional responsibilities or for social networking, for instance in order to have undisturbed talks with their acquaintances. In some cases parents simply have a desire to unwind and to “have a break”. Depending on the situation they are either in the same room with their child who is viewing television, or they are in a different room checking from time to time. It does occur, however, that parents leave their toddlers alone at home in front of the running television. In this case the television assumes, in everyday language use, the function of a babysitter”. (Götz, Bachmann & Hofmann, 2007, p. 37).

Para os meios digitais atuarem como *babysitters* não é necessariamente requerido um cenário em que os pais não estejam presentes no ato de contacto das crianças com os meios digitais. Isto é, os meios digitais podem ser um recurso de *babysitting* mesmo em

circunstâncias em que os pais estejam focados em determinadas responsabilidades, mas que mesmo assim se encontram perto da criança, facilitando lugar para contacto (Brito & Dias, 2016, p. 51). Como verificado na mediação parental, a imagem que os pais possuem dos meios digitais, o ponto de vista mais ou menos favorável que detêm destes, são critério definidor da relação que se estabelecerá entre estes, assim como a relação que os aparelhos consolidarão entre os membros de um ambiente familiar e com as crianças. Assim, também o *babysitting* é impactado pelas perceções dos pais, sendo que quanto mais favoráveis estas forem, maior é a probabilidade de rotulação de um meio digital enquanto *babysitter*. Isto é, as figuras parentais que possuem uma visão mais favorável em relação à televisão, irão provavelmente recorrer, com maior regularidade, a esta para entretenimento próprio (Gantz, 1982, p. 11; Beyens & Eggermont, 2014, p. n/d). Ora, considerando o papel dos pais enquanto figuras de exemplo para os seus filhos, isto não só contribui para uma consolidação da televisão no ecossistema digital familiar, abrindo portas ao contacto entre este e a criança, como a familiaridade desenvolvida entre o meio digital e os indivíduos de determinado espaço doméstico agiliza a decisão de recorrer a este para desempenhar funções de cuidador, vigilante e entretém dos mais novos. Nisto, existem também outros fatores que produzem impacto e influenciam a disponibilização da televisão à criança, potenciando a exposição à mesma e aos seus usos. A televisão é reconhecida como um meio importante no ecossistema tecnológico e digital do meio familiar, sendo a atividade da sua “visualização” (Saxbe, Graesch & Alvik, 2011, p. 186) considerada como um momento consolidado no “dia-a-dia (...) das famílias” (Götz, Bachmann & Hofmann, 2007, p. 37). Compreende-se que existe uma maior disponibilização da televisão à criança, e um maior usufruto do seu potencial enquanto *babysitter*, em contextos em que os mais novos possuem uma postura de maior agitação e expressam reações de descontentamento (Götz Bachmann & Hofmann, 2007, p. 36). A televisão é ainda utilizada pelas figuras parentais como recurso para afastar a criança de incorrer em atos de interação com o meio físico que a rodeia que a possam colocar em risco (2007, p. 37). Em alguns casos, os usos da televisão por parte das crianças são também influenciados por fatores externos como a meteorologia. Isto é, em situações em que o tempo está desagradável e não convidativo, as figuras parentais recorrem à televisão como meio “temporário (...) para ocupar as crianças quando alternativas estão indisponíveis” (2007, p. 36). Ao explorar este motivo, parece ser possível realizar uma ligação com o ponto de vista dos pais, abordado previamente, em relação à infância e ao brincar na atualidade. Isto porque os pais, ao expressarem nostalgia face a tempos em que

as crianças, na generalidade, brincavam mais no exterior, desenvolviam mais interações com o ambiente em redor, expressam também alguma apreensão em torno das ligações estreitas possibilitadas hoje entre cada indivíduo e os meios tecnológicos e digitais (Frost, Wortham & Reifel, 2012, p. 451). As “alternativas (...) indisponíveis” (2007, p. 36) parecem aqui indicar uma preocupação dos pais em conciliar os usos dos meios digitais pelas crianças, e as suas ações enquanto *babysitter*, com diferentes atividades que permitam entretê-las e ocupá-las na mesma, reduzindo, de alguma forma, a exposição a estímulos digitais. Desenvolvimentos tecnológicos e digitais nos recentes anos têm preenchido o espaço doméstico e familiar com uma variedade de dispositivos que têm produzido impacto nas dinâmicas e no ecossistema digital de cada família. A televisão mantém-se hoje ainda como um *babysitter* relevante, mas partilha agora palco de ação com outros meios que adaptam muitos dos seus significados e expandem o fenómeno de *babysitting* numa realidade digital. À televisão e ao espaço doméstico de cada família juntam-se as “consolas” (Chaudron, Di Gioia & Gemo, 2018, p. 33), “computadores” (Brito e Dias, 2016, p. 10), “*tablets (...) smartphones*” (Brito & Ramos, 2017, n/d;). Tal como se verificou com aquele que foi durante muito tempo o meio tecnológico de destaque no ambiente familiar, estes *babysitters* atuam também sob a base de necessidades dos pais, do meio doméstico, e das necessidades das crianças entendidas pelos adultos. São então vistos como uma mais-valia pelas figuras parentais, pois são capazes de captar e deter a atenção da criança, de providenciar entretenimento, e de preencher momentos nas rotinas das famílias, o que possibilita um auxílio na gestão de recursos, e uma mais flexível abordagem por parte dos adultos para com as responsabilidades no meio familiar (Brito & Dias, 2016, p. 18; Haddon & Holloway, 2018, p. 120). Embora estes meios sejam, na generalidade, usufruídos e gostados pelas crianças, verifica-se uma preferência significativa de uso, por parte destas, e de recurso para *babysitting* por parte dos pais, em torno dos “*tablets*” (Haddon & Holloway, 2018, p. 117) e dos “*smartphones*” (Chaudron, Di Gioia & Gemo, 2018, p. 33). Como mencionado em capítulos anteriores, o favoritismo das crianças por estes dois últimos meios digitais prende-se com a “sua portabilidade” (Brito & Dias, 2016, p. 53; Chaudron, Di Gioia & Gemo, 2018, p. 33), a praticabilidade de uso (Livingstone, Mascheroni, Dreier, Chaudron & Lagae, 2015, p. 7), enquanto para os pais a preferência justifica-se também pela possibilidade de recurso aos meios digitais noutros locais para além da habitação, e sobretudo pelo gosto da criança em utilizá-los o que facilita a aplicação dos mesmos enquanto *babysitters*. O *tablet* e o *smartphone* são vistos por alguns pais como

um método “SOS” (Brito & Dias, 2016, p. 60) para atuar em situações onde há a necessidade de entreter e controlar, de alguma forma, o comportamento da criança, seja em contextos no interior da habitação ou no exterior, em casos de “viagens longas (...) ou momentos prolongados de espera” (2016, p. 51), assim como em espaços como “restaurantes” (Brito, 2017, p. 213). São, muitas vezes, utilizados como método de gestão de crise em contextos em que as figuras parentais reconhecem que é a solução mais eficaz (Brito & Dias, 2016, p. 60). Embora os meios digitais sejam um elemento integrante e intrínseco na vida e dia-a-dia de muitas crianças, a atuação destes enquanto *babysitters* verifica-se mais recorrente entre as faixas etárias mais novas (Brito & Dias, 2016, p. 20; Haddon & Holloway, 2018, p. 120). Isto pode entender-se pelas maiores necessidades de atenção e acompanhamento, assim como maior dependência associadas a estas idades (Gantz, 1982, p. 13). Numa visão geral, estes meios “digitais são vistos como ‘facilitadores’ de vida” (Brito & Dias, 2016, p. 56), adaptados pelas figuras parentais ao meio doméstico e às suas necessidades e características. Considerando que os usos dos meios digitais enquanto *babysitters* se encontram, também, associados à necessidade dos pais de organização e gestão de tempo e funções, no meio familiar, compreende-se que muitas crianças fiquem a sós com os aparelhos que lhes são entregues e mediados (Plowman, 2020, pp. 31-32). Contudo, isto não significa que os pais não estejam atentos, ou não tenham conhecimento dos usos que as crianças fazem dos meios digitais. Os pais recorrem aos meios digitais enquanto *babysitters* com o intuito de obter os benefícios que permitem, não descartando necessariamente as preocupações que envolvem os seus usos. Tal como se verificou com a televisão, muitos pais expressam os seus mesmos receios face a potenciais altas exposições ou usos excessivos das crianças com os meios digitais. Isto é, o conflito surge entre a conveniência do *babysitting* proporcionado pelos meios digitais e a consciência das desvantagens associadas.

Nisto, a decisão tomada pelas figuras parentais em torno de um equilíbrio pode passar pelo estabelecimento de algumas “regras” (Brito & Dias, 2016, p. 58), como tentar limitar os usos dos meios digitais e por isso também uma entrega destes por parte dos pais às crianças, estabelecendo horários de uso e incentivando à prática de “outras atividades” (2016, p. 59), não digitais, que também as entretendam e ocupem. Contudo, o que se verifica em alguns casos, é que as linhas definidas pelos pais para os usos dos meios digitais e práticas de *babysitting*, são algumas vezes moldadas, adaptadas e até contornadas em momentos em que os benefícios destes *babysitters* se sobrepõem (Brito

e Dias, 2016, pp. 58-59). É pertinente apontar ainda outras preocupações em relação a alguns dos motivos por detrás da utilização dos meios digitais enquanto *babysitters* pelas figuras parentais. A aplicação destes *babysitters* traduz-se, em muitas situações, em tentativas de inserir no meio familiar um elemento que auxilie o trabalho e papel parental, que partilhe e facilite a execução das suas funções enquanto figuras cuidadoras, que cuide, entretenha a criança e que seja capaz de conter ou deter determinado comportamento considerado incorreto ou indesejável pelos pais. Quando os pais consideram que as crianças não se estão a comportar bem, que “estão (...) irrequietas” (Brito & Dias, 2016, p. 20), recorrem então aos meios digitais para atuarem como “uma distração” (Götz, Bachmann & Hofmann, 2007, p. 37), “para mantê-las calmas” (Kabali et al., 2015, p. 1). Contudo, verifica-se, neste contexto, que uma frequente utilização dos meios digitais pelas crianças pode produzir resultados algo ambíguos. Recorrer a esta estratégia com alguma regularidade pode gerar o efeito contrário. L’Ecuyer (2017) refere-se a isto, mencionando que uma frequente exposição das crianças aos meios digitais pode contribuir para estados de espírito mais irritadiços e impacientes nos mais novos. Isto é, uma exposição regular aos “estímulos” (p. 17) digitais potencia uma “superestimulação” (p. 17) da criança, de forma que esta habituação a fluxos de luz, cores, interações imersivas nos meios digitais dificulte a satisfação das necessidades das crianças noutro tipo de atividades que não sejam tão intensas. Desta forma, entende-se a possibilidade de as crianças exibirem um comportamento mais agitado devido a estarem superestimuladas, podendo reagir de forma indesejada para os pais quando não estão a utilizar os meios digitais, ou quando estes e os seus usos lhes são limitados. Ou seja, nestes casos, a utilização dos meios digitais enquanto *babysitters* poderá funcionar como uma resolução, atenuação, temporária de determinados desafios assim como poderá influenciar, de certa forma, a perduração destes.

Neste sentido, torna-se pertinente tomar em consideração a situação da pandemia Covid-19, que impactou e continua a impactar o mundo, na qual o regime de teletrabalho, por exemplo, provocou alterações significativas nas rotinas das famílias, que se viram repletas de novos desafios e responsabilidades acrescidas ao seu contexto doméstico e familiar. O meio profissional funde-se assim com o meio doméstico, e enquanto a quantidade de trabalho aumenta, o tempo e disponibilidade para interações familiares diminui. O que torna mais propenso o recorrer aos meios digitais para funcionarem como *babysitters* dos mais novos, visto que “as famílias cujos pais trabalham mais em casa são

as famílias que proporcionam mais tempo de interação dos filhos com as tecnologias” (Brito & Dias, 2016, p. 60). O posicionamento das crianças na realidade digital responde a variados contextos, ecossistemas, modelos sociais e culturais, e detém grande parte da sua significância atribuída à influência dos indivíduos com quem vivem e convivem. A mediação parental e o *babysitting* associado aos meios digitais são tópicos em destaque em muitas famílias na atualidade e correspondem a fenómenos pertinentes de aprofundar melhor, para o que este estudo pretende contribuir.

Parte II – Estudo Empírico

Capítulo 4 – Metodologia

4.1. Objeto de estudo, objetivos e questões de investigação

A temática em estudo reflete-se no objeto do mesmo, que consiste em famílias portuguesas com crianças de idades compreendidas entre os 3 e os 6 anos, que tenham como parte do seu ambiente familiar e doméstico práticas digitais.

Dado isto, entendem-se certos propósitos associados ao objeto de estudo que pretendem descrever a planificação do presente estudo. Estes, entendidos como objetivos, “sintetizam o que o investigador pretende esclarecer e devem ser coerentes com o problema proposto” (Fontelles et al., 2009, p. n/d). Assim, o objetivo principal consiste em compreender as estruturas de diferentes famílias, o seu ecossistema digital e práticas digitais, assim como o modo como decorrem os processos de mediação parental e se expressa o *babysitting* através de meios digitais. Aliado a isto, pretende-se também analisar os diferentes contextos das famílias, as suas diferentes realidades, de modo a tentar entender de que modo as suas características impactam as suas práticas digitais, o tipo de meios digitais que utilizam e o propósito pelo qual os utilizam/ e o propósito, assim como a motivação por detrás dos seus usos. Segundo Lewis & Munn (1987) as “questões de investigação são vitais primeiros passos em qualquer pesquisa (...) guiam em direção ao tipo de informação necessária e às formas como se deve recolher essa informação” (p. 7). A principal questão de investigação, que molda o estudo e procura neste a sua resposta apresenta-se, assim, na seguinte formulação: Como decorrem os processos de mediação parental e se expressa o *babysitting* através de meios digitais em famílias com crianças dos 3 aos 6 anos?

Como meio de auxílio para a condução do estudo em torno do objetivo principal, são ainda delineadas questões de investigação adicionais que intendem possibilitar uma compreensão mais específica e detalhada de determinados itens:

1. De que modo as características das famílias e dos pais geram impacto no papel desempenhado pelos meios digitais no meio familiar e nos seus usos?
2. Quais as preocupações e regulações dos pais para com os usos dos meios digitais pelas crianças?
3. Quais os momentos em que a disponibilização dos meios digitais às crianças e incentivo para seu uso é maior?
4. Os meios digitais são considerados *babysitters* pelas famílias?

4.2. Posicionamento Científico

No seguimento desta contextualização é também pertinente mencionar o posicionamento científico do estudo, que tendo em consideração a temática e os objetivos delineados, se estabelece como interpretativista. Esta abordagem explícita no seu núcleo uma valorização da complexidade de diferentes realidades e a importância de considerar as variáveis existentes associadas à vida humana e aos diversos contextos que a envolvem. Assim, este paradigma entende a “compreensão do mundo social através da examinação da interpretação desse mundo pelos seus participantes” (Bryman, 2012, p. 380).

Recorrer a este paradigma permite ao investigador conhecer, compreender e interpretar os fenómenos da realidade que estuda, considerando assim os fatores envolventes que a possam impactar e moldar. Sendo que o foco de estudo incide nas famílias e nas dinâmicas dos seus membros envolvendo os meios digitais, o posicionamento interpretativista é uma resposta adequada à complexidade associada ao ser humano e às suas relações, assim como às suas diferentes características moldadas por determinados fatores e contextos capazes, também, de arquitetar realidades.

4.3. Estratégia Metodológica

O desenho de uma estratégia metodológica consiste na definição de ferramentas que definem e direcionam os processos de recolha de informação e a sua estrutura de análise (Cohen, Manion & Morrison, 2007, p. 47). Assim, considerando a temática e os objetivos estabelecidos, este estudo recorre à metodologia qualitativa. Esta estratégia valoriza abordagens de “descrição e interpretação e (...) foca-se em relatos de experiência ou em dados que não podem ser adequadamente expressos de forma numérica” (Hancock,

Ockleford & Windridge, 2009, p. 6). Tende, também, a ser um método associado a intenções de “compreender o mundo social em que vivemos” (2009, p. 7) e os contextos que o integram. Aqui entende-se uma coesão com o posicionamento científico previamente mencionado, os propósitos associados a ambos encontram-se alinhados. Isto é verificado pela ideia de que “interpretativismo é um paradigma (...) que é associado a pesquisa qualitativa” (Pulla & Carter, 2018, p. 9). Esta, contudo, não é sempre uma realidade, mas verifica-se em muitos casos (Punch, 2013, p. 17). Esta estratégia metodológica qualitativa, e a sua interpretação, “depende de (...) fatores, como a natureza dos dados coletados, a extensão da amostra, os instrumentos de pesquisa e os pressupostos teóricos que nortearam a investigação” (Prodanov & Freitas, 2013, p. 113).

4.4. Amostra e Técnicas de Recolha de Dados

Como método de recolha de dados, numa abordagem de metodologia qualitativa, entende-se como mais pertinente para este estudo a realização de entrevistas. Estas são vistas como “particularmente úteis para obter a história por detrás das experiências dos participantes” (McNamara, 1999, p. 1), e permitem a quem está a entrevistar a possibilidade de obter “informação mais aprofundada” (1999, p. 1).

As entrevistas variam na sua estrutura e composição, e as suas diferentes características moldam o momento entre entrevistador-entrevistados assim como impactam a possibilidade de respostas e obtenção de dados (Fox, 2000, p. n/d). Nisto, é possível distinguir diferentes abordagens no planeamento e realização de entrevistas através de classificações como, “estruturadas, semi-estruturadas ou não estruturadas” (Cassell, 2015, p. 12). O primeiro grupo diz respeito a um tipo de entrevistas que detêm uma estrutura fixa e onde “o entrevistado deve seguir um (...) conjunto de questões numa ordem específica” (Green & Thorogood, 2004, p. 80). Por sua vez, o grupo seguinte descreve um conjunto de entrevistas que se dispõem delineadas, mas cuja sua abordagem não se impõe restrita, estabelecendo maior liberdade na organização, disposição e apresentação das questões associadas, assim como no momento de resposta, para quem entrevista e quem é entrevistado (George, 2022, p. n/d). Com uma maior maleabilidade que as anteriores, este tipo de entrevistas possibilita também a adaptação do guião e a inserção de pontos de discussão associados aos temas já estabelecidos, motivados por certas dinâmicas que podem surgir durante o momento com a pessoa entrevistada (Green & Thorogood, 2004, p. 80; Cassell, 2015, p. 12). Tal como o nome indica, o último grupo

de entrevistas mencionado não detém uma estrutura detalhadamente delineada, e, portanto, o momento de entrevista é conduzido por alguns pontos de discussão estabelecidos, contudo a interação entre entrevistador e pessoa entrevistada detém um papel definidor na sua construção (Fox, 2000, p. n/d). Tendo em conta a complexidade da temática de estudo, visto que incide sob características e interações humanas e as relações de influência de e para com o meio envolvente, consideram-se as entrevistas semiestruturadas o meio a utilizar. Assim, foram realizadas entrevistas semiestruturadas a famílias (pais e filhos) com crianças entre os 3 e 6 anos de idade, que têm como parte integrante do seu meio doméstico e familiar práticas digitais. A amostra em estudo compõe-se por 10 famílias e caracteriza-se por ser uma “amostra por conveniência” (George, 2022, p. n/d), pois o processo de seleção e recolha de dados estabeleceu-se através de contactos pessoais adquiridos. Esta amostra foi selecionada em vigor de determinadas diretrizes. Para além da premissa já mencionada referente às idades das crianças e práticas digitais na família, foi também considerado importante notar, selecionar e distinguir diversidade nas famílias, tendo em consideração os objetivos delineados e a intenção de compreender de que modo as características das famílias geram impacto nos processos de mediação parental e no papel dos meios digitais enquanto *babysitters*. Nisto, o processo de seleção das famílias entende a pluralidade de contextos nomeadamente no que concerne a estrutura das famílias, escolaridade e ocupação profissional, idades das figuras parentais e local de residência. Entende-se que no contexto da temática, a realização de entrevistas em modo presencial constitui num cenário favorito e benéfico a nível do processo de recolha de dados (Fox, 2000, p. n/d), contudo, este não foi exequível em todos os casos. Deste modo, 5 entrevistas foram conduzidas presencialmente, no ambiente doméstico das famílias ou em espaços exteriores preferenciados pelos pais, enquanto outras 5 entrevistas foram realizadas *online* através de plataformas como o *Zoom*, sendo que numa destas famílias não foi possível a utilização desta plataforma e por isso recorreu-se a ferramentas de videochamada pelo *Facebook*. Em torno do processo da realização das entrevistas foram entregues, ou enviados aos pais, formulários de consentimento (Anexo A) que identificam o estudo e os seus propósitos, e que atuam como meio de reconhecimento e autorização da sua participação, e a participação dos seus filhos, no mesmo estudo. Tanto nas entrevistas presenciais como *online*, foi tomado um tempo inicial para apresentar o estudo, esclarecer as intenções e objetivos do mesmo, e atender a quaisquer possíveis dúvidas ou questões que os pais pudessem ter face ao mesmo. Ainda aqui, foi sublinhado

aos pais o anonimato da sua participação e a ideia de que o estudo não define linhas entre aquilo que é certo ou errado, apenas pretende entender a realidade das famílias num contexto digital. No momento da realização da entrevista esta dividiu-se em duas instâncias, sendo que na primeira seriam feitas questões aos pais (Anexo B) e na segunda seriam feitas questões às crianças (Anexo C). Esta ordem não se verificou num caso apenas, em que a mãe integrante de uma das famílias mostrou preferência pela entrevista ser realizada ao seu filho primeiro para ele não ficar impaciente. Isto relaciona-se, também, com a própria duração das entrevistas, que se entende como algo moldado por condicionantes associadas, sejam limitações de tempo ou limitações relativas às interações. No entanto, compreende-se uma maior duração de tempo em relação às entrevistas realizadas aos pais do que as realizadas às crianças, o que se entende também pela complexidade e quantidade de questões que se apresenta maior em torno das figuras adultas. Neste sentido, as entrevistas realizadas aos pais apresentam uma duração média de 40 minutos enquanto as entrevistas realizadas às crianças apresentam, por sua vez, uma duração média de 10 minutos. As entrevistas foram realizadas entre Setembro de 2022 e Janeiro de 2023.

Nas entrevistas aos pais, procurou compreender-se a visão que detinham dos meios digitais, as competências, práticas e usos digitais no meio familiar, a perspectiva que possuem face aos usos dos meios digitais pelas crianças, e as suas preocupações e regulações, práticas de mediação parental, implementadas relativas aos mesmos usos. Nisto, também, as questões desenhadas procuraram conhecer a participação dos pais nos momentos de interação das crianças com os meios digitais, as motivações por detrás da disponibilização dos meios digitais às crianças e os momentos de maior recurso a estes, assim como entender o ponto de vista dos pais face à hipótese de atuação dos meios digitais enquanto *babysitters* nas suas famílias. Relativamente ao momento das entrevistas às crianças, as questões foram elaboradas com o intuito de compreender os seus usos digitais, como decorrem, quando decorrem e as circunstâncias associadas aos seus usos, as suas atividades favoritas em cada meio digital que utilizam, o ponto de vista que detêm face à participação dos pais nos seus momentos de interação com os meios digitais, e a ideia que têm das regras e limitações que os pais lhes colocam e daquilo que consideram poder fazer/ver e não poder fazer/ver nos meios digitais. Nestas entrevistas às crianças, a abordagem procurou ser acessível e leve, com o objetivo de priorizar conforto e à-vontade no momento de interação. Foram desenhados dois guiões para as

entrevistas das crianças, sendo que um deles possui formato e questões que se adaptam a vários meios digitais presentes no meio familiar e que sejam também utilizados pelos mais novos, como o tablet, telemóveis, computadores, etc. Enquanto o segundo guião desenhado, embora possua os mesmos tópicos e praticamente as mesmas questões, é modelado e especificado para a atividade de visualização de televisão. Durante o processo de realização das entrevistas, para além de anotações, a informação foi também recolhida através de gravação de áudio e de captação ou receção (envio posterior pelos pais) de imagens ilustradoras do ecossistema digital da família ou das atividades das crianças nos meios digitais. Entende-se outro aspeto importante de mencionar que diz respeito à representação familiar no momento da entrevista. Durante este procedimento, 8 das 10 famílias contaram com a presença de apenas uma das figuras parentais ao lado da criança, sendo que, assim, apenas 2 famílias participaram nas entrevistas com os pontos de vista na primeira pessoa do pai e da mãe. A presença dos pais, ou de um dos pais no momento da entrevista com a criança revelou-se benéfico, principalmente considerando as idades das crianças e as diferentes habilidades comunicacionais relacionadas com os diferentes estágios do seu desenvolvimento, pois a companhia das figuras adultas facilitou em certas circunstâncias o processo de interação. Apesar das entrevistas se dividirem em duas instâncias – uma para os pais outra para as crianças- pode entender-se que o momento dessas mesmas entrevistas se celebrou de forma conjunta, em que pais e filhos estavam lado a lado durante a interação. Esta ideia tornou-se nítida particularmente devido ao facto de que em certos momentos da entrevista aos pais, algumas crianças também interagiam e inseriam o seu ponto de vista. O momento da entrevista decorre dividido em duas partes, com abordagens e questões diferentes para cada uma delas, contudo devido à presença conjunta da figura adulta com a criança, foi possível observar-se momentos de interação entre pais e filhos e obter uma participação dinâmica de parte de algumas crianças.

4.5. Técnica de análise de dados

Os dados obtidos através do processo de realização de entrevistas, presenciais ou *online*, às 10 famílias selecionadas, foram tratados e apresentados através da abordagem de transcrições (Anexo D). Atendendo à natureza do tema em estudo, os objetivos delineados e a metodologia de teor qualitativa estabelecida, compreendeu-se que o recurso a uma análise temática (Braun & Clarke, 2006) poderia ser o mais indicado como abordagem a deter para atuar sob os dados recolhidos. Deste modo, recorrer a esta estratégia configura um processo de análise de dados onde a informação obtida através das entrevistas às

famílias é organizada e estudada em categorias desenhadas, correspondentes a temas em destaque e de relevância para o estudo e seus objetivos (Braun, Clarke & Weate, 2016, p. 2) Assim, as entrevistas foram analisadas tendo em vista a intenção de reconhecer nelas temáticas e de categorizar a informação consoante as mesmas, enquadrando-a conforme a compatibilidade que o conteúdo apresenta com os temas destacados. É pertinente mencionar que esta categorização foi definida de forma distinta entre os pais e as crianças entrevistados, isto porque não só os guiões de entrevistas foram planificados de diferente forma para os pais e para as crianças, incluindo questões também diferentes, como a própria abordagem tida para com cada um dos grupos de indivíduos diverge. Para melhor ilustrar este método de análise foram elaboradas duas tabelas que se apresentam em seguida, sendo que a primeira (Tabela nº2) é referente às temáticas desenhadas em torno da informação obtida através das entrevistas aos pais, enquanto a segunda (Tabela nº 3) descreve as temáticas destacadas segundo a informação obtida nas entrevistas realizadas às crianças.

Entrevista semiestruturada – Pais			
Temáticas	Questões de investigação	Questões de guião de entrevista	Referências Autorais
Meios digitais no meio familiar e usos	De que modo as características das famílias e dos pais geram impacto no papel desempenhado pelos meios digitais no meio familiar e nos seus usos?	Quais são os meios digitais que integram o seu local de habitação e seio familiar? Quem usufrui de cada um destes meios digitais? Com que finalidade são feitos estes usos? O que faz(em) a(s) criança(s) em cada um dos meios digitais com que interage(m)? Que tipo de atividades mais pratica(m)? Onde usam?	Gantz (1982), p. 11; Götz, Bachmann & Hofmann (2007), p. 37; Saxbe, Graesch & Alvik (2011), p. 186; Park (2011) p. 6; Beyens & Eggermont, (2014), n/d; Church, Weight, Berry, MacDonald (2015); Brito & Dias (2016),p. 10; Brito & Ramos (2017), n/d; Chaudron, Di Gioia & Gemo (2018), p. 33; V. dos Anjos, Alonso & M. dos Anjos(2018) p.184
Competências Digitais	De que modo as características das famílias e dos pais geram impacto no papel desempenhado pelos meios digitais no meio familiar e nos seus usos?	Os pais consideram possuir boas competências digitais?	National Association for the Education of Young Children & Fred Rogers Center [NAEYC, FRC] (2012), p. 9; Ponte et al., (2017), p. 76; Nikken, (2018), p. 97; Brito, (2018), p. 40; Livingstone et al., (2015) pp. 5-6

Preferências dos pais e das crianças	-	Existe preferência dos pais face a que meio digital a(s) criança(s) usa(m)? A(s) criança(s) mostra(m) preferência?	Gantz (1982), p. 11; Beyens & Eggermont, (2014), n/d; Haddon & Holloway (2018);
Preocupações, regras e limitações	Quais as preocupações e regulações dos pais para com os usos dos meios digitais pelas crianças?	Possui preocupações face ao uso dos meios digitais pela(s) criança(s)? Se sim, quais? O uso dado aos meios digitais pela(s) criança(s) é regulado pelas figuras parentais? De que forma? Num contexto de pandemia, e situação de confinamento associada, verificaram-se alterações na gestão dos meios digitais no seu ambiente familiar e no uso destes? Se sim, de que forma? Que critérios passam pela decisão de incentivar/disponibilizar determinados meios digitais à(s) criança(s)?	Nikken & Jansz (2006) pp. 182, 185, 198; McNeal (2007), p. 47; Livingstone & Helsper, (2008), p. 10; Park (2011), p. 6; Given et al., (2014), p. 5; Connell, Lauricella & Wartella (2015), p. 14; Dias et al., (2016), p. 421; Ponte et al., (2017), pp. 6, 50; Brito (2017), p. 207; Brito & Dias (2017b), p. 186; Livingstone, Blum-Ross, Pavlick & Ólafsson (2018), p. 8; Brito (2018), p. 38; Nikken (2018), pp. 97, 99; Haddon & Holloway (2018), p. 116; V. dos Anjos, Alonso, & M. dos Anjos (2018), p. 184;
Participação dos pais nos momentos de uso	De que modo as características das famílias e dos pais geram impacto no papel desempenhado pelos meios digitais no meio familiar e nos seus usos?	Os pais participam no momento de interação entre a(s) criança(s) e os meios digitais, utilizando-as em conjunto, ou utilizam outra abordagem não intervindo necessariamente de forma direta?	Nikken & Jansz (2006) pp. 185, 198; Connell, Lauricella & Wartella (2015), p. 14; Nikken (2018), pp. 97 e 99.

Momentos de maior disponibilização dos meios digitais às crianças	Quais os momentos em que a disponibilização dos meios digitais às crianças e incentivo para seu uso é maior? Como decorrem os processos de mediação parental e se expressa o <i>babysitting</i> através de meios digitais em famílias com crianças dos 3-6 anos?	Existem momentos em que a disponibilização de meios digitais à(s) criança(s) e o incentivo para o seu uso é maior? Se sim, em que contextos? Num contexto de pandemia, e situação de confinamento associada, verificaram-se alterações na gestão dos meios digitais no seu ambiente familiar e no uso destes? Se sim, de que forma? Que critérios passam pela decisão de incentivar/disponibilizar determinados meios digitais à(s) criança(s)?	Skinner (1974/2002), pp. 56, 63; Gantz (1982), pp. 15, 11; Götz, Bachmann & Hofmann (2007), pp. 36, 37; Marsh (2014), p. 7; Kabali et al., (2015), p. 1; Livingstone, Mascheroni, Dreier, Chaudron & Lagae (2015), p. 7; Brito & Dias (2016), pp. 60, 51, 20; Brito (2017), p. 213; Nikken (2018), p. 97; Haddon & Holloway (2018), p. 120; Schubert & Eggert (2018), p. 154; Blum-Ross & Livingstone (2018), p. 183.
<i>Babysitting</i>	Os meios digitais são considerados <i>babysitters</i> pelas famílias? Como decorrem os processos de mediação parental e se expressa o <i>babysitting</i> através de meios digitais em famílias com crianças dos 3-6 anos?	Na atualidade, os meios digitais ganharam a conotação de <i>babysitters</i> em certas situações de interação com as crianças. Nomeadamente em situações onde se pretenda acalmar a criança e/ou entretê-la. Reconhece o potencial e a função de <i>babysitter</i> dos meios digitais no seu ambiente familiar?	Gantz (1982), pp. 15, 11; Götz, Bachmann & Hofmann (2007), pp. 35, 37; Morrow (2008), pp. 116-119; Beyens & Eggermont (2014); Kabali et al., (2015), p. 1; Brito & Dias (2016), pp. 20, 51, 60; Brito (2017); Payne, Jamison & Snyder (2018), p. 3; Haddon & Holloway (2018), p. 120; Chaudron, Di Gioia & Gemo (2018); OCDE (2019); Plowman (2020), pp. 31-32;

Tabela 2: Representação das temáticas destacadas em torno das entrevistas com os pais.

Fonte: Elaboração Própria.

Por sua vez, a tabela 3 apresenta uma representação da categorização da informação obtida nas entrevistas realizadas às crianças.

Entrevista semiestruturada – Crianças			
Temáticas	Questões de investigação	Questões de guião de entrevista	Referências Autorais
Usos dos meios digitais	-	Brincas com o tablet/telemóvel/ computador? Onde é que brincas com o tablet/telemóvel/ computador? Quando é que brincas com o tablet/telemóvel/ computador? - Os teus pais deixam-te brincar com o tablet/telemóvel/ computador sempre que queres? O que é que fazes no tablet/telemóvel/ computador? Brincas com o quê? Onde é que vês televisão? Quando é que vês televisão? - Os teus pais deixam-te ver televisão sempre que queres?	Livingstone (2007), pp. 2, 926; McPlake, Plowman & Stephen (2013); Holloway, Green & Livingstone (2013); Given et al., (2014); Brito & Dias (2016), p. 10; Brito & Ramos, (2017), n/d; Ponte et al., (2017), p. 6; Marsh (2017); Chaudron, Di Gioia & Gemo (2018);
Preferências no meio digital e/ou no conteúdo	-	O que é que gostas mais de fazer no tablet/telemóvel/ computador? Gostas de ver televisão? O que é que mais gostas de ver na televisão?	Brito & Dias (2017a); Brito & Ramos (2017), n/d; Haddon & Holloway (2018); Chaudron, Di Gioia & Gemo (2018);

Participação dos pais nos momentos de uso	De que modo as características das famílias e dos pais geram impacto no papel desempenhado pelos meios digitais no meio familiar e nos seus usos?	Usas o tablet/telemóvel/computador sozinho/a? Os teus pais estão ao pé de ti quando brincas com o tablet/telemóvel/computador? Vês televisão sozinho/a? Ou os teus pais veem contigo?	Nikken e Jansz (2006) pp.185, 198; Brito & Dias (2016), p. 58;
Regras e limitações	Quais as preocupações e regulações dos pais para com os usos dos meios digitais pelas crianças? Quais os momentos em que a disponibilização dos meios digitais às crianças e incentivo para seu uso é maior?	Onde é que brincas com o tablet/telemóvel/computador? Quando é que brincas com o tablet/telemóvel/computador? - Os teus pais deixam-te brincar com o tablet/telemóvel/computador sempre que queres? Os teus pais dizem-te coisas que podes e não podes fazer no tablet/telemóvel/computador? Onde é que vês televisão? Quando é que vês televisão? - Os teus pais deixam-te ver televisão sempre que queres? Os teus pais dizem o que podes ver na televisão? Há coisas que não podes ver?	Gantz (1982) pp. 11, 15; Nikken & Jansz (2006) pp. 182, 185, 198; McNeal (2007), p. 47; Livingstone & Helsper, (2008), p. 10; Park (2011), p. 6; Given et al., (2014), p. 5; Connell, Lauricella & Wartella (2015), p. 14; Dias et al., (2016), p. 421; Ponte et al., (2017), p. 6;

Tabela 3: Representação das temáticas destacadas em torno das entrevistas com as crianças. **Fonte:** Elaboração Própria.

Capítulo 5 – Apresentação e discussão dos resultados

5.1. Caracterização da amostra

É aqui inicialmente pertinente expor alguns dos dados recolhidos através de anotações redigidas no momento da entrevista, que caracterizam e representam a amostra selecionada. Com o intuito de obter uma melhor compreensão e interpretação face à amostra selecionada, foi elaborada uma tabela (4) que descreve as diferentes estruturas das famílias e as suas características. Com vigor a assegurar o anonimato dos membros de cada família, recorreu-se a uma estratégia de nomeação por código, também ilustrada através da mesma tabela. Desta forma, as famílias são distinguidas pela classificação que lhes é atribuída pela letra F (família) associada a números diferentes de 1 a 10, cuja sequência se baseia por ordem crescente a respeito da data das entrevistas realizadas – das primeiras às últimas a ser realizadas. Com base na estratégia utilizada por Brito & Dias (2016), ainda aliados à letra F e número associado, são aplicadas designações referentes a cada membro da família (mãe, pai, filhos) para auxiliar a distinção. Assim, recorrendo ao método utilizado pelas autoras (2016), cada mãe é representada por “m” (*mother*), cada pai por “f” (*father*), cada filho por “b” (*boy*), cada filha por “g” (*girl*), sendo ainda estas classificações seguidas pelo número representante da idade de cada um dos membros. Na tabela abaixo apresentada (4), os membros de cada família a quem não sejam atribuídas codificações são aqueles que não fizeram parte das entrevistas.

Famílias	Agregado Familiar	Idades	Codificação	Escolaridade	Função profissional	Local de Residência
F1	Mãe	31	F1m31	Mestrado	Senior Account Manager	Luanda, Angola
	Pai	42	-	Mestrado	CEO	
	Filha	6	F1g6	-	-	
F2	Mãe	38	F2m38	12º ano	Militar	Almada
	Pai	32	-	12º ano	Militar	
	Filha	6	F2g6	-	-	
	Filha	13 meses	-	-	-	

F3	Mãe	35	F3m35	12º ano	Auxiliar de limpeza	Almada
	Pai	34	-	12º ano	Construção Civil	
	Filha	11	-	-	-	
	Filho	9	-	-	-	
	Filho	6	F3b6	-	-	
F4	Mãe	33	F4m33	Licenciatura	Restauração	Moita
	Pai	30	F4f30	11º ano	Restauração	
	Filho	5	F4b5	-	-	
F5	Mãe	40	F5m40	Licenciatura	Assistente de Direção Hoteleira	Faro
	Pai	46	-	Licenciatura	Gestor de Turismo	
	Filho	9	-	-	-	
	Filho	3	F5b3	-	-	
F6	Mãe	40	F6m40	Licenciatura	Advogada	Lisboa
	Pai	42	-	Licenciatura	Consultor	
	Filha	7	-	-	-	
	Filha	4	F6g4	-	-	
F7	Mãe	39	F7m39	Licenciatura	Enfermeira	Barreiro
	Pai	42	F7f42	9ºano	Serralheiro	
	Filho	5	F7b5	-	-	
F8	Mãe	46	F8m46	12º ano	Gestora de marca de roupa	Almada
	Pai	42	-	Frequência universitária	Diretor comercial	
	Filho	3	-	-	-	
	Filho	3	F8b3	-	-	
F9	Mãe	40	F9m40	Licenciatura	Contabilista	Barreiro
	Pai	39	-	12º ano	Atleta	
	Filha	5	F9g5	-	-	
	Filho	4	-	-	-	

F10	Mãe	40	F10m40	12º ano	Técnica administrativa	Barreiro
	Pai	44	-	9º ano	Eletricista	
	Filho	5	F10b5	-	-	
	Filho	3	-	-	-	

Tabela 4: Caraterização das famílias entrevistadas. **Fonte:** Elaboração Própria.

5.2. Apresentação e discussão dos resultados obtidos das Entrevistas aos Pais

Meios Digitais no meio familiar e usos

No momento inicial da entrevista procurou-se compreender o ecossistema digital de cada família e a sua composição, assim como os usos feitos em torno dos meios digitais. No que diz respeito aos meios digitais presentes nas habitações e no dia-a-dia das famílias entrevistadas, verificou-se uma tendência de respostas em torno de telemóveis, televisão, *tablet* e computador. Neste sentido, a maioria das famílias entrevistadas (F2, F3, F5, F7, F8, F9, F10), apresenta uma concordância face aos dispositivos presentes no ambiente digital do seu meio familiar e habitações. Em duas das famílias entrevistadas (F1, F6), este conjunto de meios digitais é também referido, contando com a menção adicional de consolas que integram assim também as habitações destas famílias (Chaudron, Di Gioia, Gemo, 2018). Por sua vez, na família F4, o *tablet* e as consolas não fazem parte do seu ecossistema digital, sendo os meios digitais mencionados o computador, a televisão e os telemóveis. Relativamente aos usos dados aos meios digitais pelas famílias, verifica-se um destaque para meios como a televisão e os telemóveis entre as respostas das figuras parentais. Das famílias onde a televisão é destacada no que diz respeito aos usos feitos pelas figuras parentais (F1, F3, F4, F5, F7, F8), na família F4, a mãe afirma que por falta de tempo, os pais não veem muito televisão, e assim, apesar do uso se verificar acaba por ser um meio mais usufruído pelo filho. Na família F8 verifica-se uma certa semelhança ao previamente mencionado, pois a mãe afirma que embora os pais assistam à televisão com alguma regularidade, esta é partilhada com os seus dois filhos e muito utilizada por eles. A atividade de visualização de televisão por parte das figuras parentais apresenta foco em conteúdos de teor informativo, como o telejornal e notícias na generalidade (F1, F8, F9), e conteúdos de entretenimento como séries e filmes (F1, F3, F8). No que concerne os telemóveis destacam-se os usos sobretudo pessoais, contudo em duas famílias (F4, F8), enaltecem-se outros propósitos. Na família

F4, a mãe refere que para além do seu telemóvel pessoal adquiriu um outro para fins exclusivamente profissionais relacionados com o seu local de trabalho e que só a própria o utiliza. Ainda na família F4, a mãe afirma que os usos que o pai faz do telemóvel não correspondem, de forma significativa, a lazer, referindo este (o pai) que não faz tanto uso das possibilidades conferidas pela internet, mas foca a sua utilização nas interações com amigos e familiares. Por sua vez, e em contraste ao afirmado pelo pai, a mãe (F4m33) adiciona que o uso que faz do seu telemóvel inclui a utilização de redes sociais. Na família F8, o telemóvel apresenta-se como um meio relevante para o dia-a-dia da mãe, que menciona utilizá-lo para variadas funções e para realizar determinadas tarefas. Neste seguimento, entende-se aqui os meios digitais como meios “adaptáveis às necessidades individuais” (Katz, Moran, Ognyanova, 2017, p. 313). Com a possibilidade de executar variadas funções num só dispositivo, a utilização do telemóvel feita pelas famílias mencionadas pode interpretar-se através da ideia de convergência apresentada por Jenkins (2006). Compreende-se também que os telemóveis possibilitam funcionalidades que auxiliam os pais na “organização das suas tarefas diárias” (Brito, 2017, p. 32). Os usos que os pais fazem dos seus telemóveis são em alguns casos expandidos e partilhados com os seus filhos. Em 9 das 10 famílias entrevistadas (F1, F2, F3, F5, F6, F7, F8, F9, F10), os pais emprestam os seus telemóveis aos filhos. Nas famílias F1, F2, F6 e F10, esta ação de dividir os usos entre pais e filhos nos telemóveis das figuras parentais encontra-se justificada por alguns motivos destacados. No caso da família F1, a mãe menciona que é no seu telemóvel que estão, também, aplicações de uso escolar da filha, acrescentando ainda que é neste dispositivo que existem determinados conteúdos de plataformas de *streaming* cujo acesso é condicionado por fatores de localização.

F1m31: Nós estamos em Angola e a Disney não funciona aqui, portanto nós quando vamos a Lisboa descarregamos coisas por isso é que a F1g6 está a dizer que esse tipo de conteúdo só vê no telemóvel porque está descarregado no telemóvel.

Na família F2, a partilha de usos do telemóvel da mãe com a sua filha entende-se pela existência de um conteúdo específico no dispositivo da figura parental. Nas famílias F6 e F10, verifica-se uma similaridade no ato das figuras parentais em partilhar os usos dos seus telemóveis com os seus filhos quando há indisponibilidade de uso de outros dispositivos. Os usos dados ao tablet pelas figuras parentais não são mencionados de forma acentuada pelas mesmas, na sua generalidade, à exceção de duas famílias (F6, F8) que associam o dispositivo a funções de teor profissional. Nas famílias F6 e F8, os usos

dados ao tablet são apontados pelas mães, exclusivamente, aos pais. Outro dos meios digitais presente nas habitações das famílias entrevistadas é o computador, cujos usos são destacados pelas figuras parentais das famílias F1, F2, F4, F6, F10, sobretudo em torno de propósitos de teor profissional. Na família F1, é mencionada a utilização do computador maioritariamente para trabalhar, contudo, com uma condição de exceção associada a conteúdo de entretenimento. Na família F4, os principais usos dados ao computador pelas figuras parentais encontram-se nas motivações por detrás da aquisição do dispositivo.

F4m33: Mesmo para trabalhar.

Ainda na família F4, verifica-se que a utilização dada ao computador pelas figuras parentais pode não focar apenas os intuitos de teor profissional com que foi adquirido o dispositivo. Deste modo, em situações em que os membros da família queiram assistir a algum conteúdo que não se encontra disponível numa plataforma de *streaming* acessível pela televisão, recorrem ao computador para usufruir desse entretenimento. Na família F2, o uso do computador é sublinhado como exclusivo das figuras parentais, sendo que, embora associem ao dispositivo um contexto de teor profissional, a mãe afirma que a sua utilização não é muito frequente. Na família F6, a exclusividade do uso do computador pelas figuras parentais é também mencionada. A família F10 partilha também da menção do uso do computador para trabalho e exclusivamente associado às figuras parentais – neste caso a mãe – acrescentando a ideia de noção partilhada pelos filhos, que afirma saberem não poder utilizar. Isto vai ao encontro da ideia apresentada por Given *et al.* (2014), que afirmam que os computadores são geralmente mais utilizados pelos adultos.

Após conhecer os usos realizados pelas figuras parentais em torno dos meios digitais, importa também entender os usos dos meios digitais pelas crianças das famílias entrevistadas. Assim, segundo a informação expressa pelas figuras parentais, compreende-se um destaque da televisão enquanto meio usufruído pelas crianças das 10 famílias, seguido do tablet e do telemóvel utilizados, cada um, por crianças de 9 em 10 famílias (F1, F2, F3, F5, F6, F7, F8, F9, F10). A criança da família F4 detém a televisão como o meio que mais utiliza pois dos meios digitais presentes no seu meio familiar-televisão, telemóveis, computador - apenas utiliza a primeira, sendo os telemóveis e o computador de uso exclusivo das figuras parentais, como foi abordado previamente. Na família F3, a existência de uma televisão no quarto das crianças que é partilhado entre elas, é destacada como um fator que divide os seus usos. O tablet surge também como um

dos meios digitais mais utilizados pelas crianças. Nas famílias onde este uso se verifica, importa notar que numa delas - família F8 – a utilização deste dispositivo pelas crianças dá-se num contexto específico, pois apenas utilizam o que se encontra na casa da sua avó, visto que na sua própria habitação (F8) o tablet é exclusivamente utilizado pelo pai para fins profissionais. Nas famílias F1, F6, F9 e F10 é destacado o uso individual do tablet pelas crianças de modo que o dispositivo é entendido como sendo delas. Na família F6, a aquisição de um tablet para cada criança resulta do intuito de resolver situações de conflito e de disputa do dispositivo. Por sua vez, na família F3 a utilização de um tablet é feita em partilha entre as crianças. Compreende-se que a televisão possui um papel central nos usos dos meios digitais feitos pelas crianças, contudo importa realçar que o tablet tem alcançado também uma posição de destaque entre os mais novos (Ponte *et al.*, 2017; Brito & Dias, 2017a). O telemóvel é ainda outro dispositivo utilizado pelas crianças, sendo este dos pais e emprestado por eles aos seus filhos. Isto não se verifica na família F4, onde os telemóveis são dispositivos de uso exclusivo dos pais e não permitem que a criança os utilize, como foi mencionado anteriormente. Na família F2, verifica-se que a utilização do telemóvel pela criança não se enquadra apenas nos dispositivos dos pais, mas sim também num outro telemóvel específico para a filha e que é dela. Na família F3, a filha de 11 anos e o filho de 9 anos possuem, também, os seus próprios telemóveis e são esses que utilizam, contudo, a criança de 6 anos que participou na entrevista para este estudo não possui dispositivo pessoal. Ainda na família F3, a mãe afirma que o seu filho de 6 anos, utilizava mais o seu telemóvel (da mãe) quando era mais novo, isto é, a regularidade com que a mãe emprestava o telemóvel ao seu filho foi maior outrora em relação àquilo que é atualmente. Na família F5, a criança utiliza o telemóvel dos pais, mas utiliza também um outro telemóvel antigo que não é atualmente dispositivo pessoal dos pais. Na família F6, embora as crianças possuam um tablet para cada uma os usos que fazem de um meio como o telemóvel decorrem nos dispositivos pessoais dos pais que atuam como alternativa à indisponibilidade de outros meios digitais.

E: Os telemóveis que refere são os vossos (pais) ou elas têm os delas?

F6m40: São os nossos telemóveis. Ou seja, é um substituto de tablet quando não há tablet disponível, quando não tem bateria...

Um contexto semelhante verifica-se na família F10, com a exceção de que as crianças só utilizam o telemóvel da mãe, pois o do pai não lhes é permitido. Na família F8, é destacado pela mãe a utilização do telemóvel pelas crianças, sendo este o dispositivo que

mais utilizam, o que confere uma ligação com os usos feitos pelas figuras parentais que também destacaram este meio digital. Com isto, compreende-se que embora as crianças utilizem maioritariamente meios digitais adquiridos especificamente para si, adaptáveis a si, como o tablet e a televisão, utilizam também, em alguns casos, dispositivos mais formatados para figuras adultas como é o caso dos telemóveis dos pais (McPlake, Plowman & Stephen 2013; Given *et al.* 2014, p. 1). Considerando os restantes meios digitais, o computador apresenta-se aqui como um meio pouco utilizado pelas crianças, tendo sido anteriormente mencionado o uso exclusivo das figuras parentais em torno do mesmo. Contudo, verificam-se exceções em duas famílias - F1, F3. Na família F3, o computador foi providenciado pela escola e é utilizado pelos filhos mais velhos de 9 e 11 anos de idade. Esta utilização do computador por crianças de 9 e 11 anos pode compreender-se pelo fator da idade, pois é um meio digital mais desafiante de utilizar por crianças mais novas (Chaudron, Di Gioia & Gemo, 2018). A consola é outro dispositivo que integra o lar das famílias, neste caso, nomeadamente de duas – F1, F6 – contudo os usos das crianças em torno desta não se apresentam de forma destacada. Na família F6, a mãe nota o pouco uso que as filhas fazem da consola, utilizando-a apenas para assistir a *DVD's*. Após entender a composição do ecossistema digital das habitações das famílias e por quem são feitos os usos de cada meio digital, importa explorar o conteúdo com o qual as crianças interagem nos meios digitais que usam e aquilo que neles fazem. Nisto, é possível notar alguns pontos de destaque nas atividades das crianças nos meios digitais, nomeadamente, a visualização de desenhos animados especialmente na televisão (F1, F3, F4, F5, F7, F8, F9, F10), visualização de filmes e séries em plataformas de *streaming* (F1, F4, F6, F8, F9), a utilização de plataformas como o Youtube (F2, F3, F5, F6, F7, F8, F9, F10), interação com jogos digitais (F1, F2, F3, F6, F7, F8, F9, F10), utilizações em torno de conteúdos escolares (F1, F3, F6, F9, F10), ouvir música (F1, F9, F10), utilização de funcionalidades de fotografia, vídeo e edições (F1, F3). As famílias F4, F9 e F10 destacam canais de televisão nos quais os seus filhos assistem a desenhos animados, enunciando também alguns programas.

F4m33: (...) ele viu uns episódios que era os 'Super Wings' (série de desenho animado, Canal Panda) ...

F4m33: Há um que ele vê que é muito engraçado que é a 'Blue' no Disney Junior...

F9m40: *Veem desenhos animados... desses de canais juniores... do 'Panda' (Canal Panda) ...*

Nas famílias F5 e F8, para além das séries de desenhos animados destacam-se ainda filmes de animação cujas mães destas duas famílias notam começar a ser um conteúdo de interesse para os seus filhos que partilham, inclusive, a mesma idade. Das 8 famílias onde foi destacada pelos pais a atividade de visualização de televisão verificam-se 2 famílias – F1, F5 – onde é notado um interesse menor por parte das crianças para com o conteúdo transmitido, exibindo maior atenção para outras alternativas. A utilização de plataformas *streaming* surge em destaque nos usos feitos pelas crianças dos meios digitais, sendo as mais utilizadas a Netflix e a *Disney +*. Relativamente ao conteúdo específico visualizado pelas crianças, são destacadas pela família F9 as séries “*Heidi*” e “*Barbie*”. Para além da possibilidade de aprender enquanto se assiste a conteúdo de entretenimento pode entender-se, também, uma outra vantagem na utilização de plataformas como a Netflix para quem assiste, pois segundo a mãe da família F9, este meio de entretenimento permite a visualização de conteúdos na íntegra e de episódios completos. Compreende-se também a característica de adaptabilidade para vários dispositivos das plataformas de *streaming* previamente mencionadas, através da referência feita pela família F1 em torno dos usos das mesmas pelo telefone. A atividade de utilização de plataformas como a Netflix através de dispositivos como o telemóvel é comentada pela criança da família F1 que intervém no momento de entrevista da mãe afirmando que não revela muito interesse pelo dispositivo (telemóvel) e que inclusive, já utilizou a Netflix no mesmo sem estar a assistir ao conteúdo, ouvindo-o apenas e conciliando esse momento com outras atividades, nomeadamente não digitais.

F1g6: *Eu não ligo mesmo ao telemóvel, tipo eu estou de fones, eu às vezes bloqueio (o telemóvel) ponho no play e fico só a ouvir. Uma vez ouvi “Carmen Sandiego” (série de desenho animado, Netflix) enquanto estava a andar de overboard.*

Esta complementaridade entre os meios digitais, e brinquedos não digitais, nos momentos de brincar é destacada por Given *et al.*, (2014), Marsh (2017), nos estudos que apresentam onde verificam que estes dispositivos não detêm de forma exclusiva a atenção das crianças, e que estas revelam interesse por brinquedos, em incluí-los na brincadeira e inclusive dar-lhes prioridade como elemento central de entretenimento.

- Youtube

O Youtube é outra das plataformas mais utilizadas pelas crianças, segundo os pais, e verificam-se menções de algumas famílias aos usos do modo Youtube Kids (F5, F6, F8, F9). Este modo é mencionado como um “canal mais controlado” (F5) com configurações desenhadas pelos pais. No que diz respeito ao conteúdo visualizado é notada a referência a criadores de conteúdo, *youtubers*, de diferentes idades, que fazem vídeos direcionados para faixas etárias infantojuvenis (F5, F9, F10). Na família F2, não é destacado nenhum conteúdo em particular, mas é mencionado que a criança assiste aos vídeos que aparecem e que gosta. A família F7 destaca o uso feito pela criança da plataforma Youtube através do telefone e do tablet, onde o conteúdo que assiste são vídeos de curta duração. Na família F3, é mencionada a visualização do Youtube na televisão. As famílias F6, F9, afirmam ainda que crianças veem Youtube na televisão, contudo precisam de ajuda para o colocar a dar. Em contraste, na família F1 a mãe afirma que a criança não usa Youtube, nem no modo Youtube Kids, e a aplicação para a plataforma não está colocada nos dispositivos que a filha usa, por escolha dos pais.

- Jogos

Os jogos são uma atividade destacada em 8 de 10 famílias (F1, F2, F3, F6, F7, F8, F9, F10), e os seus usos estão associados a dispositivos como o telemóvel e o tablet. Relativamente ao tipo de jogos, as famílias F1 e F7 destacam jogos de estratégia e de conteúdo didático. Na família F1, a informação em relação ao jogo de xadrez é complementada pela intervenção da criança que lhe atribui um nome e explica opções de utilização.

***F1g6** intervém: Tenho o “chess”. Posso jogar xadrez solo, xadrez com um computador, ou escolher adversários que também jogam chess. É o nome do jogo.*

Na família F9 são também mencionados jogos que promovem aprendizagens e a mãe enaltece o gosto da filha por jogos de palavras cujo conteúdo reconhece e interpreta mesmo não sabendo ainda ler. Na família F8 é mencionado pela mãe que as crianças não interagem muito com o meio dos jogos, também por preferência da própria figura parental. Contudo, a mãe afirma que as crianças jogam alguns jogos adequados à idade deles e fazem *puzzles*. Na família F3, é mencionado que os jogos são uma atividade mais usufruída pelos filhos e não tanto pela filha, sendo os jogos referidos associados a futebol e a conteúdos de construção de estruturas. Adicionalmente, é de notar uma comparação estabelecida pela mãe da família F6 entre a utilização que as suas filhas fazem dos jogos

e a utilização que fazem do tópico e plataforma previamente referida, o Youtube. Nisto, é possível entender que as crianças da família F6 ficam durante mais tempo a assistir ao Youtube do que ficam a jogar um só jogo, ou os jogos que têm.

- Conteúdos escolares

Como se verificou previamente, o uso dado aos meios digitais pelas famílias decorre em torno de propósitos de entretenimento podendo conciliar utilizações focadas também em conteúdo educativo e de aprendizagem. Nisto, reconhece-se o destaque de usos dos meios digitais associados a utilizações escolares em 5 famílias (F1, F3, F6, F9, F10). Na família F3, um computador fornecido pela escola é utilizado pelas crianças de 9 e 11 anos de idade, que já realizam tarefas no dispositivo.

***F3m35:** A menina e o do meio (filho de 9 anos) eles usam (o computador) para fazer trabalho da escola, foi fornecido pela escola mesmo.*

A mãe menciona o contexto de pandemia associando-o aos usos dos meios digitais, como computador e telemóvel, para acesso a conteúdos da escola e à escola a partir de casa, sublinhando o facto dos usos dos dispositivos terem sido maiores por esse motivo. Na família F6 é também mencionada a situação de pandemia e são destacadas plataformas como o *Zoom* e o *Skype* utilizadas pelas crianças para realizar atividades educativas e de entretenimento relacionadas com a escola. É acrescentado ainda pela mãe da família F6 um detalhe associado aos usos de plataformas como o *Skype* pela sua filha de 7 anos de idade. Nisto, entende-se que os usos do *Skype* para propósitos escolares se expandiram quando a criança começou a utilizar a plataforma para comunicar e brincar com outras crianças suas amigas. As famílias F9 e F10 mencionam a situação de pandemia e destacam também os usos dos meios digitais para propósitos escolares e referem a realização de reuniões para os pais, o envio de tarefas por parte da escola e professores e realização de atividades para as crianças através desses dispositivos.

- Música

Um dos usos dado aos meios digitais que não se apresenta de forma tão destacada, mas que mesmo assim é mencionado por 3 famílias (F1, F9, F10) é a atividade de ouvir música. Destacado por 2 famílias (F1, F3) encontra-se o uso dos meios digitais associado a funcionalidades de fotografia, vídeo e edição. Na família F3 é destacado o uso dos meios

digitais pelas crianças para tirar fotografias, nomeadamente em contextos exteriores quando vão passear.

- WhatsApp

Por fim, o uso dado aos meios digitais pelas crianças entende-se também pela utilização da aplicação *WhatsApp* (família F3) através do telemóvel.

Locais de uso de meios digitais

No que concerne a temática desenhada em torno dos meios digitais e dos seus usos é ainda importante conhecer o fator referente à localização: onde são utilizados estes meios digitais. A sala é uma divisão destacada pelas famílias F1, F4, F5, F6, F8 como o principal local nas suas habitações onde decorrem os usos dos meios digitais pelas crianças. Nas famílias F1 e F8 é destacada a disposição do ecossistema digital das suas habitações que confere a localização de uma única televisão na sala, o que se entende gerar impacto nos usos. Nas famílias F6 e F8, a sala é um local de destaque para a utilização dos meios digitais, contudo são mencionadas ainda outras divisões onde decorrem os usos dos dispositivos, mas de forma mais ocasional. As famílias F4, F6, F7, F9 e F10 mencionam não terem televisão no quarto das crianças, sendo que a família F4 destaca o facto de não haver televisão nem no quarto da criança nem no quarto dos pais. Este contexto gera impacto nos usos. Na família F10 a resposta surge em torno da não utilização da generalidade dos meios digitais no quarto. Por sua vez, na família F3 compreende-se que para além da existência de uma televisão na sala, se verifica também a existência de uma televisão no quarto das crianças e que é utilizada pelas mesmas. Nisto, a mãe da família F3 nota que a televisão no quarto gera uma certa discórdia entre as crianças em relação aos usos que fazem no dispositivo. Nas famílias F7 e F9, é mencionada uma utilização dos meios digitais na sala e no quarto. Na família F9, a mãe embora mencione as utilizações dos meios digitais pelas crianças no quarto, afirma ser ela a controlar os dispositivos durante esse momento de utilização. A sala surge como uma divisão em destaque para os usos das crianças, que acabam por ser partilhados em família no mesmo espaço, onde a visualização de televisão surge como uma atividade comum (Ponte et al., 2017, p. 6). Nas famílias F1, F2 e F5 é destacada a ideia de que as crianças utilizam os meios digitais perto dos pais. Na família F2, é esclarecido pela intervenção da criança que por vezes utiliza os meios digitais no quarto. Nesta realidade digital, divisões como os quartos adquirem assim, também, novos significados associados aos meios digitais e ao

entretenimento (Livingstone, 2007). Contudo, embora sejam mencionadas crianças que utilizem os meios digitais no quarto, entende-se que na maioria das famílias os usos decorrem em espaços partilhados como a sala, e inclusive perto também das figuras parentais. Nisto, e reconhecendo que a amostra de 10 famílias deste estudo não é representativa de todas as famílias portuguesas, não se verifica a ideia de que Portugal é “um dos países onde mais crianças e jovens declaram aceder à internet nos quartos” (Ponte, Jorge, Simões & Cardoso, 2012, p. 24), isto naquilo que diz respeito a crianças nomeadamente na faixa etária definida para este estudo. Segundo Livingstone (2007), entende-se que esta maior utilização dos meios digitais nos quartos não se verifica em crianças com idades como as definidas para este estudo (3-6), pois estas realizam os seus usos em espaços partilhados com família. Nas famílias F3, F5, F9, reconhece-se a utilização dos meios digitais, como os telemóveis e os tablets, em espaços exteriores às suas habitações. Por sua vez, na família F2 verifica-se que a utilização de meios digitais pelas crianças em espaços fora da sua habitação não é algo frequente, contudo a mãe reconhece situações de exceção como o contexto de férias em que a criança utilizou o tablet na casa da avó. Neste seguimento, as famílias F8 e F10 reconhecem também a utilização de meios digitais, nomeadamente o tablet, em ambientes com figuras familiares para além das figuras parentais.

***F8m46:** (...) É assim, na casa da avó eles têm um tablet que era o antigo da avó e que às vezes quando lá estão é com aquele que eles estão...*

Entende-se ainda que as utilizações dos meios digitais pelas crianças decorrem, ou já decorreram outrora (F3), em espaços como restaurantes (F1, F3, F5, F6, F8, F9, F10).

Competências Digitais

De modo a conhecer o posicionamento das figuras parentais das 10 famílias entrevistadas em torno do conhecimento e prática associados à utilização e funcionamento com os meios digitais, colocou-se uma questão acerca das suas competências digitais. Ao aferir as respostas dadas, verificou-se uma tendência entre as figuras parentais (F1, F2, F3, F4, F5, F6, F8, F9, F10) que afirmam deter boas competências digitais. Nisto, na família F3 a mãe destaca as utilizações que faz de redes sociais como o Facebook e Instagram, expressando facilidade na utilização das mesmas. Na família F4, os pais destacam as competências digitais um do outro e a mãe nota procurar informar-se e procurar compreender alguns aspetos associados ao meio digital.

Por sua vez, na família F6 a mãe revela que os pais se sentem à vontade no que diz respeito às suas competências digitais, nomeadamente naquilo que diz respeito a ferramentas de gestão dos usos dos meios digitais pelas crianças. As competências digitais que os pais possuem podem influenciar a forma como é feita a gestão dos usos dos meios digitais (Livingstone, Blum-Ross, Pavlick & Ólafsson, 2018), nomeadamente a utilização de ferramentas para limitar acessos, como é compreendido através da família F6. Em contraste, na família F7 a resposta não surge de forma tão convicta.

E: Consideram ter boas competências digitais?

F7m39: *Mais ou menos, sim.*

Preferências dos pais e das crianças

Perante os usos feitos em torno dos meios digitais nas famílias entrevistadas encontram-se preferências da parte dos pais, face ao dispositivo e ao conteúdo que os seus filhos utilizam e sob o qual estão expostos, assim como, no entender dos próprios pais, as preferências dos seus filhos em relação aos mesmos. Nas famílias F3 e F4, as mães revelam preferência pela utilização da televisão por parte das crianças. Na família F3 entende-se que a preferência pela utilização da televisão advém de preocupações associadas ao impacto que dispositivos como o telemóvel e o tablet podem provocar em torno da visão da criança. Segundo Dias *et al.*, (2016), a saúde, e questões relacionadas com a visão dos mais novos constam preocupações dos pais (p. 424). Na família F4, a preferência que os pais expressam pela utilização da televisão pelo seu filho reflete-se no facto de esta ser mencionada como o único meio digital que a criança usa, sendo que os restantes dispositivos parte do ambiente familiar – o computador e os telemóveis – são de uso exclusivo das figuras parentais como foi abordado previamente em torno da temática dos meios digitais e os seus usos. A preferência pela televisão pode refletir-se através de preocupações com a saúde mencionadas, ou por ser o único meio permitido de utilizar por 1 criança, no entanto entende-se que estes poderão ser complementados e esta preferência influenciada também por uma certa familiaridade associada à televisão. Sendo a televisão um meio que faz parte da vida da generalidade das famílias há mais tempo (Gantz, 1982; Nikken, 2018; V. dos Anjos, Alonso & M. dos Anjos, 2018) do que os meios digitais como o tablet, ou telemóvel, entende-se que possa existir uma maior relação de confiança entre as famílias e esta, o que poderá explicar as preocupações com a saúde apontadas pela mãe da família F3 em relação a estes dispositivos móveis e não à

televisão. Na família F9, quando colocada a questão acerca das preferências de uso dos meios digitais pelas crianças, a mãe alude a funcionalidades, ferramentas de gestão de usos e configurações associadas a dispositivos como os iPad's e a plataformas como o Youtube Kids. Nisto, é estabelecida uma comparação entre os iPad's que possuem assim ferramentas de controlo de utilização aplicadas, e os telemóveis dos pais onde isto não se verifica. Nas famílias F8 e F10, as preferências das figuras parentais em relação à utilização dos meios digitais pelas crianças destacam o tipo de conteúdo e plataformas onde o conteúdo é visualizado. Na família F8, a mãe destaca as plataformas de *streaming* *Disney+* e *Netflix*, reconhecendo que nestas detém um maior controlo daquilo que é assistido pelos seus filhos. Na família F10, a mãe revela preferir que o seu filho não assista a determinados conteúdos na plataforma Youtube.

F10m40: (...) *Mas, há alguns vídeos que eu não gosto muito que ele veja e ele sabe, que é... agora destes novos youtubers, o Lucas Neto, que eu acho que é um exagero e às vezes ele fica proibido de ver o Lucas Neto.*

Por sua vez, verifica-se que nas famílias F2, F6 e F7, os pais mostram preferir que os seus filhos não utilizassem os meios digitais. Nestas três famílias, e no contexto dos usos dos meios digitais feitos pelas crianças, observa-se o padrão de referência ao tablet. Nas famílias F6 e F7 é destacada pelas figuras parentais a preferência de não utilização dos meios digitais pelas crianças, contudo esta ideia surge acompanhada da nota de que as figuras adultas ao decidirem sobre e ao disponibilizarem meios digitais aos seus filhos mostram preferência pelo tablet (F6, F7) e televisão (F6). Numa outra perspetiva, as famílias F1 e F5 mencionam não revelar preferência específica sobre que meio digital as crianças utilizam. Na família F1, a menção de não possuir particular preferência em torno do meio digital utilizado pela criança, é complementada pela referência de que a filha utiliza facilmente a televisão e o seu iPad e escolhe o que quer ver. Na família F5, a mãe destaca as competências, aptidões das crianças de hoje em torno da utilização dos meios digitais. Relativamente àquilo que as figuras parentais entendem ser as preferências das crianças face aos usos que fazem dos meios digitais, destacam-se dispositivos como o tablet e o telemóvel e plataformas como o Youtube. Em concordância, Brito & Ramos (2017), afirmam que as crianças preferem dispositivos com maior “mobilidade como o *tablet* e o *smartphone*” (p. n/d). Entre estes dois o tablet é considerado favorito (Brito & Ramos, 2017). Face à menção ao Youtube, esta “(...) é uma das aplicações favoritas” (Brito & Dias, 2016, p. 53). O tablet é entendido em certos casos como “(...) uma

propriedade individual da criança” (Chaudron, Di Gioia & Gemo, 2018, p. 33) o que poderá ser também uma justificação para a preferência dos mais novos sob este dispositivo. Nisto, na família F1, a indicação da mãe face à preferência de utilização do iPad pela criança, entende-se pelo facto de este dispositivo ser dela e de poder utilizá-lo sem precisar de estar sempre a pedir autorização aos pais.

E: Acha, ou reconhece, que ela tem preferência por algum dispositivo específico?

F1m31: *Sim, o iPad, porque é dela. Não tem que estar a pedir autorização para usar. Quer dizer, a F1g6 durante a semana não é normal usar o iPad a não ser que não tenha aulas ou seja feriado, etc. Mas por norma não usa durante a semana. E ao fim de semana ela não tem que pedir.*

Na família F2, a mãe reconhece que o tablet é também o dispositivo preferido da criança apesar de ter um telefone para si, sendo que este último só funciona como meio de jogos. Ainda na família F2, a intervenção da criança no momento de entrevista da mãe permite conhecer que o motivo por detrás da preferência do tablet é o facto de este conter em si mais jogos (Brito & Dias, 2016; Brito & Ramos, 2017). Na família F3, tanto o tablet como o telemóvel são mencionados como os meios preferidos das crianças. Segundo a mãe isto entende-se pelo facto destes meios possibilitarem variados jogos assim como uma maior variedade de conteúdos em plataformas como o Youtube. Na família F5, a mãe afirma que o telemóvel e o iPad são os dispositivos preferidos da criança de 3 anos, contudo entende a sua idade como um fator que leva a criança a dar maior preferência ao telemóvel por ser um dispositivo que considera ser mais fácil de utilizar pelo filho. Isto pode compreender-se através de dados apresentados por Brito e Ramos (2017), que indicam que o telemóvel é o dispositivo preferido de “crianças com menos de 3 anos, pois é mais fácil de manusear, é mais leve e mais pequeno” (p. n/d). Na família F4, onde a criança apenas utiliza a televisão, os pais mencionam que se lhe fosse permitido acesso aos seus telemóveis pessoais esse seria possivelmente o seu meio preferido. Nisto, a mãe realiza uma comparação com a televisão, que se assemelha ao que foi mencionado previamente pela mãe da família F3, associado às opções de visualização e de escolha de conteúdo nos dois meios digitais – telemóvel e televisão.

F4m33: *Eu acho que se ele tivesse oportunidade, ele teria mais ‘asas’ para, porque é muito mais intuitivo, dá para... “agora quero este, agora quero parar, agora*

quero não sei quê”. A televisão é aquilo que está a dar, ele pode parar, mas não é tão imediato, a envolvimento não é... também por ser mais controlada é que acho que preferimos a televisão (risos).

Nas famílias F6 e F7 os pais afirmam que as crianças não possuem preferências específicas, mas que valorizam o acesso à internet e ao Youtube. Nisto, na família F8 compreende-se que as crianças mostram preferência por utilizar o Youtube Kids. Na família F10, entendem-se preferências diferentes entre as duas crianças sendo que a criança de 5 anos gosta de jogar e a criança mais nova prefere ver desenhos animados. Por fim, embora a temática aqui em foco corresponda às preferências das crianças face aos meios digitais e ao conteúdo nestes, aparenta ser pertinente destacar em duas famílias – F5, F10 – a preferência das crianças mais novas, ambas de 3 anos de idade, em torno de meios não digitais, de brinquedos físicos como os carros e objetos associados a estes. A menção a isto entende-se relevante principalmente através da ideia expressa pela mãe da família F5 que considera que o seu filho mais novo revela maior gosto em brincar com carros do que com os meios digitais.

F5m40: (...) *Ele vê um bocadinho quando está mais cansado, ao final do dia por exemplo noto que ele fica mais agarrado se nós deixarmos, mas se for durante o dia ele vê os desenhos animados e depois vai à vida dele, e vai brincar com outras coisas. Aquilo que ele gosta mesmo de brincar é com carrinhos, isso é a paixão dele.*

Na conjuntura de uma sociedade digital, as crianças crescem sendo impactadas pela realidade digital e pelos seus efeitos, sendo que os dispositivos digitais fazem parte do seu brincar, integram-se nos seus brinquedos. Apesar disto, os brinquedos mais tradicionais, não digitais, continuam a ser parte da infância e do brincar das crianças (Borges & Avila, 2015; Marsh, 2017), e são vistos em alguns casos (F5, F10) com maior preferência em comparação com meios digitais.

Preocupações, regras e limitações

Compreender os usos das crianças nos meios digitais engloba também conhecer as perspectivas das figuras parentais sobre estes, entender se possuem preocupações em relação aos mesmos e em que consistem, assim como descobrir se são desenhadas estratégias para a gestão dos usos e de que modo são aplicadas.

Os motivos das preocupações dos pais variam entre as respostas obtidas, sendo mais destacadas questões relacionadas com saúde, disposição e comportamento, aspetos associados ao conteúdo visualizado pelas crianças, nomeadamente conteúdo que apele ao consumismo, ou que seja potencialmente perturbador. Em destaque também, a possibilidade de realizar pesquisas consta como outro motivo de preocupação para os pais. São destacadas preocupações em torno da saúde por Dias *et al.*, (2016) nomeadamente “problemas de visão” (p. 424). Isto entende-se nas famílias F3 e F8 onde é expressa preocupação face ao impacto que os meios digitais poderão ter na visão das crianças, e a mãe da família F8 acrescenta foco de atenção não só a respeito da saúde física como também da saúde mental das crianças. O conteúdo a que as crianças estão expostas nos meios digitais constitui uma das maiores preocupações dos pais em torno dos usos. Na família F5, a mãe destaca uma situação em que o conteúdo visualizado pela criança a impactou e a fez ter pesadelos. As preocupações em relação aos usos dos meios digitais e à exposição ao seu conteúdo são entendidas na família F4 através da afirmação apresentada pela mãe que indica que os pais procuraram evitar a interação da criança com os dispositivos digitais durante um certo tempo. É possível compreender ainda que as preocupações das figuras parentais da família F4 se expressam nos próprios usos que fazem dos meios digitais, nomeadamente a televisão, na qual evitam assistir a conteúdos de notícias perto da criança. A mãe desta família F4, acrescenta ainda que acontecimentos que presenciavam em locais como restaurantes, em que as famílias e as crianças utilizavam os meios digitais durante o momento de refeição, estando focados nos dispositivos, foi algo que suscitou preocupações nas figuras parentais que procuraram assim evitar esse tipo de uso.

F4m33: Como trabalhámos também em restaurante, vimos muito isto a acontecer. Famílias a irem jantar fora e cada um com o seu meio, as crianças para comer têm que ter pronto... e isto acontecia à nossa frente, muitas vezes. E antes disto, antes de termos (o próprio negócio). E custava-nos muito e então dissemos “não, no dia em que for o nosso...”, não podemos dizer nada... o “eu nunca”, mas vamos tentar que isso não aconteça.

Três famílias – F5, F6, F8 – destacam as suas preocupações em torno de conteúdos publicitários e conteúdos que apelem ao consumo. Na família F6, a mãe acrescenta que as suas preocupações correspondem não só ao conteúdo visualizado pelas crianças como ao tempo em que passam nos meios digitais (Brito & Dias, 2017b; Ponte *et al.*, 2017).

Apesar das preocupações mencionadas, a mãe da família F5 adiciona que as interações dos seus filhos com os meios digitais não são consideradas um motivo particularmente inquietante, pois refere que as crianças brincam e passam tempo com os seus brinquedos. Nas famílias F9 e F10, a realização de pesquisas através dos meios digitais é destacada como uma preocupação associada aos usos que as crianças fazem dos dispositivos. Na família F9, a mãe revela que a sua preocupação incide principalmente no seu telemóvel e nos usos que os seus filhos possam fazer neste, pois não é um dispositivo que tenha em si aplicadas ferramentas de controlo. Nisto, destaca-se ainda a menção acerca da possibilidade de a pesquisa ser realizada por voz. Na família F10, a referência à utilização da voz, do microfone presente nos dispositivos, pelas crianças para realizar pesquisas surge como resposta ao facto de não saberem ainda escrever para pesquisar. Embora se entenda preocupação por parte da mãe, a mesma refere que consegue fazer um controlo dos usos das crianças devido às suas idades, mas afirma que com o tempo irá prestar mais atenção e preocupação face aos usos. Por sua vez, a mãe da família F2 compreende não deter ainda muitas preocupações em torno dos usos que a sua filha de 6 anos faz nos meios digitais, justificando isto pelo facto de a criança não saber efetuar pesquisas. Nisto, a mãe acrescenta que consegue controlar os usos e que as suas preocupações surgirão mais destacadas quando a criança desenvolver a escrita e realizar pesquisas. Entende-se assim que as preocupações dos pais são impactadas por fatores como a idade das crianças e as suas aptidões digitais, nomeadamente capacidade de escrever e realizar pesquisas. Segundo Brito (2017), os usos que crianças mais novas fazem dos meios digitais são em alguns casos considerados como usos que não constituem “comportamentos de risco” (p. 207), devido a aspetos como “(...) ainda não saberem ler nem escrever” (Brito, 2018, p. 38). Contudo, verifica-se que o facto de as crianças não saberem ler, escrever, fazer pesquisas não garante que os seus usos não gerem preocupações nos pais, pois como se entende através das famílias F9 e F10, com a possibilidade de serem feitas pesquisas por voz surge também risco. Nas famílias F1, F7, as preocupações dos pais posicionam-se em torno do impacto que os meios digitais e o seu conteúdo possam provocar na disposição, estado de espírito e atenção na criança. É destacada ainda, na família F7, a preocupação de que os meios digitais criem um sentimento de vício no seu filho, levando a uma substituição dos seus brinquedos físicos pela preferência de interagir com os meios digitais. Na família F2, embora tenha sido mencionado previamente pela mãe que não possui muitas preocupações em relação aos usos que as crianças possam fazer dos meios

digitais por enquanto, por não fazerem ainda pesquisas, verifica-se a menção do impacto dos meios digitais no comportamento da filha, afirmando que esta fica mais agitada.

Na família F3, a questão de que os meios digitais causam vício na sua utilização é também mencionada, sendo que a mãe nota que este impacto dos meios digitais atua sob os adultos e sob as crianças.

Medidas e regras

Após conhecer as preocupações das figuras parentais em relação aos usos dos meios digitais pelas crianças, é pertinente adereçar também o modo como os pais lidam com estas preocupações e que estratégias utilizam para minimizá-las e combatê-las. A intervenção dos pais em torno dos usos dos meios digitais pelas crianças compreende foco de destaque entre o conteúdo e o horário e tempo de uso. Com preocupações sobre o conteúdo com que as crianças interagem e visualizam, as figuras parentais procuram estar perto dos seus filhos, conhecer os seus usos e aplicar restrições em situações que entendem necessárias. Na família F3, a mãe revela preocupação em relação aos usos de redes sociais e por isso reconhece não permitir que estas sejam utilizadas pelas crianças. Contudo, a mãe esclarece permitir a utilização do *WhatsApp* pelo seu filho de 9 anos que usa a aplicação apenas para comunicar com amigos e familiares. Para além disto, a mãe da família F3 menciona não permitir que os filhos assistam a determinados conteúdos cuja figura parental considera não serem adequados, assim como que joguem jogos violentos, de luta. Segundo Ponte *et al.*, (2017) as figuras parentais tendem a evitar que os seus filhos acedam a “conteúdos inapropriados e violentos” (p. 6). A mãe da família F3, acrescenta ainda que nos momentos em que as crianças utilizam os meios digitais, fica atenta àquilo que estão a fazer ou ao que estão a assistir. Isto é ainda partilhado e destacado pelas famílias F2, F5, F9. Nikken e Jansz (2006) mencionam o conceito de “co-visualização social” (p. 182) que pode associar-se a este contexto. Na família F9, a mãe faz referência aos usos do telemóvel das figuras parentais. Como meio de resposta às suas preocupações, destaca-se em 4 famílias (F5, F6, F8, F9) a preferência, disponibilização e configuração da plataforma Youtube Kids. Segundo as figuras parentais, esta plataforma permite uma utilização mais controlada.

F6m40: Têm Youtube Kids, só Youtube Kids, eu tento que elas não utilizem o outro porque no Youtube Kids dá para seleccionar melhor a faixa etária, aliás, aquilo tem logo um perfil, desenha-se o perfil em função da idade, pronto, e eu até tenho a faixa

etária abaixo para ambas. Ou seja, embora a (filha mais velha) já seja mais velha está ajustado à faixa etária da F6g4. Ou está ajustado à faixa etária que ela tinha quando nós compramos o tablet e nunca mudei (risos). Em ambos os tablets. Porque aquilo depois, a seleção dos vídeos também é mais ajustado a essa idade, sendo certo que aquilo depois pode-se explorar e elas depois a partir daí vão para outros, mas pronto, as escolhas, as preferências são mais adaptadas à idade delas.

Esta utilização da plataforma Youtube pelas crianças é compreendida em tempo real, através do momento de entrevista com a família F8, quando a mãe afirma que um dos seus filhos está a utilizar o Youtube, em vez do Youtube Kids, revelando que é algo de que não gosta.

F8m46: *Por exemplo, ele agora (o irmão) está a ver uma coisa que eu não gosto que ele veja, que é o Youtube que não é o Youtube dos Kids, é o Youtube... é o Youtube, que eles já perceberam como é que se vai lá. E então, há horas e há momentos em que eles podem ir aqui e agora não era o momento (F8m46 altera a aplicação que estava a ser utilizada no telefone do pai e seleciona o Youtube Kids).*

Por sua vez, o Youtube é destacado por 1 família – F1 – onde é mencionado em conjunto com ferramentas de pesquisa como algo que não é permitido nem disponibilizado pelos pais para ser utilizado pela criança. A mãe atribui maior segurança de usos a plataformas como a Netflix. Em contraste às menções realizadas, verifica-se em uma família – F2 – não existirem regras aplicadas ao conteúdo ao qual a criança assiste, sendo que a mãe desta família F2 reconhece que os vídeos visualizados pela filha são adequados à sua idade e não constam motivo de preocupação. Numa temática previamente apresentada, associada especificamente aos usos dos meios digitais, compreendeu-se que as crianças utilizam os telemóveis dos pais. Nisto, nas famílias onde se verifica que os pais emprestam, ou emprestaram outrora, os seus dispositivos pessoais aos filhos (F1, F2, F3, F5, F6, F7, F8, F9, F10), é destacado em 2 famílias (F1, F9) que as crianças têm de pedir autorização para interagirem com o dispositivo. Em contraste, é destacada em 1 família – F4 – a regra de que a criança não utiliza os dispositivos pessoais, nomeadamente os telefones, dos pais. Por sua vez, na família F10, é destacada a utilização permitida de apenas o telemóvel da mãe, visto que o pai não permite que as crianças utilizem o seu dispositivo. Isto entende-se através de Dias *et al.*, (2016) que afirmam que são as “mães as mais permissivas ao uso pelas crianças dos seus próprios dispositivos” (p. 421).

F10m40: (...) *O pai nunca empresta o dele, mas eu empresto um bocadinho quando eles estão sem bateria ou estão a carregar e eles veem os bonecos.*

Na família F1, embora seja destacado que a criança para utilizar os telemóveis dos pais precisa de pedir autorização, é também referido pela mãe que o facto de a sua filha ter um dispositivo praticamente seu (iPad) faz com que possa utilizá-lo sem ter de o pedir às figuras parentais. A mãe acrescenta ainda que a filha pede se pode utilizar o iPad no sentido de questionar se o pode fazer em dado momento. Contudo, a mãe da família F1 nota que as utilizações feitas pela criança neste seu dispositivo estão condicionadas em alguns aspetos, nomeadamente no que diz respeito ao *download* de aplicações e conteúdo para o dispositivo, que é controlado e realizado pelas figuras parentais. Isto é expresso em 2 famílias – F1, F6 – em que se compreende que as figuras parentais escolhem as aplicações disponibilizadas nos dispositivos das crianças, onde as funcionalidades de transferência de conteúdos se encontram controladas não só pelas decisões dos pais como por palavras-passe. Entende-se ainda na família F1, que os usos que a criança faz de conteúdo educativo, de aprendizagem, são também fomentados pelos pais através das aplicações que instalam nos dispositivos que a filha utiliza.

F1m31: *Claro que nós também fomentamos um bocado isso, portanto coisas que são só “palhaçada” ... que ela não tire nada disso... nem instalamos, nem gostamos que ela veja. Se é para estar ali, pelo menos que retire alguma coisa boa do tempo que está ali “investido” (F1m31 sublinhou entre aspas).*

Na família F6, este controlo e gestão das aplicações utilizadas pelas crianças é efetuado pelos pais através de um modo de utilização dos dispositivos das filhas que permite a existência de uma zona controlada, protegida por códigos, e onde é apenas possível interagir com as aplicações instaladas neste caso pelas figuras parentais. A mãe da família F6 quando questionada acerca de como conheceu estas ferramentas informou que fez pesquisas acerca de ferramentas para restringir os acessos no momento em que adquiriu o tablet para ser utilizado pelas crianças. A mãe afirma ainda que através deste modo consegue conhecer como são feitos os usos pelas crianças. Contudo, verifica-se também através da família F6 que este modo apesar de apresentar dados gerais sobre os usos das crianças não apresenta o tipo de vídeos que assistem em plataformas como o Youtube, e isso é considerado um obstáculo ao controlo dos usos pela mãe. Revela que o que faz para ter controlo sobre os vídeos visualizados é bloquear o conteúdo que verifica e considera indesejado. Em 2 famílias – F9, F10 – é destacado também o controlo feito

pelas figuras parentais em relação aos usos dos meios digitais pelas crianças, sendo que mencionam medidas aplicadas em torno não só dos dispositivos das crianças como dos próprios telemóveis dos pais. A mãe da família F10 afirma colocar o conteúdo que os filhos pedem para assistir no Youtube e menciona também que os filhos precisam de pedir autorização para colocarem jogos no telemóvel da mãe ou nos tablets. Relativamente aos próprios telemóveis dos pais, a mãe da família F9 destaca que estes possuem configurações diferentes dos dispositivos dos filhos, contudo afirma possuírem códigos que não permitem que aplicações sejam descarregadas pelas crianças. Para além de se verificar uma preocupação e aplicação de medidas de gestão e controlo do conteúdo a que as crianças estão expostas nos meios digitais, aferem-se ainda estratégias aplicadas pelas figuras parentais que pretendem agir sobre o tempo de utilização, definição de horários para uso e rotinas. As famílias preocupam-se em controlar o tempo e horário de utilização que as crianças fazem dos meios digitais (F1, F2, F3, F4, F5, F6, F7, F8, F9, F10). Contudo na família F5, a mãe destaca não precisar de controlar tanto o tempo de utilização do seu filho F5b3, por ele não usar muito os meios digitais, mas sente uma maior necessidade de controlo em relação aos usos do seu filho mais velho. Verifica-se entre as famílias uma preocupação em reduzir os usos dos meios digitais à noite. Isto entende-se através das famílias F2, F6, que destacam o impacto que o uso dos meios digitais pode ter na disposição da criança e no seu sono. Nas famílias F5, F6, F7, F8, F9, F10, são destacadas regras de horário de usos dos meios digitais pelas crianças que são aplicadas em torno das rotinas das famílias, e que se evidenciam entre refeições e em momentos de realização de tarefas. Os usos compreendem ainda regras e medidas que se particularizam entre os dias úteis da semana e os fins de semana (F1, F2, F4, F6). Na família F4 é entendido um horário de visualização da televisão pela criança permitido a partir das 19h e que se mantém como regra diariamente à exceção de alguns momentos ao fim de semana, em que as figuras parentais desta família afirmam permitir que o seu filho assista à televisão num horário mais cedo do que o estabelecido. Esta permissão de visualização da televisão num outro horário entende ainda a participação do pai e visualização conjunta de pai e filho.

***F4m33:** (...) Por exemplo, ele só vê televisão a partir das 19h. O nosso horário de funcionamento aqui à noite é a partir das 19h, à tarde não trabalhamos. E então ele chega a casa, por exemplo, 4h e tal/5h, eu não ligava a televisão, ele pode pedir a televisão 7/10 vezes, só a partir das 19h é que eu ligo a televisão.*

Na família F6, destaca-se a utilização de ferramentas que controlam tempo de uso.

F6m40: (...) *Mas, basicamente é isto, eu edito aqui (exibe as definições dos limites e restrições) os limites, ou seja, eu tinha estes limites pré-definidos, quanto tempo é que elas podem ver, aos domingos e aos sábados tinha 3 horas e 30 minutos, de segunda a sexta são 2 horas, pronto, que é exatamente ao final do dia, pronto. E depois tinha as horas de desativação, pronto, exceto à sexta e ao sábado, ao domingo tenho, é a partir de que horas é que elas não podem ver, pronto.*

Como meio de auxiliar a monitorização e gestão dos usos dos meios digitais feitos pelas crianças, as figuras parentais (F1, F5, F6, F10) recorrem a ferramentas de “controlo parental” (Livingstone, Blum-Ross, Pavlick & Ólafsson, 2018, p. 8), que atuam sob os conteúdos assistidos e o tempo de visualização e utilização dos dispositivos, sendo que numa dessas famílias (F6) é destacada a aplicação *Family Link*. Através deste tipo de ferramentas, os pais recebem informações acerca dos usos que são feitos pelas crianças nos meios digitais, e planificam estratégias de restrição de acessos, bloqueiam funcionalidades e conteúdo que não consideram adequado ou pertinente em dado momento, e definem um limite de tempo de utilização (Given *et al.*, 2014, p. 5; Haddon & Holloway, 2018) que ao ser alcançado faz com que o uso que estava a ser feito pela criança, a atividade com que estava a interagir, termine de forma automática. Em contraste, na família F3, a mãe afirma consultar os dispositivos dos filhos para conhecer os seus usos e o conteúdo a que assistem, com intenção de garantir que estes são adequados. Brito (2018) destaca estratégias que focam a “fiscalização dos dispositivos (...), websites consultados (...)” (p. 38). Na família F4, a mãe revela que controlar e definir o fim do momento de visualização de televisão por parte do seu filho é um desafio. Aqui entende-se não serem mencionadas ferramentas que limitem o tempo de uso dos meios digitais. Para além das diferentes regulações aplicadas pelos pais aos usos dos meios digitais pelas crianças entre os dias da semana mencionado previamente, são também destacados pelas famílias F2, F5, F6, F8, F10, contextos como o período escolar e períodos de férias. Nisto, compreende-se uma maior utilização dos meios digitais pelas crianças em contexto das suas férias escolares, e verificam-se serem aplicadas menos restrições de tempo de uso, enquanto em contexto de período escolar entende-se uma maior regulação feita pelos pais sob o tempo de utilização das crianças dos meios digitais. Na família F10, a mãe afirma verificar-se um maior uso dos meios digitais pelo seu filho por não estar em período escolar, destacando

ainda o fator de, por sua vez, se encontrar a trabalhar (mãe). Motivos profissionais, como neste caso o facto de a mãe se encontrar ocupada a trabalhar, e não ter tanta disponibilidade para dispor a sua atenção, são impulsionadores para que seja feita uma mediação, disponibilização dos meios digitais à criança para que esta esteja também ocupada e entretenida. (Götz, Bachmann & Hofmann, 2007, pp. 36-37). As férias em família surgem também como um contexto que influencia as regras de uso dos meios digitais. Destacam-se as famílias F6, F10, que revelam tentar limitar os usos que as crianças fazem dos meios digitais num contexto de férias em família, e mencionam a realização de atividades que se compreendem intervir na redução dos usos.

F6m40: (...) *Agora não vou ter aqui muita atividade porque elas não devem ter estado... (...) porque elas estiveram mais na praia e na piscina.*

A mãe da família F10 acrescenta que neste contexto de férias disponibilizava o telemóvel aos seus filhos em momentos em que o comportamento deles a levava a isso, entendendo-se que aqui o dispositivo atuaria de forma apaziguadora.

Os restaurantes surgem como exceção onde algumas regras aplicadas aos usos se alteram.

F6m40: (...) *para as férias, por exemplo, não levámos (tablet), pronto, para tentar limitar esta utilização, mas tivemos que usar o telemóvel, íamos a um restaurante emprestavamos o telemóvel, o meu ou o do (Pai), pronto.*

Nisto, na família F8 é mencionado um maior uso dos meios digitais pelas crianças em momentos de refeição nas férias, nomeadamente ao jantar. Em contexto de fim de semana fora em família, a mãe da família F1 afirma que a possibilidade de estarem aí presentes mais adultos do que crianças fará com que a filha utilize mais o iPad para se entreter. Na família F2, a mãe refere que não levam o tablet quando saem, contudo, afirma que numa dada ocasião em contexto de férias em família na casa da avó, a sua filha utilizou o dispositivo. Aqui entende-se que embora exista a regra de não levar o tablet quando saem de casa, surge também um acontecimento de exceção associado às férias. Verifica-se também que, associado à intenção de moderar os usos dos dispositivos pelos mais novos, as figuras parentais (F1, F8, F9, F10) incentivam a que as crianças realizem atividades e brincadeiras que não estejam relacionadas com os meios digitais, como por exemplo, desenhar (F1, F9), jogar jogos de tabuleiro (F9), e investem também em passeios em conjunto, prática de atividades ao ar livre (F1, F8, F10). Existem ainda limitações que condicionam os usos dos meios digitais pelas crianças, nomeadamente o tempo de

utilização dos dispositivos. Estas limitações estão relacionadas com o estado de bateria dos meios digitais (F1, F2, F5, F6, F10) mas também com aspetos como a meteorologia (F1). Nas famílias F1 e F5, entende-se que quando os dispositivos têm pouca bateria, ou quando ficam mesmo sem bateria, os usos feitos pelas crianças nesses meios digitais são interrompidos e terminados nesse momento. Desta forma, as figuras parentais utilizam esta autolimitação e característica dos dispositivos para regar o tempo que as crianças passam a utilizar os meios digitais. Por outro lado, nas famílias F2, F6, F10, quando os dispositivos que as crianças estão a utilizar ficam sem bateria, não se verifica necessariamente uma cessação de uso dos meios digitais, mas uma substituição por outro meio que lhes é disponibilizado pelas figuras parentais. Ou seja, verifica-se na mesma uma limitação no tempo de uso de determinado dispositivo, portanto a bateria continua a atuar como fator condicionante, contudo os pais das crianças destas famílias permitem o uso dos seus dispositivos como alternativa. Relativamente à meteorologia, a mãe da família F1 expressa que o tempo de utilização que a sua filha faz dos meios digitais é maior em tempo frio visto que quando está calor realizam outras atividades nomeadamente no exterior que não envolvam os meios digitais. Este aumento dos usos dos meios digitais em contextos de condições de tempo adversas entende-se assim como algo “temporário (...) para ocupar as crianças quando alternativas estão indisponíveis” (Götz, Bachmann & Hofmann, 2007, p. 36). Para complementar a visão dos pais sobre a utilização dos meios digitais pelos seus filhos foi lhes questionado se consideram o seu método de gestão dos usos mais permissivo ou mais restritivo. Nisto, as famílias F2, F3, F5, F6, expressam ser mais permissivas. Na família F6 a mãe destaca a utilização de uma abordagem sobretudo permissiva embora afirme que tentam que seja algo regrada. A mãe da família F5 afirma ser geralmente permissiva, inclusive com o filho mais novo, mas mais restritiva com o filho mais velho. Nas famílias F7 e F8 as mães são permissivas e os pais mais restritivos (F7) ou apresentam outro papel não tão permissivo (F8). As famílias F4, F9 e F10 expressam ser mais restritivas. Na família F4, os pais admitem esta postura restritiva em comparação com outras famílias. Por sua vez, a mãe da família F1 não considera possuir uma postura permissiva ou restritiva, mas considera que as figuras parentais atuam de forma moderada sobre a gestão dos usos dos meios digitais.

Participação dos pais nos momentos de uso

Verifica-se que a maioria das famílias (8 em 10) afirma participar nos momentos em que os seus filhos utilizam os meios digitais (F1, F3, F4, F5, F7, F8, F9, F10).

As atividades que se destacam aquando da participação dos pais nos momentos de uso dos meios digitais pelas crianças são ver televisão, nomeadamente séries de desenhos animados e filmes, e jogar jogos digitais. Na família F7, a criança pede aos pais sugestão de jogos, e, portanto, a participação dos pais entende-se através desta interação, mas também pelo acompanhamento que fazem durante a utilização que a criança faz dos meios digitais. Nas famílias F1, F5 e F8, é destacado o visionamento de filmes em conjunto. Na família F5, a mãe faz uma comparação entre os usos que fazia e faz dos meios digitais com os seus dois filhos, afirmando que não realiza muitas atividades com o filho mais novo nestes dispositivos pois este não revela muito interesse. Na família F8, a mãe afirma que gosta de ver filmes em conjunto com os seus filhos e que durante esse momento intervém para esclarecer algum contexto ou questão que tenham. Assim, participa de forma ativa nos momentos de ver televisão, contudo acrescenta que a sua participação não acontece da mesma forma quando as crianças estão a utilizar os telemóveis dos pais, sendo que a mãe afirma ver os usos que estão a ser feitos e dar algumas indicações.

F8m46: (...) *Agora tipo estas coisas que eles veem assim (no telemóvel) não, não dá... às vezes vejo só para estar (...) e lhes dar importância e dizer “ah assim não, isso é mau, isso não sei o quê” faço isso... porque tenho que fazer, até porque também gosto de conhecer um bocado os bonecos no mundo deles... porque acho que é importante (...)*

Nas famílias F3 e F4, é destacada uma participação mais significativa de uma das figuras parentais, neste caso o pai. Na família F3, a mãe faz referência a ocupações e falta de tempo, o que pode explicar a menção da participação do pai nos momentos em que as crianças utilizam os meios digitais. Nas famílias F9 e F10, há uma participação das figuras parentais em atividades como ver televisão com os seus filhos e jogar com eles, sendo que na família F10 a mãe destaca singularmente a sua participação, afirmando que passa mais tempo com as crianças. Na família F9, a mãe afirma que há jogos com os quais a filha interage que lhe são próximos pois também os jogou. A visão que os pais têm dos meios digitais impacta a forma como estes se enquadram na vida em família e no ambiente doméstico, assim como a forma como é feita a gestão dos seus usos. A familiaridade que a mãe da família F9 tem para com os jogos pode entender-se como um indicador para esta realização conjunta dessa atividade entre mãe e filha, caracterizada como “*co-playing*” (Nikken & Jansz, 2006, p. 198), pois uma maior proximidade, ou visão mais “positiva face ao impacto dos videojogos” (2006, p. 185), torna mais prováveis interações em conjunto com o meio digital. Adicionalmente, entende-se que para além do entretenimento a participação da mãe em atividades como os jogos funciona como apoio

para a sua filha para ajudá-la a decifrá-los. Duas famílias – F2, F6 – dizem não participar nos momentos em que os seus filhos estão a interagir com os meios digitais exceto no caso de jogos, em que as crianças possam precisar de alguma ajuda e orientação. A mãe da família F6 destaca que essa ajuda possa ser requisitada pelas crianças num momento inicial, mas que assim que compreendem como interagir com o jogo são autónomas.

Momentos de maior disponibilização dos meios digitais

A situação de pandemia Covid-19 apresenta-se como um motivo associado ao aumento dos usos e disponibilização dos meios digitais nas famílias entrevistadas. Na família F5, a mãe afirma que neste contexto não se verificaram alterações nos usos dos meios digitais do seu filho mais novo, nomeadamente devido à sua idade, mas que houve um impacto nos usos do seu filho mais velho. O fator da idade é também mencionado pela mãe da família F8 que afirma que no contexto da pandemia os seus filhos eram muito novos e não tinham muito interesse pelos meios digitais, adicionando ainda que nesta altura dispôs de mais disponibilidade para estar com os seus filhos. Segundo a mãe da família F8, verificou-se um aumento dos usos dos meios digitais pelos seus filhos nos tempos que se seguiram, ou seja, associados também ao seu crescimento. Verifica-se em duas famílias – F4, F6 – que o contexto da situação de pandemia impulsionou a primeira utilização de alguns meios digitais por parte das crianças. Na família F4, as figuras parentais expressam ter tentado adiar a disponibilização dos meios digitais ao seu filho, e afirmam que foi durante a pandemia que a criança começou a ver televisão, sendo algo que foi também impactado pelo regime de teletrabalho.

***F4m33:** De repente eu tive que começar a atender telefonemas ao pé dele, ele ainda não tinha feito os 3 anos, (...) e de repente ele ouvia-me com o telemóvel, não sabia lidar. Ele precisava de atenção, ele chamava à atenção de todas as maneiras e mais algumas, eramos só os dois em casa, ele fazia barulho, atirava brinquedos a bater nas paredes, gritava, chorava, pronto precisava de atenção. E naquele momento eu só precisava que ele não fizesse barulho, pelo menos, pronto sim. Então os usos foram todos com o início da pandemia, antes disso não havia.*

Na família F6, foi comprado um tablet para que as crianças utilizassem plataformas associadas a atividades com a escola. Nisto, o contexto levou à disponibilização do tablet às crianças e ao seu uso pelas mesmas. O teletrabalho (F1, F4, F6, F9, F10) e o Ensino Remoto de Emergência (F3, F6) apresentam-se, assim, como motivos comuns entre as

famílias que estão associados à disponibilização dos meios digitais às crianças. Nos contextos de teletrabalho, os meios digitais são utilizados para ocupar e entreter as crianças. Neste seguimento, os meios digitais são também disponibilizados às crianças para as acalmar. (F1, F9, F10). Em contraste, a mãe da família F6, afirma que os meios digitais por serem um estímulo para a criança podem gerar o efeito contrário e não as acalmar. A mãe acrescenta ainda que na sua opinião, os meios digitais não acalmam necessariamente as crianças, mas atuam como algo que desvia a sua atenção de um contexto de birra ou aborrecimento. Isto vai ao encontro da teorização realizada por L'Ecuyer (2017), que afirma que a exposição das crianças aos meios digitais, aos estímulos (p. 17) que produzem, poderá fazer com que fiquem com um comportamento mais ativo, o que neste contexto, atuaria da forma oposta à desejada aquando da disponibilização feita pelas figuras parentais. Importa mencionar que os meios digitais são também disponibilizados às crianças para as ocupar, entreter, em situações não necessariamente associadas ao teletrabalho (F1, F2, F5, F6, F7, F8, F9, F10). A mãe da família F1, destaca que a utilização do tablet para entreter, distrair, é recente no seu meio familiar e afirma que antes utilizava para esse propósito a televisão. A televisão teve um papel exclusivo e central nas habitações e vidas das famílias e detém ainda hoje um lugar importante. A afirmação feita pela mãe da família F1 complementa-se através da teorização de Gantz (1982) sobre a televisão e a utilização desta pelos pais como um meio para dar resposta às necessidades das crianças, mas também às necessidades das figuras parentais. Importa destacar que a televisão deteve primeiro funções que atualmente são também atribuídas e partilhadas com outros meios digitais. Na família F7, a saúde surge como motivo destacado para a disponibilização de meios digitais à criança.

F7m39: (...) ele foi apresentado também muito cedo a estes meios digitais um bocado por problemas de saúde que ele tinha (...) nós tínhamos que passar dias inteiros no hospital numa cama de hospital e não há brinquedo que exista aí... começou daí. (...) Começou pela necessidade, mas atualmente é o gosto dele.

É interessante aqui estabelecer uma ligação entre o motivo de disponibilização dos meios digitais à criança na família F7 e algumas das preocupações das famílias mencionadas anteriormente. Neste sentido, a saúde surge como uma questão em comum, sendo que num contexto é motivo para a aplicação de restrições nos usos e noutra foi incentivo para que os usos ocorressem. Quatro famílias (F2, F5, F7, F8) destacam que um dos motivos que incentiva à disponibilização de meios digitais às crianças diz respeito à realização de

tarefas domésticas. Em contraste, as figuras parentais das famílias F1 e F4 não destacam a disponibilização dos meios digitais aos seus filhos em contexto de realização de tarefas de casa pois afirmam que as crianças também nelas participam. A mãe da família F1 acrescenta que prefere que a filha não esteja a usar os meios digitais nesse momento para fazer parte. Outro dos motivos apresentados por três famílias – F1, F7, F8 – é o tempo para si. A mãe da família F7 destaca que também disponibilizam os meios digitais ao seu filho para que os pais possam conversar nesse momento e ter esse tempo para si. A disponibilização dos meios digitais às crianças é também motivada por situações de refeição. As famílias F1, F5, F6, F8, F9, F10, afirmam recorrer a esta disponibilização em espaços como restaurantes. A mãe da família F3 expressa já ter feito essa disponibilização nesse contexto, contudo atualmente não permite que os seus filhos mais novos levem os meios digitais para esses locais, adicionando que a sua filha de 11 anos gosta de levar o seu telemóvel para estar em contacto com amigas. Nas famílias onde esta disponibilização é feita, entendem-se motivos como para que a criança fique sossegada (F1, F8), ou mais calma (F10), e focada nos meios digitais (F5), para que esteja entretida (F6), para que se distraia (F9). Entende-se também que estes motivos estão interligados entre si. Na família F10, a mãe disponibiliza o seu telemóvel aos seus filhos, em restaurantes, como último recurso. Semelhante acontece na família F6, onde a mãe afirma disponibilizar os meios digitais às suas filhas em restaurantes quando mais nada oferece solução. Nisto, afirma disponibilizar o telemóvel quando o tablet não está disponível e considera que este último é uma “boia de salvação”. Esta classificação dos meios digitais como “boia de salvação” interliga-se com a teorização de Brito & Dias (2016), onde o tablet e o *smartphone* são classificados como um recurso “SOS” (p. 60) a que os pais recorrem para atuar sob o comportamento das crianças. As famílias F5, F6, F8, F9, expressam tentar promover atividades criativas e brincadeiras que não envolvam os meios digitais quando estão em restaurantes, contudo reconhecem (F5, F6) que são momentos que não detêm a atenção das crianças durante muito tempo. A mãe da família F8 afirma que os seus filhos já não mostram tanto interesse em estar com o telemóvel em restaurantes durante muito tempo, e que tomam mais atenção em torno daquilo em seu redor. A mãe acrescenta ainda que os pais promovem momentos de interação e diálogo com os seus filhos nesse contexto. Nas famílias F5, F6, F9, F10, a disponibilização dos meios digitais às crianças é também destacada em situações de refeição no meio doméstico. Na família F8, a mãe afirma que houve períodos de maior disponibilização dos meios digitais aos seus filhos no momento do pequeno-almoço, mas que é algo que

se tem verificado menos. Esta disponibilização é reconhecida pelas famílias – F5, F6, F8, F9 – como uma medida de apoio para facilitar os momentos de refeição em casa. Na família F5, a mãe reconhece a utilidade desta disponibilização, mas mostra-se preocupada com o impacto da mesma, afirmando que os pais tentam não recorrer a este método com regularidade. Na família F6, a mãe caracteriza a disponibilização que faz como algo negativo. Na família F9, a disponibilização dos meios digitais é feita no contexto em que os pais estão a assistir a conteúdo como as notícias, e deste modo as crianças assistem a conteúdos do seu interesse nos dispositivos enquanto comem. A mãe da família F9 destaca ainda uma abordagem aplicada nos momentos de refeição em que os meios digitais são utilizados como incentivo para atitudes e cumprimento de ações.

***F9m40:** Quando não estão a comer bem, nem estão a fazer as regras que eles têm que cumprir tira-se os iPad's, tira-se os telemóveis até eles comerem tudo e depois de comerem tudo lá podem um bocadinho, brincar outra vez.*

Esta abordagem é partilhada e aplicada pela família F3, em que a disponibilização dos meios digitais é utilizada como recurso de sanção. Deste modo, a mãe da família F3 afirma que os meios digitais são utilizados como incentivo para que as crianças cumpram determinada regra ou ação, pois ao não cumprirem pode-lhes ser limitado o acesso aos dispositivos.

***F3m35:** (...) eu acho que a única situação que tem é o meio de castigar eles. Por exemplo, “olha, se você não fizer isso, nada de telemóvel”, “olha, se você não obedecer, uma semana sem telemóvel”, é o único meio de castigar. (...)*

A mãe da família F3 acrescenta que este método é também aplicado a momentos de brincadeira que não envolvam os meios digitais, e, portanto, entende-se que no geral, como não querem ficar sem os seus momentos de brincar as crianças agem em conformidade. Esta abordagem praticada na família F9 e na família F3 vai ao encontro da teorização de Skinner (1974/2002) sobre a utilização de “reforços” (p. 38), neste caso negativos, e de métodos de punição, para moldar o comportamento das crianças. Em contraste, uma família – F1 – destaca que não utiliza um método de punição com os meios digitais. Para complementar a informação apresentada importa também conhecer melhor a visão dos pais acerca da disponibilização dos meios digitais. As famílias F2, F4, consideram que a disponibilização dos meios digitais que fazem traz mais benefícios às figuras parentais, sendo para elas um apoio, do que às crianças.

***F2m38:** (...) não foi algo para o desenvolvimento deles, mas sim algo que acaba por ser para os pais e a verdade é, um refúgio.*

Na família F6, a mãe não considera que a utilização dos meios digitais pelas suas filhas lhes traga muitos benefícios, e comenta que os usos que fazem dos jogos digitais poderia ser feito em jogos de tabuleiro, contudo os meios digitais parecem captar durante mais tempo a atenção da criança. Na família F5, a disponibilização dos meios digitais é também mencionada como uma ajuda para as figuras parentais. Na família F7, a mãe reconhece uma função educativa aos meios digitais, mencionando que através destes o seu filho adquiriu novos conhecimentos e aprendeu a ler. Na família F1, a mãe também reconhece o potencial educativo dos meios digitais e os benefícios desta disponibilização, e entende-se que o facto de os pais utilizarem os meios digitais agiliza também o processo de disponibilizar estes à sua filha. Na família F9, a mãe destaca que a disponibilização que faz dos meios digitais aos seus filhos é realizada com propósitos educacionais aliados ao entretenimento. Na família F8, a mãe reconhece benefícios da disponibilização dos meios digitais aos seus filhos, nas suas rotinas, reconhece o seu potencial educacional, mas mostra-se apreensiva face a que efeitos o uso dos dispositivos pode provocar nas crianças. Na família F10, a mãe considera que esta disponibilização tem aspetos positivos para os seus filhos, mas também outros não tão positivos, e mostra considerar importante que a disponibilização que faz seja acompanhada de um controlo dos usos e daquilo que é visualizado, devido ao acesso a informação que os meios digitais possibilitam. Por sua vez, a mãe da família F3 afirma que a disponibilização que faz dos meios digitais está relacionada com o facto de ser algo que os seus filhos gostam de utilizar. A mãe expressa que os seus filhos não necessitavam utilizar os meios digitais e revela preferência para que brinquem com brinquedos, contudo afirma que a influência do meio em redor, outras crianças a utilizarem os meios digitais, impulsionaram a disponibilização.

***F3m35:** É mais porque eles gostam... a gente permite porque eles gostam, e veem também os amigos, as pessoas que estão em volta, todo o mundo tem. Eu acho que não precisava, (...) acho que criança tem que brincar com brinquedo, tanto que ele (F3b6) tem tanto brinquedo que nem brinca. (...) Mas, olha, todos têm... e é isso que me leva a dar.*

Babysitting

De modo a complementar e cruzar os dados da informação recolhida, enaltecendo assim um tema de destaque neste estudo, foi questionado às figuras parentais se consideravam se no seu meio familiar os meios digitais poderiam possuir função de e atuar como *babysitters*. As famílias F1, F4 e F6, afirmam reconhecer o papel dos meios digitais enquanto *babysitters* no seu meio familiar. A mãe da família F1 expressa que esta função é uma ajuda em variados momentos, mas que não soluciona tudo.

F1m31: *Sim. Em contextos que façam sentido e que de facto nos venha ajudar a lidar com alguma situação. Não é absolutamente a solução, porque eu acho que as crianças não devem estar entregues aos dispositivos eletrónicos, mas, muitas das vezes é uma ajuda, sim. Mas lá está, temos que saber usar o que temos ao nosso dispor com peso e medida.*

Na família F6, a mãe considera que os meios digitais teriam um papel ainda mais significativo enquanto *babysitters* no seu meio familiar se as crianças ficassem sozinhas em casa com os dispositivos, o que não permite que aconteça. A mãe estabelece ainda uma ligação entre o *babysitter* humano e os *babysitters* digitais, afirmando que estes se assemelham a nível de entretenimento e utilidade, embora impactem de forma diferente.

Na família F4, a observação feita aos meios digitais enquanto *babysitters* é apresentada numa outra abordagem. Segundo a mãe desta família, no período de confinamento associado à situação de pandemia, os meios digitais ajudaram a descobrir atividades para fazerem com o seu filho, o que a mãe considera encaixar-se no termo “*babysitting*”.

F4m33: *(...) os meios digitais ajudaram-me muito, principalmente as redes sociais, a aprender coisas novas para fazer com ele (...) isso não me surgiria se não fosse os meios digitais (risos). Isso é uma espécie de babysitting (...)*

Nas famílias F2 e F8, os meios digitais podem atuar como *babysitters* “às vezes”. Na família F2, estes *babysitters* digitais atuam dependendo das circunstâncias e daquilo que os pais têm para fazer. A mãe destaca um momento em que precisa que a sua filha de 6 anos cuide da irmã mais nova, e aqui, afirma que não lhe pode disponibilizar os meios digitais, nomeadamente o tablet, porque senão terá a sua atenção focada no dispositivo. Na família F8, a mãe afirma que os meios digitais atuam como *babysitters* para os filhos “estarem sossegados”, e acrescenta que por vezes isso a incomoda e a faz sentir culpa, mas que também há situações em que isso não acontece e os dispositivos digitais são um apoio que não a deixam incomodada. Na família F7, a mãe expressa que se os meios

digitais atuam como *babysitters* no seu meio familiar é por um curto espaço de tempo, e embora possuam benefícios não funcionam como um substituto. As famílias F3, F5, F9, F10, não consideram que os meios digitais atuam como *babysitters* no seu meio familiar. Em semelhança ao referido pela mãe da família F7, a mãe da família F10 afirma que os meios digitais não são substitutos de *babysitters*, apesar de serem uma ajuda. Entende-se que esta ajuda dos meios digitais não é tão necessária quando a mãe tem disponibilidade e faz, assim, brincadeiras com os seus filhos. Na família F3, a mãe refere que os meios digitais não desempenham papel de *babysitters* no seu meio familiar atualmente, mas que se verificou quando os seus filhos eram mais novos. A mãe acrescenta que durante o seu trabalho assistiu a momentos em que as figuras parentais recorriam a esta função de *babysitter* dos dispositivos.

F3m35: (...) *já trabalhei em casas também que a mãe usa o telemóvel para estar ali com um babysitter para entreter a criança, para a criança ficar quieta, isso existe muito. Quando eles eram menorzinhos, já existia em algumas ocasiões, mas agora não, agora já estão crescidos e... agora aqui em casa não funciona isso.*

Na família F5, embora a mãe afirme que não considera que os meios digitais atuam como *babysitters* na sua família, expressa que por vezes sente que podem desempenhar esse papel.

F5m40: *Não, no meu meio familiar não. (...) Há dias em que tenho essa sensação porque são dias que, ou que nos sentimos mais cansados, ou que estou sozinha porque o (Pai) está fora, mas por norma não. (...) há dias que estás mais cansada e não queres “lutar” e então a estratégia é para facilitar, ok, mas depois voltamos ao original, ao modelo original.*

O conceito de “*babysitter*” geralmente pressupõe alguém ou algo, em que os pais depositaram “confiança” (Morrow, 2008, pp. 116-119) para cuidar, supervisionar os seus filhos. Nisto, na família F9, a ideia de os meios digitais não serem considerados *babysitters* aparenta estar relacionada com a perspetiva da mãe que afirma que não deixa os seus filhos a interagir com os meios digitais sem preocupação.

F9m40: (...) *é impossível deixá-los a ver qualquer vídeo ou alguma coisa que eles estejam interessados e pensar que estou super descansada que não lhes vai acontecer nada... não, porque eles de repente mudam ali o chip e já não querem ver aquilo...*

5.3. Apresentação e discussão dos resultados das Entrevistas às Crianças

- Usos dos meios digitais

Os usos destacados pelas crianças correspondem a meios digitais como, o tablet (F1g6, F2g6, F3b6, F5b3, F6g4, F7b5, F9g5, F10b5), sendo que as crianças das famílias F7 e F9 mencionam o seu tablet individual. Destaca-se também a televisão (F1g6, F2g6, F3b6, F4b5, F7b5, F8b3, F9g5, F10b5) e a utilização dos telemóveis dos pais (F5b3, F7b5, F9g5, F10b5). A criança F7b5 menciona que é o pai que lhe empresta o telemóvel, enquanto as crianças F9g5 e F10b5 mencionam que é a mãe que o faz, sendo que a criança da família F10 refere não usar o telemóvel do pai, apenas o da mãe. A criança F2g6, menciona utilizar o seu próprio telemóvel. Isto entende-se através de Dias *et al.*, (2016) que referem que são as “mães as mais permissivas ao uso pelas crianças dos seus próprios dispositivos” (p. 421). A criança da família F10, menciona o computador, contudo entende-se que apenas utiliza um teclado de computador para brincar. Relativamente ao tablet, a atividade que mais se destaca entre as crianças são os jogos (F1g6, F2g6, F3b6, F6g4, F7b5, F9g5, F10b5). A criança da família F1 destaca jogar jogos de estratégia, como o xadrez, jogos relacionados com formas geométricas e jogos de palavras. Em destaque nos usos encontra-se também o Youtube (F2g6, F3b6, F5b3, F7b5). A criança F3b6 destaca ver vídeos relacionados com futebol, e a criança F5b3 destaca ver desenhos animados como o “Pedro Coelho” (“*Peter Rabbit*”), e assistir a “Maria Clara” (Canal de Youtube “Maria Clara & JP”). A criança F6g4 não expressou resposta e não mencionou o Youtube, contudo através de uma partilha feita pela mãe F6m40 dos dados presentes numa aplicação de controlo de usos (*Family Link*), entende-se que a plataforma Youtube é a mais utilizada pela criança. Ainda relativamente aos usos feitos no tablet, as crianças F9g5 e F10b5 afirmam “ver bonecos”, e a criança F1g6 acrescenta que também faz filmes e edições. A utilização do tablet é feita pelas crianças no seu quarto (F1g6, F2g6, F3b6, F7b5, F9g5) e também no quarto dos pais (F7b5). As crianças utilizam o tablet também na sala (F1g6, F2g6, F3b6, F9g5, F10b5). A cozinha é também uma divisão mencionada pelas crianças F1g6 e F9g5. A criança da família F1, refere que por vezes utiliza o tablet fora de casa para filmar e fotografar. Em contraste, entende-se que a ligação à internet é um fator relevante para a criança F9g5 que afirma que não utiliza o tablet fora de casa por não haver conexão à rede. Por sua vez, a criança F3b6 afirma que a mãe não permite que leve o tablet para fora de casa. Questionadas sobre quando utilizavam o tablet, as crianças F3b6 e F7b5 dizem ser um uso que acontece todos os dias, enquanto a criança F5b3 revela que não é um uso diário e as crianças F9g5 e F10b5 partilham que acontece “às vezes”.

A criança F1g6 destaca os usos do tablet ao fim de semana e sexta-feira, e afirma que após voltar da escola, também usa o dispositivo quando está a comer para ouvir música. A criança F2g6 afirma também usar mais o tablet ao fim de semana. Importa também conhecer os usos feitos pelas crianças num dos meios mencionados em destaque: a televisão. No que diz respeito ao conteúdo visualizado, destacam-se séries de desenhos animados (F2g6, F4b5, F7b5, F9g5, F10b5), e as crianças das famílias F9 e F10 mencionam conteúdos que acompanharam outras gerações como a “*Heidi*” e “*Tom & Jerry*”. Isto evidencia uma ligação entre diferentes realidades e infâncias onde algum do conteúdo de entretenimento aparenta ser intemporal. Outras crianças destacam ver na televisão filmes (F2g6, F8b3, F9g5), Youtube (F2g6) e futebol (F3b6). Também em destaque relativamente aos usos, verificam-se plataformas como a Netflix (F1g6, F4b5, F7b5) e canais como Canal Panda (F4b5, F7b5), *Disney Junior* (F4b5) e *Disney Channel* (F1g6). Importa mencionar uma afirmação feita pela criança da família F1 em relação aos usos que faz da televisão.

F1g6: *Às vezes tu não tens uma coisa que precisas para fazeres outra coisa para além da televisão, às vezes não tens folhas para pintar...*

Ora, entende-se que a sua utilização da televisão parece, no seu ponto de vista, ser condicionada, impulsionada por fatores como não ter outra atividade para fazer. Três crianças afirmam ver televisão somente na sala (F1g6, F4b5, F10b5), uma criança vê televisão sobretudo na sala, mas afirma que existe uma televisão no quarto da mãe “só para ver os bonecos” (F9g5). Duas crianças dizem ver televisão na sala, mas também no quarto, sendo este o quarto dos brinquedos (F2g6) e o quarto da mãe (F7b5). Aqui entende-se que a televisão desempenha um papel central no ecossistema digital das famílias, sendo a sala, um espaço de partilha familiar (Ponte *et al.*, 2017, p. 6), o elemento comum mencionado pelas crianças face ao local de utilização do meio digital. Em relação a quando é utilizada a televisão pelas crianças, a criança F5b3 diz não assistir todos os dias, a criança F10b5 expressa que por vezes assiste ao tablet e à televisão, a criança F9g5 menciona as férias da mãe e afirma que aí vê televisão diariamente e que também o faz para entreter o seu irmão, vendo assim em conjunto. A criança da família F9 acrescenta ainda que vê televisão todos os dias, mas nos momentos em que quer ver, isto é, entende-se que a criança partilha que os momentos que assiste televisão dependem também da sua vontade. A criança F1g6 refere ver televisão ao fim de semana e em semelhança ao que mencionou previamente em relação ao tablet, afirma que liga a televisão nos momentos

em que está a comer. A criança F4b5, afirma ver televisão antes de ir dormir e por vezes também de manhã e esclarece o contexto deste último horário mencionado.

***F4b5:** Para entreter-me, para quando a mãe está a tomar banho, e também assim não chatear a mãe, assim eu não tenho que estar sempre a responder, assim estou mais entretido nas coisas.*

O que é dito pela criança contraria o que foi apresentado pelas figuras parentais (F4m33 e F4f30) no momento da sua entrevista, onde é referido que a utilização da televisão pela criança acontece a partir das 19h. Por sua vez, a criança F7b5 refere ver televisão sempre e acrescenta que “quero ver quando eu estou a almoçar”. No momento de entrevista com as figuras parentais da família F7 (F7m39 e F7f42), é referido que os meios digitais não são utilizados em situações de refeição, e, portanto, pode entender-se aqui uma possível contrariedade de informação, ou então, a afirmação da criança pode simplesmente refletir a sua vontade em ver televisão à refeição não significando que aconteça. O telemóvel surge também como um meio destacado e importa conhecer o seus usos segundo as crianças. As crianças F2g6 e F7b5 destacam a atividade de jogar nos telemóveis, sendo que a criança da família F2 estabelece uma comparação com os usos de Youtube e menciona utilizar mais os jogos do que a plataforma no seu telemóvel. A criança da família F7 destaca o jogo “Pou” (jogo para interagir e cuidar de um animal de estimação). As crianças F9g5 e F10b5 destacam jogar e ver “bonecos”. A criança da família F9 descreve um dos jogos que joga, o “Subway Surfers”, e acrescenta que por vezes se cansa de jogar e aí vai ver “bonecos”. A criança F9g5 afirma ainda utilizar o telemóvel para música, mas estabelece ligação com a televisão e ouve através da mesma. Embora não tenha respondido à questão, a criança F5b3 durante o momento da entrevista à mãe (F5m40) estava a utilizar o Youtube Kids no telemóvel. Relativamente a onde são feitos os usos do telemóvel, destaca-se o espaço doméstico visto fora da habitação não haver ligação à internet (F9g5) e haver o risco de estragar o dispositivo (F10b5). A criança da família F9 afirma ainda que utiliza o telemóvel ao pé dos pais e que não o utiliza no seu quarto, só quando lhe é permitido.

***F9g5:** Não... só quando o meu pai diz que eu posso usar o telefone eu vou para o meu quarto para estar caladinha a ver... sossegada.*

Relativamente a quando utilizam os telemóveis, a criança F5b3 não utiliza todos os dias, a criança F9g5 refere pedir autorização aos pais para utilizar, isto é, utiliza quando

permitem, e a criança F10b5 expressa utilizar sempre mas sublinha que por vezes a mãe também necessita usá-lo, o que se entende quebrará esse uso da criança.

- Preferências no meio digital e/ou no conteúdo

Tablet

Face ao tablet, a atividade de preferência da maioria das crianças são os jogos (F1g6, F3b6, F6g4, F7b5, F9g5, F10b5). A criança F1g6 destaca ter preferência pelo jogo de xadrez e de como o jogo a ensina a jogar. A criança F6g4, no momento da entrevista, ilustrou a sua resposta ao ir buscar o tablet para mostrar o jogo que dizia preferir, e este era então um jogo de construção e customização, denominado “Fazenda Trator” que integra uma categoria de jogos “Go Kids” que apresenta um conjunto de aplicações e jogos que para além da vertente de entretenimento possuem também vertente educacional. A criança F7b5 partilha que um jogo de que gosta é o “Talking Tom” (animal de estimação digital), e afirma que é um gato semelhante ao gato que tem em casa. As crianças F3b6 e F10b5 para além dos jogos, preferem também ver Youtube (F3b6) e desenhos animados (F10b5). As crianças F2g6 e F5b3 mostram também preferência pelo Youtube, sendo que a criança da família F2 afirma preferir assistir a esse tipo de conteúdo no tablet em vez de na televisão, e mostra preferência também, por vezes, por filmes.

Embora sejam conteúdos a que assiste também na televisão, a criança F1g6 expressa preferir ver desenhos animados no tablet pelas funcionalidades que permite.

E: Gostas mais de ver no iPad do que na televisão?

F1g6: *Sim. Ecrã mais pequeno, dá para dirigir a luz. Quando vou aos desenhos animados, tenho lá um nível de luz, tipo à noite por causa dos olhos, baixo a luz e vejo. Ou de dia, que às vezes fica um bocadinho escuro, e eu preciso de luz, aumento.*

Televisão

As preferências das crianças relativamente à televisão expressam-se em desenhos animados (F4b5, F7b5, F9g5, F10b5), filmes (F2g6, F8b3, F9g5), Netflix (F1g6), canais de televisão infantojuvenis como o *Disney Channel* (F1g6). No momento de entrevista com a criança F10b5, é possível compreender, em conjunto com a participação da mãe (F10m40), que a série de desenhos animados que a criança revela gosto em ver, chamada “Tiny Toon” (“*Tiny Toons Looniversity*”) é pertencente ao universo de “*Looney Tunes*”. Isto é, verifica-se novamente uma ligação entre o conteúdo de entretenimento e a infância

de diferentes gerações, em que a série “*Tiny Toons Looniversity*” surge como uma versão atualizada, mas mantém traços da sua origem.

Telemóvel

Em relação aos telemóveis, destacam-se os jogos como preferência (F7b5, F9g5, F10b5). A criança F9g5 revela ainda preferência por no telemóvel ver também desenhos animados e ouvir música. Importa também conhecer qual o meio digital preferido das crianças, e aqui, o tablet surge em destaque (F1g6, F2g6, F3b6, F6g4, F7b5), seguido do telemóvel preferido por duas crianças (F5b3, F9g5). Isto é comentado por Brito & Ramos (2017) que afirmam que as crianças mostram preferência por dispositivos de maior “mobilidade” (p. n/d), como é o caso dos mencionados. A criança F9g5 justifica a preferência pelo telemóvel devido aos jogos e possibilidade de ver desenhos animados, e a mãe (F9m40) intervém no momento da entrevista complementando a resposta da criança ao afirmar que é também por ser um dispositivo que está mais acessível, no sentido de ser mais rápido de ir buscar. Por sua vez, uma criança (F10b5) mostra igual preferência pelo tablet e pelo telemóvel. Na família F4, a criança não utiliza tablet, ou telemóvel, apenas vê televisão e por isso não é possível apurar a sua preferência entre os meios digitais.

- Participação dos pais nos momentos de uso

Tablet

No momento da entrevista da criança F5b3, entende-se que a mãe participa ajudando a utilizar o tablet. A criança F10b5 menciona que quando utiliza o tablet os pais estão perto de si, e a criança F2g6 afirma que os pais também estão ao pé de si, mas que se encontram a fazer outra coisa, ou seja, estão presentes, mas não participam de forma ativa. As crianças F1g6 e F3b6 apresentam uma visão diferente, afirmando que no momento de utilização do tablet podem estar acompanhados dos pais como podem também estar sozinhos. Por sua vez, a criança F9g5 menciona utilizar o tablet sozinha.

Televisão

As crianças F2g6, F4b5, F7b5, F9g5, afirmam que as figuras parentais participam nos momentos em que veem televisão. A criança F2g6 afirma que o pai e a mãe, por vezes, participam ao ver desenhos animados. A criança F4b5 para além de mencionar que vê filmes em conjunto com o pai, afirma também que a mãe o ajuda com as ferramentas de pesquisa da Netflix. A criança F9g5 vê televisão na companhia dos pais, mas também na

companhia do seu irmão. Nisto, importa mencionar que algumas das crianças – duas – embora não refiram assistir à televisão em conjunto, ou acompanhadas pelos pais, mencionam o momento de partilha com os irmãos (F3b6, F10b5). Aqui entende-se uma participação mais significativa dos pais nos usos das crianças, em comparação com o que se verificou com o tablet, mas também uma participação conjunta dos elementos das famílias que partilham esta atividade de ver televisão.

Telemóvel

Relativamente à participação dos pais nos usos do telemóvel, a criança F5b3 refere não utilizar o telemóvel sozinho, e a criança F9g5 expressa jogar jogos em conjunto com a mãe no dispositivo. A criança F10b5 refere que, por vezes, utiliza o telemóvel e a mãe está perto de si, mas menciona também que a mãe se ausenta por motivos de trabalho.

***F10b5:** Uso ao pé da mãe e às vezes a mãe foge para trabalhar e foge lá para fora.*

A mãe (F10m40) intervém no momento de entrevista da criança e esclarece contexto.

***F10m40:** Que é, ele está sentado no sofá ou eu estou aqui sentada a trabalhar, portanto, mas é aqui ao lado o sofá e a mesa (risos).*

- Regras e limitações

Tablet

As crianças reconhecem haver regras e limitações sob os usos que fazem do tablet (F1g6, F2g6, F3b6, F5b3, F10b5). As crianças F1g6 e F2g6 utilizam mais o tablet à sexta-feira (F1g6) e ao fim de semana (F1g6, F2g6), pois foi o que foi estabelecido pelas figuras parentais. Quando estão a utilizar o tablet, a criança F1g6 afirma poder fazer tudo no dispositivo exceto utilizar aplicações que ainda não lhe foram disponibilizadas, e a criança F2g6 afirma que, por vezes, os pais lhe dizem para apenas jogar.

Em contraste, as crianças F7b5 e F9g5 apresentam uma perspetiva de maiores permissões em relação aos seus usos do tablet. A criança F9g5 afirma poder utilizar o tablet sempre que quer, que a mãe permite sempre, e poder fazer tudo no dispositivo. A mãe (F9m40) intervém no momento da entrevista da criança para complementar a perspetiva partilhada pela mesma.

F9m40: *Deixo sempre? (...) Sim... o tablet tu normalmente não pedes, é um brinquedo teu.*

Por sua vez, a criança F7b5, quando questionada se os pais permitiam sempre o seu uso do tablet, olhou primeiro para o pai (F7f42) antes de responder. Isto importa enaltecer, pois no momento de entrevista às figuras parentais, o pai partilhou possuir uma postura mais restritiva em relação aos usos enquanto a mãe seria mais permissiva. No entanto, a criança da família F7 respondeu à questão afirmando que pode usar o tablet “sempre”, acrescentando que “quero sempre”. A criança F7b5 expressa ainda que quando quer utilizar o tablet fá-lo, sem perguntar se o pode fazer.

Como limitação dos usos, que de certa forma, se auto impõe, surge a bateria do dispositivo. A criança F2g6 descreve um contexto em que quando a bateria do tablet termina, o uso que está a ser feito do mesmo cessa, e o foco da criança altera-se para outro dispositivo temporariamente, podendo esse foco eventualmente direcionar-se para outro tipo de atividade, brincadeira, que não envolva os meios digitais. A bateria é ainda mencionada pela criança F9g5, que refere não gostar do tablet quando ele fica sem carga.

Televisão

Face a regras sobre horários de utilização, destaca-se informação apresentada por duas crianças – F1g6, F2g6 – a criança F1g6 diz ver mais televisão ao fim de semana, e a criança F2g6 refere que é ao fim de semana que lhe é permitido ver Youtube na televisão e que durante a semana pode ver tudo o resto, exceto essa plataforma. A criança F2g6 refere ainda que os momentos em que pode ver mais televisão é após regressar da escola, ou mesmo de manhã.

Relativamente ao conteúdo que é assistido, as crianças também reconhecem algumas regras e restrições. A criança F3b6 partilha que não lhe é permitido assistir a conteúdo violento, que envolva luta, e a criança F4b5 menciona querer assistir a conteúdos relacionados com o Homem-aranha, mas que são considerados “agressivos” e por isso os pais não permitem que veja. Aqui compreendem-se preocupações dos pais que se refletem em regras aplicadas nos usos, nomeadamente em proibições em torno de “conteúdos inapropriados e violentos” (Ponte *et al.*, 2017, p. 6). Neste contexto, no momento da entrevista da criança F4b5, é esclarecido pela mãe (F4m33) um momento em que o seu filho assistiu a conteúdo que consideram “agressivo” e teve dificuldade em adormecer à noite. O que se entende, ser então, um acontecimento impulsionador para a aplicação de

regras e restrições face ao conteúdo assistido. As crianças F1g6, F7b5, F9g5, F10b5, dão a conhecer fatores que impactam a sua atividade de visualização de televisão, que a condicionam, mas que não advêm diretamente de regras estabelecidas pelas figuras parentais. Quando questionadas se poderiam ver tudo na televisão, a criança F1g6 responde dizendo que “não” pois não gosta de muitos dos canais, enquanto a criança F10b5 afirma poder ver tudo na televisão, mas acrescenta que também há desenhos animados de que não gosta. Por sua vez, a criança F7b5 responde à questão afirmando que há conteúdo que não é disponibilizado na televisão.

F7b5: *Não há episódios do “Pou”, só há no Youtube. Também há episódios no Youtube do “Talking Tom” e amigos.*

Isto é, entende-se que a criança F7b5 não pode assistir a tudo aquilo que quer, ao conteúdo de que gosta na televisão, não necessariamente por restrições aplicadas pelas figuras parentais, mas porque este não se encontra acessível na programação, sendo necessário aceder a outras plataformas para o encontrar. Aqui é reforçada também, e pode compreender-se, a preferência que a maioria das crianças revelou em torno de dispositivos como o tablet. Por sua vez, para a criança F9g5, não poder ver tudo aquilo que quer na televisão está relacionado com o facto do irmão mais novo não gostar do conteúdo a que a criança F9g5 quer assistir.

Telemóvel

Em relação ao telemóvel, a criança F5b3 reconhece não poder ver e fazer tudo no dispositivo. A criança F2g6 menciona o papel de uma limitação já previamente abordada: a bateria. Nisto, a criança expressa que a utilização que faz do telemóvel está condicionada pelo estado de bateria de outros dispositivos, nomeadamente do tablet.

F2g6: *(...) E quando o tablet não tem, quando eu quero ver e peço e os meus pais deixam e o tablet não tem (bateria) eu vejo o telemóvel, ou jogo no telemóvel.*

Entende-se aqui, de novo, uma preferência pelo tablet, também já mencionada pela própria criança F2g6. A indisponibilidade do tablet leva as crianças a utilizarem outro dispositivo, mesmo que não seja aquele que preferem. As crianças F9g5 e F10b5 referem a questão de pedir autorização aos pais para utilizarem o telemóvel (F9g5) e para escolher o jogo para nele jogar (F10b5). Assim, o uso que fazem do telemóvel está condicionado por essa autorização. A criança F9g5 menciona ainda restrições que foram aplicadas aos

seus usos do telemóvel, afirmando que a mãe não permite que a criança acesse às fotografias. Neste momento da entrevista com a criança F9g5, a mãe (F9m40) intervém para acrescentar contexto a esta restrição, mencionando que a filha chegou a enviar fotografias por engano, e revela ainda que a criança F9g5 também já efetuou chamadas no telemóvel da mãe sem o conhecimento da mesma.

F9m40: (...) *E pronto, e ela aí ficou ainda mais proibida de mexer no meu telemóvel ou WhatsApp e de ligar ou de atender chamadas seja de quem for.*

Com isto, é possível compreender que as atitudes da criança perante o meio digital impactaram os seus usos e impulsionaram a aplicação de regras e restrições. Após ocorrerem situações que a mãe considerou indesejadas, foram aplicadas medidas para prevenir que essas situações voltem a ocorrer. Verifica-se que como consequência, a mãe adotou uma postura mais restritiva em relação aos usos do seu telemóvel por parte da criança F9g5. Isto entende-se também através de Chaudron, Di Gioia & Gemo (2018) que referem a aplicação de “estratégias restritivas” (p. 74) em contextos onde se verifica exposição a conteúdo indesejado.

Questões de investigação e pergunta de partida

Importa agora refletir acerca dos dados apresentados e discutidos, cruzando-os com as questões de investigação desenhadas em torno deste estudo e a pergunta de partida. As questões apresentadas serão respondidas com base em resultados previamente apresentados através da perspetiva dos pais e da perspetiva das crianças, contudo há questões que incidem principalmente em torno das respostas das figuras adultas.

Em relação à questão de investigação ***“De que modo as características das famílias e dos pais geram impacto no papel desempenhado pelos meios digitais no meio familiar e nos seus usos?”*** entende-se, através dos dados recolhidos e da análise efetuada, que características associadas às famílias, à sua estrutura e seus membros, como a escolaridade e condição socioeconómica, não apresentam impactos significativos na gestão dos usos dos meios digitais no meio familiar. Compreende-se que o impacto que a condição socioeconómica das famílias pode ter na gestão dos usos dos meios digitais é no próprio ecossistema digital do ambiente familiar, nos meios digitais que o constituem. Aquilo que se afere deter um impacto mais significativo na gestão dos usos dos meios digitais são aspetos como as competências digitais, a perspetiva que os pais têm dos dispositivos e a sua familiaridade com os usos. Figuras parentais que possuem maior

familiaridade em interagir com meios digitais, possuem uma maior probabilidade de adquirir certas competências que influenciam e agilizam os usos que fazem dos dispositivos (Livingstone, Blum-Ross, Pavlick & Ólafsson, 2018), podendo conceder também uma maior possibilidade de aplicação de ferramentas de controlo sobre as utilizações feitas pelas crianças. No que concerne as perspetivas dos pais, reconhece-se que o facto de estas serem mais negativas ou positivas em torno dos meios digitais, poderá influenciar a forma como são geridos os dispositivos e os usos, de maneira que quanto mais favoráveis estas forem maior é a probabilidade de estes aparelhos desempenharem um papel de *babysitter* (Gantz, 1982, p. 11; Beyens & Eggermont, 2014, p. n/d). No entanto, isto não se verifica exatamente e totalmente desta maneira nos dados recolhidos, pois verificam-se famílias nas quais a opinião dos pais em torno dos meios digitais não é integralmente positiva, e revela preocupações, e em que mesmo assim os dispositivos digitais desempenham o papel de *babysitters* no meio familiar.

Embora as crianças entrevistadas não falem particularmente sobre as características das famílias e dos pais, é possível notar nas suas respostas traços que se alinham com a ideia de que o ponto de vista das figuras parentais sobre os meios digitais, a sua familiaridade e gosto para com estes, influencia a gestão dos seus usos. Neste sentido, estas características dos pais influenciam atividades como a visualização, utilização conjunta entre pais e filhos dos meios digitais. Face à questão ***“Quais as preocupações e regulações dos pais para com os usos dos meios digitais pelas crianças?”***, entende-se que as preocupações dos pais encontram-se relacionadas com questões de saúde, nomeadamente em torno da visão das crianças (Dias *et al.*, 2016, p. 424), preocupações associadas a possíveis efeitos nos comportamentos das crianças, impacto no seu sono, e maioritariamente, também, preocupações em torno do conteúdo e do tempo passado nos meios digitais. Os pais mostram preocupação face ao risco de exposição das crianças a conteúdo que seja inadequado, perturbador, violento. É mencionado também conteúdo como as notícias que pais procuram evitar expor às crianças. As figuras parentais mostram ainda preocupar-se com conteúdos publicitários que apelem ao consumo, e com as pesquisas que podem ser feitas através dos meios digitais e o tipo de informação que poderá ser apresentado. Relativamente às regulações, os pais aplicam-nas sobre o conteúdo que os preocupa, podendo conversar com as crianças, estabelecendo regras sobre os acessos, como também proibir determinados usos através de algumas funcionalidades digitais. Em casos em que não são utilizadas aplicações, ferramentas,

para controlar os usos, os pais recorrem ao método de conferir os dispositivos e o seu histórico. As regras aplicadas pelos pais aos horários de uso dos meios digitais pelas crianças variam entre os dias de semana e os fins de semana, sendo que revelam geralmente maior tempo de utilização permitido ao fim de semana. Estas regras variam também consoante o contexto de férias e de escola, sendo que o tempo de uso é mais limitado neste último ponto. Nisto, destaca-se também o facto de as figuras parentais promoverem atividades ao ar livre, ou outras atividades que não envolvam os meios digitais, como estratégias utilizadas para reger os usos (Brito & Dias, 2016, p. 59). É aqui importante destacar um meio como a televisão, que parece enquadrar-se, aos olhos das famílias, numa outra categoria diferente de todos os outros meios digitais. Possivelmente relacionado com o facto de a televisão estar presente na vida da generalidade das famílias há mais tempo (Gantz, 1982; Nikken, 2018; V. dos Anjos, Alonso & M. dos Anjos, 2018) do que outros meios digitais como o telemóvel ou o tablet, parece verificar-se uma relação de maior proximidade e confiança entre a televisão e os membros das famílias. Deste modo, verifica-se uma distinção no modo de aplicação de regulações sob os usos feitos na televisão em comparação com os usos nos outros dispositivos. Isto é visível, por exemplo, num momento de entrevista com a família F3, em que a mãe afirma que coloca uma limitação de tempo à utilização dos meios digitais móveis, sendo que à noite as crianças não os podem utilizar, mas podem utilizar um outro que se apresenta como exceção “Se quiser televisão, assiste televisão (...)”. Verifica-se uma concordância na generalidade de respostas apresentadas das crianças em relação às respostas dos pais em torno de questões de preocupações e regulações. Entendem-se as preocupações dos pais face a conteúdo violento, pois as crianças expressam que as figuras parentais não permitem que assistam a este tipo de conteúdo. As crianças reconhecem ainda a existência de regras afirmando que podem utilizar mais os meios digitais à sexta-feira e ao fim de semana, e que para utilizarem os dispositivos dos pais precisam de pedir autorização. Em contraste, as crianças revelam um ponto de vista de mais permissões em relação ao tablet, e isto pode entender-se pelo facto de este dispositivo ser por vezes considerado “dispositivo de família (partilhado entre os membros) ou mesmo uma propriedade individual da criança” (Chaudron, Di Gioia & Gemo, 2018, p. 33).

Relativamente à questão *“Quais os momentos em que a disponibilização dos meios digitais às crianças e incentivo para seu uso é maior?”* através dos dados recolhidos, compreende-se existir uma maior disponibilização dos meios digitais entre momentos de

refeição, durante o momento de refeição em meio doméstico e em restaurantes, em momentos em que os pais estão ocupados com determinadas tarefas, domésticas e/ou profissionais, e em momentos em que pretendem ter um tempo para si. Os meios digitais são também disponibilizados pelos pais às crianças, em alguns casos, como meio para cumprir determinadas ações, no sentido em que o não cumprimento destas poderá ter como consequência limitações aplicadas aos usos dos dispositivos, ou mesmo um impedimento de os utilizar (Skinner, 1974/2002). A situação de pandemia Covid-19 destaca-se como algo que levou a uma maior disponibilização dos meios digitais às crianças, tendo inclusive levado também à primeira utilização destes dispositivos em alguns casos. Nisto, o Ensino Remoto de Emergência gerou um aumento dos usos dos dispositivos digitais no meio doméstico e o teletrabalho contribuiu também para um aumento da disponibilização dos dispositivos às crianças. Numa abordagem geral, os meios digitais são disponibilizados pelos pais às crianças com o intuito de as entreter, ocupar, distrair, acalmar. Contudo, relativamente a esta última nota-se a teorização de L’Ecuyer (2017), que refere que devido aos estímulos (p. 17) produzidos pelos meios digitais, poderá verificar-se um comportamento de maior agitação na criança, o que aqui resulta em algo oposto àquilo que era pretendido pelos pais através da disponibilização.

Após se ter refletido acerca das preocupações dos pais em torno dos usos feitos pelas crianças nos meios digitais, entende-se que estas têm um impacto nas medidas e regras aplicadas. Enaltecendo as preocupações dos pais, e respostas obtidas nos seus momentos de entrevista como o contributo de **F2m38** “Eu por um lado preferia que ela não utilizasse nada (...)” (dispositivos), é pertinente questionar o porquê de realizarem então uma disponibilização dos meios digitais às crianças. Deste modo, compreende-se que embora existam preocupações significativas, em alguns casos a utilidade dos meios digitais enquanto *babysitters*, os benefícios que potenciam à rotina das famílias e dos pais, parece sobrepor-se e deter destaque (Brito e Dias, 2016, pp. 58-59). Na perspetiva das crianças, os momentos de disponibilização dos meios digitais estão geralmente associados às regras colocadas pelos pais, no sentido em que os dispositivos lhes são disponibilizados, permitidos, consoante os horários estabelecidos. Isto difere um pouco relativamente à televisão, em que parece existir uma maior facilidade de disponibilização deste meio. Esta disponibilização da televisão entende-se também através de respostas onde revelam que o uso é feito, por exemplo, por **F4b5** “Para entreter-me, para quando a mãe está a tomar banho, e também assim não chatear a mãe, assim eu não tenho que estar sempre a

responder, assim estou mais entretido nas coisas”. A disponibilização em torno de dispositivos como o tablet também ocorre mais livremente quando este é um dispositivo “individual da criança” (Chaudron, Di Gioia & Gemo, 2018, p. 33). As finalidades de entreter, ocupar as crianças através da disponibilização dos meios digitais são, então, entendidas também através das respostas das crianças. Compreende-se também que a disponibilização dos meios digitais às crianças pode acontecer quando as figuras parentais querem descansar ou dormir. Face à questão **“Os meios digitais são considerados babysitters pelas famílias?”** a resposta não é unânime. A maioria das famílias (seis - F1, F2, F4, F6, F7, F8) reconhece, de alguma forma, um papel dos meios digitais enquanto *babysitters* no seu meio familiar. Numa família – F5 – não é inicialmente reconhecido um papel dos meios digitais como *babysitters*, contudo a mãe afirma que, por vezes, sente que é algo que pode acontecer, principalmente quando está mais cansada, os pais estão mais cansados, ou quando a mãe está sozinha em casa com as crianças. Nas famílias F9 e F10, os meios digitais não são considerados *babysitters*. A partir dos dados recolhidos compreende-se que, em todas as famílias entrevistadas, os meios digitais desempenham, ou já desempenharam, funções de *babysitter*. Em relação a este último, entende-se que na família F3 os meios digitais não atuam como *babysitters* das crianças, mas que tal já aconteceu quando estas eram mais novas. Atualmente, nesta família (F3), os meios digitais não são disponibilizados às crianças em torno de propósitos associados a *babysitting*, como para distrair, ou para agilizar momentos de refeição, mas são mais utilizados como um meio de reprimenda, como um meio utilizado como incentivo para cumprir ações, que pode ser compreendido através da teorização de condicionamento operante de Skinner (1974/2002). Torna-se pertinente refletir sobre estes dados e explorar a posição das famílias que não reconhecem a ação dos meios digitais enquanto *babysitters* no seu meio familiar, mesmo revelando práticas em que os dispositivos desempenham esse papel. Surge a ponderação de colocação de uma hipótese de que poderá não existir uma ideia muito clara nas famílias em relação àquilo em que consiste o *babysitting* através dos meios digitais, ou então poderá existir um certo receio por parte das figuras parentais em serem alvo de crítica ou julgamento ao reconhecerem utilizar os dispositivos em torno do conceito. Entre as famílias que dizem não considerar os meios digitais como *babysitters* no seu meio familiar, é pertinente destacar uma – F9. Entende-se que o não reconhecimento da atuação dos meios digitais enquanto *babysitters* nesta família poderá ser algo explicado pela ideia de que os pais não conseguem deixar os filhos a brincar com os meios digitais e a assistir ao seu conteúdo (interpreta-se que será um cenário em que

estão sozinhos com os dispositivos) e fiquem descansados. Ou seja, compreende-se que os pais desta família parecem considerar que a utilização dos meios digitais enquanto *babysitters* implique que a criança esteja sozinha com estes. Contudo, compreende-se através de Brito e Dias (2016, p. 51) que é possível verificar *babysitting* mesmo quando a criança não está sozinha e os pais estão perto de si, mas a realizar outra tarefa. Através da ideia de não ficarem descansados ao deixarem as crianças sozinhas com os meios digitais, nota-se subentendida uma ideia de confiança associada aos dispositivos. Ora, o conceito o *babysitting* prevê uma certa ideia de confiança no sentido em que as figuras parentais depositam “confiança” (Morrow, 2008, pp. 116-119) em algo ou alguém, um *babysitter*, que fica a supervisionar e cuidar da criança durante um determinado limite de tempo. Poderá ser interessante refletir sobre estes dados e explorar a ideia de que o facto de as figuras parentais não confiarem nos meios digitais não proíbe que estes sejam utilizados como *babysitters*. Numa perspetiva de suposição, num contexto em que não exista confiança em torno de um *babysitter* humano, à partida este não será indicado para cuidar da criança, mas em contraste, quando o fator de confiança não está presente em torno dos meios digitais, a estes poderá ser-lhes atribuído na mesma o papel de *babysitter* digital.

Por fim, importa refletir sobre a pergunta de partida: ***“Como decorrem os processos de mediação parental e se expressa o babysitting através de meios digitais em crianças dos 3-6 anos?”***. Neste contexto estes dois conceitos entendem-se em conjunto. A mediação parental expressa-se através da disponibilização dos meios digitais às crianças, através da implementação de medidas e regras sobre os usos feitos pelas crianças, e também pela própria atitude dos pais em relação aos dispositivos, nomeadamente a sua participação em atividades em conjunto com as crianças. Importa destacar que, durante estes momentos de utilização conjunta entre pais e filhos, a mediação parental expressa-se através da comunicação entre os elementos da família, das explicações ou sugestões que podem ser feitas pelas figuras parentais, das regras que podem ser aplicadas nesse momento, mas também através da própria ação da figura adulta para com o dispositivo digital pois esta constitui uma figura de exemplo para os mais novos. Compreende-se, através dos dados recolhidos, que a mediação feita pelas figuras parentais, nomeadamente a disponibilização que fazem dos dispositivos às crianças, provém sobretudo do objetivo de agilizar alguns momentos nas rotinas das famílias. Deste modo, entende-se que esta disponibilização é feita às crianças, mas com o foco em satisfazer propósitos associados

a intenções dos pais. Em algumas famílias entende-se que a disponibilização que é feita dos meios digitais reconhece também algumas vantagens para as crianças, também em termos educativos e de aprendizagem, contudo o propósito que se destaca é a motivação de auxiliar rotinas e o papel parental. Neste sentido, destaca-se a função de *babysitter* dos meios digitais e o *babysitting* exibe em si fenómenos de mediação parental. O *babysitting* expressa-se assim em momentos em que os pais disponibilizam os meios digitais às crianças, onde estes dispositivos assumem temporariamente uma substituição da ação parental. Nisto, entende-se o *babysitting* em momentos em que os meios digitais exercem uma função de supervisão sob a criança, em que a entretêm. Entende-se ainda que o *babysitting* se expressa também em torno das preferências das crianças. Isto é, a ação dos meios digitais enquanto *babysitters* será mais impactante, ou causará mais efeito, em torno daqueles que forem os meios preferidos das crianças e suas atividades preferidas. Os pais mostram ter conhecimento acerca das preferências das crianças e afere-se que a disponibilização dos meios digitais, e a sua ação enquanto *babysitters* incidirá mais sob aquilo que as crianças mais gostam.

Limitações do Estudo:

Como previamente mencionado, a complexidade da temática em estudo entendia benefícios na realização de entrevistas presenciais a todas as 10 famílias selecionadas, contudo a incompatibilidade de se estabelecer na íntegra fez deste aspeto uma limitação. A realização de algumas entrevistas através de plataformas *online* verifica a sua preferência por 2 famílias, compreendendo-se ser um meio de maior conforto e agilidade no contexto das suas rotinas. Por sua vez, a circunstância de pandemia atuou também como um elemento impulsionador desta abordagem, sendo que numa outra família, o vírus Covid-19 foi uma condicionante e um impeditivo à realização de 1 entrevista presencial. Das 5 entrevistas realizadas *online*, 2 restantes veem o seu modo de operação justificado pelo fator de distância geográfica, sendo que uma destas famílias reside na zona sul do país, no Algarve, e a outra família reside fora de Portugal, em Angola. Entende-se à partida, que a realização de entrevistas de forma presencial poderia permitir uma maior e melhor observação em torno dos participantes e do ecossistema digital, uma maior atenção à comunicação não-verbal, e possivelmente um entendimento de maior

conforto e proximidade entre quem entrevista e quem está a ser entrevistado. Contudo não se verifica na sua plenitude. Também em algumas entrevistas realizadas presencialmente foram encontradas limitações. Em alguns casos, entende-se que a presença da investigadora pode ter atuado como um constrangimento ao momento da entrevista com as crianças, sendo impactado pelos seus estados de espírito, disposição e comunicação, assim como pela reação face a uma figura estranha e externa ao seu ambiente familiar. Inclusive, verificam-se 2 casos em entrevistas presenciais a crianças em que não foi possível ver todas as questões respondidas, e de forma satisfatória, de acordo com os objetivos do estudo. Isto verificou-se ainda em mais 1 família, cuja entrevista foi, por sua vez, realizada *online*. Num destes casos, para colmatar a escassez de dados obtidos, foi enviado por uma das figuras parentais à investigadora, um registo feito pela funcionalidade *Family Link*, das atividades de uma criança no meio digital que mais utiliza, assim como o tempo que dispõe deste, entre o período de 7 dias a 1 mês, no contexto de férias de verão. Este desafio maior em relação ao processo de recolha de dados notou-se comum nas crianças pertencentes a uma menor faixa etária, entre os 3 e 4 anos. A faixa etária delimitada para o estudo (3-6) é importante para o entendimento da temática em questão, contudo provocou também algumas limitações.

Entende-se que cada criança é diferente, nas suas características e complexidades, no entanto compreende-se também que o seu desenvolvimento é acompanhado pelo seu crescimento, pela sua idade, e, portanto, reconhece-se uma maior probabilidade de maior à-vontade comunicacional em crianças com idades, por exemplo entre 5-6 anos, do que em crianças entre 3-4.

Tanto o contexto das diversas situações verificadas como o fator idade foram elementos condicionantes e influentes no processo de realização de entrevistas e recolha de dados.

Conclusão

Este estudo deteve como seu principal objetivo procurar conhecer e compreender os processos de mediação parental em famílias com crianças dos 3 aos 6 anos de idade, assim como aquilo em que consiste o *babysitting* digital e de que forma se expressa neste contexto. Em torno disto, e através de questões de investigação complementares a este objetivo, o presente estudo colocou também foco em procurar conhecer o impacto das características das famílias e das figuras parentais no tipo de papel desempenhado pelos

meios digitais assim como na gestão que é feita dos usos, as regras aplicadas aos usos, os momentos de maior disponibilização dos dispositivos, e se os pais reconhecem os meios digitais como *babysitters*. Constatou-se que foi possível encontrar resposta às questões de investigação colocadas e à pergunta de partida. Entende-se que características das figuras parentais, como as suas competências digitais e a perspetiva que têm acerca dos meios digitais são fatores que podem ter ação significativa nas práticas digitais da família e no processo de gestão de usos dos dispositivos. Nisto, importa destacar que quanto melhores e mais desenvolvidas forem as competências digitais das figuras parentais maior é também a probabilidade de aplicação de ferramentas de controlo parental sob os usos das crianças, assim como uma postura mais detalhadamente consciente e informada acerca das utilizações que os pais mais novos fazem nos dispositivos. Ora, isto possibilita também uma maior probabilidade de conter riscos associados aos usos e de garantir assim o bem-estar digital das crianças. Apesar de as crianças não mencionarem detalhadamente as características das famílias e das figuras parentais, compreende-se através dos seus momentos de entrevista que o ponto de vista dos pais acerca dos meios digitais, a sua familiaridade com eles, poderá influenciar a participação, visualização conjunta entre pais e filhos nos meios digitais, sendo maior a probabilidade quanto mais favorável for a perspetiva.

As figuras parentais revelam preocupações relativamente aos usos feitos pelas crianças nos meios digitais e à sua exposição àqueles dispositivos, destacando aspetos como questões de saúde, possíveis efeitos nos comportamentos das crianças e no seu sono. Revelam ainda preocupações em torno de exposição a conteúdo que consideram perturbador e inadequado, exposição a conteúdos publicitários que apelem ao consumo, e face à realização de pesquisas e aos riscos associados à possibilidade de acesso a diverso tipo de informação. O tempo de utilização surge também como motivo de preocupação.

Os pais agem sobre estas preocupações estabelecendo medidas e regras em torno daquilo que consideram inadequado. Entende-se a utilização de ferramentas de controlo parental que atuam sob o conteúdo como também sob o tempo de utilização dos meios digitais, e nos casos onde este tipo de ferramentas não é utilizado entende-se uma verificação manual dos dispositivos e do histórico. As figuras parentais procuram reger também o tempo de uso estabelecendo horários que são mais permissivos e flexíveis em fins de semana, ou época de férias, assim como procuram promover alternativas aos meios digitais, como brinquedos físicos ou jogos não digitais, e saídas em família e prática de

atividades ao ar livre, ou outro tipo de atividades, que não envolvam então a utilização dos dispositivos. A disponibilização que os pais fazem dos meios digitais às crianças ocorre em maior destaque em momentos de refeição, tanto em espaços domésticos como em restaurantes, em momentos em que os pais estão ocupados a realizar tarefas, relacionadas com o meio doméstico e/ou profissional, e quando pretendem descansar e ter um tempo para si. Nisto, entende-se também que os meios digitais são disponibilizados às crianças sobretudo para as entreter, distrair, ocupar. Verifica-se ainda uma disponibilização dos meios digitais às crianças com o intuito de as incentivar a ter determinado comportamento. A situação de pandemia Covid-19, o Ensino Remoto de Emergência e o teletrabalho associados, revelam-se fatores para um aumento da disponibilização dos meios digitais às crianças, assim como impulsionadores de primeiras disponibilizações e utilizações. Compreendeu-se através deste estudo que a maioria das famílias entrevistadas reconhece que os meios digitais desempenham, de certa forma, um papel de *babysitter* nos seus meios familiares. Embora existam algumas famílias que recusam esta possibilidade, entende-se que em todas as famílias entrevistadas se verifica, ou se verificou outrora, a ação dos meios digitais enquanto *babysitters* das crianças.

Deste modo, é possível obter resposta à pergunta de partida ***“Como decorrem os processos de mediação parental e se expressa o babysitting através de meios digitais em famílias com crianças dos 3 aos 6 anos?”***. Importa destacar que no contexto desta investigação os conceitos de mediação parental e *babysitting* relacionam-se e compreendem-se em conjunto. Assim, os processos de mediação parental são entendidos através da disponibilização dos meios digitais às crianças, através da definição e aplicação de medidas e regras aos usos feitos por estas nos meios digitais, e também através do posicionamento dos pais em torno dos dispositivos e a sua participação em atividades em conjunto com a criança nos mesmos. Este momento de partilha entre pais e filhos, de visualização de conteúdo e participação conjunta em atividades nos dispositivos, revela evidências de mediação parental através da comunicação realizada entre as figuras parentais e as crianças, através de indicações, esclarecimentos e regras que poderão ser integradas nesse momento. A postura dos pais em torno dos meios digitais, a forma como atuam nestes aquando de uma participação em conjunto com a criança, também revela traços de mediação parental no sentido em que as figuras parentais constituem um exemplo para os mais novos. Os processos de mediação parental e a disponibilização dos meios digitais às crianças, entendem-se nesta investigação incentivados por intenções

personais dos pais associadas ao dia-a-dia de vida em família. Isto é, verifica-se através dos resultados obtidos, que a disponibilização dos meios digitais às crianças pretende atuar como um meio de auxílio às rotinas das famílias e agilizar determinados momentos. Isto entende-se, por exemplo, através de referências a disponibilização dos meios digitais em situações de refeição, ou em torno de realizar alguma tarefa. Embora exista também um reconhecimento por parte de algumas figuras parentais de que a disponibilização dos meios digitais pode possibilitar alguns benefícios a nível educativo, de aprendizagem, verifica-se que maioritariamente as motivações para esta disponibilização têm em foco necessidades dos pais, e procuram auxiliar a vida das famílias e o próprio papel parental.

Compreendido através dos processos de mediação parental e disponibilização dos meios digitais, o *babysitting* expressa-se em contextos onde os dispositivos são disponibilizados às crianças, para por exemplo as entreter, ocupar, atuando com funções de supervisão e assumindo temporariamente uma substituição da ação parental. O papel dos meios digitais enquanto *babysitters* prevê também uma ação sob as preferências das crianças, na medida em que produzirá mais efeito em torno dos dispositivos e atividades preferidas dos mais novos. Os pais conhecem as preferências das crianças e atuam sobre isso, pois sabem que as suas intenções aquando da disponibilização que fazem serão mais bem-sucedidas em torno daquilo que as crianças mais gostam.

Nesta investigação destacam-se alguns contributos para a academia. Importa destacar a posição ainda relevante da televisão no dia-a-dia das famílias. Este que pode ser considerado o primeiro meio a ser utilizado como *babysitter*, destaca-se no ecossistema digital das famílias e diferencia-se dos restantes meios digitais, no sentido em que a postura das figuras parentais para com esta e as regras de utilização que lhe são aplicadas entendem-se mais permissivas e flexíveis em comparação às regulações feitas em torno de outros dispositivos. Isto poderá compreender-se pelo facto de a televisão estar presente na vida das famílias há mais tempo do que outros meios digitais, e, portanto, poderá verificar-se uma relação de maior proximidade e confiança entre as famílias e a televisão. É relevante também destacar o facto de que os pais assumem preocupações relativamente aos usos que as crianças fazem dos meios digitais e que inclusive, alguns referem preferir que essa utilização não existisse. Se é mencionado por algumas figuras parentais que preferiam que os seus filhos não utilizassem os meios digitais, e tendo em conta que são geralmente os pais os primeiros a providenciar essa interação, é importante compreender então o porquê desta disponibilização. Nisto conclui-se que as figuras parentais mostram

conhecer desvantagens associadas aos usos e à exposição aos dispositivos, contudo reconhecem também vantagens nesta disponibilização, que atuam sob as rotinas das famílias e que parecem sobrepor-se. Importa ainda destacar que embora se verifique, ou se tenha verificado outrora, o papel de *babysitter* desempenhado pelos meios digitais em todas as famílias entrevistadas, existem também algumas famílias que não o reconhecem no seu meio familiar. Isto remete à colocação de uma hipótese de que poderá não haver uma ideia muito clara daquilo que é a ação dos meios digitais enquanto *babysitters*, ou então coloca-se a hipótese de que poderá haver algum receio por parte das figuras parentais em serem alvo de crítica, julgamento, por reconhecerem utilizar os meios digitais em torno do conceito de *babysitting*. É possível também destacar contributos para profissionais da área da comunicação, no sentido em que esta é uma temática atual, em que as suas complexidades associadas estão em constante evolução e, portanto, é pertinente conhecê-la, explorá-la, para que consolide maior conhecimento acerca dos usos dos meios digitais e seus efeitos principalmente em indivíduos mais vulneráveis, como é o caso das crianças. Entendem-se contributos desta investigação em torno das famílias, figuras parentais e crianças. Sendo que a utilização dos meios digitais enquanto *babysitters* é uma prática adotada pelas famílias, explorar esta temática e procurar gerar mais informação sobre a mesma é importante para possibilitar esclarecimentos, providenciar contexto e possibilitar maior consciência acerca daquilo que envolve os usos dos meios digitais pelos membros das famílias, especialmente as crianças, em quem se destaca uma certa vulnerabilidade. Uma maior conscientização sobre o *babysitting* feito pelos meios digitais, poderá contribuir para processos de mediação parental e de disponibilização de dispositivos que possibilitem foco na segurança e bem-estar digital da criança, enquanto permitem também a aquisição de benefícios educacionais, de desenvolvimento de competências, que os meios digitais podem propiciar. Neste sentido, entendem-se ainda contributos em torno de professores e educadores, isto porque considerando que o ensino é também impactado pela conjuntura digital, as crianças poderão ter contacto com os dispositivos também neste meio. Nisto, compreende-se que as utilizações feitas pelas crianças dos meios digitais poderão ser influenciadas por diversos contextos, existindo diferentes estratégias e regras aplicadas entre por exemplo, o meio doméstico e a escola, e, portanto, uma maior conscientização acerca dos usos e como estes podem impactar as crianças, facilitará um equilíbrio e uma utilização que seja complementar e benéfica em variados sentidos.

Apesar de, na generalidade, os objetivos deste estudo terem sido cumpridos, verificaram-se limitações no processo de obtenção de respostas por parte das crianças e isto apresenta-se como algo que poderá ser aperfeiçoado através de investigações futuras. Poderia também ser importante este estudo incidir sobre um maior número de famílias, de forma a ser mais detalhado e apresentar maior representatividade. Adicionalmente, poderia também ser interessante que a duração do estudo fosse maior com o intuito de observar e recolher dados nas famílias durante um maior período de tempo, onde se procuraria compreender como evoluem os usos das crianças à medida que estas se vão desenvolvendo. Seria pertinente também obter a colaboração de profissionais da área da psicologia. De modo a complementar também o processo de recolha de dados poderão ser realizadas entrevistas a *babysitters*, de forma a ter o seu ponto de vista, à partida mais imparcial, sobre a dinâmica entre as crianças e os meios digitais, os seus usos, as estratégias de mediação e a disponibilização dos dispositivos.

Referências Bibliográficas

- Alarcão, M., Gaspar, M. F. (2007), “Imprevisibilidade familiar e as suas implicações no desenvolvimento individual e familiar”, *Paidéia*, vol.17 n.36, pp. 89-102
- Almeida, F., Santos, J. D., Monteiro, J. A., (2013), “E-commerce business models in the context of web 3.0 paradigm”, *International Journal of Advanced Information Technology* (IJAIT), vol. 3, (6), pp. 1-12
- Almeida, F., Santos, J. D., Monteiro, J. A., (2013), E-commerce business models in the context of web 3.0 paradigm, *International Journal of Advanced Information Technology* (IJAIT), vol. 3, no. 6, pp 1-12.
- Araujo, C., Reszka, M. F., (2016) O brincar, as mídias e as tecnologias digitais na Educação Infantil, *Universo Acadêmico*, vol. 9 n.1, pp. 175-191.
- Araújo, M. F., (2002), “Amor, casamento e sexualidade: velhas e novas configurações”, *Psicologia: Ciência e Profissão*, vol.22 (2), pp. 70-77.
https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932002000200009
- Athique, A., (2013), *Digital Media and Society: An Introduction*, Cambridge: Polity Press.
- Azevedo, J., Pedro, L., Santos, R. (2015) “Literacia (s) Digital (ais): Definições, perspectivas e desafios”, *Rev. Media J.*, vol.15 (27), pp. 27-44
- Barreto, M. J., Rabelo, A. A., (2015) “A Família e o papel desafiador dos pais de adolescentes na contemporaneidade”, *Pensando Famílias*, vol.19 (2), pp. 34-42.
- Barros, L. A. (1986). A ciência, a técnica e a condição do homem na Europa de hoje. *Didaskalia*, 16 (1-2), pp. 365-388. <https://doi.org/10.34632/didaskalia.1986.874>
- Bauman, Z., (2003), *Liquid Love: On the Fidelity of Human Bonds*. Cambridge: Polity Press.
- Bell, D., (1976), *The Coming of Post-Industrial Society*,
- Beyens, I., Eggermont, S., (2014) “Putting Young Children in Front of the Television: Antecedents and Outcomes of Parents’ Use of Television as a Babysitter”, *Communication Quarterly*, vol. 62 no.1, pp. 57-74. DOI: 10.1080/01463373.2013.860904

Blum-Ross, Alicia & Livingstone, Sonia (2018). The Trouble with “Screen Time” Rules In Giovanna Mascheroni, Cristina Ponte & Ana Jorge (eds.) *Digital Parenting. The Challenges for Families in the Digital Age*. Göteborg: Nordicom. pp. 179-187.

Borges, M. K., & Avila, S. D. L. (2015), Modernidade líquida e infâncias na era digital. *Cadernos De Pesquisa*, vol. 22(2), pp. 102–114. DOI: <https://doi.org/10.18764/2178-2229.v22.n2.p.102-114>

Braun, V. & Clarke, V. (2006) Using thematic analysis in psychology. *Qualitative Research in Psychology*, vol. 3 no. (2). pp. 77-101. DOI: 10.1191/1478088706qp063oa

Braun, V., Clarke, V. & Weate, P. (2016). Using thematic analysis in sport and exercise research. In B. Smith & A. C. Sparkes (Eds.), *Routledge handbook of qualitative research in sport and exercise*, pp. 191-205, Londres: Routledge.

Bridgeman, J., & Lind, C. (2008). *Responsibility, Law and the Family* (H. Keating, Ed.) (1st ed.). Routledge. <https://doi.org/10.4324/9781315605852>

Brito, R., (2017), *Família.com: Famílias, Crianças (0-6) e Tecnologias Digitais*, Covilhã: Labcom.

Brito, R., Dias, P., (2016) *Crianças (0 aos 8 anos) e tecnologias digitais: que mudanças num ano?: relatório Portugal 2016*. Lisboa: Centro de Estudos de Comunicação e Cultura, Faculdade de Ciências Humanas, Universidade Católica Portuguesa, 2017. ISBN 978-989-99288-4-8

Brito, R., Dias, P., (2017) “Crianças até 8 anos e Tecnologias Digitais no Lar: Os pais como modelos, protetores, supervisores e companheiros”, *Observatorio (OBS*)*, vol.11 (2), pp. 72-90. DOI:10.15847/obsOBS11220171072

Brito, R., Dias, P., (2017), “Young children and digital media in the intimacy of the home: Perceptions and mediation”, In Andreassen, R., Petersen, M., Harrison, K., Raun, T., Eds., *Mediated Intimacies: Connectivities, Relationalities and Proximities*, Londres: Routledge, pp. 1-296.

Brito, R., Dias, P., Chaudron, S., Francisco, R., (2017), Family Dynamics in Digital Homes: The Role Played by Parental Mediation in Young Children’s Digital Practices Around 14 European Countries, *Contemporary Family Therapy* (39), pp. 271-280.

Brito, R., Ramos, A., (2017) “Tecnologia digital em ambiente familiar: o caso de crianças dos 0 aos 6 anos”, pp. 130-299.

Brown, L. (1948). The Family as a Universal Culture Pattern. *American Journal of Sociology*, vol.53(6), pp. 460-463. www.jstor.org/stable/2770763

Bryman, A., (2012) *Social Research Methods* (4th edition).

Cassell, C. (2015). Understanding research interviews. In *Conducting research interviews for business and management students*. SAGE Publications Ltd, pp. 9-24 <https://dx.doi.org/10.4135/9781529716726.n2>

Castells, M., (2001), *La Galaxia Internet*, Barcelona: Areté.

Castells, M., (2004), Informationalism, Networks, and the Network Society: A Theoretical Blueprint, in Manuel Castells, Ed., *The Network Society: A cross-cultural perspective*, Northampton, MA: Edward Elgar, pp. 3-45

Cavalcante, Z. V., Silva, M. L. S., (2011) A importância da revolução industrial no mundo da tecnologia, VII EPCC- Encontro Internacional de Produção Científica Cesumar.

Centers for Disease Control and Prevention. (2019). Essentials for childhood: Creating safe, stable, nurturing relationships and environments. Retrieved from <https://www.cdc.gov/violenceprevention/childabuseandneglect/essentials.html>

Chaouchi, H., & Bourgeau, T. (2018). Internet of Things: Building the New Digital Society. *IoT*, 1(1), pp. 1–4. DOI:10.3390/iot1010001

Chaudron, S., Di Gioia, R., Gemo, M., (2018) “Young Children (0-8) and Digital Technology: A qualitative study across Europe”, *Joint Research Center*.

Coelho, L., (2004) “Mulheres, família e mercado de trabalho: Que desafios à regulação das economias pós-industriais?”, *Oficina do CES*, vol. 205, pp. 1-23.

Coelho, J. D. (2007), “De Bangemann ao Plano Tecnológico”, In J. D. Coelho (Ed.), *Sociedade da informação - o percurso português: dez anos de sociedade de informação, análise e perspectivas*, pp. 139-147, Lisboa: Edições Sílabo.

Connell, S. L., Lauricella, A. R., Wartella, E. (2015) Parental Co-Use of Media Technology with their Young Children in the USA, *Journal of Children and Media*, vol. 9, no. 1, pp. 5-21. DOI: 10.1080/17482798.2015.997440

Corfield, Penelope J. (2009), Teaching History's Big Pictures: Including continuity as well as change, *Teaching History: Journal of the Historical Association*, (136), pp. 1-13

Coutinho, C., Lisbôa, E., (2011) Sociedade da informação, do conhecimento e da aprendizagem: Desafios para educação no século XXI, *Revista de Educação*, vol.18 no.1, pp. 5-22.

Couto, E. S., (2013) A infância e o brincar na cultura digital. *Perspectiva*, vol. 31, n. 3, pp. 897-916. DOI: <https://doi.org/10.5007/2175-795X.2013v31n3p897>

Cox, D., (2007), "Biological Basics and the Economics of the Family", *Journal of Economic Perspectives*, vol.21, n. 2, pp. 91-108

De Lauwe, P., De Lauwe, P., De Lauwe, M., Nunes, A., (1965), A evolução contemporânea da Família: Estruturas, funções, necessidades, *Análise Social*, vol.3, n12, pp. 475-600.

Dias, P., Brito, R., Ribbens, W., Daniela, L., Rubene, Z., Dreier, M., Gemo, M., Di Gioia, R., & Chaudron, S., (2016). The role of parents in the engagement of young children with digital technologies: Exploring tensions between rights of access and protection, from 'Gatekeepers' to 'Scaffolders'. *Global Studies of Childhood*, 6(4), pp. 414-427. <https://doi.org/10.1177/2043610616676024>

Díaz, F., (2011) "O processo de aprendizagem e seus transtornos", EDUFBA.

Dijk, J. V., (2012) *The Network Society*, California: Sage Publications DOI: <https://doi.org/10.4324/9781315208589>

Fonseca, Célia F. A. (1967), "Continuidade mudança e tempo: O problema da periodização e outros problemas no estudo da História", *Revista de História*, vol. 35 (72), pp. 563-570

Formosinho, M.; Reis, C. S., (2011), *Revista de Pedagogia – A Sociedade Digital e a (Re) Construção do Humano*.

Georgas, J. (2003), "Family: Variations and Changes Across Cultures", *Online Readings in Psychology and Culture*, vol. 6 (3), pp. 3-16.

Given, L. M., Winkler, D. C., Willson, R., Davidson, C., Danby, S., & Thorpe, K. (2014), Documenting young children's technology use: Observations in the home. *Proceedings of the American Society for Information Science and Technology*, vol. 51 no.1, pp. 1–9. <https://doi.org/10.1002/MEET.2014.14505101028>

Gooding, P., (2017), *Historic Newspapers in the Digital Age: Search all about it*, Nova Iorque: Routledge.

Greer, C. F., Ferguson, D. A., (2014), “Tablet computers and traditional television (TV) viewing: Is the iPad replacing TV?”, *Convergence: The International Journal of Research into New Media Technologies*, vol.21, pp. 1-13.

Grilo, M., (2011), “História e Ideologia no Estado Novo- A Revisão Integralista do Passado Nacional”, *PROMONTORIA*, vol.9 n.9, pp. 191-218

Gusmão, N. (1999). Linguagem, Cultura e alteridade: imagens do outro. *Cadernos de Pesquisa*, São Paulo, n. 107, pp. 41- 78.

Henri, P. & Lauwe, M. (1965). A evolução contemporânea da família – estruturas, funções, necessidades. Tradução autorizada pelas Edições Julliard, do artigo «L'évolution des besoins et la conception dynamique de la famille», publicado na *Revue Française de Sociologie*, ano I, n.º 4, Out.-Dez. 1950, pp. 403-425.

Hita, M. G., (2005) “A Família em Parsons: Pontos, contrapontos e modelos alternativos”, *Revista ANTHROPOLOGICAS*, vol.16 (1), pp. 109-148.

Hossain, F., Ali, M. (2014) “Relation between Individual and Society”, *Open Journal of Social Sciences*, vol. 2 (08), 130-137. DOI: 10.4236/jss.2014.28019

Isazadeh, A., (2004), *Information Society: Concepts and Definitions*, WSEAS Transactions on Systems, vol.6, (3), pp. 1-4.

Jenkins, H., (2006), *Convergence Culture: Where old and new media collide*, Nova Iorque: New York University Press.

Kabali, H. K., Irigoyen, M. M., Nunez-Davis, R., Budacki, J. G., Mohanty, S. H., Leister, K. P., & Bonner, R. L., Jr (2015) *Exposure and Use of Mobile Media Devices by Young Children. Pediatrics*, 136(6), pp. 1–7. DOI: 10.1542/peds.2015-2151

Kamerman, S. B. (2006) *A global history of early childhood education and care*. United Nations Educational, Scientific and Cultural Organisation.

Kirk, D. (1988). So You Want to do Research!, Ian Lewis and Pamela Munn (Scottish Council for Research in Education, 1987), *Scottish Educational Review*, 20 (1), pp. 60-61. <https://doi.org/10.1163/27730840-02001011>

Kohn, K., Moraes, C. H., (2007), O impacto das novas tecnologias na sociedade: conceitos e características da Sociedade da Informação e da Sociedade Digital, *Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação*.

Kulakci-Altintas, H. (2020), Technological Device Use Among 0–3 Year Old Children and Attitudes and Behaviors of Their Parents Towards Technological Devices, *Journal of Child and Family Studies* vol. 29, pp. 55–61. DOI: <https://doi.org/10.1007/s10826-019-01457-x>

Lauwe, P.-H de, Lauwe, M.-J de. (1965) A evolução contemporânea da Família: estruturas, funções, necessidades. *Análise Social*, vol.3 (12), pp. 475-500. <http://www.jstor.org/stable/41008331>

Leiner, B. M., Cerf, V. G., Clark, D. D., Kahn, R. E., Kleinrock, L., Lynch D. C., Postel, J., Roberts, L. G., Wolff, S. (2009) Brief History of the Internet, *ACM SIGCOMM Computer Communication Review*, vol.39 n5, pp. 22-31.

Livingstone, S., (2005) “Strategies of parental regulation in the media-rich home”, *Computers in Human Behavior*, vol.23, pp. 920-941

Livingstone, S., O’Neill, B. (2014) “Children’s Rights Online: Challenges, Dilemmas and Emerging Directions”, In Van der Hof, S., Van den Berg, B., Schermer, B. (Eds.), *Minding Minors Wandering the Web: Regulating Online Child Safety*, Information Technology and Law series (vol.24) Holanda: T.M.C Asser Press. pp. 19-38. <https://doi.org/10.1007/978-94-6265-005-3>

Livro Verde para a Sociedade de Informação em Portugal (1997), Iniciativa Nacional para a Sociedade da Informação.

MacIver, R. M., Page, C. H., (1949), *Society: an introductory analysis*, Londres: Macmillan.

- Mackay, R. (2005) "The impact of family structure and family change on child outcomes: A personal reading of the research literature", *Social Policy Journal of New Zealand*, vol. 24, pp. 111-133.
- Marsh, J., Plowman, L., Yamada-Rice D., Bishop, J., Scott, F., (2016) "Digital Play: a new classification", *Early Years*, vol.36 (3), pp. 242-253.
- Masuda, Y., (1981), *The Information Society and Post-Industrial Society*, Washington: World Future Society.
- McKnight, C., Dillon, A., Richardson, J., (1992) Hypermedia, In: A. Kent (Ed.) *Encyclopedia of Library and Information Science*, Vol. 50, New York: Marcel Dekker, pp. 226-255.
- McNeal, J. U., (2007) *On becoming a consumer: the development of consumer behavior patterns in childhood*. Routledge. DOI: <https://doi.org/10.4324/9780080469737>
- Mintz, S., Kellogg, S. (1988) *Domestic Revolutions: A Social History of American Family Life*. Nova Iorque: The Free Press.
- Montpetit, MJ., Klym, N., Blain, E., (2010), *The Future of Mobile TV: When Mobile TV meets the Internet and Social Networking*, *Mobile Tv: Customizing content and experience*, Londres: Springer, pp. 305-326.
- Morrow, V. (2008) Responsible Children and Children's Responsibilities? Sibling caretaking and babysitting by school-age children, In J. Bridgeman, H. Keating, C. Lind Eds., *Responsibility, Law and the Family*, (1st ed.,) Routledge.
- Nações Unidas (2013) General comment on the right of the child to have his or her best interests taken as a primary consideration, *Convention on the Rights of the Child - Committee on the Rights of the Children*, no.14, pp. 3-20
- NAEYC, & Fred Rogers Center for Early Learning and Children's Media (2012), *Technology and interactive media as tools in early childhood programs serving children from birth through age 8*. Joint position statement. Washington, DC: NAEYC. Retrieve from www.naeyc.org/content/technology-and-young-children.
- Narvaz, M. G., Koller, S. H., (2006), "Famílias e Patriarcado: da prescrição normativa à subversão criativa", *Psicologia & Sociedade*, vol.18(1), pp.49-55.

- Nikken, P., & Jansz, J., (2006), Parental mediation of children's videogame playing: a comparison of the reports by parents and children, *Learning, Media and Technology*, vol. 31 no. 2, pp. 181-202. DOI: <http://dx.doi.org/10.1080/17439880600756803>
- OCDE (2019) Changing the Odds for Vulnerable Children: Building Opportunities and Resilience, OCDE Publishing: Paris. DOI <https://doi.org/10.1787/a2e8796c-en>
- OCDE (2019), How's life in the digital age: opportunities and risks of the digital transformation for people's well-being, Paris: OCDE Publishing
- Ogunniyi, O. J. (2012), "The Impact of History on the Society", 2012 International Conference on Social Science and Humanity (ICSSH), Singapura. <http://cstm.cnki.net/stmt/TitleBrowse/KnowledgeNet/CDYA201207005017?db=STMI83>
- Papalia, D. E., Feldman, R. D., Olds, S. W., (2006), *Desenvolvimento Humano*, São Paulo: Artmed Editora (Tradução de *Human Development*, 2001).
- Pateman, C., (1993) *O contrato sexual*, Rio de Janeiro: Paz e Terra, (Tradução de *The Sexual Contract*, 1988).
- Pavlik, J. V., (2008), *Media in the Digital Age*, Nova Iorque: Columbia University Press
- Payne, C. H., Jamison, K., & Snyder, G. (2018). "Caring for Children 2: Babysitting Basics". Virginia Tech.
- Pedroso, J., Patricia, B., (2008), "Mudam-se os tempos, muda-se a família. As mutações do acesso ao direito e à justiça de família e das crianças em Portugal", *Revista Crítica de Ciências Sociais*, vol.82, pp.53-83.
- Pessoa, C. T., Costa L. H. F. M., (2014) Constituição da identidade infantil: significações de mães por meio de narrativas, *Revista Quadrimestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional*, vol. 18 (3), pp.501-509
- Plowman, L., & Stephen, C. (2014) "Digital play". In L. Brooker, M. Blaise, & S. Edwards (Eds.), *The SAGE Handbook of Play and Learning in Early Childhood*, pp. 330-341. SAGE Publications Ltd. DOI: <https://doi.org/10.4135/9781473907850>

Pulla, V. & Carter, E. (2018). Employing Interpretivism in Social Work Research. *International Journal of Social Work and Human Services Practice*, vol. 6. No.1, pp. 9-14. DOI:10.13189/ijrh.2018.060102

Radich, J. (2013) Technology and interactive media as tools in early childhood programs serving children from birth through age 8, *Every Child*, vol.19 no.4, pp. 1-15. <https://search.informit.org/doi/10.3316/informit.728719428486158>

Rosa, A. M. (2011) Elementos para uma teoria dos novos media, *Caleidoscópio: Revista de Comunicação e Cultura*, (8), pp. 11–28.

Disponível em <http://revistas.ulusofona.pt/index.php/caleidoscopio/article/view/2307>

Rosa, A. M. (2012) “As origens históricas da Internet: uma comparação com a origem dos meios clássicos de comunicação ponto a ponto”, *Estudos em Comunicação*, nº11, pp. 95-123.

Sampaio, D., (1984) Terapia familiar sistémica: Um novo conceito, uma nova prática, *Acta Médica Portuguesa*, 5, pp. 67-70

Santinha, G., Marques, J., De Castro, E. A., (2006), “TIC e desenvolvimento regional: a necessidade de repensar a organização económica e social do território no contexto da sociedade da informação e do conhecimento”, *Revista Portuguesa de Estudos Regionais*, n.11

Saxbe, D., Graesch, A., Alvik, M., (2011) “Television as a Social or Solo Activity: Understanding Families’ Everyday Television Viewing Patterns”, *Communication Research Reports*, vol.28 no.2, pp. 180-189. DOI: 10.1080/08824096.2011.566104

Schiavoni, J. E. (2008), *Mídia: o papel das novas tecnologias na sociedade do conhecimento*, BOCC. Biblioteca Online de Ciências da Comunicação.

Silva, A. F., (2006), Os Meios de Comunicação Social enquanto elementos de regulação cultural – breve apontamento, *Biblioteca On-line de Ciências da Comunicação*.

Silva, P., Coelho, C., Fernandes, C., Viana, J., (2011) “Usos do computador magalhães entre a escola e a família: Notas de uma pesquisa sociológica”, VII Conferência Internacional de TIC na Educação, pp.1165-1179.

Silverstone, R., Osimo, D. (2005), Interview with Prof. Roger Silverstone, *Communication & Strategies*, nº 59, p. 101.

Torres, E. F., Mazzoni, A. A., Alves, J. B. M., (2002), “A acessibilidade à informação no espaço digital”, *Ciência da Informação*, vol.31, (3), pp. 83-91.

Tudge, J., Merçon-Vargas, E., Liang, Y., & Payir, A. (2016). The Importance of Urie Bronfenbrenner’s Bioecological Theory for Early Childhood Education. In L. E. Cohen, S. Waite-Stupiansky (Eds.), *Theories of Early Childhood Education: Developmental, Behaviorist, and Critical*, Nova Iorque: Routledge, pp. 45-57
<https://doi.org/10.4324/9781315641560>

Uhls, Y. T. (2015) *Media Moms & Digital Dads: A fact-not-fear approach to parenting the digital age*, Reino Unido: Taylor & Francis Group.

Urry, J., (1998), “The concept of society and the future of sociology”, *DANSKSOCIOLOGI*, pp. 30-41.

V. dos Anjos, R. A., Alonso, K. M., M. dos Anjos, A., (2018) Infância (des)conectada e a Psicopedagogia: o uso das tecnologias digitais na educação infantil e o impacto na aprendizagem, *EmRede- Revista de Educação a Distância*, vol. 5, n.1, pp. 183-196. DOI: <https://doi.org/10.53628/emrede.v5i1.291>

Valkenburg, P. M., Krcmar, M., Peeters A. L., Marseille N. M., (1999) Developing a scale to assess three styles of television mediation: “Instructive mediation,” “restrictive mediation,” and “social coviewing”, *Journal of Broadcasting & Electronic Media*, vol. 43 no.1, pp. 52-66, DOI:10.1080/08838159909364474
<http://dx.doi.org/10.1080/08838159909364474>

Wagner, A., Falcke D., Meza, E. B. D. (1997) Crenças e valores dos adolescentes acerca de família, casamento, separação e projetos de vida, *Psicologia: Reflexão e Crítica*, vol.10 (1), pp. 2-13.

Webster, F.,(2006), *Theories of the Information Society*, Londres: Routledge.

Weigel, D. J., (2008), “The Concept of Family”, *Journal of Family Issues*, vol.29 n.11, pp. 1426-1447.

Wempen, Faith (2011), *HTML5: Step by Step*, Microsoft Press.

ANEXOS

Formulário de Consentimento para participação no Estudo – Pais e Crianças

Título do Estudo:

Dispositivos digitais como os novos *babysitters*: mediação parental e práticas digitais em famílias com crianças dos 3 aos 6 anos

Investigador: Catarina Oliveira

Este formulário de consentimento incide sobre a sua participação e a de seu/sua filho/filha neste estudo.

Este estudo insere-se no processo de realização da dissertação para obtenção do grau de Mestre em Ciências da Comunicação na vertente de Internet e Novos Media, pela Faculdade de Ciências Humanas da Universidade Católica Portuguesa.

O mesmo estudo pretende compreender como decorrem os processos de mediação parental e se expressa o fenómeno de *babysitting* através de meios digitais na realidade atual. Nisto, o estudo pretende também conhecer a visão que pais e crianças possuem em relação aos meios digitais, os usos que fazem destes, as regras, preocupações e condicionantes a estes associadas, e o papel que desempenham na família e nas interações e relações entre os seus membros. A compreensão desta temática será realizada através de entrevistas.

Processo de entrevista: As entrevistas serão realizadas aos pais, e a crianças com idades compreendidas entre os 3-6, e decorrerão no espaço possibilitado, preferenciado pelos pais e acordado com a investigadora, podendo incluir o meio doméstico, espaços exteriores, plataformas online como o *Zoom*, entre outros.

A duração da entrevista apresenta-se como um fator que poderá ser impactado por condicionantes associadas ao contexto da mesma, nomeadamente limitações de tempo por parte da família, processos de interação, e a comunicação que é expressa. Contudo, verifica-se uma estimativa de maior duração de tempo sob as entrevistas realizadas aos pais, que poderão decorrer entre 20 minutos a 1 hora, enquanto as entrevistas realizadas às crianças poderão decorrer entre 5 a 10 minutos, aproximadamente.

A participação nas entrevistas poderá ser interrompida pelos pais a qualquer momento.

As entrevistas serão gravadas através de captação de áudio de modo a facilitar a transcrição da informação e o tratamento da mesma. Poderão ser ainda realizadas

anotações face ao tipo e à estrutura da família, local de residência, às idades dos pais e filho(s), escolaridade e profissão dos pais, ao meio familiar e ecossistema digital.

Estes dados são recolhidos e tratados para efeitos de investigação pela Universidade Católica Portuguesa, e serão armazenados de forma segura.

Se necessário, poderá também ocorrer recolha de imagem, captada no momento ou captada e enviada voluntariamente pelos pais, de modo a ilustrar o ecossistema digital da família. A captação de imagem terá em conta a proteção dos intervenientes, não sendo registados rostos. O nome dos participantes será codificado, modificado, de modo a proteger a identidade dos mesmos e o conteúdo recolhido em formato áudio será eliminado assim que realizada a transcrição.

As suas informações recolhidas em torno deste estudo serão mantidas em sigilo, anónimas e utilizadas apenas para fins de pesquisa, investigação científica, e âmbitos académicos.

Compreendo que as minhas palavras, e as do/a meu/inha filho/a possam ser citadas diretamente. Concordo que a investigadora possa publicar documentos que incluam estas citações, cuja identidade associada se apresenta em formato de código.

Assinatura do formulário de consentimento informado

Eu li (ou alguém me leu) este formulário e compreendo que estou a ser convidado(a), em conjunto com o/a meu/minha filho/a, a integrar este estudo. Reconheço que tive oportunidade de apresentar questões e que estas obtiveram resposta e esclarecimento satisfatórios. Concordo, de forma voluntária, em participar neste estudo, e assinto à participação do meu/minha filho/a no mesmo.

Não abdico de quaisquer direitos legais ao assinar este formulário. Receberei uma cópia deste formulário.

Nome

Assinatura

Data

Investigador

Esclareci o propósito do estudo e aquilo que envolve o seu processo de realização ao participante ou ao seu representante para requisitar a assinatura acima. Não há espaços em branco no documento. Uma cópia deste formulário foi entregue ao participante ou ao seu representante.

**Nome da pessoa que obteve o
consentimento**

**Assinatura da pessoa que obteve o
consentimento**

Data

Anexo B - Guião de entrevistas semiestruturadas aos Pais

1. Quais são os meios digitais que integram o seu local de habitação e seio familiar?
2. Quem usufrui de cada um destes meios digitais?
3. Com que finalidade são feitos estes usos? (entretenimento, trabalho, interação com familiares)
4. Os pais consideram possuir boas competências digitais?
5. Existe preferência dos pais face a que meio digital a(s) criança(s) usa(m)? A(s) criança(s) mostra(m) preferência?
 - 5.1 Que motivos pensa estarem por detrás de ambas as preferências?
6. Num contexto de pandemia, e situação de confinamento associada, verificaram-se alterações na gestão dos meios digitais no seu ambiente familiar e no uso destes? Se sim, de que forma?
7. O que faz(em) a(s) criança(s) em cada um dos meios digitais com que interage(m)? Que tipo de atividades mais pratica(m)?
 - 7.1 Onde usam os meios digitais?
8. Possui preocupações face ao uso dos meios digitais pela(s) criança(s)? Se sim, quais?
9. O uso dado aos meios digitais pela(s) criança(s) é regulado pelas figuras parentais? De que forma?
 - 9.1 São estabelecidas regras para o tipo e tempo de uso?
 - 9.2. A abordagem tida pelos pais para com o uso dos meios digitais pela(s) criança(s) é entendida como mais restritiva ou mais permissiva?
 - 9.3 Quando a(s) criança(s) não pode(m) brincar com os meios digitais têm alguma reação adversa a isso?
10. Os pais participam no momento de interação entre a(s) criança(s) e os meios digitais, utilizando-as em conjunto, ou utilizam outra abordagem não intervindo necessariamente de forma direta?

- 11.** Que critérios passam pela decisão de incentivar/disponibilizar determinados meios digitais à(s) criança(s)?
- 12.** Existem momentos em que a disponibilização de meios digitais à(s) criança(s) e o incentivo para o seu uso é maior? Se sim, em que contextos?
- 12.1** Recorre aos meios digitais como meio de auxílio para acalmar a(s) criança(s)? Porquê?
- 12.2** Recorre aos meios digitais como meio para entreter a(s) criança(s) enquanto se encontra ocupado/a com tarefas de teor profissional e/ou doméstico? Porquê?
- 12.3** Recorre aos meios digitais como meio para incentivar a(s) criança(s) a cumprir alguma ação, como por exemplo em situações de refeição? Porquê?
- 13.** Na atualidade, os meios digitais ganharam a conotação de *babysitters* em certas situações de interação com as crianças. Nomeadamente em situações onde se pretenda acalmar a criança e/ou entretê-la. Reconhece o potencial e a função de *babysitter* dos meios digitais no seu ambiente familiar?
- Caso resposta afirmativa: De que forma reconhece essa função no seu dia-a-dia no seu ambiente familiar?
 - Caso resposta negativa: Porque é que não considera esta uma realidade no seu dia-a-dia e ambiente familiar?

Anexo C- Guião de entrevistas semiestruturadas às crianças

*Este esboço de questões refere-se ao tablet como exemplo, mas será de igual forma referente a todos os outros meios digitais presentes em cada ambiente familiar (exceto a televisão que se enquadra noutra guião apresentado abaixo).

1. Brincas com o tablet?
2. Onde é que brincas com o tablet?
 - Na sala?
 - No teu quarto?
 - Na rua? /Fora de casa?
3. Quando é que brincas com o tablet?
 - Os teus pais deixam-te brincar com o tablet sempre que queres?
4. O que é que fazes no tablet? Brincas com o quê?
5. O que é que gostas mais de fazer no tablet? Porquê?
 - Qual é o jogo que gostas mais? Porquê?
6. Usas o tablet sozinho/a? Os teus pais estão ao pé de ti quando brincas com o tablet?
7. Os teus pais dizem-te coisas que podes e não podes fazer no tablet?

Guião de Entrevista: Televisão

1. Gostas de ver televisão? Porquê?
2. O que é que mais gostas de ver na televisão?
3. Onde é que vês televisão?
 - Na sala?
 - No teu quarto?
4. Quando é que vês televisão?
 - Os teus pais deixam-te ver televisão sempre que queres?
5. Vês televisão sozinho/a? Ou os teus pais veem contigo?
6. Os teus pais dizem o que podes ver na televisão? Há coisas que não podes ver?

Anexo D: Transcrição das Entrevistas

Família F1

Membros entrevistados: Mãe (F1m31), Filha (F1g6)

E: Quais é que são os meios digitais que têm em casa?

F1m31: Temos televisão, temos computadores, temos *iPad*...

F1g6 intervém: E normalmente são quase todos da mesma marca, menos a televisão que é *Samsung*.

E: Como é que são feitos os usos?

F1m31: Maioritariamente utilizamos a televisão para ver coisas mais genéricas tipo telejornal. Depois também vemos Netflix pela televisão. A (filha) F1g6 usa computador ou iPad, sendo que ela tem um iPad que é maioritariamente usado por ela, portanto é dela. E conteúdos dela, Netflix, essas plataformas, ou Disney...

F1g6 intervém: Não se vê mesmo nada muito de Youtube porque nem sequer se tem Youtube no iPad. Não é só desenhos animados, também temos o “*See Saw*” (projeto escolar da autoria de Sandy Albuquerque e Susana Marques).

F1m31: Mas isso são aplicações da escola, e (dirigindo-se à F1g6) não vês “bonecos” nessas aplicações.

E: Então no iPad ela tem aplicações da escola? Para estudar, fazer trabalhos?
(questão surgiu em sequência do comentário de F1g6)

F1m31: São duas aplicações específicas, ou seja, uma passam alguns trabalhos de casa e ela pode fazer diretamente naquela aplicação.

F1g6 adiciona: Ou eu posso ler no ‘*Reading room*’ ou no ‘*Level up*’ (ferramentas e aplicações).

E: Pais usam mais o quê e para quê? Por exemplo, usam mais para trabalhar o computador?

F1m31: Sim, é mais para trabalhar. Raramente usamos o computador para entretenimento, tipo ver Netflix, a não ser que um queira ver alguma coisa na televisão e

outro queira ver uma série, vai usar o computador como solução. Por exemplo, nós só temos uma televisão em casa que é a que está na sala, portanto se quisermos ver coisas diferentes, uma de nós, ou um de nós vai ter que usar outro equipamento para poder ver o que quer.

(...)

F1m31: Telemóvel também tem (referente a F1g6), lá está, as aplicações da escola também estão no meu telefone, e a Netflix ou Disney também estão no meu telefone.

F1g6 intervém: E também temos Disney dos nossos filmes favoritos e até antigos. Filmes clássicos. “*Kim Possible*” (desenho animado infantojuvenil), “*Um pouco loco*” (filme de animação ‘*Coco*’) ...

E: Mas isso vês onde? No iPad?

F1g6: Não. No telemóvel do pai ou na televisão.

F1m31: Nós estamos em Angola e a Disney não funciona aqui, portanto nós quando vamos a Lisboa descarregamos coisas por isso é que a F1g6 está a dizer que esse tipo de conteúdo só vê no telemóvel porque está descarregado no telemóvel.

E: Considera ter boas competências digitais?

F1m31: Sim.

E: Tem alguma preferência com que dispositivos a filha brinque? Prefere mais que ela brinque com um dispositivo do que outro?

F1m31: Não. Se tiver que ver televisão, por exemplo, se não for numa plataforma tipo Netflix ou Disney ela consegue mexer na televisão e pôr no canal que ela quer, mas normalmente usa sempre o iPad porque tem o código dela, é muito mais fácil de ela chegar lá sozinha, não precisa da nossa ajuda para fazer, é mais autónoma. O telemóvel também, ela consegue mexer sem precisar de ajuda. Mas por exemplo, pus *parental control* em todos os tipos de dispositivos, então a partir de uma certa hora, por exemplo, bloqueia. Para jogar na Nintendo, a F1g6 se estiver sozinha não consegue pôr a funcionar.

F1g6 intervém: Não, eu consigo. Se for só na Nintendo e não na televisão, eu consigo, porque na televisão preciso de ajuda para ligar os cabos, essas coisas todas.

F1m31: E tem um código.

F1g6: E eu sei o código! Fui eu que criei.

F1m31: O pai deu-te o código? (risos)

F1m31: Pronto, afinal aquilo que estou a dizer... (risos) (...) As coisas que eu estou a descobrir agora (risos)

F1g6: Dizia “carregue no mesmo botão” e escolhi (o código).

E: Acha, ou reconhece, que ela tem preferência por algum dispositivo específico?

F1m31: Sim, o iPad, porque é dela. Não tem que estar a pedir autorização para usar. Quer dizer, a F1g6 durante a semana não é normal usar o iPad a não ser que não tenha aulas ou seja feriado, etc. Mas por norma não usa durante a semana. E ao fim de semana ela não tem que pedir.

F1g6: Posso usar se for para ouvir assim... música. Ouvir música dá.

F1m31: Isso. Ela pede se pode utilizar, se pode ter aquele tempo dedicado ao iPad, não é se pode utilizar por não ser dela como o telemóvel, ela para usar o meu telefone tem que pedir autorização. Mas com o iPad à vontade, sim.

E: Com o contexto da pandemia houve diferenças na forma como gere os dispositivos em casa?

F1m31: Perante a pandemia ela esteve basicamente em autogestão. Estávamos os dois a trabalhar, portanto ela passava o dia inteiro, para estar entretida... nós estávamos a trabalhar, em reuniões etc, então ou era televisão ou era iPad, mas estava sempre entretida com alguma coisa. Lá está, um babá virtual, sem tirar nem pôr. Agora que retomámos a normalidade não é o mesmo tempo que ela tem de ecrã, mas mesmo assim ao fim de semana, se não fizermos nada... por exemplo agora é época fria, portanto durante o fim de semana não há nada para fazer, quando está calor nós vamos para a praia e passamos o dia na praia. E, portanto, aí ela não tem. Agora, que ainda está frio, ela passa muito mais tempo a mexer no telefone, ou no iPad, ou a ler, mas tem sempre aquele suporte de dispositivo virtual, sim, sem sombra de dúvida.

F1g6: Eu não ligo mesmo ao telemóvel, tipo eu estou de fones, eu às vezes bloqueio (o telemóvel) ponho no *play* e fico só a ouvir. Uma vez ouvi *Carmen Sandiego* (série de desenho animado, Netflix) enquanto estava a andar de *overboard*.

E: Que tipo de atividades mais pratica nos meios digitais que usa?

F1m31: Alguns jogos mais construtivos, aqueles tipo quebra-cabeças... tem tipo *Tetris*...

F1g6 intervém: Eu tenho um quebra-cabeças de “salva mundo”, andei a jogar muito esse jogo à hora do almoço. É assim, ou tu só tens de matar um vilão ou tu tens de salvar... de matar um vilão para salvar uma rapariga no jogo. Mas se tu errares com a rapariga... *restart*.

F1m31: Também tem xadrez...

F1g6: Tenho o *chess*. Posso jogar xadrez solo, xadrez com um computador, ou escolher adversários que também jogam *chess*. É o nome do jogo.

E: Então a F1g6 gosta desses jogos que são mais estimulantes, para exercitar a cabeça? (questão acrescentada em contexto)

F1m31: Claro que nós também fomentamos um bocado disso, portanto coisas que são só “palhaçada”...que ela não tire nada disso... nem instalamos, nem gostamos que ela veja. Se é para estar ali, pelo menos que retire alguma coisa boa do tempo que está ali “investido” (F1m31 sublinhou entre aspas).

F1m31: E também usa muito o iPad para ouvir música, também tem *Spotify*. Usa o iPad como se fosse um ‘*disc jockey*’ ou um iPod. Ela põe a música que quer e pronto, o iPad está ali... (...) portanto não é mau de todo.

F1g6: Não é mau de todo. O único problema é que eu às vezes troco... porque a *playlist* ‘é *mix*’ e eu não sei que música vai calhar, por isso eu gosto mais de ficar na *playlist* onde eu gosto mais e que não seja *mix*.

E: Possui preocupações face aos usos da F1g6 dos meios digitais? Se sim, quais?

F1m31: Em termos de absorção das coisas que ela vê, eu noto que se ela estiver mais tempo do que é suposto fica muito mais irritadiça, muito mais desobediente, muito menos atenta àquilo que se lhe diz por causa do tempo que esteve em contacto de um dispositivo.

Portanto, o que eu tento fazer sempre, ou que tentamos fazer sempre, é minimizar e diminuir o tempo que ela tem de ecrã, o que às vezes não é fácil. Lá está, se formos para um fim de semana não sei onde, se houver poucas crianças, se calhar ela não está tão entretida, há muitos adultos, etc... vai usar mais tempo o iPad. Ou se nós estivermos aqui a ver um filme e se o filme for 1h:30/2h, ela provavelmente não vai estar aqui o tempo todo sem fazer nada. Eu tento balancear. Ela vai ver dois episódios dela, mas logo a seguir eu vou-lhe dizer “já chega de iPad, vai ler um livro, vai fazer um desenho, vai andar de bicicleta” ...tentar sempre dosear o tempo de ecrã. O que nem sempre é fácil. Muitas das vezes nós também queremos *timeout* e, portanto... pegar no iPad para entreter.

E: Sente que nesse momento de tirada dos dispositivos há alguma reação da parte de Flg6?

F1m31: Ontem ou anteontem, eu disse-lhe ‘chega de iPad vai para a cama’, respondeu “mas eu só quero mais 1 episódio” (...) estava a ficar sem bateria e queria carregar o iPad para acabar de ver. E eu disse-lhe que não. Foi ali uma negociação chata porque ela não queria.

Flg6 (intervém): Eu decidi esperar até amanhã para acabar o episódio. Muitas das vezes faço isso e depois já dou conta quando é mais ou menos meia-noite.

F1m31: Mas, por regra não. É “já chega, já chega, acabou”.

E: Já mencionou a questão do controlo parental. Para além disso, existem mais regulações aplicadas?

F1m31: Sim. O iPad da Flg6 é mesmo para crianças, portanto ela não consegue descarregar na *apple store* sem nós. Porque ela não tem Safari, portanto ela não tem nenhum motor de busca em que pode ir sozinha à internet pesquisar o que quer que seja porque não há. Não tem Youtube, nem Kids nem nada, porque nós tirámos isso. Portanto, isto são barreiras, são seguranças, são mecanismos de segurança que os pais têm para minimizar ao máximo esses riscos. “*Darkwebs*”, e conteúdos que não são próprios e etc. Assim é um bocadinho mais seguro quando tens simplesmente a Netflix, que à partida não tens nada que seja assim muito escabroso como se deixares uma criança a fazer uma pesquisa sozinha no Youtube, se calhar vai encontrar coisas... aquelas músicas do *BabyShark*, por exemplo, na altura... (...) se deixares as crianças a fazer esse scroll vais encontrar músicas do *BabyShark* em que a Minnie está a decapitar o Pateta. Eu já vi isso

e a música continua animadíssima. Portanto é um bocado assustador. Mas sim, tentamos fazer isso e tentar perceber o que está a ver.

F1g6: Mas eu nem sequer quero Youtube.

F1m31: E às vezes também há conteúdos que podem não ser agressivos para alguns pais e que para outros são, por exemplo se tem muitos tiros ou os diálogos dos próprios desenhos animados não fazem sentido nós também pedimos para mudar. É como o *Disney Channel* que tem mais séries com pessoas, com humanos, há vezes em que há coisas que não são para a idade dela. A F1g6 tem 6 e há umas que são já pré-adolescentes ou adolescentes e o diálogo e aquilo que eles façam...

F1g6: É por isso que às vezes eu desprezo aquilo como o *Kikiwaka* (programa de televisão, *Disney Channel*) às vezes é um bocadinho aborrecido por isso desprezo isso, carrego no botão de desligar e vou agarrar o iPad.

E: Escolhe as aplicações, faz o *download* daquilo que ela pode ter?

F1m31: Sim, nós escolhemos. As que estão são as que nós achamos que fazem sentido.

E: Considera a sua abordagem mais permissiva ou mais restritiva?

F1m31: Não somos *freak controls*, eu acho que somos moderados. Ela pode usar com alguma regra, mas sim, mas usa. Não somos aqueles fundamentalistas “ah não as crianças não deviam usar... e só usam tecnologias quando tiverem 15 anos”, não.

F1g6: Mas vai ter de dar telemóvel a sério... a uma criança de 6 a 7 anos não, já para lá dos 18 já. Mas o iPad já é uma coisa melhor é um ecrã pequenino, não tem um ecrã gigante e também projeta pouca luz.

F1m31: Nem dá para evitar o contacto porque até na escola eles têm, há dias específicos em que estão ali durante 40 minutos ou 1h, em que é tudo feito com um computador ou com um iPad. Portanto já é uma educação mais tecnológica.

F1g6: Também há aplicações que parecem chatas a julgar pela capa, mas eu achei divertidas. Encontrei aqui (no iPad) uma que se chama Clips o *iMovie*.

F1m31: A F1g6 adora editar coisas.

F1g6: Fiz uma curta-metragem de um filme. Mais ou menos de terror.

F1m31: Ela adora fotografias. E descobriu o *iMovie* então faz montagens, faz diálogo.

E: Quando usa os meios digitais, está acompanhada? Os pais veem com ela?

F1m31: Depende do momento. Ela pode estar a ver o iPad ao nosso lado. Às vezes com som outras vezes com os fones.

F1g6: Para não fazer barulho. Eu quero ouvir alto.

F1m31: Mas depende. Foi sábado ou domingo, vimos os 3 (pai, mãe, filha) filmes, alugámos um filme aqui na televisão e vimos.

E: Existem critérios que incentivem o usos dos meios digitais?

F1m31: Não somos fundamentalistas, portanto se nós até temos à nossa disposição e costumamos usar... eu também tenho o meu tempo em que estou aqui, mas estou se calhar a fazer *scroll* no *Instagram*, portanto, até porque a F1g6 já não é assim tão pequenina para impedir ou proibir que ela mexa no iPad. Também não é que eu esteja aqui todos os dias “toma lá”, mas também não faço o contrário do género “nunca mais tocas no iPad”. Mas há dias específicos, durante a semana ela não usa o iPad e isso é uma regra, não usa. De noite, às vezes ou lê, ou em vez de ler ouve uma história no *Spotify*, mas a história está a “rolar” e o *Spotify* está desligado, a história acaba ela vai dormir. Ela é obediente, é 1 história é 1 história.

E: Existem momentos em que sinta maior necessidade de lhe disponibilizar os meios digitais? Por exemplo, situações em que sinta necessidade de a acalmar, ou quando está ocupada.

F1m31: Não. Acontece mais se estivermos num contexto fora de casa. A F1g6 participa nas tarefas de casa, põe a mesa, vai limpar a cozinha, faz o pequeno-almoço.

F1g6: Às vezes faço o pequeno-almoço sozinha.

F1m31: É mais se formos jantar fora. Estamos ali, há um momento em que estamos todos a confraternizar, mas queremos conversar porque há mais pessoas... e ninguém está a focar a atenção toda nela, então para não estar sempre ou levantada ou a interromper etc, vê um bocadinho dos bonecos, fica sossegada durante um bocadinho e nós temos um

jantar mais tranquilo. Agora isso não é solução dentro de casa, do género “agora não te quero aturar, não me apetece, toma o iPad”.

E: Mesmo em situações em que possa estar atenta na mesma, mas está ocupada com algo?

F1m31: Não. Nunca é uma exposição só porque não quero que ela participe. Ela participa. E muitas vezes se calhar prefiro que ela não esteja a usar o iPad para participar. “Põe a mesa, tira a mesa, vem ajudar-me a arrumar a cozinha, vai arrumar o teu quarto...” essas coisas todas. É mais assim do que ao contrário, do que eu querer fazer tudo sozinha e dar-lhe o iPad para pronto desanuviar.

E: Quando é que a F1g6 começou a usar os meios digitais? Quando é que começaram a introduzi-los? Com que idade? (questão acrescentada em contexto)

F1m31: O iPad dela foi para aí em 2020. Portanto, tinha 5. Antes disso tinha algum contacto com muitas coisas, mas através ou do telefone, estávamos fora de casa, ou a televisão em casa. E quando era mais pequenina nem se comparava o tempo que ela tinha de ecrã sequer, era às vezes na rua para ajudar a comer, ou se estivéssemos por exemplo na casa dos avós e estava a fazer uma birra para comer. Claro as crianças quando têm muito público são terroríficos, então “olha aqui o *BabyShark*”... era mais por aí. Mas o iPad é recente, antes para distrair era a televisão. Muito *BabyTv*, aquelas músicas todas tinha que as saber de cor.

F1g6 intervém: Mas agora quando vou a casa (de um amigo) e está a ver *BabyTv* e estamos a comer, a única coisa que posso fazer é esperar que mudem de canal para tipo o Disney Junior. Já não é bem para a minha idade. Mas também dá para mim.

F1m31: Antes usava muito menos (meios digitais), por não saber mexer. Quer dizer, dás um telefone a uma criança de 2 ou 3 anos, o mais provável é que ele esteja a cair de 5 em 5 minutos. E também não sabe manusear tão bem, nem mexer nas coisas. Tu também não dás, e sabes que o cérebro também se está a construir, não vais deixar a criança 3 horas ali focada. Agora, a F1g6 se estiver a ver 2 filmes e mais 1 série e 1 jogo, não é uma coisa que me choque se ela estiver 2h ou 3h num fim de semana a ver. Quando acho que é demais, ou quando começo a perceber que se calhar a exposição já está a deixá-la mais irritada, em que tu fazes uma pergunta e ela já te responde como se estivesse a falar com

o colega da escola, é um alerta para mim, é tipo “não. Desliga, vais desligar o iPad. Chega”. E também é fácil, eu digo “chega” e ela desliga o iPad e acabou e vai fazer outra coisa qualquer.

E: Quando ela era mais nova, por não saber manusear, considera que corria mais riscos ou menos do que agora? (questão acrescentada em contexto)

F1m31: Não, acho que aquilo que ouvem não os está a estimular da mesma maneira como agora. A F1g6 agora anda obcecada por uma série da Netflix que se chama “*Who Was*” e eles abordam e falam de várias pessoas que tiveram impacto no mundo, Marie Curie, Ghandi... Houve imensas coisas que ela chega assim do nada e começa “sabes quem foi?”. Eu cheguei a casa e ela disse “sabes que as mulheres não podiam votar? As mulheres nem sequer usavam calças”. Há coisas que ela aprende e que do nada começa a contar e tu ficas assim a olhar para ela a pensar “de onde é que vem isto?”. E é nesses momentos que tu também pensas bem, então não há só coisas más que advêm daí. Também há conteúdo que é interessante e que eles vão absorvendo. Não aprende só connosco nem na escola, mas também pode aprender com aquilo que vê, com o conteúdo que explora e etc. Mas há cada vez mais esse tipo de conteúdo que eu também acho interessante. Há esse e há o *Sherman Show (Mr. Peabody e Sherman*, Netflix) que ensinam coisas que parece que estás ali a levar com uma *lecture* porque aprendem mesmo, e coisas que tu se calhar não te lembras, e a guerra de Aljubarrota...

F1g6 intervém: A Revolução francesa.

F1m31: Uma vez chegou a falar até de George Washington.

F1g6: E também existiu George Washington Carver.

F1m31: Depois ficas “ah, isto é interessante”, e se for preciso ela está a debitar coisas que já nem te lembras ou que nem sequer soubeste. Pronto, também é bom.

E: Considera que os meios digitais possam atuar como *babysitters* no seu meio familiar? Porquê?

F1m31: Sim. Em contextos que façam sentido e que de facto nos venha ajudar a lidar com alguma situação. Não é absolutamente a solução, porque eu acho que as crianças não devem estar entregues aos dispositivos eletrónicos, mas, muitas das vezes é uma ajuda,

sim. Mas lá esta, temos que saber usar o que temos ao nosso dispor com peso e medida. Não é a solução para todos os problemas, mas em muitos contextos, de facto, ajuda.

Entrevista a Filha F1g6

E: Brincas com o iPad?

F1g6: Sim.

E: Onde é que brincas com o iPad?

F1g6: Em casa.

E: Brincas também com o iPad na rua?

F1g6: Às vezes quando quero gravar uns vídeos, fotos para recordar... ou às vezes quando o pai leva o telemóvel para esses sítios ou a mãe, uso.

E: Quando é que brincas com o iPad? Quando é que podes brincar com o iPad?

F1g6: Ao fim de semana e à sexta-feira. Já ao fim da tarde, depois da escola posso usar enquanto como, ouço uma musiquinha.

E: Mas podes brincar depois de fazeres os trabalhos de casa, à sexta-feira, é isso? Ou quando vens da escola?

F1g6: Quando venho da escola, mas só à sexta-feira.

E: O que é que fazes no teu iPad? Já sei que editas vídeos, e mais?

F1g6: Eu também às vezes faço filmes com os meus *pinipons*. Também brinco com o meu bebé.

F1m31 intervém: Usas o iPad para fazer o quê, tudo o que tu fazes no iPad.

F1g6: Também jogo xadrez, solo, não tenho computador adversário. Também tento fazer questões de equilíbrio com caixas e tenho que pôr até ao teto da casa. Também tenho aqueles de formas geométricas chinesas, também uso. E descubro palavras cruzadas, muito giras, até ficam coloridas.

E: De tudo o que disseste, qual gostas mais?

F1g6: Disso tudo, jogar *chess*. Porque também vai ensinando os golpes do xadrez, mais ou menos porque eu sei poucas.

F1m31: As táticas.

F1g6: Sim, as táticas. É porque tem vários níveis, amigável, desafio, astuto. Astuto é aquele que tem ferramentas, ajuda-me a jogar, ajuda mais. Diz mesmo que venceste por xeque-mate, procura por erros, asneiras, ou vitória desperdiçada.

E: Quando estás a brincar com o iPad estás sozinha? Ou os pais estão ao pé?

F1g6: Estou no meu quarto, ou estamos aqui os 3, às vezes vou à cozinha quando estou a comer e distraio-me (risos).

E: Os pais dizem o que podes fazer no iPad e o que não podes fazer? Podes fazer tudo?

F1g6: Tudo. Tudo menos as outras aplicações que eu ainda não uso, eu às vezes só dou assim uma espreitadela para ver o que se faz na aplicação.

--

E: Gostas de ver televisão?

F1g6: Sim.

E: Porquê?

F1g6: Às vezes tu não tens uma coisa que precisas para fazeres outra coisa para além da televisão, às vezes não tens folhas para pintar...

F1m31 intervém: Não tens folhas para pintar?

F1g6: Acontece às vezes.

F1m31: Não sei onde é que acontece... aqui tens resmas de folhas (risos)

F1g6: Acontece, ou eu não encontro o afia, isso acontece muitas vezes, para eu afiar os meus lápis (risos)

E: E então aí vais ver televisão.

F1g6: Coisa que não gosto é ficar muito silêncio enquanto estou a comer.

E: Então ligas a televisão?

F1g6: Não gosto de ficar silêncio... então ligo a televisão, ponho uma musiquinha e depois começo a comer.

E: O que é que mais gostas de ver na televisão?

F1g6: *Netflix* e *Disney Channel*, principalmente porque é o único canal em que eu tenho acesso sozinha (...) Gosto de ver no iPad.

E: Gostas mais de ver no iPad do que na televisão?

F1g6: Sim. Ecrã mais pequeno, dá para dirigir a luz. Quando vou aos desenhos animados, tenho lá um nível de luz, tipo à noite por causa dos olhos, baixo a luz e vejo. Ou de dia, que às vezes fica um bocadinho escuro, e eu preciso de luz, aumento.

E: Onde é que vês televisão?

F1g6: É mesmo só na sala. Porque ela é pesada demais para remover.

E: Quando é que vês televisão?

F1g6: Fim de semana, porque não tenho música, não tenho canais de música.

E: Podes ver tudo na televisão ou há coisas que os pais dizem que não podes ver?

F1g6: Não, eu não gosto do resto dos canais. Só consigo encontrar canais para adultos. Por isso é que tenho sempre de manter o meu (número do canal que gosta) de cor na cabecita para ver.

F1m31 adiciona: Mas basicamente porque não pomos nem vemos conteúdos que tu não possas assistir quando se está na sala. Filmes que já sabemos que são mais violentos, nem sequer vemos se ela estiver aqui.

Família F2

Membros entrevistados: Mãe (F2m38) e Filha (F2g6)

E: Quais são os meios digitais que têm?

F2m38: Computador, tablet e telemóvel.

E: Quem usa os meios digitais?

F2m38: Computador é só usado por nós, adultos. A mais pequena usa o tablet e o telemóvel.

E: Como são feitos os usos?

F2m38: O computador é mais em termos de trabalho, alguns trabalhos que a gente tenha que fazer. É mais por aí. Até porque a gente também realmente não usa muito. Não usámos muito, no nosso trabalho não é muito usado. Em termos da F2g6 para já não tem qualquer trabalho efetuado no computador, pelo menos para já, uma vez que ela este ano é que vai para a primária.

E: Considera ter boas competências digitais?

F2m38: Sim, acho que sim.

E: Tem preferência sobre os meios digitais que a filha utilize?

F2m38: Eu por um lado preferia que ela não utilizasse nada, acho que ainda é muito nova. Até porque ela usa tablet mais para diversão, não é sequer para estudar. É mais apenas para passar um bocadinho o tempo. Os temas que ela vê pronto, é mais, Youtube e jogos. Para já o uso que ela faz do tablet é esse, não é para mais nada, é simplesmente isso.

E: Dos meios que a filha utiliza qual acha que prefere?

F2m38: O tablet. É o preferido dela. Apesar de ela ter um telefone, mas é mesmo só para jogar, só tem jogos, não é telefone, ela não usa o telefone para fazer chamadas.

F2g6 intervém: Porque eu também não sei fazer chamadas.

F2m38: É muito pequenina. E então é mais por aí. Mas sim. Mas ela prefere sempre o tablet. O tablet é melhor...

F2g6 intervém: Tem mais jogos.

E: Com que idade começou a usar? (questão acrescentada em contexto)

F2m38: Aos 4, talvez. Pois, não sei, mas acho que por volta dos 4 anos. Até porque eles agora acho que nascem e já sabem mexer. Eu vejo pela minha fila, a pequenina (a mais nova, de 13 meses), que sempre que nos vê com o telemóvel na mão também quer.

F2g6: A minha irmã já sabe até ligar o telemóvel.

F2m38: Portanto, ela já gosta de mexer, sim. Se eu deixar à vontade ela já consegue. E eu não lhe ensinei nada, portanto.

E: Com o contexto da situação de pandemia, houve alterações nos usos dos meios digitais?

F2m38: Sim. Acabou por ser mais um refúgio em que a gente conseguia ocupá-los em algum tempo, ou a maior parte do tempo, porque se eu deixasse a minha filha estava 24h sob 24h agarrada ao tablet se fosse preciso, vá lá que acaba-se a bateria, portanto não dá. Mas por ela, sim, eu noto. Eu tento evitar. Agora pronto, estivemos de férias, entretanto agora com isto do Covid estamos em casa. Mas por norma só deixo ver ao fim de semana agora. Porque eu noto que se ela estiver muito tempo no tablet...

F2g6 intervém: Habituo-me.

F2m38: Ela fica um bocadinho... fica muito ativa, digamos.

E: Tentam dosear, então.

F2m38: Sim sim, principalmente à noite. À noite tento evitar que ela esteja com o tablet porque a desperta. Mas pronto, por norma durante tempos de escola é só ao fim de semana e sexta-feira.

F2g6 intervém: Depende da bateria.

E: Que atividades realiza?

F2m38: Vê vídeos no Youtube, aqueles que vão lá aparecendo e ela acha mais piada. Portanto, não há nenhum... acho que não há nada assim especial.

E: Onde é que são feitos os usos?

F2m38: Ela por norma está sempre ao pé de nós.

F2g6: E às vezes quando a (irmã) dorme aqui (sala de estar) eu vou para o quarto.

E: Tem preocupações em relação aos usos que F2g6 faz?

F2m38: Para já não, porque ela não sabe fazer pesquisas. E, portanto, como não sabe fazer pesquisas para já não me preocupo, irá preocupar quando ela começar a realmente saber fazer pesquisas e escrever, aí sim, para já não. Mas provavelmente sim, irá ser...

até porque ela sempre que está no tablet estou por perto, portanto consigo sempre mais ou menos controlar, mas para já não me preocupa.

E: Coloca algum tipo de regras?

F2m38: Não, porque ela basicamente vê sempre a mesma coisa, e o que ela vê é mesmo de crianças, é vídeos a fazer “tonterias”. Não é nada assim de violento nem nada, portanto não é preocupante para já.

E: Considera a sua abordagem mais permissiva ou restritiva?

F2m38: Permissiva.

E: Há alguma reação da parte de F2g6 quando não pode usar os meios digitais?

F2m38: Sim. Faz logo birra e diz que quer ver e “porque é que não pode ver?” e “só mais um bocadinho”, e tenta insistir mesmo até à exaustão. Realmente o tablet faz ficar mais agitada.

E: Os pais participam no momento de interação com meios digitais?

F2m38: Não, isso não. Só às vezes quando ela está a jogar, que ela pede ajuda ou isso, mas de resto não.

E: O que considera que a fez disponibilizar os meios digitais às crianças?

F2m38: Com a idade que ela começou, não foi algo para o desenvolvimento deles, mas sim algo que acaba por ser para os pais e a verdade é, um refúgio. Ou seja, uma distração para eles e um entretenimento, que é mais por aí. Porque a nível de desenvolvimento... ou seja, porque é assim, eles estão a ver ali o mesmo que poderiam ver também na televisão, ou é desenhos animados ou é jogar, portanto, eu não vejo aí que eles vão buscar grande desenvolvimento. Poderão ir buscar algum, mas não propriamente na totalidade.

E: Sente que existem momentos específicos, em que sente mais essa necessidade de lhe (F2g6) dar os meios digitais?

F2m38: Ela por exemplo, se estiver naqueles dias em que está mais “pica-miolas”... isto seja, porque ela pede sempre, ela mesmo sabendo que não tem direito a ver, ela mesmo assim insiste e persiste, pronto, e às vezes acabamos por realmente de ela tanto insistir, lhe dar, não será para acalmar mas pelo facto da insistência dela.

E: E em casos de os pais estarem ocupados?

F2m38: Não, ela tem outras coisas que ela pode... ou seja, algumas vezes que funciona, realmente sim, quer dizer, eu quero fazer alguma coisa, sim realmente funciona e ela acaba por ficar, mas nem sempre isso acontece.

E: E em momentos de refeição?

F2m38: Isso nunca fizemos, também nunca foi necessário. Acredito que há pais que sim, que acho que é as únicas opções, e conheço pais que sim, para as crianças comerem têm que estar a usar ou o telemóvel ou o tablet, isso sim, há pais que sim. Neste caso, tanto de uma como de outra, não é o caso, com a mais pequenina também ainda não sei o futuro, mas para já não, não é necessário.

E: Os meios digitais são utilizados fora de casa?

F2m38: Fora de casa, não. Até porque a gente não dá hipótese porque a gente nem sequer leva o tablet atrás seja onde nós formos. É assim, se formos de férias... se formos de férias para casa da avó... uma vez com dificuldade que não tínhamos internet, não tínhamos nada lá, pronto tinha uns jogos e conseguia (F2g6) jogar no tablet, pronto. Aí sim, mas agora se sairmos a algum lado, para casa dos amigos, se formos dar um passeio, não, isso não, não levo. Ela tenta, ela às vezes tenta... “quero ver o telemóvel”, mas não, principalmente porque ela sabe que no meu telemóvel não mexe. Às vezes tenta dizer assim “deixa-me só ver as fotografias”, e depois “posso jogar um bocadinho?” ... tenta sempre arranjar ali... mas é uma coisa que evito que isso aconteça.

E: Considera que os meios digitais atuam como *babysitters* no seu meio familiar?

F2m38: Às vezes isso pode acontecer, sim, outras vezes não. Depende daquilo que nós vamos fazer, se vamos demorar mais, se vamos demorar menos, se ela realmente vai estar mais concentrada no tablet, que vai, que é obvio que vai, sabemos que sim. Mas por vezes também pedimos-lhe a ela um bocadinho de apoio quando a irmã está acordada, que ela dê um olhinho pela irmã, e quando é para dar um olhinho pela irmã a gente não a pode deixar ver o tablet, porque se ela está a ver o tablet não toma conta da irmã.

E: Então reconhece o termo *babysitter* como uma realidade?

F2m38: Sim, acaba por em parte ser sim, acaba por ter sim, acho que sim. Concordo nisso.
No geral, sim.

Entrevista Filha (F2g6)

E: Gostas de brincar com o tablet?

F2g6: Sim.

E: Onde é que costumavas brincar com o tablet?

F2g6: Às vezes na sala, outras vezes no quarto.

E: Quando é que brincas com o tablet?

F2g6: Quando eu começo a ver o tablet depois do almoço e depois é que acaba a bateria, depois passa um bocadinho de tempo enquanto eu vejo televisão e depois dá-me a vontade de ir brincar e vou brincar.

F2m38 intervém: Mas podes ver sempre, ou tens condições para ver o tablet?

F2g6: Não. Não vejo sempre.

E: Vês mais quando?

F2g6: Vejo mais no fim de semana.

E: O que é que fazes no tablet? Brincas com o quê?

F2g6: Às vezes jogo, outras vezes vejo videoclips.

E: O que é que gostas mais de fazer no tablet?

F2g6: Gosto mais de ver.

E: O que é que gostas mais de ver no tablet?

F2g6: O Youtube, e às vezes alguns filmes animados.

E: Quando usas o tablet estás sozinha ou os teus pais estão ao pé de ti?

F2g6: Eles estão ao pé de mim, mas só que estão a fazer outra coisa.

E: Os teus pais dizem-te coisas que não podes fazer no tablet, ou podes fazer tudo?

F2g6: Às vezes eles dizem só para eu jogar.

--

E: Gostas de ver televisão?

F2g6: Gosto.

E: O que gostas mais de ver na televisão?

F2g6: Eu gosto de ver filmes.

E: Vês televisão onde?

F2g6: Na sala, às vezes no quarto.

F2m38 intervém: No quarto dos brinquedos.

E: Quando podes ver televisão?

F2g6: Posso ver mais quando eu chego da escola, ou quando estou a comer o pequeno-almoço e às vezes durante o dia, mas aí vejo bonecos. Só no fim de semana é que às vezes vejo um bocadinho de Youtube na televisão às vezes, mas gosto mais de ver coisas no tablet.

E: Vês televisão com pais, sozinha?

F2g6: Às vezes o papá, ou a minha mãe, às vezes eles vão para o pé de mim ver bonecos.

E: Na televisão há coisas que não podes ver?

F2g6: Às vezes há o Youtube que eu não posso ver, só durante o fim de semana é que eu posso ver.

E: Mas podes ver todos os canais?

F2g6: Todos todos sem ser o Youtube posso.

--

E: Gostas de brincar com o telemóvel?

F2g6: Sim.

E: O que é que fazes no teu telemóvel?

F2g6: Bem, por acaso, eu jogo mais no meu telemóvel. Eu não vejo assim tanto o Youtube no telemóvel.

E: Tiras fotos, brincas com as fotos? (questão adicionada em torno do contexto)

F2g6: Bem, eu não consigo brincar muito bem com as fotos porque nas minhas fotos não tem os “*plushies*”.

F2m38 **intervém**: Ela está a falar porque no meu telemóvel tenho uns bonequinhos então ela tira fotografias com bonecos, com bigodes, pronto.

F2g6: Mas eu no meu telemóvel não tenho.

F2m38: O dela não tem, pronto. O telemóvel é mais antigo, não tem.

E: Usas o teu telemóvel sempre que queres?

F2g6: Não é bem assim. Às vezes eu vejo quando a bateria acaba do *telemóvel* eu vejo um bocadinho do telemóvel.

F2m38 **intervém**: Quando a bateria do *tablet* acaba.

F2g6: Sim. E quando o tablet não tem, quando eu quero ver e peço e os meus pais deixam e o tablet não tem (bateria) eu vejo o telemóvel, ou jogo no telemóvel.

Família F3

Membros entrevistados: Mãe (F3m35), Filho (F3b6)

E: Quais são os meios digitais que têm em casa?

F3m35: A gente tem telemóvel e tem um computador que é da escola.

E: Quem usa os meios digitais?

F3m35: O computador são as crianças, e os telemóveis os meninos têm e a gente também tem.

E: Eles têm telemóveis próprios? (questão adicionada com o contexto)

F3m35: Sim, só ele (F3b6) é que não, a menina de 11 e o de 9 têm também.

E: Os usos que fazem são em que sentido?

F3m35: A menina e o do meio (filho de 9 anos) eles usam (o computador) para fazer trabalho da escola, foi fornecido pela escola mesmo. Eles não usam para brincar. Para brincar têm um tablet, é, eles usam o tablet, têm um tablet em que eles gostam de jogar e no telemóvel também.

E: Eles têm um tablet para todos? Dividem? (questão adicionada com o contexto)

F3m35: Sim, para dividir entre eles.

E: Sente à-vontade com os meios digitais?

F3m35: Sim, no Facebook (risos), no Instagram.

E: Os pais fazem uso em que sentido?

F3m35: De vez em quando a gente vê algumas coisas no Youtube, mas é o meu esposo, eu não tenho muito tempo (risos). Mas a televisão, a gente gosta de ver filmes e essas coisas.

E: Tem preferência que eles usem algum meio digital específico?

F3m35: Eu gosto mais que eles utilizem a **televisão** porque o tablet fica meio no olho, ali, acho que prejudica mais a visão, mas eles *amam* tablet, amam ficar no telemóvel. Eles gostam muito de estar ali com o telemóvel, eu gosto mais de televisão porque eu acho que fica muito perto da visão, o tablet e o telemóvel, mas eles gostam mais.

E: Eles preferem o tablet e o telemóvel?

F3m35: Sim, eles preferem o tablet e o telemóvel. Eu prefiro a televisão.

E: Porque é que acha que preferem o tablet e o telemóvel?

F3m35: Porque tem mais meios de jogos... tem ali o Youtube, que eles vêm vários vídeos. A televisão você coloca ali tem uma coisa específica, agora lá não, você vai colocando e

vai surgindo montes de filmes. É, o Youtube coloca lá e tem várias atrações, agora a televisão não, a televisão é só aquilo e pronto. Por isso é que eles preferem mais os tablets e o celular.

E: No contexto da situação de pandemia, sente que os usos mudaram?

F3m35: A gente usava mais por causa das aulas *online*, a gente usava bastante. A gente usou bem mais, principalmente os computadores que foram fornecidos por eles (escola), a gente usou bem mais por causa das aulas e agora não. Agora fica mais aguardado. De vez em quando eles pegam para fazer um trabalho, outro, da escola, mas na pandemia a gente usou bastante. Telemóvel também, para as aulas. Tinha vezes em que a menina estava no quarto, outro estava noutro quarto tendo aula e ele (F3b6) estava aqui na sala, tudo ao mesmo tempo, tinha que colocar um em cada cómodo senão misturava as aulas.

E: Onde são feitos os usos? Veem televisão só aqui na sala?

F3m35: Não, eles têm no quarto deles, têm.

E: O que é que eles gostam de fazer nos meio digitais que usam?

F3m35: Os meninos gostam de assistir futebol, a menina gosta de assistir uma série que eu não sei, de adolescente... e os meninos gostam de... jogar um negócio de futebol, construir casinha, é isso.

F3b6 intervém: ‘*Craftsman4*’ (videojogo de construção). É um jogo de montar casas.

F3m35: **Eles gostam muito de também assistir umas coisas no Youtube, eu não sei o nome...mas, eles gostam muito de Youtube também, gostam muito de estar ali... às vezes eles colocam Youtube na televisão que dá... também, e ficam assistindo na televisão. É o que eles gostam... os meninos gostam mais de jogar, a menina gosta mais de assistir um seriado,** que eu não sei o nome do seriado que ela assiste, mas ela gosta de ficar, tem vezes que ela fica até de madrugada, agora nas férias, 1h da manhã às vezes ela está assistindo essa série... (...) Eles dividem o quarto, e ela fica o tempo todo pedindo para a gente separar o quarto dela... porque eles querem assistir uma coisa e ela quer assistir outra.

E: Tem preocupações relativamente aos usos que eles fazem dos meios digitais?

F3m35: Às vezes eu preocupo, sim. Você vê cada coisa... eu fico um pouco preocupada. Por isso, às vezes, à noite quando eles vão dormir eu mexo no telemóvel... por isso que

a minha menina não tem Instagram, nem Facebook, porque eu acho que ela é muito novinha ainda e não sabe mexer nesse meio ainda. Os meninos também não têm, eu fico vendo pais que deixam crianças dessa idade ter e eu não concordo... Eu tenho um pouco de preocupação e um pouco de medo. O Youtube... é assim, tem alguns jogos, tem algumas coisas, mas eu fico muito vendo o que é que eles estão jogando, tem jogo de luta que eu não deixo eles assistir... Mas, assim, quando eles estão vendo eu fico sempre ali monitorando para ver o que é que estão assistindo, o que é que pode o que é que não pode, eles às vezes estão jogando jogo de luta não deixo... tenho sim, um pouco de preocupação. Às vezes à noite quando eles vão dormir eu faço um *check-up*, tanto no celular da menina quanto no celular do menino (filho de 9 anos) a ver o que é que estão assistindo, se eles estão em páginas inapropriadas... eu tenho um pouco de preocupação sim.

E: Para além de monitorizar o conteúdo, que outras regulações estabelece? Aplica regras de tempo de uso, por exemplo?

F3m35: Sim. Os meninos a gente deixa mais... de manhã, a gente dá um tempo para eles, à noite já ninguém pega mais. Se quiser televisão, assiste televisão, sim, mas a gente tem um tempo, a gente regula também, fico ali vendo o que eles estão assistindo... (...) Agora à noite, por exemplo, eles descem lá para baixo (rua) para brincar, quando eles voltam a gente já não deixa pegar mais, porque eu acho que é muito tempo... estar ali no telemóvel, tanto prejudica a visão e também fica ali tão preso que acaba viciando, é uma coisa que vicia até nós adultos, é por isso que a gente tem uma regra de horário e também tem regra do que pode ver do que não pode, que tem desenhos que eu também não gosto que eles vejam... tem desenhos que tem tanta coisa assim... ‘esse desenho é para criança?’, ou então às vezes tem filme que fala que é para criança que eu acho que não tem nada a ver com criança, então... tem algumas coisas que eu deixo ver, tem outras coisas que não.

E: Quando é momento de parar de brincar com os meios digitais, eles têm alguma reação adversa a isso?

F3m35: O menorzinho (F3b6). Ele tem uma reação de... às vezes não quer deixar, às vezes vai para o quarto escondido, está lá vendo. A menina e o do meio aceitam bem, porque eles também já são maiores, já compreendem. Agora, o menorzinho já reage mal, ele quer porque quer, às vezes vai escondido para debaixo da coberta, quando eu vou lá está lá ele a mexer (nos meios digitais) (risos).

E: Considera a sua abordagem para com os usos deles dos meios digitais mais permissiva ou mais restritiva?

F3m35: A gente permite mais. Tem coisas que a gente não deixa, mas a gente permite mais... a gente não restringe muito. Acho que a gente permite mais.

E: Participa nos momentos em que eles estão a interagir com os meios digitais? Por exemplo, se estão a jogar no tablet, joga com eles?

F3m35: Às vezes, sim. Às vezes a gente senta, às vezes a gente vai assistir com eles, mas não é sempre, eu principalmente eu estou sempre correndo, mas às vezes o pai vai jogar com eles, brincam. Não é sempre, mas sim, a gente participa com eles.

E: O que é que a leva a dar os meios digitais aos seus filhos?

F3m35: É mais porque eles gostam... a gente permite porque eles gostam, e veem também os amigos, as pessoas que estão em volta, todo o mundo tem. Eu acho que não precisava, eu acho que não precisava, acho que criança tem que brincar com brinquedo, tanto que ele (F3b6) tem tanto brinquedo que nem brinca. Mas, de tanto eles verem 'a minha amiga tem, o meu amigo tem', eles querem também. E hoje em dia quem é que não tem um telemóvel? Quem é que não tem um tablet? Então é por isso que eu permito, mas eu, por mim, eu acho que não seria necessário, para criança da idade dele... só a menina até que sim..., mas os meninos não. Mas, olha, todos têm... e é isso que me leva a dar. No aniversário do do meio (filho de 9 anos) queria muito um telemóvel porque os amigos tinham e os amigos tinham um grupo lá da escola e ele queria ter o WhatsApp por causa dos amigos. A única coisa que eu deixei foi só o WhatsApp, mas eu também fico rastreando e os únicos que tem nos contactos é só os amiguinhos da escola e pessoal da minha família, mas eu não deixo mais ninguém ter também WhatsApp... tanto a mocinha (filha de 11 anos)... porque a gente vê cada coisa assim... as únicas coisas que eu deixo ele ter é só o WhatsApp. Eu acho que não precisava, mas o meu esposo fez o que fez e comprou um telemóvel para ele. Todo o mundo tem, quer ter também (risos).

E: Ele também tem aplicações de jogos no telemóvel? (questão acrescentada em contexto)

F3m35: Tem, sim. Tem uns joguinhos lá de... eles gostam de construir casa e... jogo de luta não gosto muito porque isso... na mente da criança eu acho que... principalmente dos meninos, eles gostam de brincar de luta e fica pior quando eles jogam essas coisas,

então não gosto muito de jogo de luta. Mas, têm os joguinhos deles... e o *WhatsApp*... e o Youtube, é os únicos que eu deixo assim...

E: Existem momentos em que sente um maior incentivo em lhes dar os meios digitais? Por exemplo, acontece usar os meios digitais para que eles fiquem sossegados, para que possa realizar alguma tarefa e que eles fiquem entretidos?

F3m35: Não... eu acho que a única situação que tem é o meio de castigar eles. Por exemplo, ‘olha, se você não fizer isso, nada de telemóvel’, ‘olha, se você não obedecer, uma semana sem telemóvel’, é o único meio de castigar. O menorzinho (F3b6) quando ele era menorzinho, assim quando tinha a faixa etária de 4 anos aí eu saía para os lugares para entreter ele eu dava porque ele é muito reguila, agora está melhorando, mas ele é muito reguila. Então para entreter ele eu dava o telemóvel, mas agora não, agora eles já estão pensando, já estão entendendo... aí a forma de castigar eles, por exemplo ‘se você não quer estar aí, olha você não tem telemóvel’.

E: Resulta? (questão acrescentada em contexto)

F3m35: Resulta, sim. Porque... às vezes eles faziam, deixava na mesma, mas agora eu ponho na prática... ‘eu não falei que era uma semana? É uma semana’ e já chegou a ficar uma semana e eles obedecem, principalmente o menorzinho. Até mesmo de chegar de ir lá para baixo, ‘olha se você não se portar bem não vai lá para baixo’, que eles gostam de ficar ali brincando com os amiguinhos, aí ele passa-se a portar bem. É uma forma de castigar que eu uso, não de entretenimento, é de castigá-los, ‘se você não fizer, olha, uma semana sem telemóvel’. (...) Como não querem ficar sem jogar e mexer no telemóvel e assistir às coisas que eles gostam no Youtube, aí ele obedece.

E: Disse que a certa altura chegou a utilizar os meios digitais para entreter o F3b6 quando saíam de casa. Aconteceu usar também os meios digitais em restaurantes para o entreter, por exemplo?

F3m35: Sim, já aconteceu isso (risos).

E: Tendo em conta que os meios digitais podem ser utilizados para entreter, ocupar, acalmar a criança, podem ser associados à ideia de *babysitters*. Considera que os meios digitais atuam dessa maneira, como *babysitters* na sua família?

F3m35: Aqui na minha família acho que não, porque eles também já estão grandes e então assim não precisa de estar usando o meio digital para estar focando a criança. Mas, já

aconteceu de ser, quando ele (F3b6) era menorzinho. (...) Isso existe, eu já vi casos, eu já trabalhei em casas também que a mãe usa o telemóvel para estar ali com um *babysitter* para entreter a criança, para a criança ficar quieta, isso existe muito. Quando eles eram menorzinhos, já existia em algumas ocasiões, mas agora não, agora já estão crescidos e... agora aqui em casa não funciona isso. Mas já aconteceu de ser uma *babysitter* para focar... para ele ficar quietinho e isso acontece também noutros casos... já vi pessoas, amigos também que usam telemóvel para entreter a criança, para a criança estar ali quietinha. Aqui não, não mais, mas já aconteceu de sim.

E: Quando saem de casa, costumam levar o tablet e/ou o telemóvel?

F3m35: Às vezes quando a gente vai sair para a praia, eles gostam de levar para tirar as fotos deles. Mas quando a gente vai comendo fora não deixo levar. A menina é que gosta de levar para estar ali conversando com as amigas, e está ali interagindo com as amigas. Mas eu não costumo levar o deles, o meu sim. Mas quando quero ir para a praia, quando vamos num passeio diferente... eles gostam de levar para tirar as próprias fotos deles (risos). Acho que... são tão crescidos, eu na minha idade não tinha isso... eles mesmo tiram a própria foto deles, de vez em quando eles levam, mas quando é para ir para fora, ou comer fora, eu não deixo levar, mas a menina que gosta de estar com as amigas.

E: Com que idade é que o F3b6 começou a usar os meios digitais? (questão acrescentada em contexto)

F3m35: Já com 3 anos... (risos). E com 3 anos eu já punha ele para ficar quietinho porque ele era muito reguila então eu já dava. Quando ele era muito pequenininho eu não dava porque achava que prejudicava a visão, ele tem um olho azul e eu acho que prejudicava muito a visão dele.... Com 3 anos, é, com 3 anos já dava para ver se ficava quietinho um pouquinho... (risos).

Entrevista Filho (F3b6)

E: Gostas de brincar com o tablet?

F3b6: Sim.

E: O que é que gostas de fazer no tablet?

F3b6: Jogar e ver Youtube.

E: O que é que costumava ver no Youtube?

F3b6: Vídeo de bonecos de futebol.

E: Onde é que brincas com o tablet?

F3b6: No meu quarto.

E: Não usas o tablet na sala?

F3b6: Às vezes.

F3m35 intervém: Você gosta de ficar na sala também, não? Eu vejo você aqui na sala com tablet (dirigindo-se a F3b6).

F3b6: Mas eu gosto de brincar também no quarto.

F3m35: Todos os lugares, tanto no quarto quanto na sala.

E: Quando é que brincas com o tablet?

F3b6: Todos os dias.

F3m35 intervém: Todos os dias nas férias, porque quando tem colégio não tem muito tempo. Todos os dias na parte da manhã. Porque à tarde vai brincar lá em baixo (rua).

E: Podes fazer tudo no tablet?

F3b6: Há coisas que não deixam.

E: Usas o tablet sozinho ou estás ao pé dos pais quando usas?

F3b6: Ao pé dos pais e às vezes também sozinho.

--

E: Gostas de ver televisão?

F3b6: Sim.

E: O que é que vês na televisão?

F3b6: Futebol.

E: Vês televisão sozinho?

F3b6: Sim.

F3m35 intervém: Ah não.

F3b6: Mas há vezes em que vocês (pais) ficam lá no quarto, e que os (irmãos) ficam lá.

F3m35: ‘Tá, mas a maioria das vezes você assiste com quem? Com o mano (de 9 anos).

E: Vês com o mano? (questão acrescentada em contexto)

F3b6: Futebol.

F3m35 intervém: Ele sempre está ‘enrolado’ no mano, é o ‘carrapato’ do mano.

E: Há coisas que não podes ver na televisão?

F3b6: Há coisas que eu não posso ver.

E: O que é que não podes ver?

F3b6: Jogo de luta.

E: Entre a televisão e o tablet, qual é que gostas mais? (questão acrescentada em contexto)

F3b6: O tablet.

F3m35 intervém: O tablet que dá para levar para qualquer lugar, não é? (risos)

F3b6: A minha mãe, ela não deixa levar para nenhum sítio.

F3m35: Pois, porque depois some...

Família F4

Membros entrevistados: Mãe (F4m33), Pai (F4f30), Filho (F4b5)

E: Quais são os meios digitais que têm em casa?

F4m33: Computador, televisão.

F4f30: E os telemóveis.

E: Quem faz os usos deles?

F4m33: O computador sou eu. O nosso telemóvel, ele (F4f30) usa o dele e eu uso o meu. Tenho também este que é o da (local de trabalho) mas não dá para fazer nada senão chamadas e sou só eu, ele (F4f30) não. E a televisão é mais...

F4f30: É mais o F4b5.

F4m33: É mais o F4b5, pronto. Nós não temos muito tempo (risos).

E: Quais são as finalidades dos usos? Por exemplo, o computador é mais para entretenimento, mais trabalho?

F4f30: Nós comprámos o pc mesmo por causa disso.

F4m33: Mesmo para trabalhar.

F4f30: O pc que nós tínhamos já estava muito lento e então decidimos comprar um novo mesmo por causa da [estabelecimento de trabalho] e tudo o que dava para usar.

F4m33: Eu trabalho em teletrabalho à noite, quando o F4b5 não está no colégio, eu estou em casa, eu atendo as chamadas todas, tudo o que chega de encomendas à [estabelecimento de trabalho] é para mim, e eu não estou cá (local da entrevista e local de trabalho dos pais). Então eu trabalho com o computador ligado ao computador da [estabelecimento de trabalho], e mando as encomendas para aqui (local de trabalho) e eles recebem e fazem aqui. Então nessa hora, principalmente porque eu estou a atender telefonemas preciso que ele (F4b5) esteja muito...

E: Sossegadinho.

F4m33: Sim (risos). Por isso é que também a televisão aí ajuda e o computador uso mesmo por isso.

E: Sentem que têm boas competências digitais?

F4m33: Sim.

F4f30: Sim. Digamos que o normal, competência digital nós conhecemos. Mais aprofundado é mais da parte dela (F4m33). Mas acho que sim.

F4m33: Quer dizer se for algum problema no computador é com ele (F4f30) que eu falo, eu não sei muito dessas coisas. Mas pronto, agora tento-me informar um bocadinho mais porque nós não pagamos publicidade a ninguém, portanto como parte tudo da nossa cabeça, temos que ir tentando fazer alguma coisa, mesmo a nível de *Instagram*, mas é

sempre muito a custo porque não é, de todo, a minha área. Mas pronto, sim, vou tentando informar-me.

E: Regressando aos usos, é sobretudo trabalho, e lazer é mais a televisão, é isso?

F4m33: Sim. Ele (F4f30) usa muito pouco o telemóvel como lazer, muito pouco mesmo.

F4f30: Sim, eu tenho por exemplo *Facebook*, mas é raro fazer alguma coisa no *Facebook*, é raro eu estar no *Facebook*, *WhatsApp* é mesmo para falar com os amigos ou com a família. É mais por uso de chamadas ou mensagens, não propriamente para uso de internet ou algo parecido.

F4m33: Eu é que uso mais as redes sociais no telemóvel.

E: Mais do que o computador.

F4m33: Sim, sim, eu não uso o computador para redes sociais, de todo (risos). Não me habituei a isso.

E: Têm preferência do meio digital que F4b5 usa?

F4m33: Televisão.

F4f30: Televisão, sim sim.

E: Dos meios digitais que ele usa, consideram que prefere qual?

F4m33: Eu acho que se ele tivesse hipótese provavelmente aqui (apontando para telefone)...

F4f30: O telefone.

F4m33: ... ele tinha mais 'asas'.

E: No vosso telemóvel?

F4m33: Eu acho que ele teria...

F4f30: Se deixássemos, sim.

F4m33: Eu acho que se ele tivesse oportunidade, ele teria mais 'asas' para, porque é muito mais intuitivo, dá para... "agora quero este, agora quero parar, agora quero não sei quê". A televisão é aquilo que está a dar, ele pode parar, mas não é tão imediato, a envolvimento não é... também por ser mais controlada é que acho que preferimos a televisão (risos).

E: Sentem que com o contexto da pandemia, houve alteração a nível da gestão dos usos dos meios digitais?

F4m33: Completamente. Ele não via televisão até essa idade.

E: Verificou-se então na pandemia?

F4m33: Sim.

F4f30: Sim.

F4m33: De repente eu tive que começar a atender telefonemas ao pé dele, ele ainda não tinha feito os 3 anos, porque isto parece pouco tempo, mas sim, ele ainda não tinha feito os 3 anos, e de repente ele ouvia-me com o telemóvel, não sabia lidar. Ele precisava de atenção, ele chamava à atenção de todas as maneiras e mais algumas, eramos só os dois em casa, ele fazia barulho, atirava brinquedos a bater nas paredes, gritava, chorava, pronto precisava de atenção. E naquele momento eu só precisava que ele não fizesse barulho, pelo menos, pronto sim. Então os usos foram todos com o início da pandemia, antes disso não havia.

E: O que é que o F4b5 faz naquilo que ele usa? Tem preferência em alguma atividade, brincadeira?

F4m33: Sim.

F4f30: Sim. Digamos que tem as escolhas dele. Sempre que vai ver pede para pôr os bonecos, por exemplo... e são mais na Netflix.

F4m33: Sim, ele gosta muito mais da Netflix porque ele consegue estar a mudar, enquanto se for um canal tipo *Disney Junior* ele não muda, tenho de ser eu, e ele tem que esperar pelo momento em que eu mude. Eu prefiro a *Disney Junior* porque consigo que sejam só... é mais didático, pronto, há coisas mais engraçadas mais para a idade dele. Na Netflix é tudo muito mais...

F4b5 intervém: Agressivo.

F4m33: Agressivo, exato. É mais agressivo, é isso mesmo.

E: Ele vai à Netflix sozinho e consegue escolher aquilo que quer ver? (questão acrescentada em contexto)

F4m33: Ele vai à Netflix sozinho.

F4f30: Sim, mas perante as imagens que vê. Se ele tiver... ele sabe como é que muda para a frente, como é que muda para trás, pronto e consegue ver a imagem que quer e consegue ligar e pronto começar a ver aquilo que quer.

F4m33: No telemóvel acho que já seria mais difícil porque ele não tem uso do telemóvel, ele não sabe... ele não tem essa experiência.

F4f30: Não tem porque nós não deixamos.

F4m33: Exato... Mas por acaso sempre os mais educativos (conteúdo) eu prefiro que sejam esses porque os outros, lá está, são mesmo mais agressivos e depois aquilo escala por ali a fora e já não conseguimos controlar muito.

E: Há pouco foi falado o contexto da pandemia, consideram que os usos de meios digitais pelo F4b5 ocorreram pela situação em si, não foi questão da idade dele?

F4m33: Foi a situação em si.

F4f30: Até esse ponto nós sempre fomos... não é proibir de todo, mas sempre fomos um bocado reticentes a ter uma criança, não é a questão de ser o nosso filho, se fosse outra criança qualquer a estar parada à frente de uma televisão sem qualquer contacto com o restante mundo à volta dele, e isso para nós custava-nos muito, tanto que eu não permito o telefone com ele...

F4m33: Ele não mexe nos nossos telefones, é uma regra.

E: Ele sabe isso, portanto.

F4f30: Sabe, por isso é que nunca lhe tocou (telefone). O pc também. Tanto que o pc, quando nós vemos algum filme que não está na Netflix, ele pede sempre para pôr, para nós pormos porque ele sabe que não pode mexer. E sempre tentámos ter essa distância.

F4m33: Nós quisemos ao máximo adiar a exposição aos meios audiovisuais até porque está mais do que provado que não lhes traz muita coisa (risos). E então se nós pudéssemos adiar o mais possível... claro que a partir do momento em que já foi exposto já... E depois com isso, tentei foi que ele tivesse horas. Por exemplo, ele só vê televisão a partir das 19h. O nosso horário de funcionamento aqui a noite é a partir das 19h, à tarde não trabalhamos. E então ele chega a casa, por exemplo, 4h e tal/5h, eu não ligava a televisão, ele pode pedir a televisão 7/10 vezes, só a partir das 19h é que eu ligo a televisão.

E: E todos os dias?

F4m33: Sim.

E: Fins de semana também?

F4m33: Fins de semana, às vezes se ele estiver com o pai à tarde em casa pode ver qualquer coisa, mas é uma coisa em conjunto que eles escolhem os dois para verem.

F4f30: Em que ele sabe perfeitamente que é uma coisa esporádica.

F4m33: É um programa.

F4f30: Não é habitual.

E: Já mencionaram a intenção de adiar os usos. Que mais preocupações têm face aos usos que F4b5 possa fazer?

F4f30: Para mim, para nós, o principal medo de início que nós temos e ainda temos hoje em dia, por exemplo com a guerra que se está a passar é sem querer ele ver coisas que não deve. Mesmo no horário nobre há muita coisa que passa...

F4m33: Nós não vemos notícias à frente dele.

F4f30: Há muita coisa que passa que não devia passar e ele veio-nos com essa conversa sem nós sabermos porquê.

F4m33: Ele chegou do colégio a par da guerra...

F4f30: Ele veio do colégio com essa conversa.

F4m33: Foi logo na semana em que aconteceu.

F4f30: Essa é uma das questões, nós sempre tentámos adiar. E a outra é que sempre fomos, nós os dois, eu e a F4m33 sempre fomos um casal que tem muitos amigos, tínhamos sempre a casa cheia e sempre preferimos ter uma comunicação.

F4m33: Música a dar em vez do som de fundo da televisão.

F4f30: Queremos sempre conversar, tentar conhecer mais pessoas, tentar criar uma amizade independente de quem está e não focarmos só, digamos, num digital ou ficar agarrado àquilo durante horas e horas como às vezes acontece, mesmo com amigos

nossos. Nós estamos a falar e eles estão agarrados ao telefone, isso para nós é um bocadinho... não é chato, mas...

F4m33: Como trabalhámos também em restaurante, vimos muito isto a acontecer. Famílias a irem jantar fora e cada um com o seu meio, as crianças para comer têm que ter pronto... e isto acontecia à nossa frente, muitas vezes. E antes disto, antes de termos (o próprio negócio). E custava-nos muito e então dissemos “não, no dia em que for o nosso...”, não podemos dizer nada... o “eu nunca”, mas vamos tentar que isso não aconteça.

F4f30: Eu acho que esse método de facilitar muitas das vezes não é para ele (referência a crianças num contexto geral), é mais “fica no teu canto e não me chateies”.

F4m33: E uma criança faz barulho. Nós ficamos com aquela vergonha de que está toda a gente a olhar para nós, estamos a incomodar as outras pessoas, outras mesas, mas isso sempre aconteceu desde o tempo dos nossos avós. Isso sempre aconteceu, as birrinhas e os gritos, as pessoas é que estão cada vez menos confortáveis com isso.

E: Já mencionaram a questão da televisão a partir das 19h. Que mais regras aplicam para os usos?

F4m33: Eu só não consigo controlar muito é o fim. A hora a que se desliga porque ao princípio eu não tinha horário com ele, era enquanto eu tinha encomendas, e ao mesmo tempo vou tentando fazer o meu jantar e tentar dar-lhe o jantar entre encomendas. E há o momento em que é o momento do banho e eu vou tentando agilizar ali as coisas, ao princípio eu não tinha muitas horas, não tinha muito aquela do “ele tem que ir para a cama a esta hora”, só que depois tive que implementar isso também nas rotinas dele também para lhe dar mais calma no dia-a-dia.

F4f30: Mais estabilidade.

F4m33: Foi-nos dito que ele precisava de rotinas, à hora de deitar, à hora do banho antes de deitar, e então tentei que fosse assim até às um quarto para as 9h, 9h e pouco porque antes podia ser 3h seguidas, das 19h às 22h porque nós fechamos aqui às 22h, se eu tivesse encomendas até essa hora ia ficando.

E: Nessa adaptação, no momento de parar, o F4b5 tinha/tem alguma reação mais adversa?

F4m33: Claro que sim. Quase sempre.

E: Agora aceita melhor?

F4m33: Depende dos dias, se está mais interessado, se está mais cansado.

F4f30: Ele aceita melhor a parte de... Um episódio por exemplo está a começar, ou a série, se nós dissermos ‘vais ver esse episódio quando acabar acabou’, ele aceita melhor do que estar a meio e dizer assim ‘temos que ir para a cama’, ou ‘temos que parar’, assim custa muito mais e faz essa birra.

F4m33: Se gerirmos melhor as expetativas dele, se combinarmos, fizermos uma combinação ‘olha vês mais este episódio depois pronto’, aí ele já sabe com o que é que pode contar, não é de repente, está naquele *flow* e nós ‘acabou’. Claro que tenta sempre, ‘oh mãe só mais um’.

E: Consideram que a vossa abordagem é mais permissiva ou restritiva?

F4m33: Quando vejo em comparação com os outros pais, eu acho que nós somos mais restritivos do que permissivos.

F4f30: Em comparação com aquilo tudo que autorizam, ou que eles têm contacto.

F4m33: A maior parte dos miúdos que começou a falar, que começou agora a ter o vocabulário todo fala em ‘brasileiro’. Desde há 1 ano e meio, 2 anos para cá, que eles começaram a adquirir o vocabulário, e a construção frásica, quando eu me apercebi os colegas dele falavam ‘brasileiro’ quase todos e são portugueses. E eu não estava a perceber o que é que estava a acontecer, até que percebi que todos os desenhos animados que eles viam no Youtube, e séries, etc, era tudo ‘brasileiro’. E então, as palavras que eles começaram a aprender em vez de ser o português de Portugal... até falarem com as educadoras assim. (...) Eu acho que foi com a pandemia, que foi na aquisição do vocabulário principal que é aquilo que eles mais ouvem. Da mesma maneira que eu estava em teletrabalho os outros pais também estavam e também precisaram, eu não condeno nada porque eles tiveram na mesma situação que eu e também precisaram de ‘olha toma, está aqui o telemóvel’ e os miúdos foram-se, pronto, ajeitando como podem e adquiriram aqueles jeitos de falar.

F4f30: Sim, até porque tu hoje em dia em qualquer programa que nós usemos, até televisão, é tudo fácil de usar. Cada vez é mais fácil para eles.

E: Participam nos momentos de interação do F4b5 com a televisão?

F4m33: O pai às vezes faz esse programa. Às vezes, ao princípio, ia tentando apanhar, quando foi assim as primeiras coisas que ele viu uns episódios que era os *Super Wings* e eu fui tentando perceber e ajudava quando ele dizia mal o nome das personagens, que os nomes eram em inglês e eu ajudava-o a tentar repetir o nome como deve de ser mas... já não vejo.

E: Ele fica entretido a ver televisão sozinho?

F4f30: Sim.

F4m33: Sim, às vezes (risos).

E: O que entendem terem sido os critérios que levaram a disponibilizarem os meios digitais (ao F4b5)?

F4m33: Eu acho que ele não ganhava nada com aquilo, foi benefício para nós, foi uma ajuda para nós. Para ele eu acho que ele não ganha nada naquelas horas.

F4f30: Há de haver uns bonecos ou outros...

F4m33: Há um que ele vê que é muito engraçado que é a 'Blue' no *Disney Junior*, e aquilo é muito muito giro, tem umas piadas muito engraçadas, que é sobre uma família e aquilo tem toda uma envolvência muito engraçada. Mas o que ele pode tirar dali é expressões, é lição de moral...

E: Veem então mais como entretenimento do que possibilidade de aprendizagem?

F4m33: Hmhm (sim)

F4f30: Sim.

E: Onde é que F4b5 costuma ver televisão?

F4m33: Na sala.

F4f30: Na sala.

E: Não tem no quarto?

F4f30: Não.

F4m33: Não.

F4f30: Nós fazemos questão que não tenha.

F4m33: Nem nós.

F4f30: Nem no dele, o quarto é só para...

F4m33: Para dormir.

F4f30: Para descansar.

F4b5 intervém: Eu até às vezes brinco no quarto.

F4f30: Mas é só isso que fazes (dirigindo-se a F4b5).

F4m33: Sim, mas tu vês televisão no quarto? (dirigindo-se a F4b5).

F4b5: Claro que não! No quarto não há televisão!

E: Existem momentos específicos em que sintam mais necessidade de que o F4b5 fique a brincar com um meio digital? Abordámos a questão do trabalho há pouco.

F4m33: Sim, e aquela hora (referente ao horário associado ao trabalho), de resto eu não faço questão que ele veja.

E: Mesmo em casos em que estejam ocupados com tarefas domésticas?

F4f30: Isso ele também faz.

F4m33: Não, isso ele ajuda-me.

F4f30: Sim, sim.

F4m33: Quanto a isso... pronto, às vezes ele não quer muito, mas eu peço-lhe ajuda. ‘A mãe vai começar por aqui, se tu pudesses começar a arrumar para eu depois conseguir aspirar a seguir, ‘olha junta a tua roupinha toda aqui’, pronto que é para fazer parte (risos).

E: Reconhecem o papel dos meios digitais enquanto *babysitters* no vosso meio familiar?

F4m33: Sim, porque na pandemia, exceto o tempo em que ele ficava a ver televisão e eu ficava a atender telefonemas, eu tive uma necessidade de aprender mais porque eu não tinha... ele sempre andou na creche, desde os 6 meses, eu não tinha necessidade de o entreter, todo o nosso tempo acontecia sozinho, eu não precisava de ter atividades eu não

precisava de ter nada disso, então os meios digitais ajudaram-me muito, principalmente as redes sociais, a aprender coisas novas para fazer com ele, todas aquelas atividades que eu fazia, nós colámos massinhas para depois ele passar com um atacador para treinar a motricidade fina, depois andámos com uns pauzinhos a tentar apanhar umas bolinhas de plasticina que estivemos a fazer, pronto, isso não me surgiria se não fosse os meios digitais (risos). Isso é uma espécie de *babysitting*, e também para não ser só estarmos ali só a atirar a bola um para o outro, não, podes estar a ajudar para ele estar a desenvolver-se.

Entrevista a Filho (F4b5)

E: Gostas de ver televisão?

F4b5: Sim, na maior parte das *memórias*, sim.

F4m33 intervém: Na maior parte das vezes, não é ‘memórias’.

F4b5: Na maior parte das vezes sim.

E: O que é que gostas mais de ver?

F4b5: Os dinossauros... e também mais os, a liga dos... aquilo do Homem-aranha do ‘*web city*’, mas isso só dá na maior parte das vezes porque isto não consigo pôr.

E: Não consegues pôr sozinho?

F4b5: Não, tem de ser a mãe a pôr. É uma coisa quadrada assim que é ‘pesquisa’.

F4m33 intervém: É na pesquisa, é isso.

F4b5: Porque aquilo é muito difícil de procurar na Netflix, portanto foi na pesquisa para ser mais fácil, é assim só conseguem na maior parte sim. (...) E nas coisas depois é assim mais a ‘*Bluey*’ (programa de desenhos animados, *Disney Junior*) e mais...

F4m33 intervém: O que é que gostas mais para além da ‘*Bluey*’?

F4b5: Para além da ‘*Bluey*’... a ‘*Vera*’.

F4m33: A Vera, do reino do arco-íris? (programa de desenhos animados, *Netflix* e Canal Panda).

F4b5: Sim.

E: Vês televisão onde?

F4b5: Na sala.

E: Quando é que vês televisão?

F4b5: Não me lembro qual é a hora, eu pergunto sempre à mãe porque não sei as horas.

F4m33 intervém: Mas é de manhã, é à tarde, é à noite? É mais ou menos quando? (dirigindo-se a F4b5)

F4b5: É mais ou menos. Ao meio-dia...

F4m33: Ao meio-dia? (risos)

F4f30 intervém: Tu achas que vês televisão antes de ir para a cama ou quando acordas?

F4b5: Antes de ir para a cama. Mas às vezes a mãe deixa-me ver de manhã.

F4m33: De manhã? (risos)

F4b5: Para entreter-me, para quando a mãe está a tomar banho, e também assim não chatear a mãe, assim eu não tenho que estar sempre a responder, assim estou mais entretido nas coisas.

F4m33: Quantas vezes é que isso aconteceu, na tua vida? (dirigindo-se a F4b5)

F4b5: Muitas.

F4m33: Muitas? Eu estar a tomar banho, contigo em casa e tu estares a ver televisão? Eu a tomar banho e tu a veres televisão?

F4b5: Às vezes eu brinco com outras coisas, e às vezes deixas-me ver televisão, ou às vezes vou comer.

F4m33: Afinal isto está tudo trocado, estes pais mentirosos, não percebo, quer dizer... (risos)

E: Vês televisão sozinho ou vês com os pais?

F4b5: Sim. Enquanto comemos, assim a jantar com o pai eu vejo assim um filme com pipocas...

F4f30: Isso não é no jantar.

F4b5: Isso é só no jantar.

F4f30: Se é pipocas não é no jantar.

F4m33: Comes pipocas ao jantar? (dirigindo-se a F4b5)

F4b5: Não.

E: Podes ver tudo o que tu quiseses na televisão?

F4b5: Não! Porque há umas coisas muito agressivas do Homem-aranha que eu quero ver e os pais não deixam e eu digo ‘está bem’, mas às vezes continuo a dizer ‘vá lá’ e eles dizem ‘não’, tiram e eu escolho outra coisa, porque aquilo é muito agressivo para mim. E logo naquele dia tem de estar a mãe ali a fazer um ‘abanado’.

F4m33: Um ‘abanado’?

F4b5: Sim, aquilo de fazer assim...

F4m33: Abanar-te?

F4b5: Sim!

F4m33: Mas isso é para adormeceres, não tem nada a ver.

F4b5: Naquele dia que eu estava a pensar só nos... dos monstros.

F4m33: Já percebi. Ele viu um episódio mais agressivo que não devia, que eu achei que já podia, e depois à noite não conseguia adormecer então eu tive que o abanar, tive que o adormecer, que é coisa que já não faz parte da rotina, ele adormece sozinho pronto, nesse dia tive que estar no ‘abanado’.

Família F5 (Faro)

Membros entrevistados: Mãe (F5m40), Filho (F5b3)

Entrevista a Mãe (F5m40)

E: Quais são os meios digitais que têm em casa?

F5m40: Telemóveis, *iPad's*, computadores, televisão.

E: Como é que são feitos os usos?

F5m40: Maioritariamente nós os pais, e ele (F5b3) também usa.

E: Qual a finalidade desses usos?

F5m40: Entretenimento.

E: Considera possuir boas competências digitais?

F5m40: Sim.

E: Tem alguma preferência face ao meio digital que ele use? Ou que usasse mais?

F5m40: Não, acho que esta nova geração tem aptidões a mais para lidar com os meios digitais, portanto mais não, acho que está ótimo como está.

E: Dos meios digitais que o F5b3 usa, qual acha que ele prefere?

F5m40: Ele prefere o telemóvel e o *iPad*, talvez o telemóvel como é mais pequeno. Ele como tem 3 anos manuseia melhor e acaba por ser mais autónomo também.

E: O telemóvel é dele ou dos pais? (questão acrescentada em contexto)

F5m40: Não, é nosso ou é um antigo que anda em casa e que ele acede para ver alguns desenhos animados.

E: O que é que ele faz nos meios digitais que usa?

F5m40: Vê desenhos animados, vê coisas que são do interesse dele como miúdos a brincar em pistas de carrinho, miúdos a fazer *slime*, miúdos a desembulhar ovinhos de chocolate e a tirar as surpresas de lá de dentro de todas as marcas e mais algumas.

E: Onde é que ele usa os meios digitais?

F5m40: Na sala.

E: Então usa ao pé de vocês?

F5m40: Sim. Com o F5b3 sim, sempre ao pé de nós ou com um de nós por perto. E também quando ele usa mais é em **restaurantes** quando é conveniente.

E: Sente que resulta para o propósito desejado?

F5m40: Sim, resulta porque o propósito é ele estar focado e nos meios digitais ele consegue estar focado. Às vezes posso tentar levar carrinhos, ou desenhos e ele dispersa-se muito mais do que se estiver a olhar para um desenho animado num telefone, sim.

E: Isso acontece também com o irmão ou é mais com o F5b3?

F5m40: Acontece com os dois, o que eu noto é como o F5b3 tem uma diferença considerável do irmão tem muita tendência a imitá-lo em tudo aquilo que ele faz e em todos os comportamentos, e, portanto, o F5b3 é muito mais precoce em tudo.

E: Que preocupações possui face ao uso dos meios digitais pelo F5b3?

F5m40: A preocupação é a publicidade não controlada no meio dos desenhos (animados) e a facilidade de acesso a conteúdos que possam perturbá-lo porque apesar de serem num contexto de desenho animado há coisas que ele não consegue digerir, ou não consegue gerir melhor dizendo, por exemplo o F5b3 no meio de uma animação de miúdos que é a “Maria Clara” aparecem uns desenhos animados que só há em brasileiro que é o “Boi da cara preta” e ele acha um piadão àquilo, ele não tem medo e ele canta e farta-se de rir com aquilo mas acontece é que depois ele tem medo principalmente à noite na cama. Depois à noite eu noto nos padrões de sono dele.

E: Ele tem dificuldade em adormecer? (questão acrescentada em contexto)

F5m40: Não, por vezes acorda é com pesadelos. Aí é que se nota que eles não têm maturidade para processar toda a informação ainda que ela esteja codificada sob a forma de desenho animado.

E: Que estratégias são usadas para nivelar essas preocupações?

F5m40: É ele ter mais acesso ao *Youtube Kids* que é um canal mais controlado, é nós estarmos a ver, e felizmente quando nós dizemos que ele não pode ver aquele desenho animado ele até é uma criança que acata a decisão. Também nunca me preocupou muito, tanto com um como com o outro, porque eles são miúdos que acabam por brincar. Ele entretém-se muito a brincar sozinho, a brincar com carrinhos, quando lhe apetece pintar pinta, portanto não é uma criança que fora das tecnologias fica apática não consegue brincar onde não sabe aquilo que fazer. O que acontece é, ao final do dia ou quando nós estamos a preparar o jantar, ou depois de jantar antes de começarmos a rotina de ir para a cama, ele acaba por estar a ver (conteúdo nos meios digitais) para que nós consigamos ter algum tempo disponível para fazer todas as outras tarefas inerentes à dinâmica familiar.

E: O F5b3 tem esse incentivo de brincar com outras coisas, para além dos meios digitais, sozinho ou são os pais também que o incentivam? (questão acrescentada em contexto)

F5m40: Não, ele brinca sozinho, ele vai buscar as coisinhas dele. O (irmão) gostava muito de ver o 'Panda', e ficava horas, se fosse preciso, a ver o 'Panda' se o deixassem, o F5b3 não tem esta ligação, o F5b3 vê um bocadinho e está bom. Ele vê um bocadinho quando está mais cansado, ao final do dia por exemplo noto que ele fica mais agarrado se nós deixarmos, mas se for durante o dia ele vê os desenhos animados e depois vai à vida dele, e vai brincar com outras coisas. Aquilo que ele gosta mesmo de brincar é com carrinhos, isso é a paixão dele.

E: Considera a sua abordagem em relação aos meios digitais mais permissiva ou mais restritiva?

F5m40: No geral é permissiva, eu controlo o conteúdo, mas não preciso de controlar ainda a quantidade do tempo que ele (F5b3) está (nos meios digitais) porque é sempre o mesmo, ele também não tem muito tempo disponível para estar e depois normalmente as novas tecnologias não se carregam sozinhas e ficam assim sem bateria. Já do mais velho, acabo por ser um bocadinho mais restritiva, mas acabo por... agora descobri o controlo parental e é impecável.

E: O controlo parental é utilizado também para com o F5b3? (questão acrescentada em torno do contexto)

F5m40: Não, para o (irmão). Porque o F5b3 eu ainda consigo controlar sem conflito. Com o (irmão) é mais difícil de controlar, e então agora nas férias estabeleci o tempo, ele pode usar o tempo como quer. Podia inicialmente usar as 3h agora nas férias, mas como ele usava as 3h de uma vez eu dividi-lhe porque eu não sabia que o controlo parental dava para fazer isso, então ele pode usar 1h de manhã e 2h à tarde. E ontem estava a combinar com o (Pai) falarmos este fim de semana com ele (irmão de 9 anos) porque vai começar a escola para a semana, reduzir para hora e meia durante a semana sem acesso ao *Youtube* e só vai estar disponível das 18:30 às 20h que depois vai coincidir com a hora de jantar, se bem que ele nesse tempo também tem que tomar banho, também tem que arranjar a mochila. O mais velho já requer mais algum trabalho de controlo, ele (F5b3) ainda não.

E: Quando há o limite do uso dos meios digitais ele (F5b3) tem alguma reação?

F5m40: Não, não há conflito, não fica zangado.

E: Os pais utilizam os meios digitais em conjunto com o F5b3?

F5m40: Algumas coisas. As novas tecnologias é simplesmente para nos ajudarem com o resto das tarefas. Quando eu tenho que preparar as mochilas para o dia seguinte, as roupas para o dia seguinte, os banhos. E as novas tecnologias ajudam nisso. Quando é para fazer outras coisas, normalmente... por exemplo, ele (F5b3) já vai gostando de ver alguns filmes mais curtos de animação, e às vezes vemos juntos. Com o F5b3 ainda não faço atividades porque lá está, não tenho muita necessidade com o F5b3, ele é um bocadinho ainda desprendido das novas tecnologias, com o (irmão) aproveitava para colorir, coisas para colorir, para desenhar, os primeiros jogos de matemática, das letras, mas foi numa fase um bocadinho mais à frente, se calhar numa pré com 4/5 anos usava as novas tecnologias para isso, com o F5b3 ainda não. Aí é que eu sou completamente permissiva, eu não ensino os meus filhos a ler, e números, antes do tempo, têm a vida toda.

E: Relativamente a incentivos para a disponibilização dos meios digitais, mencionou as tarefas a fazer, são esses os incentivos?

F5m40: Sim.

E: Recorre aos meios digitais para acalmar a criança?

F5m40: Não.

E: Mencionou também que utilizava os meios digitais em situações de refeição. Quer acrescentar alguma coisa?

F5m40: Pois, nas situações de refeição acaba por facilitar quando não querem comer também, não é só nas saídas, quando não querem comer acaba por facilitar, sim. Mas, depois são mais os malefícios do que os benefícios que isso traz, portanto cá em casa é usado assim muito pontualmente, tentamos contrariar.

E: Quando saem de casa, levam então tablets, telemóveis para utilizarem? Outros meios para além desses? (questão acrescentada em contexto)

F5m40: Não. Ou usam a partir dos nossos telemóveis, ou o tablet sim, não há outros.

E: Considera que os meios digitais podem funcionar como *babysitters*? E porque é que acha ou que sim, funcionam, ou que não funcionam dessa forma no seu meio familiar?

F5m40: Não, no meu meio familiar não. E aliás, faço questão que assim não seja. Há dias em que tenho essa sensação porque são dias que, ou que nos sentimos mais cansados, ou que estou sozinha porque o (Pai) está fora, mas por norma não. E esses dias também são assim muito naturais, como aqueles que tu tens mais fome e comes mais, tens menos fome e comes menos, há dias que estás mais cansada e não queres ‘lutar’ e então a estratégia é para facilitar, ok, mas depois voltamos ao original, ao modelo original.

E: No contexto da situação de pandemia houve diferença na gestão dos usos dos meios digitais?

F5m40: Do F5b3 não, porque ainda era muito pequenino. Do (irmão) sim, houve. Houve porque, por mais que conseguisse entreter num apartamento acabava por ser uma opção limitada. O F5b3 (agora) ainda está relativamente fácil, o F5b3 gosta muito de brincar, gosta muito de ir à rua, gosta muito de andar de bicicleta.

Entrevista ao Filho (F5b3)

E: Gostas de brincar com o tablet?

F5b3: Sim.

E: O que é que gostas de fazer/ver no tablet?

F5b3: ‘Pedro Coelho’ (excertos disponíveis no *Youtube*, e ‘A história de Pedrito Coelho’ no Canal Panda), ‘Maria Clara’ (Canal de *Youtube* ‘Maria Clara & JP’).

E: Usas o tablet sozinho?

F5m40 intervém: (dirigindo-se a F5b3) Usas o tablet sozinho ou a mãe ajuda?

F5b3: A mãe ajuda.

E: Usas o telemóvel sozinho?

F5b3: Não.

E: Gostas mais do quê? Do tablet, da televisão... (questão acrescentada em contexto)

F5b3: Do telemóvel.

E: O que é que gostas de fazer no telemóvel?

O F5b3 não respondeu, mas durante o momento da entrevista à Mãe (F5m40) estava a utilizar o Youtube Kids no telemóvel e a ver vídeos.

E: Podes ver/fazer tudo no tablet/telemóvel/televisão?

F5b3: Não.

E: Brincas todos os dias com o tablet/telemóvel/televisão?

F5b3: Não.

Entrevista a Família F6

Membros entrevistados: Mãe (F6m40), Filha (F6g4)

E: Quais é que são os meios digitais que têm?

F6m40: Temos tablet, telemóvel, computador, mas elas (filhas) não usam, e televisão.

E: Não têm consolas?

F6m40: Temos uma consola, mas elas não usam, usam aquilo para ver DVD só.

E: Como é que são feitos os usos desses meios? Por vocês (pais) e por elas (filhas)?

F6m40: É assim, elas utilizam essencialmente tablet e televisão. Nós, pais, utilizamos o computador para trabalho, o (Pai) utiliza tablet também para trabalho, eu não utilizo. E

elas utilizam o tablet para jogar, para ver internet, elas utilizam essencialmente o tablet e a televisão, pronto.

E: Os telemóveis que refere são os vossos (pais) ou elas têm os delas? (questão acrescentada em contexto)

F6m40: São os nossos telemóveis. Ou seja, é um substituto de tablet quando não há tablet disponível, quando não tem bateria, utilizam o telemóvel exatamente para a mesma finalidade, ou seja, jogos. Menos frequente o telemóvel, porque tentamos evitar o telemóvel, mas têm um tablet delas próprias, ou seja, têm dois tablets.

E: O não terem que partilhar se calhar evita conflito, então? (questão acrescentada em contexto)

F6m40: É por causa disso (risos). Que adquirimos na altura da pandemia, ou seja, aqui o *‘turning back point’* foi basicamente a pandemia porque vimo-nos confinados em casa, tínhamos que as entreter de alguma maneira, e a (filha mais velha de 7 anos) como tinha aquelas interações com a escola... a F6g4 também tinha mas eram menos, mas a (filha mais velha) tinha interações praticamente diárias com a escola e nós não tínhamos um computador disponível para elas para fazerem isso, nem nós podíamos estar a parar nas alturas em que havia aula de ginástica, a hora do conto, então tivemos que comprar um tablet, pronto. Depois por causa das ‘bulhas’ apareceu um segundo tablet.

E: Onde são usados os meios digitais por elas?

F6m40: É na sala, essencialmente na sala.

E: Não têm televisão no quarto? (questão acrescentada em contexto)

F6m40: Não, no quarto não há televisão. Sim, mas é essencialmente na sala, no quarto dos brinquedos, podem usar lá em baixo (divisão da habitação), usam menos porque não têm tanta rede, mas no quarto nunca usam.

E: Sente que tem boas competências digitais?

F6m40: Sim, nós temos. Nós estamos completamente à vontade, claro que não sabemos ainda coisas muito sofisticadas, mas elas também ainda não sabem, mas em termos de acessos, em termos de restrição de acessos, e tudo mais, sim, então isso estamos completamente à vontade.

E: Tem algum tipo de preferência relativamente ao meio digital que elas usem?

F6m40: É assim, preferíamos que elas não utilizassem nenhum por princípio (risos) mas, o que nós permitimos que elas utilizem é o tablet e a televisão, os telemóveis é um substituto quando o tablet não está disponível ou porque estamos fora de casa, a jantar, e isso é uma forma de as entreter, em algum momento em que temos que estar concentrados numa outra coisa então utilizamos o telemóvel. Mas, o que elas utilizam mais é o tablet e a televisão.

E: Disse que quando vocês saem, os telemóveis podem ser esse meio de recurso. Não levam, por exemplo, também o tablet, quando saem? (questão acrescentada em contexto)

F6m40: Depende. É assim, se soubermos, por exemplo, se formos para um restaurante vamos levar o tablet porque se não as conseguirmos entreter com mais nada o tablet serve de recurso, ou seja, o tablet é uma ‘boia de salvação’. Se tivermos... para as férias, por exemplo, não levámos, pronto, para tentar limitar esta utilização, mas tivemos que usar o telemóvel, íamos a um restaurante emprestavamos o telemóvel, o meu ou o do (Pai), pronto. Elas sabem que o telemóvel é uma via de recurso mais limitada.

E: Relativamente àquilo que elas preferem, sente que preferem um meio específico?

F6m40: Não, para elas tanto faz, desde que tenha acesso ao *Youtube* (risos).

E: Com o contexto da pandemia, houve alteração na gestão dos usos que fizeram?

F6m40: Houve. Totalmente. Elas, antes da pandemia, nunca tinham pegado num tablet. Já tinham utilizado o telemóvel nestas circunstâncias, ou seja, nós precisávamos de... íamos ao restaurante e para as entretermos assim a determinada hora... porque normalmente levamos sempre papel e canetas, lápis de cor, pronto só que isso tem um tempo de utilização limitado, e fomos estendendo... aguarelas. Quando nada as entretém utilizávamos o telefone, pronto, o telemóvel. Com a pandemia tivemos claramente que comprar um tablet, pronto, primeiro para instalar o *Zoom*, o *Skype*, para elas fazerem a telescola... não era bem a telescola porque elas ainda não estavam em idade escolar de ter aulas, mas tinham as interações com a escola, com a educadora, contava histórias, portanto arranjava ali umas atividades para as entreterem, pronto, e então por causa disso tivemos mesmo que comprar tablet e ensiná-las a mexer e elas aprenderam muito facilmente.

E: Então começou por ser mais um meio a nível educativo e depois acabar por se alongar para o entretenimento? (questão acrescentada em contexto)

F6m40: Sim. Ou seja, como elas já sabiam utilizar o *Youtube* no telefone, pontualmente, depois no tablet acabei por instalar o *Youtube* também. Mas foi adquirido para terem *Skype* e *Zoom* para fazerem as aulas, pronto, e aprenderam a atender as chamadas, ou seja, estavam atentas quando havia a chamada aprenderam a atender as chamadas. Faziam uma coisa que eu achei super interessante, que é, eu e as mães acabámos por criar pequenos grupos de amigos no *Skype* e elas, a (filha mais velha) essencialmente, que a F6g4 ainda era muito pequenina nessa altura, mas a (filha mais velha) ia ao *Skype* e fazia chamadas para as amigas, ou seja, ela identificava os grupos, ela não sabia ler nessa altura, mas identificava os grupos das amigas e fazia chamadas com as amigas e brincavam à distância umas com as outras. Punha o tablet, e passava horas assim, punha o tablet e fazia as brincadeiras com as amigas do outro lado a brincar também e ela estava a brincar, ou seja, mas tinha as amigas do lado de lá.

E: O que é que elas mais fazem nos meios digitais que usam?

F6m40: Veem Youtube Kids, têm jogos, têm imensos jogos. Têm Youtube Kids, só Youtube Kids, eu tento que elas não utilizem o outro porque no Youtube Kids dá para seleccionar melhor a faixa etária, aliás, aquilo tem logo um perfil, desenha-se o perfil em função da idade, pronto, e eu até tenho a faixa etária abaixo para ambas. Ou seja, embora a (filha mais velha) já seja mais velha está ajustado à faixa etária da F6g4. Ou está ajustado à faixa etária que ela tinha quando nós comprámos o tablet e nunca mudei (risos). Em ambos os tablets. Porque aquilo depois, a seleção dos vídeos também é mais ajustado a essa idade, sendo certo que aquilo depois pode-se explorar e elas depois a partir daí vão para outros, mas pronto, as escolhas, as preferências são mais adaptadas à idade delas. E depois também têm jogos, têm imensos jogos, que elas usam pontualmente.

E: São os pais que selecionam os jogos? (questão acrescentada em contexto)

F6m40: Sim, fomos nós que instalámos os jogos, há uns quantos que a (filha mais velha) já pede para instalar, mas como aquilo tem *password* ela não consegue instalar sozinha, mas, sim essencialmente é isso. O que elas veem mais é *Youtube*, infelizmente, mas é *Youtube*.

**E: A vossa televisão também dá acesso ao *Youtube*, elas também veem por aí?
(questão acrescentada em contexto)**

F6m40: Sim, dá, mas elas não conseguem pôr. A (filha mais velha) já consegue, a (filha mais velha) consegue pôr sozinha, mas a irmã (F6g4) não consegue, a (filha mais velha) põe-lhe, mas sim, dá. O que elas veem mais na televisão é Netflix. Youtube veem menos porque o Youtube na televisão... uma criança normalmente não vê um vídeo até ao fim, ou seja, vê um bocado e depois muda, e na televisão não é tão dinâmico, e é mais demorada a seleção. Portanto, elas veem basicamente Netflix.

E: Quais são as preocupações que tem em relação aos usos que elas fazem dos meios digitais?

F6m40: De tempo, de uso, de utilização. Os vídeos que veem, o tipo de vídeos que veem, tanto que muitas vezes há alguns vídeos que eu bloqueio, ou seja, quando percebo que há assim vídeos com conteúdos que assustam, eu bloqueio, pronto, começo a bloquear esses vídeos, depois aquilo aparece porque depois há algoritmos, aparecem outros vídeos idênticos e nós temos que estar constantemente a bloquear. (...) O tempo essencialmente, o tipo de vídeos que são vistos e o horário em que veem. Pronto, são essencialmente essas as nossas preocupações. Tentamos fazer sempre um ‘desmame’ cedo, por causa da luz azul, por causa do... sobre o excitação. Podem ver um bocadinho depois do jantar, mas depois têm que desligar ali a certa altura antes de ir para a cama, e a televisão a mesma coisa, pronto, é mesmo isso, é a questão do *timing*.

E: Era isso que eu ia perguntar de seguida, sobre que regulações faziam para os usos. São usos que podem acontecer todos os dias, só aos fins de semana?

F6m40: Pode acontecer todos os dias. Há aqui uma coisa que é, às vezes, no final do dia na escola, quando elas estão muito cansadas para conseguirmos dar o jantar de uma forma mais tranquila, porque elas jantam antes de nós, veem ou televisão ou tablet durante essa altura, pronto, para jantar. É completamente errado (risos), mas sim, é basicamente isso. E nós temos o, ou seja, eu tenho uma aplicação no telefone que está ligada ao tablet que é o ‘*Family Link*’ e tenho horas de início e horas de fim, aquilo desliga-se automaticamente, bloqueia automaticamente. Eu ponho o início, a hora que aquilo pode

ligar e a hora a que aquilo pode desligar e fica restrito e só pode ser desbloqueado com *password*, e elas sabem, portanto aparece uma lua (símbolo) e... aquilo entra em *standby*.

E: Têm algum tipo de reação negativa quando chega o tempo de parar?

F6m40: Têm. Isto é uma questão de entrar na rotina. Fazem sempre um choradinho, ‘só mais 5 minutos’, e tudo mais, mas sim. No início do ano é sempre mais complicado depois com a rotina a coisa orienta-se. Mas sim, têm. Elas usam mais ao final do dia do que de manhã, de manhã utilizam mais a televisão quando descem veem aqui um bocadinho de televisão quando estou a preparar o pequeno almoço, pronto, estão a ver televisão, Netflix essencialmente, e o tablet utilizam mais à noite e aquilo às 8h da noite pára, corta a ligação.

E: Já sentiu dificuldades nelas em adormecer, por estarem mais agitadas, pelos usos? (questão acrescentada em contexto)

F6m40: Sim, sinto isso muitas vezes, principalmente quando tentamos adaptar a rotina. Mas quer dizer, isto é tudo uma questão de rotina. Mas sim, sinto. Por exemplo, se nós abrirmos a exceção de poderem utilizar até mais tarde, mais a F6g4 até, fica até mais tarde acordada, fica mais agitada é muito mais difícil adormecer. A (filha mais velha) adormece facilmente a ver o tablet, portanto, mas sim, na F6g4 é mais crítico.

E: Considera a sua/vossa abordagem mais permissiva ou restritiva?

F6m40: É assim, tendemos a tentar que seja equilibrada com algumas regras, mas é muito permissiva, sim.

E: Os pais participam nos momentos de interação com os meios digitais ou têm um tipo de intervenção mais indireta?

F6m40: Não, é mais indireta, estamos a fazer outra coisa, sim. Elas fazem sozinhas, estamos atentos para ver o que é que elas veem, mas não tenho qualquer interação... a não ser que sejam jogos, pronto, algum jogo que elas estejam a jogar pela primeira vez que não saibam, aí sim. Mas na perspetiva não de fazer em conjunto, mas de ensinar como é que se faz, pronto, e depois elas fazem autonomamente.

E: Quais são os critérios que levaram a disponibilizar os meios digitais? Mencionou a questão da pandemia, do contexto. Para além disso existe mais algum tipo de fator? Vê benefícios nisso para além da questão de ser benéfico para as vossas rotinas?

F6m40: Não vejo grande benefício, ou seja, aquilo que elas fazem mesmo em termos de jogos que fazem no tablet poderiam fazer fora desse contexto, porque quer dizer, temos os jogos de tabuleiro, podia ser perfeitamente substituível. A questão é que elas se aborrecem menos facilmente... as crianças hoje em dia têm uma característica que é, aborrecem-se muito facilmente e muito depressa, pronto, nada as entretém durante muito tempo. O tablet não, o tablet entretém-nas durante muito tempo, principalmente Youtube, ou seja, elas não estão muito tempo a jogar o mesmo jogo, mas estão muito tempo a ver o Youtube, em termos de *timing* isso depois é medido, nós conseguimos medir isso porque aquilo tem mesmo uma vista por trás que me diz que jogos é que elas utilizaram, que jogos é que elas estão a utilizar menos, alguns que eu vou desinstalando para ganhar espaço de memória. E o Youtube é assim claramente o vencedor. Mas sim, basicamente acho que é essencialmente isto, ou seja, tentamos fazer assim um controlo nessa perspetiva.

E: Existe algum momento específico na vossa rotina em que sentem maior necessidade em que elas fiquem a brincar com os meios digitais? Por exemplo, em situações em que precisam de realizar qualquer tipo de tarefa, seja doméstica seja profissional?

F6m40: Sim, sim. Ou seja, se nós tivermos que estar concentrados no trabalho, ou vamos a um restaurante e estamos a jantar ou estamos com outras pessoas, sim, se nós tivermos que estar focados... e eles depois também aprendem que a melhor altura para nos pressionar a poder usar é esta, pronto, é quando temos que estar concentrados... vêm e pedem. E a forma que nós conseguimos entretê-las... lá está, porque elas estão mais tempo com o tablet do que se estiverem a pintar, ou a brincar, ou a fazer outra coisa qualquer, pronto.

E: E para acalmar, nunca foi um motivo? Há quem mencione que os meios digitais acabam por deixar as crianças muito agitadas, mas também há quem diga que acaba por acalmá-las em situações, por exemplo, de birra.

F6m40: É, eu estou completamente de acordo. Ou seja, o tablet, o telefone, a televisão, o que seja, é um estímulo intelectual, ou seja, é mais difícil depois acalmá-las para adormecer porque estão excessivamente estimuladas, e a luz também interfere nisso, e tudo isso. Mas, ao mesmo tempo, em contexto de birra ou de aborrecimento, ou que estão fora do contexto delas e não têm assim disponibilidade de brinquedos, não podem

circular, o tablet é um bocadinho essa ‘boia de salvação’ e sim, ou seja, se houver uma birra descontrolada ‘olha, toma só um bocadinho o telefone, ou o tablet’ se estivermos fora de casa, então, é logo.

E: E resulta? (questão acrescentada em contexto)

F6m40: E resulta. Resulta porquê? Porque as capta a atenção para outro... ou seja, distancia-as do foco de atenção que é o motivo da birra, seja ela qual for, ou porque ‘estou aborrecida’... O tablet, o telefone, é esse escape, sim, e aí resulta. Mas resulta neste sentido, ou seja, não acho propriamente que *as acalme*, acho é que as desvia do foco da atenção da birra, ou seja, distrai-as da birra, mas não provoca propriamente o efeito calmante nelas, antes pelo contrário, é um estímulo.

E: Não é bem então um meio muito ‘efetivo’, ‘adormece’ um bocadinho naquele momento? (questão acrescentada em contexto)

F6m40: Sim, desvia a atenção do motivo que provoca a birra. Seja porque querem não sei o quê, porque estão aborrecidas, normalmente é o aborrecimento. O tédio é a maior motivação que faz com que a pessoa depois tenha necessidade de utilizar as ferramentas digitais porque aquilo é uma coisa que, de facto, suga a atenção. Ficam focados naquilo, e não se sentem entediados.

E: Tendo em conta tudo isso, acha que pode considerar os meios digitais enquanto *babysitters* no seu espaço doméstico/familiar?

F6m40: Sim, sem dúvida, sim, sem dúvida. E acho um conceito até... nunca tinha pensado nisso, mas quando me falaste disso, aí, é sem dúvida. Não é totalmente, porque não consigo deixá-las em casa sozinhas com... (subentende-se os meios digitais) ou seja, é só isso que falta basicamente, sim de facto, uma *babysitter* faz tudo o resto, dá-lhes o jantar, dá-lhes banho ou não sei o quê, mas em termos de entretenimento, aí é sem dúvida, sim. É preocupante, mas é. (...) Acho que é totalmente, ou seja, ter ali uma *babysitter* que as está a entreter com qualquer coisa, ou a ler uma história, ou elas estarem ali focadas a ver um vídeo é exatamente a mesma coisa, não em termos de benefício para as crianças entenda-se, mas em termos de utilidade, a utilidade é exatamente a mesma, pronto. O benefício que se retira de uma coisa e da outra é completamente diferente, naturalmente, mas sim, sem dúvida (...) Há uma coisa que se chama ‘zona de criança’, ou seja, elas têm um perfil próprio e eu ponho na ‘zona de criança’ e elas não conseguem tirar da ‘zona de

criança' porque aquilo fica bloqueado, pronto. (F6m40 foi buscar um tablet para ilustrar aquilo a que se refere) Pronto, os códigos são sempre básicos. Isto está aberto (referindo-se a que o tablet está desbloqueado e acessível para usar e interagir) pronto, mas eu posso pôr isto em 'modo criança'.

E: Então tem que ser ativado? (questão acrescentada em contexto)

F6m40: Sim, pronto. Eu ativo o 'modo criança' e ela (F6g4, mas também se aplica à filha mais velha) não consegue sair, para sair tem que pôr o código e elas não sabem pôr o código, pronto. E eu no 'modo criança' ponho só aquilo que eu quero pôr, porque eu posso ter outras coisas na outra vista. Se este tablet fosse nosso (pais), a gente podia ter outras coisas, e eu às vezes tenho tipo 'definições' e não sei quê, tenho fora do 'modo criança' e elas aqui só jogam aquilo que são os jogos... eu coloco aqui aquilo que eu quero que... que eu permito que elas vejam, pronto.

E: Como é que conheceu essas ferramentas? (questão acrescentada em contexto)

F6m40: Fui ao *Google* procurar como é que se fazia restrição de acessos, mas foi exatamente quando comprei o tablet, ou seja, quando comprei configurei o tablet para ser usado pela (filha mais velha), pronto, a (filha mais velha) na altura tinha que explicar à F6g4 como é que se fazia. Eu fiz isso, depois criei o perfil dela, pronto, e é aqui que eu consigo ver o que é que ela vê. Sei onde é que está, sei que está desbloqueado, agora está sem limite porque ela esteve com... em casa da minha mãe, pronto, e como elas estavam de férias... a gente não pôs limite, pronto. Mas, durante o ano, da escola, eu ponho... e porque elas estiveram algum tempo sem utilizar porque nós fomos de férias, pronto, e foram para casa da minha mãe e eu não pus as restrições porque depois se elas quiserem... quer dizer, a rotina lá é completamente diferente do que é aqui, eu não posso estar a impor à minha mãe que tenha as mesmas rotinas que nós temos cá, pronto. Mas, basicamente é isto, eu edito aqui (exibe as definições dos limites e restrições) os limites, ou seja, eu tinha estes limites pré-definidos, quanto tempo é que elas podem ver, aos domingos e aos sábados tinha 3 horas e 30 minutos, de segunda a sexta são 2 horas, pronto, que é exatamente ao final do dia, pronto. E depois tinha as horas de desativação, pronto, exceto à sexta e ao sábado, ao domingo tenho, é a partir de que horas é que elas não podem ver, pronto. E depois, consigo ver o que é que elas veem, pronto. Agora não vou ter aqui muita atividade porque elas não devem ter estado... deixa ver aqui... hoje (ainda não apresentava dados) ... ontem nenhuma atividade... porque elas estiveram mais na praia

e na piscina. Eu consigo ver aqui, e depois consigo fazer controlos nas... em cada uma das aplicações. Ponho aqui, posso pôr eu o limite e posso saber quanto tempo é que elas estiveram em cada uma das aplicações (...) A única coisa que eu não consigo controlar aqui efetivamente é que vídeos... isso é o mais problemático, que vídeos é que são vistos no Youtube, pronto, isso é o mais problemático de tudo.

E: Só aparece a indicar Youtube? (questão acrescentada em contexto)

F6m40: Sim, só aparece o Youtube Kids, pronto. Tenho permissão da *app*, tenho as autorizações, não têm armazenamento, tem microfone, pronto, mas não tenho mais nada. Agora, o que é que eu vou fazendo? De vez em quando vou bloqueando determinado tipo de vídeos... quando elas veem um vídeo que eu não gosto, pronto, eu chego aqui (demonstra) e ponho ‘bloquear este vídeo’.

E: E o vídeo nunca mais aparece? (questão acrescentada em contexto)

F6m40: Este não aparece, o que é que acontece? É que isto tem inteligência artificial por trás, e *machine learning*. O que é que acontece? É que há vídeos idênticos, pronto, havia um vídeo que era uma aranha horrível... apareciam uns monstros e tudo mais, eu bloqueio esse vídeo, mas há um vídeo parecido com esse que vai dar ao mesmo, foi feito por outros, o programador é outro... e elas vão lá dar, pronto. Mas eu posso chegar e posso bloquear o vídeo e depois posso pôr ‘cancelar’ em qualquer momento, pronto. Quando eu vejo que elas veem... às vezes não precisam de ser vídeos assim assustadores, às vezes é só... coisas que eu acho tontas. Há muitos vídeos de incentivo ao consumo, imensos vídeos de incentivo ao consumo de uma forma sub-reptícia, porque quer dizer, nós tínhamos os anúncios dos brinquedos e não sei quê, ali não, ali tu tens... ‘vivência de uma criança que vive rodeada de brinquedos’, pronto, e que faz imensas brincadeiras de faz de conta... com imensa, e tem imensa coisa, pronto, e elas depois tentam replicar isso e têm menos coisas... pronto. E é essas coisas que nós permitimos-nos bloquear, perceber o que é que elas estão a ver, pronto, e através destes esquemas paralelos... de bloqueio de tempo, de bloqueio de tempo por aplicação, eu nos jogos nunca tenho, mas no Youtube tenho, pronto, bloqueio de tempo do limite de aplicação, têm 1 hora por dia dentro das 2 horas que têm, têm 1 hora. E aquilo depois acaba por ser mais ou menos automático para elas, às vezes há birras com a hora do desligar, pronto, chega a hora de desligar e há birra.

Entrevista a Filha (F6g4)

E: Gostas mais do tablet, do telefone, da televisão?

F6g4: Do tablet.

E: O que é que gostas mais de fazer no tablet?

F6g4: Jogo.

(Neste momento a F6g4 foi buscar o tablet para mostrar o jogo de que falava. Era um jogo de construção e customização, denominado “Fazenda Trator” que integra uma categoria de jogos “*Go Kids*” que apresenta conjunto de aplicações e jogos que para além da vertente de entretenimento possuem também vertente educacional)

Entrevista a Família F7

Membros entrevistados: Mãe (F7m39), Pai (F7f42), Filho (F7b5)

E: Que meios digitais é que têm em casa?

F7m39: Portanto, temos computador, tablet, telemóvel... televisão.

E: Como é que são feitos os usos desses meios digitais?

F7m39: Atualmente é mais o telemóvel e televisão.

E: Para entretenimento?

F7m39: Nós pais. (...) Então é assim, nós é mais o telefone, televisão, para entretenimento. E o F7b5 é que é...

F7f42: Televisão...

F7m39: Televisão, tablet... e telefone de vez em quando.

E: O telefone é o vosso telefone? (questão acrescentada em contexto)

F7m39: É o nosso telefone.

E: Consideram ter boas competências digitais?

F7m39: Mais ou menos, sim.

E: Têm algum tipo de preferência no meio digital que queriam que ele usasse, que usasse mais?

F7m39: Eu queria que ele não usasse nenhum (risos) Mas eu prefiro que ele use o tablet.

E: E ele tem preferência por algum?

F7m39: Não, desde que tenha acesso à internet está tudo perfeito (risos)

F7f42: Pois, é isso... acesso ao Youtube... (risos)

E: Com a situação da pandemia sentem que houve alteração na gestão dos usos dos meios digitais?

F7m39: Aumentou.

E: No geral? Para vocês também ou mais para ele? (questão acrescentada em contexto)

F7m39: Não, mais para ele. Era difícil mantê-lo em casa... houve uma altura em que não tínhamos como entreter...

F7f42: Entreteve-o a fazer... a brincar, a pintar... mas houve uma altura em que tínhamos que dar um bocado o nosso telemóvel...

E: Então acabou por ser um mecanismo mais para vocês (pais)?

F7m39: Sim, sim. Havia uma altura em que a gente já não... já não sabíamos o que é que lhe havíamos de fazer.

E: O que é que ele costuma fazer nos meios digitais que usa?

F7m39: Portanto, na televisão é os canais infantis.

F7f42: Desenhos animados.

F7m39: Ver os desenhos animados... No telefone e no tablet é muito ir ao Youtube àqueles vídeos “*shorts*”, e é os jogos, jogos para a idade.

F7f42: Jogos didáticos.

E: Têm preocupações relativamente ao uso que ele faça dos meios digitais?

F7m39: Temos, porque achamos que isto rapidamente vicia e ele deixa de querer brincar com os brinquedos dele para isto (neste momento, o filho F7b5 está a utilizar o tablet).

E: Esse ‘deixar’ os brinquedos físicos para dar mais atenção aos meios digitais é recorrente? (questão acrescentada em contexto)

F7m39: É.

E: Como é que fazem as regulações dos usos? Que regras é que estabelecem?

F7m39: Portanto, normalmente é a seguir ao almoço e ao jantar ver um bocadinho, entre meia hora a 1 hora e depois é consoante também as necessidades, portanto se a gente... se eu preciso de orientar o jantar e ele não está entretido às vezes também acabo por lhe entregar, sim (os meios digitais).

E: Consideram possuir uma postura mais permissiva ou mais restritiva?

F7m39: Eu acho que somos um bocadinho permissivos.

F7f42: A mãe é mais permissiva, o pai é mais restritivo.

E: Quando chega o tempo de ele parar de brincar (com os meios digitais), ele tem alguma reação assim mais adversa?

F7m39: Nunca quer, nunca quer.

F7b5 intervém: Não vou parar de brincar com o tablet!

F7m39: Pois, é isto, é isto.

E: Mas eventualmente ele assente isso e percebe que “já chega”? (questão acrescentada em contexto)

F7m39: Ele acaba por perceber, mas ao princípio tenta sempre manipular-nos e lutar um bocadinho contra isso.

F7f42: Tenta sempre ficar um bocadinho mais... ganhar tempo.

E: Quando ele está a utilizar os meios digitais, participam de algum modo na atividade que ele está a fazer?

F7m39: Ele necessita muito da nossa... não é aprovação, mas ele gosta muito de mostrar-nos o que é que está a ver, pronto, estamos ao pé dele enquanto ele está a fazer.

F7f42: Ele por exemplo ontem perguntou-me ‘pai, escolhe um jogo para eu jogar’ e eu escolhi e ele ‘não quero esse’ (risos), escolhi outro e ele ‘não quero esse’ (risos).

E: Ele gosta de ter a vossa opinião.

F7m39: Sim, gosta de estar a ver, mas não gosta de estar sozinho.

F7f42: Sim.

E: Que critérios é que consideram que passam pela disponibilização de meios digitais ao F7b5?

F7m39: É assim, não é nos demitirmos da educação dele, mas atualmente por aquilo que eu vejo... que eu nem... eu estava bastante distante destas coisas... muitos dos jogos e pequenos vídeos ensinam-lhes muita coisa. Eu não o ensinei a ler, ele começou a ler com 3 anos, 3 anos e meio.

E: Por causa dos meios digitais, dos jogos?

F7m39: Também, tudo contribuiu. A curiosidade dele pelas letras e...

F7f42: Ele sabia as cores em inglês com 2 anos.

F7m39: É assim, ele foi apresentado também muito cedo a estes meios digitais um bocado por problemas de saúde que ele tinha recorrentemente e houve, por exemplo, dias que nós tínhamos que passar dias inteiros no hospital numa cama de hospital e não há brinquedo que exista aí... começou daí. (...) Começou pela necessidade, mas atualmente é o gosto dele.

F7f42: É.

E: Existe atualmente algum momento no vosso dia-a-dia em que sentem um maior incentivo para lhe dar os dispositivos digitais? Por exemplo, ou para o acalmar, ou em situações de refeição...?

F7m39: Não, situação de refeição não. É, muitas vezes, aquilo que tinha dito damos-lhe a seguir ao almoço e ao jantar porque permite-nos arrumar a cozinha com calma e conversarmos nós (pais) ali um bocadinho enquanto ele está entretido.

E: É mais para tarefas/tempo, então, nesse sentido?

F7m39: Sim.

E: Consideram que os meios digitais podem ser entendidos como *babysitters* no vosso caso?

F7m39: É assim, se é *babysitter* é por um tempo muito curto. Efetivamente eu acho que estes meios muitas vezes têm mesmo um uso positivo nesse sentido, mas nunca uma substituição de nada.

F7f42: Sim.

E: Onde é que ele costuma utilizar os meios digitais? Por exemplo, utiliza na sala, no quarto...?

F7m39: Nos dois lados, sala, quarto....

E: Ele tem televisão no quarto? (questão acrescentada em contexto)

F7m39: Não.

Entrevista a Filho (F7b5)

E: Tens um tablet só para ti?

F7b5: Sim, é da ASUS.

E: E gostas do tablet?

F7b5: Gosto.

E: O que é que gostas no tablet?

F7b5: Eu gosto muito das minhas aplicações, mas quero ficar lá todo o dia a jogar...

E: Quais são os jogos que tu gostas?

F7b5: Eu tenho mesmo um... ‘*Talking Tom*’.

E: É o quê?

F7b5: O gato. É um gato parecido ao meu.

E: Tens um gato? (questão acrescentada em contexto)

F7b5: Um gato parecido ao '*Talking Tom*'. É cinzento.

E: Usas o tablet todos os dias?

F7b5: Sim.

E: Podes usar sempre ou os pais às vezes não deixam?

(F7b5 olha para o Pai [F7f42] após a questão)

F7m39 intervém: Podes usar o tablet sempre ou só podes de vez em quando?

F7b5: Sempre. Quero sempre.

F7f42 intervém: Tu quando precisas de usar o tablet o que é que fazes? Perguntas a alguém se podes usar ou vais usar?

F7b5: Vou usar.

E: Usas o tablet onde? No quarto, na sala...?

F7b5: Às vezes no quarto e também às vezes tapado no quarto da mãe. (...) Depois de jantar... 30 minutos (...) com a cabeça tapada e estou a ver tablet...

E: No tablet tens os jogos, e também vês vídeos?

F7b5: Sim, no Youtube.

E: Os telemóveis dos pais, tu usas?

F7b5: Sim. O pai empresta-me de vez em quando o dele.

E: O que é que fazes no telemóvel do pai?

F7b5: Jogo.

E: Jogas o quê?

F7b5: ‘*Pou*’ (jogo para interagir e cuidar de um animal de estimação)

E: E tu depois cuidas dele, tratas dele? (questão acrescentada em contexto)

F7b5: Sim. Também dá para... podemos ganhar moedas. (...) Eu tenho o ‘*Pou*’ no telefone da minha mãe também e no meu tablet.

E: E gostas?

F7b5: Sim, gosto muito.

E: E televisão, vês televisão?

F7b5: Sim, muita! Quero ver todo o dia!

E: E vês todo o dia?

F7b5: Sim, eu vejo sempre televisão.

F7m39 intervém: Ai é?

F7b5: Sim. E também quero ver quando eu estou a almoçar.

E: E o que é que gostas mais de ver na televisão?

F7b5: ‘Casa de bonecas da Gabby’ (série de desenhos animados para crianças na *Netflix*), é sobre gatos.

E: E a televisão vês onde?

F7b5: Na sala de estar. Mas sabes que também tem uma (televisão) que dá Canal Panda no quarto da minha mãe, uma pequenina... lá no topo.

F7m39 intervém: Lá no topo... está na parede.

E: E tu vês lá?

F7b5: Hmhm (sim). E também já vi quando eu estava a dormir com o pai.

F7f42 intervém: Tu estavas a dormir... (risos)

F7b5: Não, estava assim com os olhos acordados a ver os ‘Ursinhos Carinhosos: liberta a magia’ (série de desenhos animados no Canal Panda).

E: Podes ver tudo na televisão ou há coisas que os pais não deixam que tu vejas?

F7b5: Mas há umas coisas que não há na televisão.

E: O que é que não há?

F7b5: Não há episódios do ‘*Pou*’, só há no Youtube. Também há episódios no Youtube do ‘*Talking Tom*’ e amigos.

E: Qual é que gostas mais? A televisão, o tablet ou o telemóvel dos pais? (questão acrescentada em contexto)

F7b5: Tablet!

E: O tablet?

F7b5: Sim, é o que eu gosto mais.

E: Porque é que gostas mais?

F7b5: Olha, sabes que eu consigo fazer no tablet ‘*Minecraft*’? Personagens *Minecraft*.

E: Consegues?

F7b5: Sim, consigo, só pintá-las. Só pintar e também consigo apagar. Também consigo pôr mais grande ou mais pequeno (as personagens).

Entrevista a Família **F8**

Membros entrevistados: Mãe (**F8m46**), Filho (**F8b3**)

Entrevista a Mãe (**F8m46**)

E: Quais são os meios digitais que têm cá em casa?

F8m46: É assim, temos o computador, mas eles (filhos) nunca utilizam o computador, eles utilizam mais é o telemóvel.

E: O vosso? (questão acrescentada em contexto)

F8m46: O nosso, sim, eles não têm. (...) É assim, na casa da avó eles têm um tablet que era o antigo da avó e que às vezes quando lá estão é com aquele que eles estão porque acabam por não estragar os outros. Mas... eles já me partiram o telefone... mas pronto a televisão e o telemóvel, o nosso (meios digitais no meio familiar).

E: Como é que são feitos os usos dos meios digitais?

F8m46: Nós não usamos tablet, só o (Pai) a nível profissional, de resto não usamos. Eu utilizo o meu telefone para trabalhar, faço tudo no telefone e para ver... nós utilizamos mais a televisão para ver as notícias e as séries tipo de resto é quase tudo no telefone. A informação hoje em dia.... O que a gente quer é o telefone. Mas, acabamos por utilizar a televisão para ver às vezes as notícias à hora de jantar, ou quando calha... (risos), o telejornal à noite e depois as séries e desenhos animados para eles basicamente a televisão agora é maioritariamente usada por eles, é para ver os desenhos animados.

E: Também usam os meios digitais para, por exemplo, contactar familiares? Ou outro tipo de uso para além do já mencionado? (questão acrescentada em contexto)

F8m46: Pronto, a nível profissional eu uso para tudo, até porque eu trabalho muito na rua ou na loja e pronto, nem sempre... e agora estou sem portátil, portanto no meu telefone faço tudo. Eles... e falamos também com os avós, ou às vezes tipo com o meu irmão e para eles falarem com as primas, fazemos videochamadas e pronto, mas eles não gostam muito de perder tempo com isso, porque eles gostam mesmo é de estar ali a mexer e pronto e a ver aquilo (risos), mas sim também utilizamos para isso, mais às vezes à hora de jantar que é quando eles estão sentados e então conseguimos que estejam assim mais concentrados mas é uma coisa relativamente rápida, não dura mais do que 2/3 minutos (risos), é só ‘olá, está tudo bem’ e pronto. (...) Mas, basicamente, no caso deles usam o telefone para ver os desenhos animados e eu, no meu caso, uso para tudo, pronto, uso para tudo porque é o meu canal principal de comunicação da marca e, portanto, tudo, recebo emails, respondo a emails, tipo faço pesquisas de trabalho, faço tudo, até faço faturação às vezes, tipo, controlo as encomendas, portanto faço tudo no telefone. E, portanto, é uma coisa que nós utilizamos muito e que muitas vezes também estamos com ele na mão e eles também veem-nos a utilizar bastante e portanto é uma coisa que é comum, é normal. Não é algo que a gente lhes possa dizer que ‘ai vocês não podem ficar muito tempo com isso’ porque depois nós também estamos e hoje em dia é o que é (risos).

E: Sendo assim, entende que têm boas competências digitais?

F8m46: Sim, sim, sim.

E: Tem preferência para com o meio digital que eles usem ou usem mais?

F8m46: Sim, eu prefiro que eles vejam, por exemplo, eu tenho uma aplicação... (...) Eu prefiro que eles vejam a *Disney Plus* e a *Netflix* que assim eu consigo controlar, meto os filmes, e eles acabam por estar... quero eu que eles tenham alguma concentração ou que permaneçam mais tempo a ver a mesma coisa porque no caso do Youtube que é o que eles preferem, não é, o Youtube Kids, que aquilo está sempre a passar coisas, eles estão sempre a mudar e aquilo é tipo uma informação completamente descontrolada (risos) para a cabecinha deles que é muito pequenina, se para nós é para eles... e então, se tento controlar é mais nesse sentido, é às vezes..., por exemplo há momentos em que eu não os deixo ver aquilo porque realmente vejo que eles estão mais descontrolados, ou não, agora se os vou pôr a ver isto eles vão ficar doidos então, ‘agora não, agora se é para verem só veem isto’ e às vezes nem é no telefone é na televisão. Pronto, tento estabelecer assim algumas regras dentro de... pronto, das situações, também mediante o estado deles e às vezes não quero mesmo que vejam e não veem, pronto (risos).

E: Eles acatam então isso? (questão acrescentada em contexto)

F8m46: Às vezes, tem que se substituir por outra coisa. Tem que se substituir por outra coisa, até porque isto acaba por se usar muito também para os próprios pais também terem o seu espaço e a sua independência porque nós temos... se nós estivermos sempre a brincar com eles, e sempre entretidos com eles, eles não estão agarrados a isto a verdade é essa, a nossa sorte é que nós passamos muito pouco tempo em casa, nós fazemos muitas atividades na rua e então... também é assim obriga-nos a nós também a sair... nós também gostamos, não é, porque o (Pai) faz *surf* e então fazemos muita praia e temos muitas atividades ao ar livre e para eles também porque achamos que é importante, porque se eles ficarem o dia todo dentro de casa, nós não temos paciência para estar o dia todo a brincar com eles, e então é um desgaste acabam por passar muito mais tempo ‘bloqueados’ ao telefone ou a ver televisão, apesar de que eles entretêm-se imenso a fazer *Legos* e a brincar. Eles entretêm-se imenso também com os brinquedos, portanto há aqui... há aqui uma mistura, pronto, não é nada muito... acho que se consegue ir equilibrando as coisas, mais ou menos.

E: Nesse sentido, no contexto da pandemia, sentiu diferença na gestão dos usos? Por exemplo, essa questão de não poderem sair, não poderem fazer essas atividades... Sentiu que eles passaram mais tempo com os meios digitais, ou conseguiram equilibrar?

F8m46: É assim, eles nessa altura eram mais pequenitos... eles eram mais pequeninos e... nós íamos à rua na mesma, porque é assim, nós fomos sempre à praia e andámos sempre aqui na rua, portanto... acabámos sempre por ter fugas e íamos sempre um bocadinho de manhã, um bocadinho ao fim do dia, o (Pai) tinha que trabalhar e eu aguentava-me aqui com eles em casa, às vezes iam para casa da avó, pronto, quando dava para ir. Mas... se calhar piorou um bocadinho (os usos), não sei, mas olha não me recordo, mas acho que eles eram muito pequeninos não ligavam tanto, acho que se entretinham mais com outras coisas. Às vezes estava a televisão a dar eles nem estavam a ligar, brincavam com outras coisas, eu também nessa altura estava com mais disponibilidade para eles... porque também abrandei um bocadinho no trabalho e não sinto que... acho que foi depois, quando eles começaram a ficar um bocado mais espertos, mais vivos, e a perceberem melhor as coisas e encontrarem ali um mundo, que existe ali um mundo por explorar no telefone... porque eles aí eu acho que não tinham bem a noção. (...) E apesar de verem televisão desde sempre e verem o telefone desde sempre, não era a coisa como é agora, agora já tipo dominam. Acham que dominam (risos).

E: O que é que eles fazem nos meios digitais? Disse que eles veem o Youtube Kids, mas por exemplo, jogam jogos também?

F8m46: Eles não... ainda não jogam, ainda são pequenitos, fazem muitos *puzzles*... isso fazem. Isso fazem porque eles já dominam bem, e às vezes até queria, mas eu também não quero que eles entrem muito na cena dos jogos... porque têm tempo. Mas fazem, há uns joguinhos que eles fazem que são próprios para a idade deles e que às vezes eles pedem e jogam, mas depois irritam-se imenso porque depois aquilo está sempre a aparecer aquelas publicidades... e então..., mas o que eles veem mais é o Youtube Kids.

E: Diz que eles têm tempo, que não precisam já de interagir com jogos. Que outras preocupações tem em relação aos usos que eles possam fazer?

F8m46: É assim, olha, há a parte da saúde não é, faz-me imensa confusão o que é que isto pode provocar em termos de futuro, não é, nos olhinhos deles, até porque agora... a pediatra, está na altura de lhes fazer uma primeira consulta de oftalmologia só para perceber se está tudo bem com os olhinhos deles e uma coisa que eu acho é que (...) é que isto antigamente não havia e o nosso corpo continua a ser o mesmo e agora está sujeito a estas coisas, e eu não sei que efeito é que isto poderá ter a nível destes olhinhos tão pequeninos e ainda tão em formação... e há essa preocupação a nível físico, depois a nível psicológico e mental eu também acho que isto tem uma influência gigante. Tem coisas boas, porque eu acho que isto também os ajuda às vezes, por exemplo, eles dizem palavras em inglês e coisas que eles aprenderam ali, não é, e percebem às vezes certos conceitos, certas coisas, e conseguem perceber ‘que olha isto é não sei o quê em inglês’... e isto realmente tem essa parte também educativa de alguma maneira, mas como é óbvio a gente não controla depois o que é que eles estão ali a ver, apesar de isto estar muito limitado ali à idade deles, mas pronto. Mas há esta... e depois há outra coisa que também complica um bocado e que me faz imensa confusão e que eu tento controlar, que é a parte de oferta dos brinquedos e a quantidade de coisas a que eles estão sujeitos a ver constantemente, e que são bombardeados constantemente, com brinquedos e com vidas que não são vidas *normais* e que ninguém *normal* tem aquela vida e tenho medo que isto na cabecinha deles... eles ainda não conseguem perceber muito bem o que é que é realidade, diferenciar a realidade da ficção, apesar de saberem o que é que é... eles sabem o que é que é um sonho... o que é que é real, mas há coisas que eles não percebem e eu não quero que eles achem que aquilo é que é normal, não é, e que toda a gente tem aqueles brinquedos, então também trabalho muito nesse sentido, estou-lhes sempre a explicar, mesmo quando eles estão a ver aquilo e estão sempre a pedir coisas... ‘eu quero isto, e quero isto’, esquece, ‘o mundo não é assim... nós não podemos ter tudo, e isso é mentira, essas crianças não vivem assim’ e é difícil controlar o eles não verem aquilo porque hoje em dia, eu acho... pronto, a própria internet e a forma como isto está contruído é mesmo para manipular, de certa forma, as pessoas, portanto eles manipulam as crianças, manipulam os adultos, e depois cabe-nos a nós perceber até que forma é que estamos a ser manipulados e se queremos ou não que aquilo... e as escolhas são nossas, não é, mas eles ainda não têm essa noção e então tenho que ser eu a fazer esse trabalho às vezes. Se percebo, às vezes.... sei que há alguma coisa que eles viram, tento que não deixem ver ou não vejam tanto, por exemplo quando eles estão no Youtube Kids e aquilo está sempre a dar aquelas coisas dos miúdos a abrirem brinquedos, e brinquedos, e brinquedos... eles

ficam completamente desorientados, e eu acho que eles não dão depois valor a nada, só querem é coisas, coisas e novidade, novidade, novidade, eu acho que isto cria muito isso. (...) Mas pronto, mas isto é assim... causa-nos a nós, e eles que são pequenitos estão a crescer nesta era, não é, mas não são só eles, são todos... e que impacto é que isto vai ter depois no futuro deles, não sei, eu tento que eles consigam perceber mais ou menos que a vida não é isso, e... mostramos-lhe outras coisas... vamos ver, eu acho que só o futuro o dirá.

E: Nesse sentido, que regras é que tenta aplicar?

F8m46: É assim, eles têm uns *timings*, por exemplo, eles não veem isto sempre. Eles acordam de manhã, têm a rotina deles, às vezes... agora já estão a perder um bocado o hábito de manhã ao pequeno-almoço estarem a ver o telefone, mas antigamente havia muito para eles estarem sossegados porque eles são dois e estão constantemente a levantar-se, eles não ficam sossegados a comer, e ficam completamente desconcentrados e então a gente metia o telefone a dar os desenhos animados e estavam a ver. Agora, de manhã estão a perder esse hábito. E depois vão para a escola, estão o dia todo sem ver, depois chegam ao fim do dia, às vezes depende, é assim... se vamos a algum lado eles não veem (...) mas se, por exemplo... para fazer o jantar, ou preciso estar mais sossegada e o (Pai) não tem disponibilidade para estar um bocado com eles, ou não lhes conseguir logo dar banho, às vezes damos um bocadinho o telefone para eles estarem sossegados. E ao fim de semana, quando estamos em casa, sim, para fazer qualquer coisa temos que lhes dar, nós recorremos a isso como recurso de ‘olha, sossega um bocado’, pronto. Não sei se é o certo ou não, mas é um bocado isso. Não é hábito, não é uma coisa... que seja para tudo, até porque nós tentamos fazer outras coisas e fazer muito vida de rua para também para quebrar esse ciclo, mas... é assim, em casa é a solução para eles sossegarem um bocado, e para nos deixarem também fazer coisas que são necessárias fazer em casa. Por exemplo, hoje estão há muito mais horas do que é costume, não é normal, eles hoje estiveram toda a tarde com isto (telemóvel) na mão. (...) Olha, têm regras no que... olha, pronto, é isto, têm regras no que veem. Por exemplo, ele agora (o irmão) está a ver uma coisa que eu não gosto que ele veja, que é o Youtube que não é o Youtube dos Kids, é o Youtube... é o Youtube, que eles já perceberam como é que se vai lá. E então, há horas e há momentos em que eles podem ir aqui e agora não era o momento (F8m46 altera a aplicação que estava a ser utilizada no telefone do pai e seleciona o Youtube Kids). Pronto (risos), e eles já sabem, eles próprios sabem que aquele Youtube... às vezes dizem “Mãe,

eu posso ver aquilo?”, e eu digo “olha, agora não”. E então, é mais nesse sentido, porque de resto nós tentamos que não seja demasiado. (...) E é isto... hoje é uma exceção, mas isto não é comum, porque nós tentamos que a nossa vida seja tipo... variada, e fazer outras coisas que é para eles não estarem sempre com isto.

E: Quando há o momento de eles pararem de brincar com os meios digitais, eles têm alguma reação adversa?

F8m46: Eles acatam, eles acatam. É assim, nós tentamos gerir, às vezes eu digo ‘olha, começa-te a preparar que daqui a bocadinho...’ (risos) pronto. Isto funciona igual com os doces... ‘olha pronto, comes dois e depois guardas e amanhã comes o resto’, e tem que ser assim, não podes vacilar..., eles vão sempre tentar ‘não, mais um bocadinho, não!’, mas tens que ser firme. E pronto, e fazes e eles começam a acatar, depois há dias mais fáceis que outros, há dias que acatam muito bem e há outros que, pronto, fazem fita. Depois depende, às vezes se a fita está numa altura em que a tua cabeça não está a conseguir lidar com aquilo, tu cedest e pronto e ‘toma’, senão levas aquilo até ao fim, mas por norma funciona bem, pronto, quando eu digo ‘olha chega agora vamos parar’... e eles acabam de comer, por exemplo, às vezes estão ali a ver, acabam de comer acabou, desligam aquilo e veem para aqui (sala) brincam um bocadinho e pronto. Mas, sim, não há assim.... Eles são muito intensos, muito intensos, energia inesgotável isso são, mas eles sempre foram muito fáceis por exemplo, nas etapas... normais, eles são muito fáceis, aquilo acaba por acontecer naturalmente e eu acho que olha... é assim, nós não somos perfeitos, ninguém é. (...) Às vezes tu queres uma coisa e não consegues... às vezes aquilo que tu tens na tua mente que gostavas que fosse não consegues depois no dia-a-dia... então, mas sim... eu acho... não há assim grandes fitas por causa disto, não, não (risos) (...) Às vezes há muitas fitas entre eles, porque eles lutam imenso, disputam imenso tudo.

E: Como é que entende a vossa abordagem, mais restritiva ou mais permissiva?

F8m46: Eu acho que está entre.... Eu acabo por ser muito permissiva, no sentido em que eu acho... eu acabo por ser muito permissiva com eles em relação a tudo porque eles são crianças, porque eu tento entender cada fase da vida deles, eu sei que isto tudo vai passar, eles não vão ser assim eternamente, eles são crianças, agora aos 4 não é igual como era aos 3 (à data da entrevista os filhos têm ambos 3 anos de idade mas celebram o aniversário

proximamente) e portanto cada fase é um desafio e eles próprios nos desafiam de maneira diferente e eu acho que deixo um bocadinho as coisas acontecerem naturalmente porque faz parte do meu feitio, porque eu acho que eles são crianças e não têm que estar constantemente a ser quebrados e não têm que se comportar de forma diferente... à idade que têm, acho que não... não sei, não gosto de cortar esse ciclo, acho que não o devo fazer, porque isso pode também depois ter implicações neles, não quero que eles sejam diferentes daquilo que são. Gosto de conduzi-los, pronto, gosto de conduzi-los para aquilo que eu acho que é o melhor, mas agora ainda é muito cedo e eu acho que eles são tão pequenitos, tento-lhes explicar às vezes dentro daquelas coisas que eles gostam de ver e que eu não consigo controlar, eu tento-lhes explicar que aquilo não é bom, e eu percebo que eles entendem, há muitas coisas que eles estão a ver e depois dizem-me no final ‘oh mãe, isto não é bom, isto era mau’, portanto eles percebem, eu tento sempre explicar-lhes tudo... gosto muito de lhes explicar tudo que é para que eles entendam (risos), mas também não gosto de lhes cortar, ou privar, porque são coisas que também que fazem parte agora do crescimento deles... e pronto, a única coisa que eu não quero é que eles sejam mal educados e que batam nos outros miúdos...e sei que não são... eles são tão queridos, eles têm imensa energia, mas eles depois são amorosos... na escola só dão abraços... portanto eu quero é que eles não sejam mal educados e pronto, e futuramente... olha, vamos ver, há coisas que depois a gente não controla. Mas, eu acho que sou mais permissiva, *eu*, enquanto mãe, o (Pai)... eu acabo por ser eu que estou sempre mais à frente de tudo, da educação deles, de estar com eles, o (Pai) acaba por estar muitas vezes fora e às vezes está aqui muito em casa, pronto, agarrado ao trabalho, e eu também tenho o meu trabalho (risos) não é, mas acabo por ser um bocadinho mais sobrecarregada nesse aspeto, porque olha... e é assim, ele ajuda-me imenso mas, no fundo no fundo é tudo... acaba por ser tudo eu. E depois há aqui o papel do (Pai) numa situação em que às vezes quando eu não consigo controlar alguma coisa, isso é bom, há tipo a voz do pai que acaba por se sobrepor um bocadinho e eles... quando estão meio descontrolados, parece que ‘ok’, e isso é bom, é bom nesse sentido, porque às vezes também se ele fosse muito presente depois eles... já não obedeciam nada, e já achavam que isto era tudo à vontade, e eu não, eu acabo às vezes por estar mais, sou muito permissiva depois também às vezes também já estou sempre a gritar e sempre a dizer ‘não façam isso’ e eles já nem me ouvem, e depois às vezes tem que vir o pai e... pronto, e eles lá acatam. Mas eu acho que sou mais permissiva, sinceramente, não vou estar a... tento ser equilibrada, mas acho que sou mais permissiva (risos).

E: Os pais participam nos momentos em que eles estão a brincar com os meios digitais? Ou ficam mais a ver aquilo que eles fazem?

F8m46: Não, há coisas que eu gosto de ver com eles, às vezes até há coisas que vejo mesmo com eles, por exemplo... os filmes normalmente eu vejo com eles. (...) Eu às vezes vejo com eles, pronto. Há filmes que eu gosto de ver com eles, principalmente para tipo às vezes explicar-lhes alguma coisa porque...e eles gostam de participar, por exemplo, ainda há bocado estávamos aqui a ver o Pinóquio e o F8b3 no final chorou, começou ‘mãe, então e mais?’, e eu ‘não, agora acabou, filho, agora acabou’... e ele começou a chorar, tipo ‘eu quero ver mais, isto não pode ter acabado’ (risos) e acho graça porque agora já começam a ver assim filmes completos... e eu gosto de ver com eles e então vejo. Agora tipo estas coisas que eles veem assim (no telemóvel) não, não dá... às vezes vejo só para estar e para estar um bocado também, e lhes dar importância e dizer ‘ah assim não, isso é mau, isso não sei o quê’ faço isso... porque tenho que fazer, até porque também gosto de conhecer um bocado os bonecos no mundo deles... porque acho que é importante, não sei se eles me vão deixar estar sempre assim mas... (risos) eu sempre pensei que gostava de ser uma mãe que soubesse, que conhecesse um bocadinho do mundo dos filhos, eu sei que eles ainda são muito pequeninos mas acho isso super importante... eu sei que há uma fase em que a gente deixa de fazer parte, parece que há ali um desvinculo... pronto, vai cada um para seu lado e é normal, eu acho que isso acontece mais quando eles começam a ter os coleguinhas da escola... e abre-se um outro mundo, mas pronto, agora eu ainda tento conhecer um bocadinho deste mundo deles, fazer parte dele (risos).

E: Quais considera serem os critérios para a disponibilização que fazem dos meios digitais? Mencionou a questão de ser um meio para libertar tempo para vocês, e uma ajuda às rotinas. Existe mais algum tipo de critério?

F8m46: É assim, por exemplo, eu não vou mentir, nós quando vamos almoçar fora ou jantar fora a algum restaurante isto (telemóvel) é sempre o recurso até porque eles não ficam sossegados e eles são daquelas crianças que... começam e é assim... não dá, eles entram para dentro das cozinhas... e não dá (risos). E não conseguimos... às vezes temos ali um momento em que os conseguimos ter sossegados, se eles estão com fome, tipo começam logo a comer pão ou não sei o quê... eu tento às vezes, aqueles livros que às

vezes nos restaurantes eles também têm para eles pintarem, mas tipo agora usam-se muito pouco, mas eles agora estão a entrar numa fase em que mesmo com o telefone eles já não ficam muito tempo, eles já querem absorver... tudo à volta e já querem fazer as coisas que os adultos fazem e então isso agora já não começa a ser usado durante tanto tempo, mas houve uma fase em que, pronto, a gente ia aos restaurantes com eles e eles estavam sempre sentados com aquilo à frente, estavam super sossegados, mas estavam sempre com aquilo à frente. E é assim, complicava-nos um bocado, e às vezes a gente ficava ‘que horror, como é que a gente vai dar a volta a isto’... mas, eu acho que o próprio tempo, se tu não considerares aquilo normal, se lhes fores explicando, se os fores colocando perante outras situações, eles vão começando a perceber e o ciclo natural da vida é mudar, já não é igual ao que era o ano passado, o ano passado se calhar eles estavam o tempo todo no restaurante com aquilo à frente, agora não, agora já há outras coisas que eles também querem tomar atenção, até mesmo às nossas conversas e então ok, já não é... não é preciso às vezes... vão acontecendo naturalmente. Às vezes também não é preciso o ‘não, a partir de agora não’, porque eu acho que quando isso acontece é muito pior. Eu sinto que quando há assim algum ‘agora não!’ é pior, eles querem muito mais, mesmo que não queiram passam a querer, e cria ali um ciclo... cria um choque, e cria um ciclo que não é bom, e então eu dou sempre um bocadinho mais de margem e a verdade é que as coisas depois no seu ciclo acabam por acontecer. Eles agora já não têm tanto interesse em estar num restaurante com o telefone à frente porque há outras coisas, e nem que seja estarem a escolher o que é que querem comer de sobremesa... já lhes interessa, já há outras coisas que lhes interessam e que eles já começam a aperceber-se e nós também tentamos estar sempre a falar com eles, a conversar, a puxar assunto, pronto, que é para eles não estarem ali encafuados. Mas, por exemplo, depois depende, eles são diferentes. Ele (o irmão) é muito mais... está no mundo dele... ele não é nada sossegado, mas está no mundo dele. Aquele (F8b3) é mais, gosta de... ser aceite, gosta que toda a gente olhe para ele, de ser o centro das atenções. (...) São gémeos verdadeiros... só que este está no mundo dele, não quer saber de nada nem de ninguém... é tipo só do homem-aranha (risos).

(...)

F8m46: A primeira vez que eu vi... olha, estávamos em Sagres, ainda não tínhamos filhos, foi há imensos anos. E depois fomos a uma pizzeria (...), e então estavam lá uns franceses e uns miúdos, com imensos miúdos, e os miúdos estavam todos sentadinhos, super sossegados com tablets na mão e era uma coisa que cá em Portugal... eu acho que

ainda nem havia muitos tablets, quase ninguém tinha tablet, e nós olhámos e tipo pensámos ‘uau, os miúdos super sossegados, realmente eles são super evoluídos’. De repente, foi um ápice, enquanto isto entrou por aqui adentro e começámos todos a consumir imenso daquilo e era muito normal... agora, eu sinto que há um voltar para trás, eu sinto que as pessoas mais evoluídas estão cada vez a dar menos estes aparelhos eletrónicos às crianças. Eu vejo que às vezes nesses mesmos sítios que eu vi esses estrangeiros que estavam super evoluídos a darem esses... e que nós ainda não tínhamos acesso... agora estamos nós a dar-lhes e eles já estão noutra patamar, os miúdos já estão a pintar, já estão a fazer jogos, já estão a interagir doutra maneira completamente diferente, portanto eu acho que isto é... às vezes anda-se muito rápido para a frente, mas depois tem que se andar uns passos atrás porque, é assim, todos nós sabemos que isto... nem 8 nem 80, não faz bem, nós tentamos fazer esse trabalho, eles são muito pequenos às vezes é muito difícil, mas tentamos, temos isso em consciência, e eu acho que é muito importante temos que ter isso em consciência porque isto é bom é uma evolução brutal, mas há que ter qualquer coisa que não é assim tão benéfica. Porque nós sentimos, sentimos em nós e para eles que são cabecinhas ainda em formação, eu acho que isto não pode ter um impacto assim tão bom e tão positivo. Mas pronto, é uma coisa que nós não saberemos. (...) Mas muito pequeninos... miúdos com 1 ano e tal, eles mexem e têm acesso a isto... o mundo para eles não existe sem isto. (...) Sabem tudo, eles sabem tudo... mais que os avós sabem de certeza.

E: Tendo em conta então tudo isto que falámos, acha que reconhece os meios digitais como *babysitters* no vosso meio familiar?

F8m46: Às vezes é um bocadinho, às vezes é um bocadinho, é. Às vezes, por exemplo, estamos em casa dos pais do (Pai) ou mesmo com o meu pai, às vezes estamos tipo em família e a pessoa ainda não acabou de comer, e se imagina, o ambiente começa a ficar completamente descontrolado, é uma ferramenta que nós temos para os acalmar. Às vezes não me incomoda, outras vezes incomoda-me, depende (risos). Às vezes não me incomoda, e pronto, e depois acabo por acelerar um bocadinho o meu momento às vezes de lazer, ou que quero estar ali, ou para ir para o pé deles ou para também quebrar aquilo, porque não quero estar... agora para eu estar aqui... também me incomoda um bocado, agora para eu estar aqui descansada os miúdos estão ali a entupirem-se de porcarias na cabeça, e então sinto sempre essa culpa. Mas pronto, há outras vezes que não sinto essa

culpa, em que quero lá saber, eles que vejam quero é estar descansada (risos). Pronto, então eu acho que isto... andamos sempre neste rebuliço. Mas sim, recorremos a isto muitas vezes como uma ajuda, é tipo para eles estarem sossegados, portanto é assim, é um *babysitter* digital sem dúvida, às vezes é (risos).

(...) É assim, nestas férias (de verão) se calhar houve um bocado mais abuso ali à hora de jantar porque nós queríamos estar descansados, depois na mesa em família... para estarmos na mesa a conversar até mais tarde e eles tipo iam para a sala e ficavam, ou a ver televisão ou a ver o telemóvel, acabavam por adormecer. Mas no dia-a-dia... é moderado, é moderado, é moderado.

E: Eles costumam utilizar os meios digitais onde em casa? A televisão é só na sala?

F8m46: Sim, só, só temos esta.

E: E os vossos telemóveis, eles usam também no quarto ou usam só ao pé de vocês?

F8m46: Normalmente usam aqui na sala. Na sala ou na cozinha, pronto, às vezes quando estamos a comer... está o telefone à frente, ou então é aqui na sala quando estamos aqui, mas depois vamos para a cama e acabou. Às vezes... tipo, agora por acaso estavam no meu quarto, mas estavam porque quiseram ir lá para a minha cama, mas não é comum, hoje foi assim uma tarde atípica. Mas por norma é aqui na sala, só.

Entrevista a Filho (F8b3)

E: Gostas de ver televisão?

F8b3: Sim.

E: O que é que gostas de ver na televisão?

F8b3: *Lucca*.

F8m46 intervém: É o filme, é, é o filme da Disney, da Pixar, tu vês no canal da Disney, não é? (risos). E mais, o que é que gostas de ver mais?

Entrevista a Família F9

Membros entrevistados: Mãe (F9m40); Filha (F9g5)

E: Que meios digitais é que têm em vossa casa?

F9m40: Temos telemóveis, temos tablets, temos computador.

E: Consolas não têm? (questão acrescentada em contexto)

F9m40: Não, ainda não.

E: Como é que são feitos os usos dos meios digitais? Quem usa cada um deles?

F9m40: Eles (filhos) usam, eles têm os tablets... e os telemóveis também usam. Usam as duas coisas, porque eles veem a mesma coisa, utilizam para fazer o mesmo, mas às vezes preferem o ecrã maior outras vezes preferem o ecrã mais pequenino, e então pedem os nossos telemóveis para estarem a ver.

E: O que é que reconhece serem as finalidades desses usos? Por exemplo, mais trabalho/educação, mais entretenimento?

F9m40: Para nós é misto, é tanto trabalho como para entretenimento. Para eles é só entretenimento. Quer dizer, a F9g5 o ano passado e na altura do COVID utilizou muito os meios digitais para ficar com a escola, e às vezes ainda fazem algumas coisinhas na escola, que são ou reuniões que nós temos em que estão incluídas atividades para as crianças e também utilizamos para esse fim. Mas, a maioria do tempo deles que podem estar a fazer brincadeiras ou a ver bonecos, é utilizarem os telemóveis...

E: Considera ter boas competências digitais?

F9m40: Eu sim.

E: Tem preferência para que meio digital eles usem mais?

F9m40: Eu gosto... quer dizer, preferência... eles utilizam os iPad's porque nós já configurámos os Youtube Kids e aquelas coisas todas para eles terem os horários e terem um bocadinho aquilo que eles procuram controlado, de forma controlada, porque hoje em dia eles mesmo não sabendo escrever, eles na parte do microfone falam e pedem os

desenhos que eles querem, ou às vezes dizem algumas palavras que depois vão dar a páginas que podem não ser as mais adequadas para eles e portanto essa parte aí está bloqueada. Nos nossos telemóveis pessoais isso não está bloqueado, aqui nós temos acesso a tudo, mas quando eles fazem utilização no mesmo nós temos essa atenção de estar sempre a controlar.

E: Qual é o meio digital que eles preferem mais?

F9m40: Eles usam o tablet e a televisão.

E: E sente que têm alguma preferência, ou gostam de igual forma?

F9g5 intervém: **Telemóvel!**

F9m40: A F9g5 acho que agora está mais no telemóvel, gosta mais do telemóvel que ela já respondeu. Mas, por exemplo, a seguir agora à hora de jantar, antes de ir para a cama ela ainda vê um bocadinho... vê uma história, fazemos uma história e é no tablet dela, ela vê a história antes de ir para a cama.

E: Sente que no contexto da pandemia houve alteração da gestão dos usos dos meios digitais?

F9m40: Eles quiseram utilizar muito mais tempo, estávamos mais tempo em casa..., mas pronto, nós privámos aí um bocadinho a utilização deles, fizemos muitas atividades com eles de pinturas, atividades mesmo da escola que nos eram enviadas pelos professores, outras éramos nós que inventávamos.... mas houve certamente uma utilização maior, que nesse período nós também estávamos a trabalhar em casa e tínhamos que os distrair de alguma forma, e algumas das distrações deles estavam em ouvir histórias, os professores por exemplo, mandavam histórias para eles ouvirem e depois fazerem um resumo, contarem ao pai, ouviam com a mãe, mas contavam ao pai a história e, portanto, utilizaram muito mais os meios digitais nessa altura.

E: Disse-me que a F9g5 gosta especialmente do telemóvel. O que é que ela gosta mais de fazer no telemóvel?

F9m40: Ela neste momento gosta de jogar, há aqui alguns jogos, e gosta de fazer jogos de palavras apesar de ela ainda não saber ler, mas ela sabe identificar as letras, e então, aquelas grelhas de palavras ela já faz, os jogos de memória, e aqueles jogos tipo *Sonic* e de apanhar moedas... esses joguinhos ela gosta. Agora está um bocadinho mais para os

jogos, mas ela gosta muito de ver... é fã do Lucas Neto (*Youtuber* brasileiro que cria conteúdo de entretenimento para faixas etárias infantis) e de ver as séries do Lucas Neto...

F9g5 intervém: Eu adoro! Sou fã!

F9m40: E da Giovanna que é a irmã dele. Vê alguns *Tik Toks* também que eles fazem, mas aquilo é só na paginazinha que tem o Lucas Neto.

E: O que é que a F9g5 faz ou vê na televisão?

F9m40: Veem desenhos animados... desses de canais juniores... do ‘Panda’ (Canal Panda) e veem Netflix porque com Netflix... têm a série completa, ou o desenho completo... também gostam muito de ver a série ‘*Barbie*’. O Lucas Neto, a minha filha está aqui a dizer baixinho...

E: A F9g5 consegue ir ao Youtube na televisão? (questão acrescentada em contexto)

F9m40: A minha televisão dar dá, ela é que ainda não consegue ser ela a pesquisar... eu é que tenho que lhe pôr.

E: E no tablet, o que é que ela costuma fazer?

F9m40: Faz esses jogos e vê alguns episódios do Lucas Neto ou... e agora anda a treinar... alguns *tiktoks*, ela já quer treinar umas danças (...) ouve muito música, muito música, adora música... dança sozinha, canta...

E: Que preocupações tem em relação aos usos que ela/eles fazem dos meios digitais?

F9m40: Pronto, a preocupação aqui no meu telemóvel, nos nossos telemóveis, como não estão controlados, é o facto de eles procurarem alguma coisa que eles... basta dizerem uma palavra qualquer e a pesquisa é feita de uma forma... que não está restrita, não é adequada a uma criança e aí é o nosso receio. De resto, eles não podem fazer nada com os nossos telemóveis em termos de sacar aplicações nem fazer nada dessas coisas, nós temos as coisas protegidas com códigos.

E: Para além das palavras-passe, utiliza algum programa específico? (questão acrescentada em contexto)

F9m40: São só as palavras-passe. Às vezes é a impressão digital...

E: Que regras estabelece? Por exemplo, em relação ao tempo de uso, ou quando usam os meios digitais.

F9m40: A última utilização é mesmo antes de ir para a caminha, porque nós fazemos a história, ou é a Branca de Neve, ou é a história dos Três Porquinhos... Antigamente os nossos pais liam-nos livros, mas agora nós com esta facilidade... não quer dizer que... eu adoro livros e acho que eles também deviam apostar nos livros, mas como ainda não sabem ler, se calhar agora quando começarem a ler... (...) A utilização da história, pronto, é nesse sentido, é a ultima vez... e aí sou eu que tenho tablet ou o telemóvel na mão e estou eu a mostrar-lhes a historiazinha, ou nós refletimos na parede do quarto a história, ou no teto... mas pronto, eles vêm da escola e a F9g5 a primeira coisa que me pede se não vier muito cansada e quiser dormir um bocadinho, pede-me um bocadinho logo o telemóvel para ver as séries, as coisinhas que ela gosta de ver, ou o jogo. Depois jantamos, ainda veem um bocadinho depois de jantar porque eles também têm séries na Netflix que gostam, por exemplo o (irmão) gosta muito de ver a *Heidi*, gosta sempre de ver um bocadinho dos episódios da *Heidi*...

F9g5 intervém: Eu gosto do Lucas Neto.

F9m40: Gostas do Lucas Neto... E depois é que vamos para a caminha e na caminha conta-se a história, mas é histórias infantis, é mesmo os contos infantis.

E: Considera a sua postura em relação à gestão dos usos que os seus filhos fazem dos meios digitais mais permissiva ou mais restritiva?

F9m40: Acho que sou mais restritiva.

E: Quando há o momento de terminar o uso, eles têm alguma reação contra isso ou acatam? Fazem alguma birra?

F9m40: A F9g5 tenta sempre ouvir uma história e depois a segunda história, ou terceira, ela tenta sempre, mas pronto, sem sucesso. E às vezes faz ali um bocadinho..., mas pronto, acaba por ceder. Mas tenta sempre ir mais além.

E: Participa nos momentos de interação com os meios digitais? Por exemplo, se eles estão a jogar no tablet, joga com eles?

F9m40: Ah, sim. Eu jogo com ela, fazemos partilhas, tipo uma vez é a mamã, quando a mamã perde é a F9g5, pronto. Porque há jogos que são da minha altura e que eu também jogava quando era mais pequenita, e nos das palavras e tudo também a ajudo a encontrar as letras, as primeiras letras, porque ela apesar de não saber a palavra... ela pergunta-me sempre ‘qual é o tema?’, ‘o tema são flores’, e depois vêm as palavras com os nomes das

flores e depois eu ajudo-a a identificarmos a primeira letra de cada palavra para ela conseguir fazer as palavras cruzadas porque é um jogo ainda difícil para ela. E os de memória também jogamos juntas, sim, fazemos esses jogos juntas.

E: Quando a F9g5 está a ver televisão, também participa e vê com ela?

F9m40: Sim... participamos, também vemos.

E: O telemóvel também usam juntas? Usa com ela, está ao pé dela?

F9m40: Sim. Há um jogo... que é a fugir de um polícia nos comboios a saltar, a apanhar moedas (o jogo é *Subway Surfers*) nós fazemos... jogamos uma partidinha, ela (F9g5) joga até perder, depois vou eu jogo e perco, passo para ela, pronto fazemos umas corridas nesse jogo.

E: Quais os critérios que levam à decisão de lhes dar os meios digitais? O que motiva a fazê-lo?

F9m40: Eu quando dou os meios digitais dou para eles verem, ou fazerem atividades para eles aprenderem sempre qualquer coisa, não é só para os distrair. Ou é para eles fazerem jogos, ou para ouvirem histórias, ou para... para fazerem aqueles jogos didáticos, e ouvirem sons e dizerem quais são os animais que estão a fazer os sons, pronto, é nesse sentido, para eles sempre estarem a aprender alguma coisa. E as histórias infantis que são, pronto... também são de aprendizagem, os três porquinhos, aquelas histórias mais antigas... a branca de neve, os três porquinhos, essas histórias todas... o patinho feio, que eles conhecem e todos os dias eles veem uma história. Antes de dormir, nós fazemos a oração da noite e depois vemos uma história...

E: Existem momentos em que sinta particular necessidade em lhes disponibilizar os meios digitais? Por exemplo, como meio de acalmar, ou mesmo em situações de refeição, ou para os entreter quando precisa de realizar algum tipo de tarefa doméstica ou profissional?

F9m40: Às vezes tenho necessidade disso, às vezes estou em teletrabalho e estou numa reunião em que eles estão um bocadinho mais agitados e eu ligo a televisão com a Netflix e ponho a série da *Heidi* ou a série que eles me pedem, ‘qual é a série que vocês querem ver?’, e coloco a dar e eles ficam os dois sentadinhos no sofá a verem o filme.

E: Usa os meios digitais em situações de refeição ou é algo que não acontece?

F9m40: Acontece eles muitas vezes... veem ali só os bonecos para verem e estarem a comer ao mesmo tempo e a ver os *iPad's* ou os telemóveis, porque na televisão ou está a dar o telejornal ou está a dar outro programa que nos interesse e então eu facilito e veem. Quando não estão a comer bem, nem estão a fazer as regras que eles têm que cumprir tira-se os *iPad's*, tira-se os telemóveis até eles comerem tudo e depois de comerem tudo lá podem um bocadinho, brincar outra vez.

E: E quando saem, em locais como restaurantes por exemplo, usam ou usaram os meios digitais nesse contexto?

F9m40: Ah, usamos, usamos, usamos. É mais fácil para os distrair. Mas, uso também outra coisa que é, em vez de estar sempre a incentivar o telemóvel, ou peço uma caneta, ou levo na mala uma caneta e uns lápis ou um marcador e eles na toalha de papel escrevem, ou então se não houver toalha de papel, eu empresto um papel e eles estão ali entretidos a fazer um desenho em vez de estarem só no telemóvel...

E: Entretêm-se assim.

F9m40: Sim, sim, que é para se entreterem porque às vezes a refeição é mais demorada... e então, tento também desviar um bocadinho só os telemóveis então levo ou lápis... peço a eles para me fazerem um desenho para também não estarem sempre no mesmo registo. E agora como ganharam uns jogos muito engraçados... do 'quem é quem'... e um é os peixinhos, temos andado também atrelados com isso... O dos peixinhos dá para jogarmos a 4... com o pai também jogamos os 4. (...) Estamos sempre aqui com horários ou para brincar aos peixinhos, ou para brincar ao 'quem é quem'... (...) Mas estes jogos de tabuleiro são muito giros e são importantes para eles também jogarem e estarem distraídos.

E: Numa ideia geral, costumam então levar os meios digitais quando saem de casa?

F9m40: Levamos. Levamos os telemóveis, não é preciso levar os *iPad's*... não vou carregada com isso tudo. Com os nossos próprios telemóveis quando é preciso... ou eles querem ver alguma coisa nós conseguimos aceder e dar-lhes para eles estarem entretidos.

E: Em casa, eles costumam utilizar os meios digitais onde?

F9m40: Televisão usam na sala, perto de nós. Os do quarto quando nós vamos dormir, mas é controlado por mim. Mas na sala sempre, onde nós estamos.

E: Eles não têm televisão no quarto?

F9m40: Não.

E: No seu meio familiar considera que os meios digitais podem atuar como *babysitters*?

F9m40: Não. Não podem. Nós temos de estar sempre muito atentos àquilo que eles estão a fazer... é impossível deixá-los a ver qualquer vídeo ou alguma coisa que eles estejam interessados e pensar que estou super descansada que não lhes vai acontecer nada... não, porque eles de repente mudam ali o *chip* e já não querem ver aquilo...

Entrevista a Filha (F9g5)

E: Gostas de ver televisão?

F9g5: Sim.

E: O que é que gostas de ver na televisão?

F9g5: Ah, eu gosto de ver alguns filmes, alguns filmes do Lucas Neto, algumas coisas, a *Heidi* para o (irmão) se entreter...

E: Vês televisão todos os dias? (sempre que queres)

F9g5: Quando é férias... a mãe está de férias eu vejo... para o (irmão) se entreter eu também fico lá a ver televisãozinha..., e depois eu tenho o telefone. (...) Eu vejo todos os dias, mas quando que eu querer ver.

E: Podes ver tudo na televisão ou há coisas que não podes ver?

F9g5: Não, sabes porquê? Por causa que o meu mano não gosta das coisas que eu vejo, então... eu também gosto da *Heidi*..., mas é só às vezes, mas quando o (irmão) quer a *Heidi* eu tenho que ver que ele é muito pequenino e chora.

E: Vês a televisão onde? Na sala, no quarto?

F9g5: Olha, no quarto da mamã há uma televisão só para ver os bonecos, mas a nossa televisão é mais maior.

F9m40 intervém: Aqui na sala, sim. E no teu quarto, tens televisão no teu quarto?

F9g5: Não, eu só tenho o telemóvel.

E: Quando vês televisão, os pais estão ao pé de ti?

F9g5: Sim.

E: Não vês sozinha?

F9g5: Não.

--

E: Tens um tablet para ti?

F9g5: Tenho.

E: Gostas do tablet?

F9g5: Ah gosto, mas quando está sem **bateria** não gosto.

F9m40 intervém: Pois, claro. E está muitas vezes sem bateria.

E: O que é que fazes no tablet?

F9g5: Eu jogo, vejo os bonecos...

F9m40 intervém: Olha, temos um jogo muito giro, diz lá aquele jogo que é uma esteticista que entram lá clientes e tu arranjás os...

F9g5: As unhas!

E: E gostas?

F9g5: Sim, mas olha... eu carrego lá no verniz que está fechado, faço um jogo e depois aparece... e não está fechado, está aberto.

E: Podes brincar, jogar, no tablet sempre que queres?

F9g5: Ah, mas, o meu pai disse que eu tinha que tirar uns e para pôr outro. O pai é que sabe a *password*!

E: Brincas no tablet todos os dias? (3.50min ver se deixo ou coloco a outra que vem mais tarde)

F9g5: Não, só às vezes.

E: Mas podes brincar no tablet sempre? Os pais deixam-te sempre que queres?

F9g5: Sim, mas....

F9m40 intervém (dirigindo-se a F9g5): ... Se a mãe te deixa sempre ou se há dias que a mãe não te deixa?

F9g5: Deixa sempre.

F9m40: Deixo sempre? (...) Sim... o tablet tu normalmente não pedes, é um brinquedo teu.

E: Onde é que brincas com o tablet? Brincas no teu quarto, na sala...?

F9g5: Às vezes no meu quarto, às vezes na sala, às vezes na cozinha quando o mano está a dormir.

E: Na rua não usas?

F9g5: Não tem internet, nem no carro.

E: O que é que gostas mais de fazer no tablet?

F9g5: Eu gosto de jogar jogos que eu tenho... jogo de pizza.

E: Usas o tablet sozinha ou os pais estão ao pé de ti?

F9g5: Sozinha.

E: Podes fazer tudo no tablet ou há coisas que os pais não deixam?

F9g5: Sim, posso.

--

E: Usas os telemóveis dos pais?

F9g5: Sim, eu uso.

F9m40 intervém: De preferência o da...

F9g5: Mamã e do papá.

F9m40: Mais o da mamã, não é?

F9g5: Sim. Olha, mas sabes porquê, eu acordo um bocadinho mais cedo do que o meu pai e então... quando o pai diz que está muito cedo eu durmo mais um bocadinho e depois é que 'tá na hora, eu posso ver um bocadinho os bonecos... e o pai fica ali a dormir.

E: O que é que gostas de fazer no telemóvel?

F9g5: Eu gosto de ver os bonecos, posso jogar...

F9m40 (dirigindo-se a F9g5): O que é que tu agora andas a fazer mais? É a jogar àquele jogo...

F9g5: Aquele de saltar os comboios, de andar... (o jogo é o *Subway Surfers*)

F9m40: Há bocado jogámos as duas, não foi?

F9g5: Pois é (risos). (...) Olha, às vezes eu estou cansada de jogar e eu vejo bonecos.

F9m40: E o que é que fazes mais? E ouves muita quê?

F9g5: Música! Tenho que ouvir na televisão...

F9m40: Passa para a televisão, do telemóvel passa para a televisão...

F9g5: Eu sei, mas eu queria ter um fone de ouvido para ouvir a música!

E: Onde é que usas o telemóvel? Usas ao pé dos pais?

F9g5: Sim.

E: Não usas no teu quarto?

F9g5: Não... só quando o meu pai diz que eu posso usar o telefone eu vou para o meu quarto para estar caladinha a ver... sossegada.

F9m40 intervém: Quando o pai está a trabalhar... ou a fazeres algum barulho...

F9g5: Se ele estiver a dormir...

F9m40: Ou a descansar, ele deixa-te levar o telemóvel para jogares um bocadinho.

E: Na rua também usas o telemóvel?

F9g5: Não tem internet.

E: Então só podes usar o telemóvel se os pais deixarem, é isso?

F9g5: Mas eu peço.

E: O que é que gostas mais no telemóvel?

F9g5: Eu gosto de jogar, ver bonecos, essas coisas... ouvir música.

E: Há coisas que os pais dizem que não podes fazer nos telemóveis deles?

F9m40 intervém (dirigindo-se a F9g5): O que é que eu não te deixo fazer?

F9g5: Não deixas ver as fotos.

F9m40: Pois, já aconteceu mandar uma foto sem querer... por isso é que eu não gosto que vejas as fotos. (...) Posso contar aqui um episódio, ela uma vez ligou sem querer para um amigo meu... a minha filha ligou com uma chamada de vídeo para o meu amigo a dizer 'mãe, está aqui o teu amigo ao telefone'... só tive tempo de... desligá-lo automaticamente porque nem percebi quem é que era o amigo, só depois é que quando eu saí do banho é que percebi. E pronto, e ela aí ficou ainda mais proibida de mexer no meu telemóvel ou *WhatsApp* e de ligar ou de atender chamadas seja de quem for. Quando está a tocar o telefone da mãe (dirigindo-se a F9g5) tu dizes 'mãe, está aqui o telefone a tocar'. Às vezes dizes que é o pai que está a ligar... espera deixa-me ver se é mesmo o pai, e depois é que podes atender.

(...) O que é que tu não podes fazer mais no telemóvel? (dirigindo-se a F9g5)

F9g5: Eu não posso ir ao *WhatsApp*... posso ir ao *Google*.

F9m40: Ao *Google* sim. Mas tens que me perguntar o que é que queres pesquisar no *Google*... Porque o *Google* tem uma opção de microfone em que eles falam e o *Google* pesquisa.

F9g5: Eu queria pesquisar palhaços...

F9m40: Pois, mas eu depois disse-te, não se pode perguntar tudo ao *Google* porque o *Google* depois pode-te mostrar... palhaços bons e há os palhaços assustadores. E mostrou-te um assustador e tu ficaste muito assustada. Portanto, não podemos perguntar todas as palavras porque às vezes o *Google* não sabe se estás a perguntar uma palavra boa

ou uma palavra assustadora e mostra-te uma coisa feia. E então é preciso ter cuidado com essa pesquisa, tudo o que ela quer pesquisar tem que me perguntar.

E: Gostas mais do tablet, da televisão, ou dos telemóveis dos pais? (questão acrescentada em contexto)

F9g5: Dos telemóveis...

E: Porque é que gostas mais dos telemóveis?

F9g5: Porque tem jogos, posso ver bonecos... quando fica a bateria... acaba a bateria por causa de mim (risos).

F9m40 intervém: Às vezes é um bocado mais por preguiça de ir buscar o *iPad*...

F9g5: Que eu tenho medo do escuro.

F9m40: ... (O *iPad*) Que está no quarto dela e é mais acessível ali para nós (os telemóveis).

Entrevista a Família **F10**

Membros entrevistados: Mãe (**F10m40**), Filho (**F10b5**)

Entrevista a Filho (**F10b5**)

E: Brincas com o tablet?

F10b5: Sim, brinco no tablet.

E: Onde é que costumavas brincar com o tablet? No teu quarto, na sala?

F10b5: Brinco na sala.

E: Quando é que brincas com o tablet? Todos os dias?

F10b5: Às vezes.

E: O que é que gostas de fazer no tablet?

F10b5: Jogo e ver bonecos.

E: Usas o tablet sozinho ou ao pé dos pais?

F10b5: Ao pé dos pais.

E: Podes fazer tudo no tablet ou há coisas que os pais não deixam fazer?

F10b5: Às vezes que o pai não pode...

--

E: Gostas de ver televisão?

F10b5: Sim, eu vi o *'Tom & Jerry'*.

E: O que é que gostas mais de ver na televisão? O *'Tom & Jerry'* e mais?

F10b5: O coelho tonto e um pato tonto, são dois que eu gosto de ver.

F10m40 intervém: É o... como é que se chama... *'Tiny Toon'* (*'Tiny Toon Adventures'*, desenho animado pertencente ao universo de *'Looney Tunes'*).

F10b5: *'Tiny Toon'*, é o *'Tiny Toon'*.

E: Vês televisão onde? Na sala? Ou tens no quarto também?

F10b5: Só na sala, não tenho no quarto.

E: Podes ver televisão sempre? Todos os dias?

F10b5: Às vezes eu vou ver o tablet e a televisão.

E: Vês televisão sozinho ou vês com os pais?

F10b5: Às vezes eu vejo sozinho com o meu mano.

E: Podes ver tudo na televisão?

F10b5: Eu posso ver tudo na televisão, mas às vezes eu não gosto dos outros bonecos.

F10m40 intervém: Mas quem é que muda os canais? É a mãe.

F10b5: É a mãe.

F10m40: Pois, tu pedes para ver os bonecos e a mãe procura os bonecos que tu queres, certo?

F10b5: Hmhm (sim).

--

E: Usas o telemóvel dos pais?

F10b5: Sim. Do meu pai não, só da minha mãe.

E: O que é que fazes no telemóvel da mãe?

F10b5: Jogo e também ver bonecos.

E: O telemóvel da mãe, também usas fora de casa ou só em casa? (questão acrescentada em contexto)

F10b5: Só em casa, porque de fora eu parto o telemóvel.

E: Podes brincar sempre com o telemóvel da mãe?

F10b5: Sim. Às vezes a mãe precisa.

E: Podes fazer tudo no telemóvel da mãe? Ou há coisas que não podes fazer?

F10b5: Sim, posso fazer tudo que ela pede no telemóvel. Eu quero escolher um jogo e eu digo ‘posso pôr esse jogo?’ e a mãe diz ‘sim’.

F10m40 intervém: Pergunta sempre.

E: Então usas o telemóvel ao pé da mãe? Ou usas sozinho?

F10b5: Uso ao pé da mãe e às vezes a mãe foge para trabalhar e foge lá para fora.

F10m40: Que é, ele está sentado no sofá ou eu estou aqui sentada a trabalhar, portanto, mas é aqui ao lado o sofá e a mesa (risos).

E: Computador, não usas?

F10b5: Uso com o meu tablet, de manhã, antes do meu tablet, e uso o computador que a mãe não usa mais, eu trabalho...

F10m40 intervém: Mas isso é a brincar.

F10b5: É a brincar.

F10m40: Tu tens algum computador?

F10b5: Não.

F10m40: Ainda não. E usas o computador do trabalho da mãe?

F10b5: Sim, posso usar.

F10m40: Mas tu usas este computador?

F10b5: Não...

F10m40: O que ele tem é um teclado que eu tenho suplente porque gosto de usar o teclado sem ser do portátil e às vezes não o estou a utilizar e ele põe à frente do tablet e faz de conta e finge que também está no computador dele. Pronto, era isso que ele estava a dizer. (...) Como se fosse um computador, mas ainda não tem, apesar de já ter pedido, mas ainda é muito pequenino, ainda é muito pequenino para ter um computador e no portátil do trabalho da mãe não mexe.

F10b5: Também um telemóvel.

F10m40: Um telemóvel, mas também ainda és muito pequenino.

E: Gostas mais da televisão, do tablet ou do telemóvel da mãe? (questão acrescentada em contexto)

F10b5: Gosto do tablet e do telemóvel da mãe, os dois.

Entrevista a Mãe (F10m40)

E: Quais são os meios digitais que têm em casa?

F10m40: Nós utilizamos telemóvel, portátil, os tablets deles...

E: Não têm consolas?

F10m40: Não temos consolas.

E: Como é que são feitos os usos dos meios digitais?

F10m40: O computador eles já sabem que não podem mexer, portanto é do trabalho da mãe não mexem no portátil. Cada um tem 1 tablet e mexem nos tablets deles, e às vezes eu, quando os tablets estão sem bateria empresto o meu telemóvel. O pai nunca empresta o dele, mas eu empresto um bocadinho quando eles estão sem bateria ou estão a carregar e eles veem os bonecos. Sou eu que coloco os bonecos que eles querem ver no Youtube e também os jogos eles têm sempre que pedir autorização se podem pôr o jogo ou não no meu telemóvel ou nos tablets.

E: A utilização que eles fazem do tablet é exclusivamente para entretenimento ou existe também uma vertente escolar/educacional? (questão acrescentada em contexto)

F10m40: Na altura que estivemos em casa por causa da pandemia, sim, e tinham algumas aulas nomeadamente até o colégio do (filho mais novo) enviava uns vídeos com músicas e com temas e, portanto, utilizávamos para esse fim. Mas, normalmente, os tablets é para eles estarem um bocadinho distraídos. O que nós fazemos é, muitas vezes, eu tenho e compro aqueles livros com as letras, com os números, para eles pintarem, para eles passarem por cima e, portanto, fazemos isso dessa forma. O tablet acaba por ser mais para estarem distraídos quando é altura para estarem a brincar.

E: Considera ter boas competências digitais?

F10m40: Sim, penso que sim.

E: Tem preferência para que meio digital ele (F10b5) use?

F10m40: ... Eles fazem às vezes algumas pesquisas nomeadamente o F10b5 no Youtube. Mas o F10b5 não sabe ainda escrever, tem 5 anos. Mas ele através do microfone, ele pede e fala à maneira dele, para ir buscar os bonecos e aquilo às vezes assume outros nomes e vai buscar outras coisas, mas nada por aí além. Mas, há alguns vídeos que eu não gosto muito que ele veja e ele sabe, que é... agora destes novos *youtubers*, o Lucas Neto, que eu acho que é um exagero e às vezes ele fica proibido de ver o Lucas Neto.

E: Ele costuma aceder a esse conteúdo pelos tablets? (questão acrescentada em contexto)

F10m40: Sim. Sim, e quando abrimos o Youtube aparecem os vídeos mais vistos e eles vão sempre ver os mais vistos, e acabam por todos andarem a ver a mesma coisa, porque mesmo na escola e tudo eu apercebo-me que as outras crianças também veem o Lucas, agora andam com um boneco que é o ‘*Huggy Wuggy*’ (personagem de um videojogo na categoria de *puzzle* e terror), é um boneco azul, que é um monstro azul, mas horrível...e porque eles todos veem e todos gostam desse monstro. Mas acabam por todas as crianças ver a mesma coisa. Mas às vezes eu corto um bocadinho, porque não gosto.

E: Nesse sentido, tem maior preferência face ao conteúdo e não tanto em relação ao meio que o F10b5 usa? (questão acrescentada em contexto)

F10m40: Sim, sim, sim.

E: Sente que, no contexto da pandemia, houve uma alteração significativa nos vossos usos e na gestão dos usos dos meios digitais? Os seus filhos usaram mais os meios digitais?

F10m40: Sim, usaram, porque era 24h sob 24h com eles em casa a trabalhar e claro, claro que usaram mais.

E: O que é que eles fazem nos meios digitais que usam?

F10m40: O F10b5 é mais jogos, gosta muito, agora está a descobrir os jogos e gosta de jogar. O outro pequenito (irmão) farta-se um bocadinho do tablet, o F10b5 está mais tempo com o tablet do que o irmão, o irmão está um bocadinho, mas depois chateia-se e prefere ver os bonecos. Também gosta do ‘*Tom & Jerry*’, mas adora ver os desenhos animados do ‘*Mr. Bean*’. Passa... nem sei qual é que é o canal que eles veem, é este aqui, o ‘*Boomerang*’. Pronto, é ‘*Tom & Jerry*’, mas adora ver os bonecos do ‘*Mr. Bean*’. E gosta mais de brincar com carros (o irmão), tem uma fixação com a chave dos carros. Porque nós temos três carros, e então há três chaves de carros e ele está sempre a fazer as conversas dos carros... muda de carro, depois vai guardar um carro na garagem, depois vai buscar o outro carro, são as conversas que ele ouve... mas entretém-se mais a brincar com os carros e com os triciclos, tenho dois triciclos aqui em casa vieram também depois da pandemia porque os triciclos estavam na minha mãe, tem um espaço lá fora para eles brincarem, mas com isto da pandemia tiveram que nos trazer depois para casa para eles poderem andar aqui, e então acabaram por ficar e ele ainda anda com os triciclos aqui de um lado para o outro. Mas entretém-se muito a brincar com os carros.

E: No F10b5, então, não se verifica tanto isso? Entretém-se mais com os meios digitais. (questão acrescentada em contexto)

F10m40: É. O F10b5 ou é televisão, ver os bonecos, ou então é o tablet.

E: Eles costumam utilizar os meios digitais onde? No quarto não utilizam?

F10m40: Não.

E: Fora de casa utilizam os meios digitais?

F10m40: O telemóvel, se formos, por exemplo, jantar fora e quando eles já estão impossíveis de aturar eu empresto o meu telemóvel um bocadinho para eles se acalmarem, mas só é nesses casos, quando já não é suportável. Tirando isso não, andam a passear e não tocam nos tablets. Pronto, e quando vão para a minha mãe levam o tablet, claro, também para brincar lá.

E: Que preocupações tem em relação aos usos deles dos meios digitais?

F10m40: As pesquisas, tenho medo nas pesquisas... se bem que eles ainda são muito pequeninos e ainda não percebem nem sabem muito bem... nem pesquisar, nem escrever, apesar do F10b5 já utilizar o microfone e dizer aquilo que quer e ele vai buscar. Mas, por enquanto ainda está controlado, porque são muito pequeninos, mas mais para a frente claro que sim, vou estar atenta aos vídeos... até porque a conta que está associada é a minha, portanto eu recebo as notificações se houver uso extremo do tablet, portanto a conta é a minha e eu recebo tudo no telemóvel e vou vendo sempre as pesquisas que foram feitas, mas é... desenhos animados, é o Lucas Neto... (...) Mas controlo isso, sim. Também gosta de ouvir música... até as minhas músicas que eu tenho na *playlist* e ele vai ouvir as músicas que eu lá tenho e gosta de ouvir e cantar, já no carro também gosta... ouve o rádio e as músicas que passam na rádio mais conhecidas, muitas brasileiras, os miúdos agora têm um bocadinho tendência para ver estes vídeos brasileiros e quase que às vezes falarem 'brasileiro'. Mas, eles por acaso nem tanto... há amiguinhos deles que falam mais...

E: Mencionou a questão de ter acesso aos usos que os seus filhos fazem dos meios digitais, e de receber notificações com dados sobre os mesmos. Que outras regulações aplica? Por exemplo, existem também regulações em relação ao tempo de uso?

F10m40: Sim. Sim, também há um controlo de uso, para não estarem o dia todo a usar e a utilizar o tablet. Por exemplo, durante o dia, ele (F10b5) usa, agora tem usado um bocadinho mais porque a escola ainda não começou e eu estou a trabalhar e estou aqui com ele, apesar de eu fazer mil paragens durante a hora de trabalho para ele também não estar sempre agarrado ao tablet, mas mesmo ele também se satura e põe o tablet de lado e às vezes fica a ver a televisão, ou ouvir música, gosta de ouvir música e dançar, mas sim, mas tento ao máximo agora quando começar a escola, quando ele chega a casa não vai logo a correr para o tablet, primeiro tem que chegar a casa... deixar a mochila, tomarem banhinho... depois tem que ser tudo muito gerido porque eu também venho de Lisboa, chego às 20h a casa... dar banhos, fazer jantar... pôr mesa, tirar mesa, portanto... Eles depois estão um bocadinho com o tablet, gostam de estar à hora do jantar, a ver os bonecos e a comer e depois vão para a cama. Durante a semana é assim. E agora nas férias também não utilizaram muito, nós... as férias foi só passear, não parámos... praia todos os dias, passear, pronto, e os tablets não foram de férias connosco. Lá está, só viam o telemóvel quando já estavam assim em modos... a ultrapassar as linhas todas vermelhas e então, o telemóvel serve para essas alturas.

E: Eles utilizam os meios digitais antes de deitar? (questão acrescentada em contexto)

F10m40: Para a cama ninguém leva nada. Não os deixo ir para a cama ver o tablet para adormecer.... Aquilo que eu faço é conto histórias, que é o que eles me pedem, não conto todas as noites porque há noites que estou exausta... e não pode ser, mas sim, mas temos os livros e então eu venho buscar um livro eles escolhem a história e eu conto uma história e pronto.

E: Entende a sua abordagem como mais permissiva ou mais restritiva em relação aos usos dos seus filhos para com os meios digitais?

F10m40: É restritiva, q.b., sim.

E: Quando não podem brincar com os meios digitais, ou quando é momento de pararem de brincar com os meios digitais, têm alguma reação adversa? Há birra?

F10m40: Pedem sempre ‘mais um bocadinho, mãe’, mas aceitam e desligam os tablets quando é hora para desligar, põem em cima da mesa, desliga, os dois, aceitam, apesar de pedirem sempre mais um bocadinho. Dizem para eu ver a novela, ‘mãe, vê a novela para eu poder ver um bocadinho o tablet’, ‘não, não, já acabou a novela’, ‘não, não acabou’, ‘vá, é hora de ir para a cama’. Mas, aceitam, fazem ali um bocadinho de pressão, mas aceitam.

E: Participam no momento de interação deles com os meios digitais?

F10m40: Sim, eu, principalmente eu, estou mais tempo com eles. Sim, muitas vezes sento-me, eles pedem-me ‘mãe, vem para aqui ver os bonecos connosco, gostas de ver bonecos?’, ‘gosto’, e às vezes gosto... e às vezes sento-me um bocadinho estou ali um bocadinho a ver os bonecos. E a jogar, com o F10b5 sim, ele às vezes pede-me para jogar comigo, ele joga uma vez, quando ele perde jogo eu, depois passa para ele e, portanto, fazemos assim às vezes.

E: Que critérios considera estarem por detrás da disponibilização que faz dos meios digitais aos seus filhos? Vê benefícios?

F10m40: Eu acho que é positivo. Mas, tem também muita coisa negativa, e tem que haver um controlo precisamente por isso, porque a informação é demasiada para eles, nós não, na nossa altura, pelo menos eu na minha altura não tinha essa informação toda. Por um lado, eu acho que é bom eles terem muita informação, mas também haver um controlo sempre da nossa parte, porque pode ser informação a mais, acabar por ser informação a mais... e informação se calhar não tão boa, depende daquilo que eles pesquisarem, mas eles ali têm acesso a tudo e quando começam a descobrir isso, o problema está aí. É tentarmos controlar para que eles percebam o que é que é o lado bom e o que é que é o lado mau, e até onde é que podem ir. Mas, claro que sim, que eles têm ali muita informação, muita coisa, que eu na minha altura não a tinha e vinha a descobrir mais tarde, e que eles agora já sabem e para eles parece que já nasceram a... é super natural.

E: Existem momentos nas vossas rotinas em que sentem particular necessidade de lhes dar os meios digitais?

F10m40: Eu confesso que, às vezes eu dou-lhes o tablet, tudo para eles se acalmarem um bocadinho e sossegarem, porque ficam mais calmos e a ver os bonecos que querem ver, porque... eles têm fases, e há vários momentos aqui em casa, há os momentos em que

eles estão os dois tranquilos e não embirram um com o outro, há outros momentos em que eles estão à ‘porrada’ um com o outro e, portanto, é uma gritaria aqui. Há o momento em que começam a correr de um lado para o outro, e eu digo-lhes para parar, para não correrem e eles andam desalvorados aqui a correr. Portanto, há vários momentos, então estes dois são... ou estão muito sossegadinhos ou então... e, portanto, sim. Se for fim de semana, eu tento os acalmar de outra forma e estou mais tempo ao pé deles. Quando estou em casa a trabalhar, e que às vezes preciso de estar aqui concentrada, confesso que sim, muitas vezes... ‘vejam o tablet’, ‘a mãe põe aí os bonecos que tu queres’, ‘o jogo, estás a jogar?’, ‘queres aquele jogo? A mãe vai pôr’, que é para eles se acalmarem um bocadinho sim. Eles acalmam-se.

E: Por volta de que idade é que eles começaram a utilizar os meios digitais? (questão acrescentada em contexto)

F10m40: Com 3, com 3 anos. O pequenino foi de arrasto por ver o irmão, mas o F10b5 com 3, com 3 aninhos. A mexer, a mexer com 3, a gente às vezes punha assim os bonecos a dar ou a música para eles se acalmarem quando eram mais bebés, apesar de eles não agarrarem no telefone e não mexerem, mas, às vezes punha música quando eram mais pequeninos... o F10b5 era um bebé um bocadinho... chorava muito. E então, muitas vezes punha a música, ou o barulho das ondas... aqueles sons todos que dizem que são bons para os bebés e para eles acalmarem. Era assim, mas se calhar ele mexer... com 3 anos.

E: Sente que no seu meio familiar os meios digitais podem agir como *babysitters*?

F10m40: Não. É assim, não substituem uma *babysitter*, apesar de ajudarem muitas vezes para os controlar, mas eu sinto que é muito mais fácil quando estou ao fim de semana em casa e que não tenho a obrigação de estar aqui no computador e consigo mais distrair-me com eles e brincar, e ando aqui às vezes a esconder-me, a jogarmos às escondidas os três...

F10b5 intervém: E tu não jogas agora, nunca jogas.

F10m40: Então, mas agora tenho estado a trabalhar. (...) Ou então, eu faço que sou uma monstra e eles começam a correr, a fugir da mãe, pronto faço assim umas palhaçadas com eles. Mas, sinto que os consigo controlar mais porque eu estou disponível, ou para pintarmos, ou para fazer uns bonecos, ou vou fazer umas panquecas e eles vêm ali para o

pé de mim, apesar de não fazerem porque senão destroem-me a cozinha, porque também não lhes posso dar muita confiança nesse aspeto, mas vão ali para o pé de mim e eu explico o que é que eu estou a fazer, pronto, consigo-os controlar mais.

E: Então não é uma coisa que se verifique, não é uma realidade no vosso caso?

F10m40: Sim. (resposta afirmativa no sentido de concordar com afirmação)